DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK

MARCO ANDRÉ
BRIONES

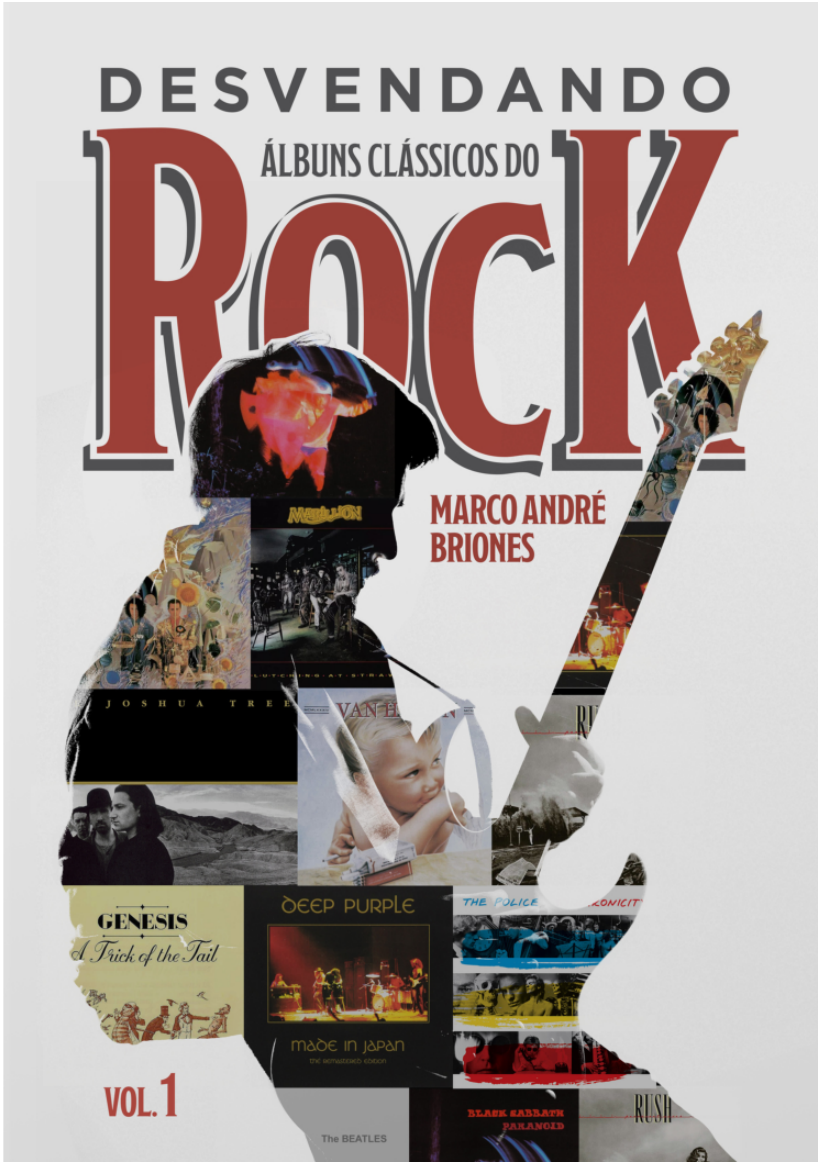
VOL. 1

VISIT...

DESVENDANDO

ÁLBUNS CLÁSSICOS DO

ROCK



MARCO ANDRÉ BRIONES

VOL. 1

ÍNDICE – VOLUME 1

ÍNDICE
APRESENTAÇÃO
DEDICATÓRIA
AGRADECIMENTOS
INTRODUÇÃO
THE BEATLES – THE WHITE ALBUM
BLACK SABBATH - PARANOID
DEEP PURPLE – MADE IN JAPAN
GENESIS – A TRICK OF THE TAIL
MARILLION – CLUTCHING AT STRAWS
THE POLICE – SYNCHRONICITY
RUSH – PERMANENT WAVES
TEARS FOR FEARS – THE SEEDS OF LOVE
U2 – THE JOSHUA TREE
VAN HALEN – 1984
DVDs RECOMENDADOS
FAIXAS (LADO B) RECOMENDADAS
FRASES CÉLEBRES DOS MÚSICOS
SOBRE O AUTOR

APRESENTAÇÃO

A “Arte das Palavras”. O dom que esses novelistas, romancistas e jornalistas tem de nos levar consigo em suas bagagens por ruas estreitas e desconhecidas, ao lado daquelas avenidas que já conhecíamos. Ou até mesmo por lugares aparentemente longínquos, mas que, na realidade, estão ao lado do seu sofá, sobre o qual você larga o seu livro.

Esse é o ofício de Marco André Briones que, aliás, eu conheci quando ele veio ao estúdio cantar um jingle que eu estava produzindo. Sim, ele é um cara com talentos múltiplos.

A maioria desses álbuns sobre os quais o Briones escreveu são meus velhos conhecidos. Tenho várias lembranças deles, tais como: onde eu estava quando os ouvi pela primeira vez ou o quanto foram importantes na minha formação como músico e como ser humano.

Enfim, eu estava certo de que já tinha o suficiente. Mas Briones derrubou toda essa minha certeza.
Ele me fez ouvir TUDO de novo. E TUDO agora com um novo valor.
Uma deliciosa experiência proporcionada pelo talento desse escritor.

Agora, se você não conhece bem esses álbuns clássicos, essa é a sua melhor chance.
A escolha dos álbuns, a profundidade da pesquisa e o nível da entrega são sublimes.

Briones trata dessas histórias como um verdadeiro ourives, e eu já espero pelas próximas, porque a maioria desses gênios que criaram esses álbuns ainda está por aí, escrevendo novos capítulos de sua própria história.

Teco Fuchs
Músico, Compositor e Produtor Musical

DEDICATÓRIA

Quero dedicar a presente obra a minha querida sobrinha, Livia, com muito carinho.

Desejo que um dia ela também descubra e aprecie os álbuns maravilhosos sobre os quais escrevi aqui e possa compartilhar toda a emoção dessas descobertas com seus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Esse livro não existiria sem a ajuda e contribuição de várias pessoas, as quais menciono abaixo:

Marta Secco, por sua paciência, dedicação, apoio, por ter me dado a ideia para esse projeto, pelas revisões de texto feitas e por compartilhar comigo o sucesso de cada novo título lançado.

Marcio Masulino Alves, por ter me aberto o espaço no Portal Cidade & Cultura (https://www.cidadeecultura.com) e me dado a oportunidade para postar minhas matérias, análises e os primeiros capítulos da presente coleção.

Marcelo Avedissian, pela sugestão de preparar uma lista com meus álbuns favoritos. Você é um dos "culpados" por eu ter seguido o caminho que me levou ao presente volume.

Samanta Moster, por todo seu entusiasmo, amizade, incontáveis ideias e sugestões que sempre me ajudaram a aprimorar cada vez mais meu trabalho e a vislumbrar novas oportunidades, sobre as quais eu não havia pensado.

Eder Sandoli, pelas críticas construtivas que me levaram a fazer algumas alterações nas seleções dos álbuns abordados.

Lizandra Soave, por me ajudar a criar meu blog, meu canal no Youtube e a fazer minha primeira live no Instagram, além de todo o entusiasmo, ideias e uma paciência infinita para responder todas as minhas dúvidas.

Meu seleto grupo de amigos leitores no Whatsapp, que fizeram a leitura da maior parte do material incluído aqui, enviando seus comentários e me apoiando a realizar esse projeto.

Jorge Uesu, pelo design gráfico e a criação da incrível capa do livro e de todos os logos usados em meus outros títulos avulsos.

Teco Fuchs, pela bela apresentação escrita para este volume, assim como pelo precioso material de pesquisa gentilmente emprestado para preparo de textos e pelo nosso projeto Rock Talk, que será lançado em breve no Youtube.

A todos mencionados acima, o meu mais profundo e sincero agradecimento pela colaboração, motivação, entusiasmo e confiança em meu trabalho, os quais vocês sempre demonstraram, me ajudando a realizar o sonho de lançar esse meu primeiro livro.

INTRODUÇÃO

Caro leitor:

A ideia de criar a presente série me ocorreu quando um dia eu estava conversando sobre rock com a minha namorada, Marta e ela me sugeriu que eu deveria começar a escrever sobre o assunto, pois sabe o quanto eu gosto do tema, além de ter uma vasta coleção de livros e DVDs sobre as mais variadas bandas e artistas. O outro fator motivador para a criação da série, chamada "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock" surgiu através de um velho amigo meu, Marcelo Avedissian, que me enviou uma brincadeira através do Facebook, pedindo que eu listasse os meus 10 álbuns favoritos, sem qualquer tipo de comentário. Eu lhe respondi que isso seria impossível, pois eu teria muito mais do que 10 álbuns para escolher e, principalmente, eu gostaria de explicar por que eles são especiais para mim e contar a história e origem de cada uma das canções. Assim, brotou em minha mente a ideia da série.

Percebi também que, embora eu goste muito de descobrir novos artistas, bandas, álbuns e estilos musicais, alguns álbuns sempre acabam sendo ouvidos novamente, voltando como amigos saudosos que regressam após uma longa viagem. Considero que aqueles que fazem parte desse volume são meus parceiros de longa data, que vem me acompanhando há décadas, através dos momentos de alegria e tristeza. Sempre estiveram disponíveis, ao meu lado, para celebrar comigo os momentos de felicidade ou me confortar em minha dor nos momentos de sofrimento.

Desta forma, pensei que uma maneira que eu poderia ter de retribuir tantos bons momentos e horas de companhia que tive durante todos esses anos seria fazer uma homenagem, um pequeno tributo, aos meus artistas favoritos e aos álbuns que mais marcaram a minha vida. Os leitores mais atentos notarão que não necessariamente eu escolhi os álbuns mais famosos ou vendidos de cada artista. Algumas vezes isso aconteceu, mas a escolha foi feita por serem aqueles que são especiais para mim, tendo entrado em minha história pessoal de uma maneira muito intensa, fazendo parte da minha formação musical até os dias de hoje.

Adotei alguns critérios para elaborar essa série: cada artista teria apenas um álbum selecionado. Inicio cada capítulo com uma ficha técnica, citando os músicos envolvidos e as faixas do álbum. Na sequência, descrevo a origem do álbum, de onde e como ele surgiu. Em seguida, faço uma análise detalhada de cada uma das faixas, finalizando com o legado deixado pela obra do artista escolhido. São disponibilizados também alguns links no final, para que se possa ouvir

e ver os artistas em questão.

Esse livro é minha singela homenagem, além de uma forma de agradecimento aos anos de alegria e companhia que as obras eternas selecionadas aqui têm me dado. Espero que após a leitura do presente volume, você possa ouvir novamente cada um dos álbuns analisados com uma nova compreensão e apreciação, conhecendo as histórias e inspiração por trás de cada uma das faixas. Tenho certeza de que os escutará de uma outra maneira e, quem sabe, eles também venham a lhe acompanhar pelo resto de sua vida.

Desejo-lhe uma boa viagem musical!

Marco André Briones

marcoandrebriones@gmail.com

São Paulo, março de 2021

THE BEATLES – THE BEATLES (THE WHITE ALBUM)

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO – 1968

PRODUZIDO POR - GEORGE MARTIN & CHRIS THOMAS (faixas 8 e 18)

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- JOHN LENNON – VOCAL, VIOLÃO, GUITARRA, BAIXO, PIANO, HARMONIUM, MELLOTRON, GAITA, BATERIA, PERCUSSÃO, TAPE LOOPS, EFEITOS SONOROS
- PAUL MCCARTNEY – VOCAL, BAIXO, VIOLÃO, GUITARRA, HAMMOND, PIANO, PERCUSSÃO, BATERIA
- GEORGE HARRISON – VOCAL, GUITARRA, VIOLÃO, BAIXO, HAMMOND, BATERIA, PERCUSSÃO, EFEITOS SONOROS
- RINGO STARR – VOCAL, BATERIA, PERCUSSÃO, PIANO
- ERIC CLAPTON – SOLO DE GUITARRA NA FAIXA 7
- YOKO ONO – BACKING VOCAL, VOCAL E EFEITOS SONOROS
- MAL EVANS – BACKING VOCAL, PALMAS, TRUMPETE
- CHRIS THOMAS – PIANO, MELLOTRON, HARPSICHORD, ÓRGÃO
- GEORGE MARTIN -ARRANJOS E PIANO

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	BACK IN THE USSR
2	DEAR PRUDENCE
3	GLASS ONION
4	OB-LA-DI, OB-LA-DA
5	WILD HONEY PIE
6	THE CONTINUING STORY OF BUNGALOW BILL
7	WHILE MY GUITAR GENTLY WEEPS
8	HAPPINESS IS A WARM GUN
9	MARTHA MY DEAR
10	I'M SO TIRED
11	BLACKBIRD
12	PIGGIES
13	ROCKY RACCOON
14	DON'T PASS ME BY
15	WHY DON'T WE DO IT IN THE ROAD?
16	I WILL
17	JULIA
18	BIRTHDAY
19	YER BLUES
20	MOTHER NATURE'S SON
21	EVERYBODY'S GOT SOMETHING TO HIDE EXCEPT FOR ME AND MY MONKEY
22	SEXY SADIE
23	HELTER SKELTER
24	LONG, LONG, LONG
25	REVOLUTION 1
26	HONEY PIE
27	SAVOY TRUFFLE
28	CRY BABY CRY
29	REVOLUTION 9
30	GOOD NIGHT

INTRODUÇÃO AO CAPÍTULO

O amor pelo rock, e pelos Beatles em particular, é algo muito antigo em minha vida, tendo surgido quando eu tinha apenas 8 anos de idade, quando fiquei encantado ao descobrir o desenho animado "Yellow Submarine". Posteriormente, encontrei um LP dos Beatles na coleção de vinis dos meus pais, intitulado "Beatlemania", uma versão nacional diferente baseada no segundo álbum dos Beatles, "With The Beatles". Ao ouvir as canções contidas nele minha vida mudou para sempre. Eu quis saber tudo e ouvir todos os LPs que eu conseguisse encontrar para conhecer ao máximo a obra desses quatro gênios de Liverpool que mudaram o mundo com a sua música, talento e carisma.

Com o passar do tempo fui descobrindo outras bandas e artistas que também me fascinaram, tais como Queen, Led Zeppelin, Deep Purple, Genesis, The Police, U2, Yes e tantos outros. No entanto, nenhum deles era tão importante para mim quanto os Beatles. Mesmo após tantas décadas, eles continuam sendo a minha banda favorita.

Eu já tive o privilégio de ir até Liverpool para conhecer pessoalmente os lugares marcantes na vida dos Beatles, tais como Penny Lane, Strawberry Fields, o Cavern Club e tantos outros. Tive uma enorme sorte também de ter conhecido pessoalmente e conversado com o tio de John Lennon, um senhor já muito idoso na época (1992), chamado Charlie Lennon. Ele era o irmão do pai de John, chamado Fred Lennon.

O autor com Charlie Lennon no Cavern Club

O autor “cantando” no palco do Cavern Club

Em Penny Lane com a minha guia em Liverpool

Strawberry Fields Forever

Também tive a alegria de assistir a uma apresentação de Ringo Starr em Paris, em 1992, e a seis do Paul McCartney em várias cidades e anos diferentes. Infelizmente nunca tive o prazer de ver John ou George ao vivo. Pelo menos posso me contentar por já ter visto metade dos Beatles ao vivo.

DEDICATÓRIA

Esse capítulo é dedicado com muita gratidão a John, Paul, George e Ringo, que mudaram não só o mundo, mas também todo o rumo de minha vida.

ORIGENS DO ÁLBUM

No início de 1968 os Beatles tinham um grande dilema: Como superar a criação de uma obra prima, como o álbum mais recente deles "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band" e, ao mesmo tempo, desbravarem novos rumos musicais e dar espaço à crescente criatividade individual de seus integrantes, mantendo o padrão de qualidade musical estabelecido por eles?

A resposta não era simples. Precisariam se reinventar como grupo e resgatarem suas raízes no rock and roll e outros estilos que fizeram parte de sua extensa formação musical. Seria necessário também encontrar respostas para as perguntas e dúvidas sobre suas vidas e carreiras, que estavam começando a surgir, já que a banda havia atingido todo o sucesso financeiro, material, comercial e fama com os quais poderiam sonhar. Talvez fosse o momento de se voltarem para dentro, para o autoconhecimento a fim de descobrirem suas verdadeiras essências e, se possível, também entenderem qual é o sentido da vida.

A solução para tais problemas e questionamentos, aparentemente, foi encontrada na figura mística do indiano Maharishi Mahesh Yogi, fundador da "Spiritual Regeneration Academy of Transcendental Meditation" (Academia de Regeneração Espiritual de Meditação Transcendental), em Rishikesh, na Índia.

Os Beatles haviam tomado conhecimento do "guru" quando a ex-esposa de George Harrison, Patti Boyd, assistiu uma de suas palestras em Londres e recomendou aos Beatles que o vissem também na próxima oportunidade que surgisse.

George sempre teve um desejo de conhecer mais sobre a Índia, sua música, cultura e religião, e estimulou seus companheiros de banda a investigarem mais o trabalho do Maharishi e a conhecê-lo pessoalmente. Desde o primeiro contato, ficaram muito interessados com o que ouviram e impressionados com a figura do carismático guru indiano.

Decidiram acompanhá-lo para um seminário em Bangor, no País de Gales em agosto de 1967, com suas esposas (exceto Cynthia, esposa de John, que acabou perdendo o trem e sido deixada para trás por seu marido) e amigos, como Mick Jagger. Durante a estadia deles por lá receberam a trágica notícia da morte de seu empresário, Brian Epstein, que havia sido o responsável por descobri-los, criar a imagem da banda e levá-los ao estrelato. Epstein era visto com muito respeito e exercia um papel semelhante ao de uma figura paterna, sempre ditando os rumos e próximos caminhos que os Beatles deveriam trilhar. Com sua morte, quase que instantaneamente o Maharishi

acabou assumindo tal papel e passou efetivamente a ter uma enorme influência sobre os Beatles, particularmente sobre George e John.

O guru indiano convidou os Beatles para passarem uma temporada em Rishikesh, na Índia, para estudarem meditação transcendental, com a finalidade de transformá-los em instrutores da disciplina e, consequentemente, seus embaixadores por todo o mundo, divulgando o trabalho e obra de Maharishi. Finalmente em fevereiro de 1968 John e George partiram para Índia, junto com suas esposas. Paul com sua noiva e Ringo e sua esposa se juntaram a eles na semana seguinte. A estadia dos Beatles na Índia acabou se tornando um dos períodos mais férteis e criativos em toda a história da banda, que compôs dezenas de canções em Rishikesh, sendo que a grande maioria delas veio a ser incluída no próximo trabalho da banda, que se chamaria simplesmente "The Beatles", mas se tornaria mais conhecido pelos fãs, crítica e até mesmo pela própria banda como o "Álbum Branco".

A viagem para a Índia foi a última que os Beatles fizeram juntos, ainda que todos eles não tenham permanecido durante todo o tempo lá. Ringo passou apenas 10 dias, pois sua esposa não suportava os constantes ataques dos insetos e Ringo não se adaptou à comida local, pois sempre havia tido propensão para problemas estomacais. Paul permaneceu durante um mês, o suficiente, segundo ele, para aprender e praticar o quanto queria. George e John ficaram mais tempo, passando dois meses no Ashram do Maharishi.

Os Beatles não foram os únicos a participarem do retiro para a prática da meditação transcendental na Índia. Outras pessoas de vários lugares do mundo também estiveram por lá, incluindo Mike Love, integrante dos Beach Boys, o "guru eletrônico" dos Beatles, Alex Mardas, Mal Evans, assistente dos Beatles, o compositor folk escocês Donovan, o fotógrafo americano Paul Saltzman, que registrou incríveis imagens dos Beatles na ocasião, o músico Paul Horn, além da atriz Mia Farrow (esposa de Frank Sinatra na época) e sua irmã Prudence.

A banda havia levado apenas seus violões para a Índia, instrumento esse que acabou sendo a base para a composição das 48 canções compostas apenas por John e Paul em Rishikesh, além de outras compostas por George. John aprendeu uma nova técnica de dedilhado com Donovan em dois dias e a usou em suas novas composições "Dear Prudence" e "Julia". A música da banda passou a ser mais simples após a visita à Índia, principalmente pelo fato de grande parte das novas canções terem sido originalmente compostas em violões. Assim que chegou na Índia, Mal Evans comprou uma nova cítara para George, que se aprofundou no estudo do instrumento em sua estadia no Ashram. Foi relatado pelos presentes que, enquanto compunham suas novas obras, John e Paul tocaram versões acústicas de algumas

de suas músicas favoritas, como All You Need is Love, Eleanor Rigby, Michelle e Norwegian Wood.

Porém, desde o início os Beatles estavam insatisfeitos com algumas atitudes tomadas pelo Maharishi, sendo consideradas no mínimo suspeitas ou questionáveis. O guru indiano havia lançado um álbum de gravações de seus ensinamentos no qual constava na contracapa a informação de que ele era o "guru" dos Beatles. Tal jogada de marketing para alavancar as vendas não agradou nem um pouco a banda, que sequer foi consultada sobre tal iniciativa. Além disso, o Maharishi deixou Neil Aspinall, responsável pela gestão dos negócios dos Beatles completamente chocado ao lhe pedir 2,5% dos rendimentos gerais dos Beatles, além de 25% da receita líquida deles.

Houve um grande assédio dos fotógrafos no Ashram, pois todos queriam ter fotos e notícias dos Beatles em sua passagem pela Índia. Inicialmente, tentavam registrar fotos da banda de forma escondida e não autorizada. Depois de um tempo Mal Evans fez um acordo com os fotógrafos e levava notícias para eles todos os dias, até que eles acabaram desistindo e indo embora.

John e George já eram vegetarianos na época, Paul sentia falta de comer carne e Ringo achava os pratos condimentados demais. John declarou: "Conseguimos nossos mantras, sentamo-nos nas montanhas comendo péssima comida vegetariana e compondo todas aquelas canções. Escrevemos toneladas de canções na Índia."

John passava a maior parte do tempo em isolamento. Acordava cedo para buscar a correspondência de Yoko, que lhe enviava cartas diariamente. Tanto ele quanto George levaram o curso a sério. Já Paul encarou a viagem mais como umas merecidas férias, com um pouco de meditação. Ringo não tinha nenhum interesse em estudar a meditação transcendental ou os assuntos abordados nas palestras de Maharishi. Devido ao profundo envolvimento de seus companheiros de banda (John e George), Paul tinha receio de que ambos não voltassem ao Reino Unido, caso o Maharishi lhes fizesse uma enorme revelação, que mudasse suas vidas, o que significaria o fim dos Beatles. Felizmente para Paul, isso não aconteceu, pois John queria regressar para encontrar Yoko e circulou um rumor, iniciado por Alex Mardas, que o Maharishi havia assediado uma das mulheres participantes do curso, o que nunca acabou sendo comprovado. Tal situação enfureceu John, que a usou como pretexto para deixar a Índia e ir ao encontro de Yoko no Reino Unido, dando fim à estadia dos Beatles em Rishikesh. John declarou que das 30 canções acabaram sendo incluídas no novo álbum, 20 haviam sido compostas na Índia, enquanto as outras 10 foram concluídas após o regresso da viagem.

Antes de serem iniciadas as sessões de gravação, os Beatles fizeram

algo inédito na carreira deles até então. Se reuniram na casa de George, em Esher, e fizeram uma gravação completa de demos em um estúdio portátil de 4 canais de todas as faixas que haviam composto na Índia para selecionarem em quais iriam trabalhar para o novo álbum. Eles se divertiram muito gravando as demos, como pode ser constatado nas gravações que foram disponibilizadas na edição de 50 anos do Álbum Branco. O grupo nunca havia ensaiado e feito demos fora dos estúdios da EMI de forma tão metódica e organizada quanto para o novo trabalho. No total, foram realizadas 27 gravações (15 de John, 7 de Paul e 5 de George), que acabaram se tornando conhecidas como "Esher Tapes" ou "Esher Demos". Paul achava que tinham material para um álbum triplo. O produtor George Martin preferia que gravassem um álbum simples, selecionando apenas as melhores canções. No entanto, 11 faixas que foram incluídas no álbum não foram gravadas nas demos na casa de George. Nessa época ocorreu uma proliferação de canções de George, que começava a compor canções de qualidade cada vez melhor, começando a rivalizar com John e Paul. Além disso, conseguiu finalmente ter sua primeira canção lançada em um single (The Inner Light).

Outro fato interessante é que os Beatles foram presenteados com uma grande quantidade de equipamentos e instrumentos novos fornecidos pelos fabricantes Fender e Gibson. Todos eles foram usados em maior ou menor grau nas novas faixas. Entre o material que receberam se encontravam guitarras Fender Telecaster, baixos Fender Jazz Bass e Fender Bass VI, amplificadores Fender Bassman 100, com falantes de 12 polegadas, amplificadores Fender Twin Reverb, violões Gibson J200 e guitarras Gibson Les Paul. Além disso, a qualidade das gravações realizadas nos estúdios de Abbey Road contaram com mesas de som de 8 canais na parte final das sessões e, no Trident Studios, desde o início das gravações, fato pelo qual os Beatles preferiram gravar nele em detrimento de Abbey Road, que na época tinha um equipamento defasado tecnologicamente comparado aos novos e mais modernos estúdios de Londres. Fica claro, através da análise detalhada das gravações realizadas, o quão os Beatles eram meticulosos em seus registros, prestando atenção aos mínimos detalhes sonoros. Outra marca das novas sessões foram a ocorrência constante de gravações nas quais nem todos os membros da banda estavam presentes, algumas vezes apenas três, dois ou até mesmo um deles, fazendo gravações solo.

O título do novo álbum também foi motivo de controvérsia. Originalmente seria chamado de "A Doll's House" (Casa de Bonecas), inspirado na famosa peça teatral de Henrik Ibsen. John chamava o álbum que estavam gravando de "Son of Sgt Pepper" (Filho de Sgt. Pepper). Paul queria chamar o álbum de Umbrella (Guarda-Chuva),

pois ele cobria quase todos os estilos musicais. O “Álbum Branco” é conhecido como a “história do rock and roll” por causa da grande quantidade de estilos representados e parodiados. Parece que ouvimos uma banda diferente em cada faixa. Entre os estilos abordados estão o rock clássico, blues, jazz, vaudeville, folk, heavy metal, reggae, experimental, baladas, country, entre outros.

As gravações foram realizadas durante 5 meses, de segunda a sexta feira, geralmente das 14:30h à meia noite. Paul era incrivelmente animado quando estava trabalhando, normalmente sendo o primeiro a chegar e o último a sair. Ele sempre se concentrava muito e era a pessoa dominante no estúdio, segundo relatos de presentes às sessões. Ele sabia tocar todos os instrumentos tão bem quanto os outros Beatles e passava muito mais tempo no estúdio do que os outros, segundo Tony Bramwell. A equipe do estúdio de Abbey Road considerava geralmente as ideias de Paul como viáveis, as de John quase sempre eram inviáveis ou muito difíceis de serem executadas. Há também uma grande diferença entre as técnicas de gravação utilizadas para o registro do álbum “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band” e “The Beatles (White Album).” No primeiro caso, normalmente eram feitas “backing tracks”, com um esboço do que seria a gravação final, e iam adicionando cada instrumento individualmente, assim como as vozes. Já no trabalho seguinte, a banda tentava ao máximo captar uma “performance” ao vivo, tentando manter o espírito de uma banda se apresentando e adicionando o mínimo possível de “overdubs” posteriores. Em alguns casos até mesmo o vocal final acabou sendo gravado ao vivo, junto com os outros instrumentos.

Durante as tensas sessões de gravação do Álbum Branco, o produtor George Martin saiu de férias durante 3 semanas, para se afastar do clima hostil e abrasivo que havia no estúdio. O produtor Chris Thomas o substituiu durante sua ausência, pois tinha experiência produzindo o The Who. O engenheiro de som Geoff Emerick abandonou as gravações pelo mesmo motivo, só retornando à gravação do álbum final dos Beatles, Abbey Road. Até mesmo o baterista Ringo Starr deixou a banda durante as sessões de gravação durante 12 dias, pois se considerava esquecido e pouco respeitado por seus colegas de banda. Acabou retornando após ter sido convencido que todos sentiam a sua falta e ele era muito querido por seus colegas.

Durante o ano de 1968 muitos outros acontecimentos importantes ocorreram na vida dos Beatles. Paul e George passaram a produzir outros artistas, gravando canções para eles e/ou as produzindo. Paul produziu e compôs “Step Inside Love” para Cilla Black, além de “Heather” e “How Do You Do?”, juntamente com Donovan nas sessões de gravação para Mark Hopkin. George gravou o álbum

“Wonderwall”, para a trilha sonora de mesmo nome, empregando músicos indianos, a banda Remo Four e até mesmo seu amigo Eric Clapton. Esse foi o primeiro lançamento do novo selo dos Beatles, chamado de “Apple”, além de ter sido o primeiro álbum solo de um dos Beatles. Fez parcerias também com seu amigo e ídolo Bob Dylan, compondo com ele duas canções, “I’d Have You Anytime”, que seria incluída no álbum “All Things Must Pass”, e “Nowhere To Go”, que acabou nunca sendo lançada. Até mesmo John realizou gravações caseiras, compondo “A Case of the Blues”, que nunca foi lançada, “Don’t Let Me Down”, que se tornou um single dos Beatles posteriormente, “Oh My Love”, que foi lançada no álbum solo “Imagine” e “Everyone Had a Hard Year”, que posteriormente foi juntada à uma outra composição de Paul, se tornando “I’ve Got a Feeling”, que foi lançada no álbum “Let It Be”.

O selo criado pelos Beatles, para a distribuição de seus novos trabalhos, assim como de seus protegidos, foi inspirado por um quadro do célebre pintor belga, René Magritte, do qual Paul era um grande admirador e colecionador de seus quadros, tendo inclusive adquirido e colocado a obra intitulada “Le Jeu de Mourre” em exposição na sala de sua residência em Londres. Uma outra curiosidade pouco sabida é que a Apple inicialmente seria formada pelos Beatles e Rolling Stones. Paul e Mick Jagger chegaram a discutir o assunto sobre a criação de um estúdio de gravação financiado por ambas as bandas, mas a ideia acabou sendo considerada impraticável.

Outro projeto que acabou descartado foi a ideia da banda em realizar uma adaptação cinematográfica da lendária obra “O Senhor dos Anéis”, de Tolkien. A ideia da banda era a de que Stanley Kubrick poderia dirigir o filme, que chegou a ser discutido com a United Artists em Nova York. Kubrick jantou uma noite com Paul e John e os convenceu que era um projeto inviável, pois o livro seria impossível de ser recriado na tela de cinema com a tecnologia disponível na época, o que era um argumento verdadeiro, pois tais filmagens acabaram só se concretizando décadas depois, com o advento da computação gráfica. John estava tão entusiasmado que chegou a declarar que comporia um álbum duplo de canções para a trilha sonora do filme.

O filme que efetivamente acabou sendo produzido foi o desenho animado “Yellow Submarine”, com o qual os Beatles tiveram um envolvimento mínimo, cedendo apenas um punhado de canções que não haviam sido usadas até então e gravado uma pequena e rápida participação no final da animação. Ao verem o resultado final do trabalho, os Beatles lamentaram muito não terem se dedicado mais ao projeto, pois adoraram o filme, que superou muito as expectativas que

tinham do projeto. John declarou que gostaria de escrever ele mesmo a próxima animação dos Beatles.

Em setembro de 1967, Sir Joseph Lockwood, presidente da EMI (gravadora dos Beatles) compareceu a um evento no Palácio de Buckingham. Ao vê-lo, a Rainha Elizabeth II o abordou e fez o seguinte comentário: “Os Beatles estão se tornando terrivelmente esquisitos, não é mesmo?”, mostrando a familiaridade da soberana com a obra da banda e sua insatisfação com os novos caminhos musicais que estavam trilhando, a partir de sua fase psicodélica. O Príncipe Philip considerava os Beatles como “caras legais”. Até o Marechal Montgomery, herói da Primeira e Segunda Guerra Mundial expressou o desejo de convidá-los para passar um final de semana em sua residência para ver “que tipo de pessoas eles eram”. Definitivamente, os Beatles haviam chegado ao topo da sociedade britânica e do mundo. Agora estavam prestes a dar mais um importante novo passo em suas carreiras: a gravação do lendário “Álbum Branco”.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

Back in the USSR

O álbum abre com o som de um avião decolando, seguido pelas guitarras dos Beatles. Uma excepcional faixa de abertura, com um dos maiores rocks da carreira da banda.

Essa é uma faixa de autoria de Paul e foi composta na Índia. A ideia inicial surgiu através de Mike Love, integrante dos Beach Boys e amigo dos Beatles que estava em Rishikesh com eles. Love sugeriu a Paul que eles compusessem juntos uma paródia da canção "Back in the USA", de Chuck Berry. Paul gostou muito da sugestão e começou imediatamente a escrever a letra, contando a história de um soviético, provavelmente um espião, que estava há muito tempo nos EUA, mas que sonhava em voltar para casa, reencontrando as lindas garotas da Ucrânia e Moscou, que são muito mais belas do que as do Ocidente. Além disso, Paul faz uma brilhante alusão à Georgia, que é um estado nos EUA e era uma das repúblicas que fazia parte da URSS. Para completar a brilhante inspiração, é também uma homenagem à canção "Georgia on my Mind", de Ray Charles, um dos ídolos de Paul.

Uma letra extremamente bem-humorada e divertida, apoiada por um instrumental de primeira qualidade. Sem dúvida, uma das melhores faixas já compostas por Paul.

No entanto, por trás de uma composição tão alegre e contagiante, o clima entre o grupo durante as gravações desse álbum e, particularmente dessa canção, foi extremamente tenso. Paul criticou continuamente a maneira como Ringo estava tocando. O baterista já vinha se sentindo muito frustrado e irritado, pois dizia que não era amado nem apreciado pelos outros membros da banda. Para piorar ainda mais a situação, toda vez que ele ia ao banheiro ou beber uma xícara de chá, ao retornar encontrava Paul sentado em sua bateria a tocando.

Nessas ocasiões, os Beatles pediam para os técnicos e engenheiros de gravação saírem para beber ou comer algo, e tinham sérios desentendimentos entre eles, que não queriam que fossem presenciados por ninguém.

Ringo não suportou o clima tão hostil e decidiu deixar o grupo. Partiu de férias com a família e Paul acabou gravando a bateria dessa canção e da faixa seguinte também, "Dear Prudence". O baterista ficou ausente durante 12 dias e o motivo de sua partida não foi revelado para ninguém de fora do grupo. Ringo só retornou quando recebeu um telegrama dos Beatles dizendo que eles o amavam e sentiam muito sua falta, que ele deveria voltar para casa. Ao finalmente regressar ao

estúdio, encontrou a sua bateria completamente coberta e decorada com flores, uma iniciativa de George. Após o seu regresso, o clima melhorou entre os membros da banda, que conseguiram concluir as gravações do álbum.

Em 2003, Paul fez sua primeira apresentação na Rússia, tocando na Praça Vermelha em Moscou, com a presença do líder Vladimir Putin. Ao executar a faixa "Back in the USSR" a plateia enlouqueceu e o Paul conseguiu realizar seu sonho de tocar sua canção para os russos ao vivo.

Dear Prudence

Um dos músicos que estava presente em Rishikesh juntamente com os Beatles era o cantor folk escocês Donovan. Foi um artista bastante popular nos anos 1960 e que se tornou amigo dos quatro membros da banda. Pelo fato de ter uma formação musical folk, dominava técnicas de violão que eram desconhecidas dos Beatles. John se mostrou particularmente interessado em aprendê-las e Donovan as ensinou.

O escocês afirmou que John aprendia muito rapidamente e, em pouco tempo, já havia dominado as novas técnicas aprendidas e já as empregava em suas novas composições, como na canção "Dear Prudence".

Prudence Farrow é a irmã de Mia Farrow, famosa atriz americana que na época era casada com Frank Sinatra. As duas irmãs haviam ido para a Índia para estudarem meditação transcendental com o Maharishi ao mesmo tempo que os Beatles. Eles se conheceram por lá e ficaram amigos. No entanto, Prudence levava o curso extremamente a sério, pois há muitos anos sonhava em estudar meditação transcendental. Desta forma, logo após as palestras do Maharishi, ela se encaminhava para seu bangalô e ficava dias sem ser vista. Os outros estudantes começaram a ficar preocupados com o desaparecimento dela e os Beatles começaram a ir até o bangalô dela chamá-la para participar das atividades com eles e a socializar como os outros aprendizes.

Prudence recebeu pelo menos três visitas dos Beatles. Na primeira, John, Paul e George cantaram a faixa Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band inteira para ela, lhe convidando que saísse e viesse ficar com eles, segundo relatos de Mia Farrow. Não tiveram êxito. Na segunda tentativa, eles voltaram e Paul cantou uma canção nova que havia composto há poucos dias, que se chamava "Ob-la-di, Ob-la-da". Mais uma vez não tiveram sucesso. Na terceira vez, John cantou para Prudence uma linda canção que havia composto especialmente para ela, chamada "Dear Prudence", na qual ele a convidava para sair para brincar, ver o som e apreciar a natureza. Desta vez, Prudence abriu a

cortina de sua janela. Viu os Beatles fazendo uma serenata para ela, sorriu e finalmente abriu a porta e foi acompanhá-los.

Seguramente, um das mais belas faixas do álbum e uma das melhores composições de John. Ringo não participou dessa faixa, pois estava viajando com sua família. A bateria na canção foi tocada por Paul.

Glass Onion

A primeira faixa do álbum na qual Ringo toca sua bateria foi composta por John, que sempre ficara surpreso com a tentativa dos fãs e da imprensa em descobrir significados ocultos em suas letras, além de mensagens secretas. Há muitos anos surgiram rumores de que Paul havia morrido durante as sessões de gravação de "Sgt. Pepper's" e tinha sido substituído por uma outra pessoa, o que era claramente absurdo.

Desta forma, apenas para confundir ainda mais os fãs e crítica, John criou essa letra, cheia de mensagens ocultas e versos absurdos, apenas como diversão e gozação, mostrando aos fanáticos que não havia nenhuma mensagem oculta em suas canções e que, muitas vezes, ele criava versos e letras estranhas apenas pelo fato delas soarem bem juntas, sem terem qualquer sentido ou nexo.

Essa faixa é uma das favoritas de George em todo o álbum.

Ob-la-di, Ob-la-da

Uma das faixas mais populares do álbum e, seguramente, a que mais gerou atritos entre os integrantes da banda.

Paul a compôs em Rishikesh inspirado por uma frase em idioma yoruba que seu amigo Jimmy Scott, percussionista nigeriano que atuava em Londres, repetia frequentemente em suas apresentações ao vivo, que significa "A vida segue em frente".

Embora a letra tenha sido composta com relativa facilidade, a gravação foi uma das mais problemáticas do álbum, pois Paul enfrentou grandes dificuldades em conseguir captar no estúdio o arranjo e interpretação que ele queria. A banda fez inúmeras tentativas e gravações com andamentos e instrumentos diferentes, nunca conseguindo alcançar os objetivos de Paul.

Lennon reclamou ter ficado gravando a canção por 5 dias ininterruptos, pois já não aguentava mais ouvir essa canção de Paul, que ele considerava péssima e detestava. George também não gostava dela.

É uma letra típica de Paul, contando a história de um casal, com seus filhos e tudo que ocorria na vida deles.

Um dia a situação ficou incrivelmente tensa, quando o produtor George Martin deu uma sugestão para Paul, dizendo que o seu vocal poderia ser melhorado. Paul ficou muito irritado e gritou para Martin lhe perguntando por que ele não descia ao estúdio e cantava a canção ele mesmo. Martin ficou lívido e muito bravo, gritando de volta para Paul cantar novamente a canção e ponto final. O engenheiro de som Geoff Emerick, que havia sido premiado pelas brilhantes gravações que fizera no álbum "Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band", e que já estava muito desgastado com toda a tensão existente nas gravações do novo álbum, finalmente considerou que esse desentendimento entre Paul e George Martin fora a gota d'água, e que não tinha mais condições emocionais e psicológicas para continuar fazendo seu trabalho, decidindo deixar as gravações imediatamente. George Martin ainda tentou convencê-lo a ficar, assim como John, mas Emerick não quis saber de seus argumentos e abandonou as gravações após tal incidente, tendo sido substituído por Ken Scott.

Um dia, John chegou ao estúdio e gritou para os outros: "Estou chapado e a canção deveria começar assim", tocando a introdução que conhecemos no piano. Paul ficou tão irritado que quase brigou com John no momento. No entanto, depois percebeu que era exatamente essa peça que estava faltando para a canção ficar completa, tendo sido ela mantida na gravação final.

Paul queria lançá-la como single, mas John e George vetaram tal lançamento, pois não suportavam a faixa nem a consideravam boa o suficiente para um lançamento em nome do grupo como sendo o próximo single da banda.

O famoso baterista Stewart Copeland, do The Police declarou que essa foi uma das primeiras canções de reggae branco já registradas.

Wild Honey Pie

A faixa mais fraca de todo o álbum nada mais é do que uma repetição da frase "Honey Pie" por Paul, acompanhado de vários instrumentos tocados por ele mesmo.

Foi gravada na segunda sessão de gravação de "Mother Nature's Son", quando Paul decidiu criar uma pequena canção no momento. Foi incluída apenas porque a esposa de George, Pattie Boyd, gostava muito dela.

Uma faixa que poderia ter sido perfeitamente cortada do álbum e ter sido substituída pela faixa "Not Guilty", de George, de qualidade muito superior e que foi eliminada da lista final de canções no último instante. Seguramente a inclusão de "Not Guilty" teria deixado o álbum ainda melhor e George menos frustrado pela pouca quantidade

de canções que ele tinha direito de incluir nos álbuns dos Beatles, especialmente quando a qualidade de suas composições vinha melhorando de forma muito rápida e contínua.

The Continuing Story of Bungalow Bill

O grupo de pessoas que estava com os Beatles em Rishikesh era bastante diverso, incluindo pessoas de várias nacionalidades e profissões diferentes. Entre elas, havia uma socialite americana com seu filho, chamado Richard A. Cooke III.

Os dois seguiam participando do curso de meditação transcendental com o Maharishi até que um dia decidiram partir para um safári em um cidade próxima. Em tal ocasião, montaram em elefantes e foram acompanhados por guias e assistentes indianos para um excursão na selva local, onde existiam muitos tigres.

Quando um dos tigres surgiu, o jovem Richard o matou com um rifle, trazendo o animal morto como troféu de sua caça.

Ao regressarem ao retiro do Maharishi, os Beatles tomaram conhecimento do ocorrido e ficaram horrorizados, particularmente John, que chegou a questionar pessoalmente Richard por seu comportamento absurdo, especialmente se considerarmos que ele e sua mãe haviam viajado para a Índia para meditarem, não para matarem animais nativos a sangue frio.

Essa foi a inspiração para a canção, na qual John destila todo seu veneno contra Richard, o batizando de “Bungalow Bill”, uma alusão ao personagem Buffallo Bill, só que em sua versão bangalô indiano. John ridiculariza a estupidez de Richard, contando que o personagem da canção gostava de caçar tigres e, em caso de acidentes, sempre levava sua mãe consigo para ajudá-lo. O refrão da canção pergunta “Ei Bungalow Bill, o que você matou?”, denotando o comportamento absurdo e inaceitável do jovem americano.

O impressionante violão flamenco na introdução é apenas uma função do teclado Mellotron que foi usado na gravação, que era capaz de reproduzir 7 segundos de um determinado som. O produtor Chris Thomas tocou Mellotron nessa faixa. Paul declarou que essa é uma de suas canções favoritas até hoje.

While My Guitar Gently Weeps

Em suas leituras, George havia se deparado com um ensinamento que dizia que nada na vida era aleatório, tudo tinha um sentido e momento exato para ocorrer. Um dia, quando visitava seus familiares em Liverpool, ele abriu um livro aleatoriamente para encontrar uma ideia para uma canção. Achou as palavras “gently weeps” (chora

delicadamente). Desta forma, começou a compor inspirado nas palavras que encontrara. A canção é um lamento pelo potencial não alcançado pela humanidade em imbuir a vida com espiritualidade, o "amor que está adormecido".

Ao apresentar a demo de sua composição aos seus colegas de banda, a reação que teve deles não foi positiva, pois os Beatles não gostaram muito da canção. Fizeram várias tentativas de gravá-la, sem conseguirem atingir o resultado esperado por George. Ele sentia que eles não estavam motivados a tocá-la nem se empenhando muito nas gravações.

George inicialmente queria obter o som de uma guitarra chorando, mas sem usar o pedal Wah Wah. Passaram uma noite inteira buscando alcançar o som desejado, sem sucesso.

Um dia, quando pegara uma carona para Londres com seu amigo Eric Clapton, George teve a ideia de convidá-lo para participar da canção. Clapton inicialmente não aceitou, afirmando que ninguém de fora tocava nas canções dos Beatles. George afirmou que a canção era dele e que, desta forma, poderia convidar quem ele quisesse para gravar com ele no estúdio. Clapton aceitou, ainda que com receio.

Ao chegar ao estúdio, os outros Beatles mudaram totalmente de comportamento, se mostrando cordiais, animados, dispostos a fazer uma ótima gravação, apenas para não causar uma má impressão no convidado de George, que ficou surpreso com a nova e melhor atitude de seus colegas de banda com a presença de Clapton.

Clapton usou o equipamento de George, inclusive seus amplificadores e guitarra Gibson Les Paul. Os solos brilhantes que gravou elevaram a canção à um outro patamar, na qual essa se tornou uma das melhores faixas do álbum e, alguns afirmam, de toda a carreira de George Harrison.

A guitarra chorada de Clapton se tornou uma marca registrada da canção. Esse foi considerado um dos melhores solos de toda a carreira do então guitarrista do Cream, por sua emotividade, criatividade e inspiração. Até mesmo Paul declarou que o som de Clapton se encaixou bem com a canção.

Happiness is a Warm Gun

George Martin mostrou uma revista de armas americana chamada "American Rifleman" para John que tinha um artigo com esse título. John ficou espantado ao ler tal título pois, significa que você acabou de atirar em algo. Como podemos ficar felizes se acabamos de atirar em algo ou alguém? Tamanho absurdo atiçou a inspiração dele, que iniciou a composição da letra dessa canção e que acabou se tornando

uma das melhores do novo álbum e a favorita de Paul nessa coleção.

Musicalmente, ela foi formada por 3 ou 4 trechos inacabados que John tinha, mas que não conseguia concluir. John decidiu colocá-los lado a lado e formar uma nova canção, que tem passagens muito diferentes entre si, mas que combinam, criando um todo coeso e harmônico. Os quatro Beatles participaram da canção, trabalhando duramente para fazerem dela a melhor que fosse possível, pois todos eles gostavam da nova canção de John, que dizia que era uma das melhores que já havia composto.

Um dos vários pontos altos do "Álbum Branco".

Martha My Dear

Feita em homenagem ao primeiro cachorro que Paul teve em sua vida, uma English Sheepdog chamada Martha, nascida em 1965 e que aparece em várias fotos registradas na época do álbum "Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band" e posteriormente.

É uma canção de amor para sua cadela, que deixou John surpreso como Paul a amava, lhe dizendo que nunca havia visto ele agir daquela maneira.

Musicalmente, Paul estava tentando se aprimorar como pianista e começou a praticar uma técnica nova para ele no piano, a do contraponto, que ele aprendeu sozinho.

Uma das poucas canções de piano do álbum, que tem uma clara predominância de canções de violão ou guitarra elétrica. Originalmente eram duas canções separadas, "Martha My Dear" e "Silly Girl", que foram juntadas em uma só, sem a participação de John nas gravações.

Martha morreu em 1981, na fazenda de Paul na Escócia.

I'm So Tired

Composta na Índia, a inspiração para essa canção surgiu de uma sensação real de cansaço de John. Como ele passava grande parte do dia em meditação e em palestras com o Maharishi, à noite ao se deitar John sofria de insônia e tinha muita dificuldade em dormir.

O fato de cigarros, álcool e drogas serem proibidas no centro de meditação também não ajudavam, pois John fazia uso regular de todos os itens proibidos. Tais restrições geraram frustração, ansiedade e más noites de sono.

Para completar a situação, enquanto ficava tentando dormir, John pensava em Yoko, que havia conhecido pouco tempo antes de partir para Rishikesh, o que o deixava com saudades dela e com o desejo de

retornar para vê-la novamente. A letra da canção foi toda baseada nessa situação em que vivia enquanto estava na Índia. Acabou se tornando uma das favoritas de seu autor.

Blackbird

Quando Paul apresentou sua nova canção os outros Beatles ficaram em silêncio. Inicialmente John tocaria violão e piano nessa canção, juntamente com Paul, mas esse plano acabou sendo abandonado. A pouca receptividade da nova peça provavelmente levou Paul a gravá-la sozinho.

Foi composta na Escócia e inspirada nas tensões raciais que havia na época, e infelizmente persistem até hoje, nos EUA. Paul quis criar uma letra de encorajamento aos movimentos negros, de otimismo e esperança, que dias melhores viriam e eles teriam seus direitos civis reconhecidos e respeitados. No entanto, não quis fazer isso de forma aberta e frontal, como seria mais o estilo de John, e preferiu trilhar um caminho mais sutil, escolhendo um pássaro negro como símbolo para a canção.

Uma das melhores e mais poéticas letras já compostas por Paul, na qual ele estimula o pássaro negro a aprender a voar, pois o momento havia chegado de se levantar. Musicalmente foi baseada na peça "Bourrée em Mi Menor" de J.S. Bach, que Paul ouvira em Liverpool durante sua adolescência e o havia marcado muito. Criou sua própria versão improvisada do que se lembrava e, como resultado, concluiu uma das suas maiores obras primas, uma canção perfeita e profundamente tocante.

Piggies

A segunda canção de George no álbum havia sido composta inicialmente em 1966, mas até então não havia sido concluída.

Quando visitou sua família em uma ocasião, reencontrou a canção esquecida anotada em uma folha de papel e resolveu terminá-la. Sua mãe, Louise, contribuiu com um verso, assim como seu primo John.

Musicalmente tem uma forte e importante contribuição do produtor Chris Thomas tocando harpsichord, que é o instrumento predominante na canção. Thomas também contribuiu tocando piano em duas outras faixas de George no álbum, em "Long, Long, Long" e "Savoy Truffle".

Tematicamente foi inspirada em George Orwell e sua célebre obra "A Fazenda dos Animais". Assim como no livro, na canção os "porcos" são criaturas que oprimem os outros animais, muitas vezes sendo associados aos policiais, deixando a sociedade acuada e amedrontada. O absurdo e paradoxo de tal situação fica mais claro na letra da

canção quando os porcos saem para jantar com suas esposas, indo aos restaurantes para comer bacon. Uma canção que é uma crítica social bem-humorada.

Rocky Raccoon

Inicialmente intitulada “Rocky Sassoon”, essa é uma das canções mais divertidas e leves de todo o álbum. Paul a compôs na Índia, como uma sátira aos antigos filmes de cowboy que eram exibidos nos cinemas em sua infância.

O personagem principal, Rocky, vive no velho oeste e resolve se vingar de seu rival, Daniel, que havia “roubado” o amor de sua vida, Nancy. Ocorre um duelo, no qual Rocky é baleado e, em seguida atendido em seu quarto por um médico que tinha bafo de gin.

Embora seja uma ficção, um fruto da criativa mente de Paul, o personagem do médico é real, inspirado no médico que o atendeu quando ele sofreu um pequeno acidente com sua motoneta em 1966, quando ele caiu no chão, sofreu um corte no lábio superior e quebrou um pedaço de um de seus dentes. O médico que atendeu Paul tinha realmente bafo de gin e fez um trabalho de segunda categoria no lábio de Paul, deixando a marca de uma cicatriz, além do fato que ele apareceu com o dente quebrado em fotos da época e até mesmo no vídeo de Paperback Writer e Rain. Posteriormente, isso o levou a deixar crescer um bigode para encobrir a cicatriz, o que acabou sendo copiado pelos outros Beatles e marcou o novo visual da banda na fase “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band”.

O piano “Honky Tonk” foi tocando magistralmente pelo produtor George Martin.

Don’t Pass Me By

Embora tenha sido composta em 1963, a primeira composição de Ringo nunca havia sido efetivamente concluída. Toda vez que os Beatles gravavam um novo álbum, o baterista queria inclui-la, mas isso não acontecia pelo fato dela não estar pronta.

Finalmente em 1968 a canção foi concluída e Ringo quis novamente que o grupo a gravasse para o novo álbum. Seu título original era “This is Some Friendly”.

Inicialmente Ringo não queria cantá-la, tendo oferecido a canção para Paul. No entanto, na gravação final o próprio compositor a gravou. Não é uma canção ótima, apenas tendo sido incluída para agradar aos fãs de Ringo e para deixá-lo menos infeliz durante todo o processo de gravação do novo álbum, que culminara com seu abandono temporário da posição de baterista dos Beatles, como relatado

anteriormente.

Why Don't We Do it in the Road?

Durante sua estadia na Índia, Paul presenciou uma cena que o marcou: viu dois macacos tendo uma relação sexual em meio a uma estrada, de forma muito rápida e espontânea. Ficou pensando como isso era diferente em meio aos seres humanos, no qual o sexo era visto de uma forma muito mais complexa, com muitas regras e padrões de comportamento a serem seguidos. Essa foi a inspiração para a brevíssima letra da canção, na qual apenas ele e Ringo tocam.

O vocal de Paul é incrível, com uma interpretação fortemente blueseira, evocando os grandes mestres negros americanos. Em uma passagem, faz até mesmo um falsetto à James Brown, mostrando toda a sua versatilidade e talento como um brilhante cantor.

Paul disse que ouviu John cantando a canção um tempo depois. Posteriormente John confirmou que lamentava não ter sido convidado a participar dessa canção, da qual ele gostava muito. Declarou também que não podia falar por George, mas que ele sempre ficava magoado quando Paul gravava alguma canção sem envolver os outros membros da banda.

Foi a penúltima faixa a ser gravada para o álbum.

I Will

A canção foi composta na Índia, mas a letra não. Uma das mais belas e delicadas obras de Paul, em grande contraste musical com a faixa anterior, que é muito mais pesada. Tematicamente, o compositor declara todo seu amor para sua nova companheira, Linda, que havia conhecido há pouco tempo, e faz promessas que pretende cumprir para o seu novo relacionamento.

É uma das melodias favoritas de Paul das canções de sua autoria. Um fato surpreendente é que o próprio Paul afirmou que ela foi inspirada pela bossa nova brasileira, particularmente pela canção "A Garota de Ipanema", a qual ele ouvia bastante durante os anos 1960.

Julia

Uma faixa singular em vários aspectos. Foi a última a ser registrada para o novo álbum. Além disso, é a única faixa de toda a carreira dos Beatles na qual John tocou e gravou totalmente sozinho.

Foi inspirada por um poema do libanês Khalil Gibran em sua obra "Sand and Foam". Na belíssima canção, John usa a técnica aprendida com Donovan na Índia ao tocar seu violão de forma delicada e precisa.

A letra faz uma homenagem a sua querida mãe, Julia, falecida de

forma trágica ao ser atropelada logo após ter visitado seu filho, que tinha apenas 17 anos. John estava finalmente conseguindo se aproximar dela, após ter sido abandonado por seus pais e sido criado por sua tia Mimi.

Na faixa, John mostra não apenas todo o amor que sentia por sua mãe, mas também pela nova mulher que havia surgido em sua vida e que o marcaria profundamente: Yoko Ono, cujo nome em japonês significa “criança do mar”, uma das expressões que John usa ao longo da letra dessa que é uma carinhosa e tocante homenagem à mulher que lhe deu a vida.

Birthday

No dia em que essa faixa foi criada, os Beatles foram à casa de Paul, próxima ao estúdio de Abbey Road, para assistirem na TV o filme “The Girl Can’t Help It”, estrelado por Little Richard, ídolo de Paul, além de outros grandes nomes do rock. Após a sessão, ficaram tão entusiasmados que, ao regressaram ao estúdio, criaram na hora essa faixa, que acabou se tornando uma dos melhores rocks de todo o álbum.

Inicialmente foi composta por Paul, com contribuições posteriores de John. Foi a única faixa genuinamente de autoria de Lennon & McCartney em todo o álbum. Um detalhe curioso foi que George usou uma luva nas sessões para evitar ficar com mais bolhas nos dedos, enquanto fazia overdubs de percussão.

Uma canção que se tornou obrigatório na celebração de aniversários de todos os fãs dos Beatles no mundo todo.

Yer Blues

Mais uma faixa composta na Índia. John estava se sentindo muito deprimido com o final de seu casamento com Cynthia e pela distância de seu novo amor, Yoko. A letra da canção expressa seus sentimentos, que contrastam enormemente com a atmosfera de paz e harmonia que ele esperava alcançar em seu curso de meditação transcendental com o Maharishi.

Na hora de gravar a canção, a banda teve a ideia de fazer o registro em uma pequena sala do estúdio, na qual todos os quatro ficaram literalmente quase colados uns aos outros, tocando seus instrumentos em alto volume. Não podiam sequer se mexer sem esbarrar no outro que estava ao seu lado. Queriam captar uma atmosfera mais vibrante na gravação, como se estivessem fazendo uma apresentação ao vivo, no que tiveram êxito.

Posteriormente foi apresentada ao vivo duas vezes por John. Foi

tocada no especial Rock and Roll Circus, dos Rolling Stones, no qual John foi acompanhado por Eric Clapton na guitarra, Keith Richards no baixo e Mitch Mitchell (do Jimi Hendrix Experience) na bateria. A segunda apresentação ocorreu em Toronto, no Canadá, novamente com Clapton na guitarra, Klaus Voorman no baixo e Alan White (futuro membro do Yes) na bateria.

É uma das faixas favoritas de Ringo no álbum.

Mother Nature's Son

Enquanto estavam fazendo seu curso de meditação transcendental em Rishikesh, os Beatles assistiram muitas palestras do Maharishi. Uma delas em particular, sobre a natureza e os animais, causou grande impacto em Paul e John, os levando a compor cada um sua própria canção sobre os ensinamentos abordados na ocasião.

John escreveu uma faixa intitulada "Child of Nature", que chegou a ter uma demo gravada antes das gravações do novo álbum, mas que nunca chegou a ser oficialmente gravada para inclusão no Álbum Branco. Posteriormente, John manteve a melodia original, criando uma letra para a canção que acabou se tornando um de seus maiores clássicos em sua carreira solo, a faixa "Jealous Guy", do álbum "Imagine".

Já a peça de Paul acabou sendo incluída, tendo também sido influenciada pela faixa "Nature Boy", de Nat King Cole. A canção criada por Paul se chamava "Mother Nature's Son", e foi uma das mais belas e delicadas faixas criadas por ele durante sua carreira com os Beatles, sendo posteriormente regravada por vários artistas, entre eles, o renomado cantor americano John Denver.

Everybody's Got Something to Hide Except For Me and My Monkey

Mais uma faixa de John, composta devido ao fato dele estar apaixonado por Yoko, mas, segundo seus relatos, todos à volta deles pareciam estar paranoicos e tensos. Ele afirmava que queria viver seu novo relacionamento de forma aberta para o mundo, não tendo nada a esconder.

O Maharishi serviu de inspiração para parte da letra, pois costumava dizer repetidamente "Come on is such a joy". Já Paul acredita que o "Monkey" mencionado na letra por John seja na realidade uma referência ao seu vício em heroína na época.

A gravação da faixa foi muito turbulenta no estúdio. John e George tocaram suas guitarras em volume tão alto que Paul desistiu de tentar competir com eles e foi tocar um sino ao lado de Ringo. O

relacionamento entre Paul e John estava ficando cada vez mais abalado nessa fase, especialmente após a chegada de Yoko e pelo fato de John ter quebrado um código de conduta não escrito entre os membros da banda, no qual as esposas e namoradas dos membros da banda não deveriam participar das gravações dos Beatles. John passou a levar Yoko para todas as sessões, fato esse que criou um grande e crescente atrito entre ele e os outros Beatles, além dos engenheiros de som e produtores, que também sentiam o clima nas sessões de gravação ficando cada vez mais pesado.

Embora John não desistisse de ter Yoko ao seu lado, Paul tentava manter o seu conhecido profissionalismo e seriedade, não importando o quão deteriorado estivesse o seu relacionamento com John. Após a difícil sessão de gravação, Paul levou uma garrafa de whisky de presente para os engenheiros de som que estavam trabalhando com os Beatles, como um agradecimento por terem aguentado tanta tensão no estúdio e terem conseguido concluir seu trabalho de forma louvável.

Sexy Sadie

A última canção composta por John na Índia surgiu quando começaram a circular rumores, que nunca foram comprovados, de que o Maharishi teria assediado uma das participantes do seu curso de meditação transcendental. Ao tomar conhecimento do boato, John ficou furioso, pois já estava com alguma suspeita de que havia algo de errado com o novo "guru" dos Beatles. Após tal incidente, decidiu retornar ao Reino Unido com sua esposa Cynthia. George e sua esposa Patti também optaram por deixar a Índia e o Maharishi para trás.

Na realidade, John tinha um motivo oculto adicional para querer regressar ao seu país: Yoko, que o enviava cartas diariamente e estava à sua espera.

Ao ver os últimos Beatles partindo (John e George), o Maharishi ficou atônito, sem entender o que estava acontecendo. Foi então que perguntou a John porque eles estavam indo embora e obteve a seguinte resposta: "Se você é tão cósmico como diz ser, já deve saber a resposta".

Originalmente a canção se chamava "Maharishi", mas George sugeriu que John mudasse o título para "Sexy Sadie" para não ter problemas legais. Desta forma, o personagem central da canção passou a ser uma mulher que enganou a todos, desapontando profundamente aqueles que acreditavam nela.

Em 1997 a banda britânica Radiohead gravou uma canção fortemente influenciada por "Sexy Sadie" em seu álbum clássico, "OK Computer". A faixa em questão se chama "Karma Police", na qual são facilmente

notados elementos da faixa do Álbum Branco.

Helter Skelter

Paul leu em uma revista de música uma entrevista com o guitarrista e compositor principal do The Who, Pete Townsend, na qual ele afirmava que sua banda havia gravado o rock mais pesado, barulhento e sujo que qualquer um pudesse imaginar, e que esse seria o novo lançamento da banda. Paul ficou impressionado com tal relato e vislumbrou como seria tal canção, que posteriormente se soube que era "I Can See For Miles", que não é nem uma sombra do relato do que Townsend havia feito.

Paul decidiu criar tal canção inspirada no relato do guitarrista. Inicialmente a faixa era lenta e arrastada, sempre muito longa e com muitos improvisos dos Beatles. Uma versão chegou a durar 27 minutos, a mais longa gravação de toda a história da banda.

Posteriormente, a canção foi se tornando cada vez mais pesada, com a bateria de Ringo soando em alto volume, o vocal rasgado e irado de Paul, juntamente com as guitarras super distorcidas de John e George. Uma verdadeira explosão sonora que muitos consideram a primeira canção de Heavy Metal da história. Realmente um marco no mundo do rock e da carreira dos Beatles

Infelizmente, um psicopata americano chamado Charles Manson, líder de uma seita com vários discípulos, entendeu que o Álbum Branco dos Beatles era repleto de mensagens codificadas para ele e que, essa faixa em particular, o guiava a assassinar muitas pessoas. Infelizmente, sua loucura era tamanha que uma tragédia ocorreu, com Manson e seus liderados matando a sangue frio sete pessoas, entre elas a famosa atriz Sharon Tate, então esposa do diretor de cinema Roman Polanski. Posteriormente, Manson foi condenado à prisão perpétua.

Durante décadas a brilhante canção ficou marcada pela trágica perda de tantas vidas inocentes e Paul nunca quis tocá-la ao vivo por tal razão. Em 1987 e 1988, o U2 começou a fazer várias apresentações ao vivo, nas quais cantavam e tocavam tal canção. Em uma ocasião, registrada no álbum e filme "Rattle and Hum" antes da banda começar a tocar "Helter Skelter", Bono declara: "Charles Manson roubou essa canção dos Beatles. Nós estamos roubando-a de volta", antes de iniciaram uma interpretação incendiária da lendária faixa do Álbum Branco.

A partir dos anos 2000, Paul finalmente decidiu executá-la ao vivo pela primeira vez, e a canção foi extremamente bem recebida pelos fãs, pois sempre foi um dos melhores rocks composto por Paul. Desde então, a canção nunca mais deixou de ser executada nos shows que

McCartney realiza por todo o mundo.

Long, Long, Long

A terceira faixa de George no álbum aparentemente é uma canção de amor. No entanto, posteriormente foi revelado que ela era realmente uma canção de amor, só que não entre um homem e uma mulher, mas sim para Deus.

Foi inspirada pela faixa Sad Eyed Lady of the Lowlands de Bob Dylan, de que George sempre foi um grande fã e admirador, vindo futuramente a compor com ele e até mesmo a formar uma banda, os "Travelling Wilburies".

Na ocasião em que foi feita a gravação, havia uma garrafa de vinho em cima da caixa falante Leslie. Quando Paul tocou uma nota e a segurou a garrafa começou a vibrar. Eles decidiram deixar tal efeito na gravação final, que pode ser ouvida claramente.

Foi a última canção de George a ser composta para o álbum.

Revolution 1

A primeira canção a ser gravada para o álbum. John queria fazer um comentário sobre todas os acontecimentos da época, pois o mundo estava vivendo um período caótico, com levantes estudantis na França e Reino Unido, tensões raciais nos EUA, a invasão da Tchecoslováquia pela União Soviética, a severa política chinesa de Mao Tsé Tung e tantos outros acontecimentos.

John sentia que o mundo estava passando uma revolução e queria deixar claro sua posição. No entanto, até o último instante não conseguia se decidir se era ou não a favor da destruição, chegando a se declarar a favor e contra ao mesmo tempo na gravação. Posteriormente, chegou à conclusão que só poderia ser contra qualquer tipo de violência, da qual ele se recusaria a participar.

John registrou o vocal deitado no chão do estúdio, pois pensava que precisava se sentir muito relaxado para conseguir o efeito que queria na voz. No início da gravação podemos ouvir a voz do Geoff Emerick que fala "Take 2" no início da faixa. Foi um faixa gravada basicamente com instrumentos acústicos.

John queria que esse fosse o novo single dos Beatles. No entanto, Paul e George recusaram tal ideia, acreditando que a canção não teria potencial para ser um sucesso, por ter um andamento muito lento. Mais tarde, John fez uma nova versão com os Beatles, com um andamento muito mais rápido e usando guitarras pesadas e distorcidas. Finalmente a canção acabou entrando em um single, mas não no lado A, como esperava John, pois Paul havia composto "Hey

Jude", que acabou ocupando a posição principal e se tornando o maior sucesso da carreira dos Beatles.

Honey Pie

Paul sempre foi um grande apaixonado pela música dos anos 1920 e pelo estilo Vaudeville. Para esse álbum, quis compor uma faixa com tal inspiração, lembrando as canções que ouvia seu pai tocar no piano e no rádio de sua residência.

Criou a história de um antigo amor por uma atriz que imigrou para os EUA e se tornou uma atriz de cinema famosa, da qual ele tinha receio em encontrar devido ao seu enorme sucesso. Uma verdadeira canção para um amor que não voltará mais. Uma faixa tipicamente no estilo McCartney.

O produtor George Martin fez um arranjo orquestral belíssimo, trazendo toda a atmosfera dos anos 20 para a nova canção de Paul. Além disso, há um toque especial: Paul e George Martin gravaram um verso (Now she's hit the big time) com um fundo de chiados e sonoridade típica dos antigos LPs de 78 rpm. Simplesmente genial!

George declarou que "John fez um solo de guitarra brilhante na faixa, lembrando o estilo de Django Reinhardt. Foi um daqueles solos quando você fecha os olhos e toca todas as notas certas. Parece um solo jazzístico." Apesar de sua ótima participação, John declarava detestar essa canção.

Savoy Truffle

George compôs essa faixa inspirado pelo vício de seu amigo Eric Clapton por chocolates. O guitarrista os comia incessantemente, sendo incapaz de parar de comer bombons até que a caixa estivesse vazia.

A marca favorita dos chocolates que Clapton comia era a Mackintosh, que vendia caixas com sabores variados, muitos dos quais foram usados por George na letra da canção. Outros sabores foram inventados, por questões fonéticas, pois soavam bem e rimavam com os outros sabores.

George Martin fez um poderoso arranjo de metais para a faixa, que foram gravados com um volume saturado, dando um efeito levemente distorcido, que era o que George queria para sua composição.

Cry Baby Cry

Essa canção de John foi inspirada em um anúncio de revista que dizia "Cry Baby Cry, Make your mother buy". Tem uma temática que lembra as obras infantis que ele tanto gostava de ler quando vivia em Liverpool, tais como "Alice no País das Maravilhas". Parece saída de

uma história de faz de conta, com reis e rainhas de lugares distantes e as aventuras ocorridas em seus reinos.

Musicalmente é uma bela faixa, muito bem cantada e interpretada por John, com participação de todos os outros Beatles.

No final de sua vida, John pensava que essa canção era uma porcaria. Quando lhe perguntaram quem a havia composto, ele respondeu: “Não fui eu”.

Logo após essa faixa, há um pequeno trecho de uma outra, cantada por Paul, chamada “Can You Take Me Back?”. No álbum original ela dura apenas alguns segundos, mas na edição comemorativa de 50 anos do Álbum Branco, finalmente foi lançada a versão completa.

Revolution 9

A faixa inicialmente fazia parte da canção Revolution 1, que durava mais de 10 minutos. Foi decidido que as duas partes deveriam ser separadas e serem abordadas de formas diferentes. A parte final, que acabou se tornando “Revolution 9” era muito mais experimental do que a primeira parte, que tinha um formato mais tradicional.

Apenas John e George participaram dessa faixa, lendo textos ou falando o que lhes vinha à cabeça. Embora tenha contribuído, George não sentia nenhum entusiasmo pela faixa.

Alguns pensam que essa foi a primeira composição experimental da banda. No entanto, Paul sempre foi o pioneiro nesse estilo musical entre os Beatles e já havia composto uma outra faixa, intitulada “Carnival of Light”, em 1967 que nunca foi oficialmente lançada, tendo sido tocada apenas uma vez em um evento.

John declarou que passou mais tempo trabalhando na faixa do que em metade de todas as suas outras composições. Afirmava também que essa seria a música do futuro, pois não seria necessário nem mesmo saber tocar um instrumento para criá-la. Quanto ao título, explicou que o número 9 o seguia por toda sua vida, sendo considerado por ele um número mágico.

Seu entusiasmo por ela era tão grande que queria que fosse o próximo single dos Beatles, mas foi impedido de fazer isso por Paul e George Martin, que tentaram inclusive excluir essa faixa do álbum até o final, pois consideravam que não representava os Beatles, nem sendo mesmo uma canção, apenas uma colagem de sons. Ambos provaram que estavam corretos, pois até os dias de hoje é considerada pela grande maioria dos fãs da banda como a pior faixa de toda a carreira da banda, sendo a menos popular em todas as enquetes realizadas até hoje.

A gravação inclui trechos de Symphonic Etudes op.13, de Schumann e

da Sétima Sinfonia de Sibelius. Inspirada em John Cage e Stockhausen. Essa foi mais uma faixa que os integrantes do Radiohead devem ter ouvido com muita atenção, pois há vários elementos semelhantes à essa gravação existente em várias faixas da inovadora banda inglesa de Oxford.

George, Ringo, Paul e George Martin não gostaram da faixa, sendo que George chegou a declarar: “Não é particularmente uma faixa dos Beatles, mas ela funcionou bastante bem dentro do contexto de todas aquelas canções diferentes. Eu acho que ela é muito pesada de ser ouvida. Na realidade, eu não a ouço.”

Em 1969, John declarou “Eu me sinto culpado por ter incluído Revolution 9 em nosso último álbum duplo. Esse era o meu número. Eu não precisava tê-la colocado em um disco dos Beatles. Acredite em mim, ainda adoro tocar rock.”

Good Night

A faixa final do álbum foi composta por John para seu filho Julian Lennon. Foi gravada inicialmente uma demo na qual ele próprio cantava a canção. Infelizmente, tal registro foi perdido, pois quem a ouviu disse que sua interpretação foi incrivelmente melhor que a de Ringo, que acabou cantando a versão final incluída no “Álbum Branco”.

O arranjo original era muito simples, com apenas três guitarras e o vocal de John. Posteriormente, ele decidiu que não a cantaria e a ofereceu para Ringo gravá-la e pediu que George Martin criasse um arranjo hollywoodiano grandioso e exagerado para sua nova canção.

Paul acredita que John deu essa canção para Ringo gravar pois ela poderia comprometer sua imagem como vocalista de rock.

E assim termina a coleção de 30 novas canções dos Beatles, coletivamente conhecida como “Álbum Branco”. Definitivamente a melhor e mais variada coleção de faixas já criadas e lançadas por qualquer artista em um só volume.

OUTRAS CANÇÕES GRAVADAS, MAS LANÇADAS SEPARADAMENTE DO ÁLBUM

The Inner Light

George foi à Índia para registrar algumas faixas com músicos indianos que seriam incluídas na trilha sonora do filme "Wonderwall". Como acabou sobrando tempo nas sessões que precisava fazer, ele acabou gravando várias ragas em Bombaim (atual Mumbai) para uso futuro em trabalhos dos Beatles. Infelizmente, a única que acabou sendo efetivamente lançada foi essa bela canção, chamada "The Inner Light".

A letra dela foi basicamente extraída da tradução de um poema de Lao Tsé, do Tao Te Ching, o livro sagrado Taoísta. George teve acesso a tal poema através de um presente do estudioso Juan Mascaro, que lhe deu o livro que ele próprio havia traduzido, com uma sugestão que George criasse um acompanhamento musical para um determinado trecho da obra que ele havia destacado para a leitura do Beatle.

O resultado final ficou tão belo que encantou até mesmo Paul, pois ele sempre foi um grande apreciador de belas melodias. George não queria gravar o vocal da faixa, pois não se sentia confiante que poderia fazer jus a canção. Paul insistiu, lhe dizendo que ele tinha que tentar e não deveria se preocupar, pois o resultado ficaria bom. Foi exatamente o que aconteceu. Devido ao apoio de Paul, foi a primeira canção de George escolhida para fazer parte de um single dos Beatles, como lado B de Lady Madonna.

Lady Madonna

Um dia Paul estava lendo um exemplar da revista National Geographic quando se deparou com uma foto de uma mulher africana com um bebê. Embaixo da foto havia a legenda "Mountain Madonna". Tal imagem lhe impactou profundamente. Ele afirmou que sentiu uma forte conexão na imagem entre a mãe e seu filho. Imediatamente teve a ideia de trocar a legenda para "Lady Madonna" e surgiu a inspiração para a canção.

A letra é uma grande homenagem às mulheres e ao esforço que fazem para sustentarem suas famílias e proverem para seus filhos, muitas vezes passando por privações para conseguirem manter suas famílias.

Musicalmente, foi inspirada em "Bad Penny Blues", um tema de jazz tradicional da Humphrey Lyttleton band. Inicialmente os Beatles queriam gravar a canção inspirada no arranjo original, com um andamento bem mais lento do que o que acabou sendo usado. Ringo chegou a fazer uma gravação tocando com escovas de bateria. Posteriormente, Paul decidiu usar seu tom de voz inspirado em Elvis

para cantá-la.

O arranjo da canção incluiu Paul, George e John imitando os sons dos metais, soprando entre suas mãos. Para deixar a faixa ainda mais especial, foi recrutado o grande saxofonista Ronnie Scott para um solo. Um microfone antigo foi usado para captar o som do piano, a fim de simular uma gravação de décadas atrás.

Para a alegria de Paul, posteriormente dois de seus ídolos, Fats Domino e Elvis Presley, gravaram versões dessa canção. A de Fats Domino foi oficialmente lançada. A de Elvis apenas foi disponibilizada em vídeo, após a sua morte, mostrando o grande ícone a ensaiando em estúdio com sua banda.

Hey Bulldog

Os Beatles precisavam fornecer mais uma canção original para o filme de animação "Yellow Submarine", que estava sendo preparado para seu lançamento. John criou uma composição de última hora, que se chamava "Hey Bullfrog".

Yoko participou pela primeira vez de uma sessão de gravação dos Beatles, assistindo eles serem filmados enquanto gravavam a nova faixa. No final da gravação, Paul começou a latir, imitando um cachorro, enquanto John cantava. Isso o fez rir e descontraiu o ambiente da gravação. John gostou tanto da surpresa que decidiu trocar o título da canção para "Hey Bulldog" e fazer a alteração necessária em sua letra. Um boa faixa roqueira, com uma ótima atuação de todos os membros da banda, com riff de guitarra e piano muito marcante, acompanhados por uma pulsante bateria de Ringo e uma intensa linha de baixo de Paul.

Across the Universe

Uma das melhores letras de John. Ela surgiu na mente dele enquanto ele estava tentando dormir. Contou que não conseguia tirá-la da cabeça e precisou descer e anotar tudo antes de voltar a dormir. John considera que talvez seja a melhor letra que compôs em toda sua carreira, pois ela é um poema que pode ser lido sem acompanhamento musical, sem perder nem um pouco de sua qualidade ou encanto. Uma letra e canção verdadeiramente atemporal.

Um detalhe muito especial e motivo de orgulho para nós brasileiros, é que quando estavam gravando a canção os Beatles notaram de última hora que precisavam de vocais femininos para complementar o arranjo que estavam criando. Como não havia tempo hábil de contratarem cantoras profissionais, Paul foi para o lado de fora do estúdio e perguntou se alguma das meninas que ficavam sempre

aguardando a entrada e saída dos Beatles, conhecidas como “Apple Scruffs” conseguiam segurar uma nota em tom alto. Duas delas disseram que conseguiam. Desta forma, foram convidadas a entrar e participar da gravação com os Beatles a carioca Lizzie Bravo e a londrina Gayleen Pease. Elas foram as únicas mulheres que tiveram o privilégio de cantaram juntos com os Beatles no mesmo microfone que John e Paul. Sem dúvida, a realização de um sonho considerado praticamente impossível e um marco na história da banda, reconhecido até mesmo pelos Beatles, pela menção do nome de ambas no lançamento comemorativo de 50 anos do Álbum Branco.

Infelizmente John não ficou totalmente contente com a gravação, pois afirmou que os Beatles não estavam levando a canção a sério, particularmente Paul, que estaria sabotando sua gravação. Desta forma, acabou sendo lançada em um álbum beneficente para o “World Wildlife Fund”. Posteriormente foi relançada no álbum Let It Be, em uma versão diferente, com um andamento mais lento, sem efeitos sonoros de pássaros e backing vocals.

Uma obra prima da carreira de John e dos Beatles.

Hey Jude

Um dia Paul foi visitar Cynthia e Julian, respectivamente a ex-esposa e filho de John. Eles estavam passando por um período muito difícil, pois John havia acabado de deixá-los para viver com Yoko Ono.

Paul conhecia Cynthia desde os primórdios dos Beatles e tinham uma longa história de amizade. Além disso, como Paul não tinha filhos ainda na época, tratava Julian como um tio muito carinhoso e presente, tendo um relacionamento mais próximo dele do que até mesmo o próprio pai, John.

Pensando em todos os problemas que Julian estava enfrentando e querendo motivá-lo a ter confiança e superar os obstáculos que estavam surgindo em sua vida, Paul teve a inspiração para compor uma canção chamada “Hey Jules”, que era o apelido do menino. Depois ele chegou à conclusão que “Hey Jude” soaria melhor, mudando o título da canção.

Ao encontrar Cynthia e Julian, Paul lhes mostrou em primeira mão a canção que havia composto para o menino de 5 anos de idade. Ambos ficaram maravilhados com a surpresa e carinho de Paul com eles.

Posteriormente, Paul apresentou a canção a John, que a ouviu atentamente e ficou impressionando com a criação de seu parceiro, declarando que essa era uma de suas obras primas, provavelmente sua melhor criação. Inicialmente John pensou que a canção fosse sobre ele e Yoko, até que Paul lhe explicasse que havia escrito a mesma para

seu filho Julian. John declarou que essa poderia ser considerada uma canção universal de solidariedade e apoio para qualquer pessoa que estava passando por dificuldades.

A gravação teve seu momento de tensão quando Paul pediu para George que não repetisse na guitarra o seu fraseado no final de cada verso. George ficou muito aborrecido, mas Paul não desistiu de dirigir a gravação, pois tinha a noção exata de como queria que soasse o arranjo de sua nova canção.

Paul fez duas estreias da canção em lugares inesperados. A primeira foi em um pequeno pub no vilarejo de Harrold, em Yorkshire, onde tocou a canção ao vivo no piano disponível no local para todos os presentes, que adoraram a oportunidade de ouvirem um Beatle tocando ao vivo uma canção inédita. A segunda estreia foi a da gravação dos Beatles, no Vesuvio Club, de propriedade dos Rolling Stones, exatamente na data do aniversário de Mick Jagger e em que estava sendo realizada a prévia do álbum Beggar´s Banquet.

John declarou que Paul fez uma jogada de marketing brilhante, roubando o foco das atenções dos Stones para o lançamento dos Beatles. Por outro lado, John não gostou de ouvir as canções em público, dizendo que elas ainda não estavam devidamente finalizadas.

Paul estava tão entusiasmado com sua criação que a mostrou para absolutamente todas as pessoas com as quais ele encontrava e se dispunham a ouvi-la. Não foi sem razão, pois logo após o seu lançamento, acabou se tornando o single e canção de maior sucesso de toda a carreira da banda, sendo considerado até os dias de hoje como um verdadeiro hino do rock internacional.

Julian Lennon declarou que Paul foi muito mais presente que John durante sua infância, sempre o visitando e lhe dando muita atenção. Até hoje Paul lhe envia anualmente cartões de Natal e aniversário, o que ele considera extraordinário, além da amizade entre eles que permanece até os dias de hoje.

Revolution

1968 foi um ano muito turbulento no mundo, com os vários levantes estudantis realizados em Londres e Paris, além muitos outros acontecimentos de grande relevância política e cultural. Havia realmente uma revolução em curso no mundo, ainda que não de forma explícita, mas com uma grande mudança nos padrões de comportamento e das sociedades.

John queria deixar registrada sua opinião e visão sobre o assunto. Para isso, compôs essa faixa, que inicialmente foi gravada para inclusão o no Álbum Branco, em uma versão quase totalmente

acústica e com andamento muito lento. Queria lançá-la como single, mas teve forte oposição de Paul e George, pois ela era muito arrastada. A fim de tentar lançá-la como single, resolveu regravá-la, com a participação no piano do renomado Nicky Hopkins, agora apenas com instrumentos elétricos, e com um arranjo muito mais pesado e um andamento bem mais rápido, compatível com o tema da canção. Ela seria o lado A do single até que Paul apareceu com “Hey Jude”, que o próprio John reconheceu ser muito superior à sua composição, que acabou sendo relegada ao lado B do single “Hey Jude/Revolution”, que se tornou sendo o primeiro single no novo selo dos Beatles, “Apple”, e que teve um sucesso de vendas extraordinário.

CANÇÕES COMPOSTAS, MAS NÃO INCLUÍDAS NO ÁLBUM

Sour Milk Sea

Canção de George que foi vetada por John. Posteriormente foi gravada por George, Ringo, Paul, Clapton, Nicky Hopkins e Jackie Lomax.

Junk

Originalmente chamada Jubilee, acabou sendo incluída no primeiro álbum solo de Paul, intitulado “McCartney”.

Child of Nature

Inspirada pela mesma palestra do Maharishi que levou Paul a compor Mother Nature’s Son, foi posteriormente incluída no álbum “Imagine”, de John.

Circles

Embora uma demo tenha sido gravada nas famosa sessões de Esher, a canção de George nunca foi oficialmente gravada pelos Beatles, vindo a ser lançada somente em 1982 no álbum “Gone Troppo”.

Mean Mr. Mustard e Polythene Pam

Ambas as faixas foram compostas por John nessa mesma época, mas como eram canções inacabadas acabaram sendo deixadas de lado, sendo finalmente utilizadas no último álbum gravado pelos Beatles, “Abbey Road”, na lendária medley que ocupa a maior parte do lado B do LP original.

Not Guilty

Uma bela canção de George excluída do álbum no último instante. Foram feitos mais de 100 takes, mas nenhum deles teria ficado do agrado da banda. Acabou sendo cortada da seleção final por John e Paul. Só foi lançada em 1979 no álbum “George Harrison”.

Look at me

Uma bela canção de John que só foi lançada em 1970, no álbum “Plastic Ono Band”.

What´s The New Mary Jane?

Escrita por John e Alex Mardas, o “Magic Alex”, guru eletrônico de John. Uma canção muito repetitiva e desinteressante. Felizmente acabou cortada do álbum no último instante, pois Paul e George Martin conseguiram convencer John de que não haveria espaço para a ela no álbum.

Spiritual Regeneration/Happy Birthday Mike Love

Um improviso gravado por Paul na Índia em homenagem ao aniversário de seu amigo Mike Love, dos Beach Boys.

Etcetera

Uma bela balada composta por Paul, que a gravou em estúdio, levando para sua casa o único registro feito. Desde então, nunca mais foi ouvida.

Além das faixas acima, Paul também gravou uma demo de "The Long and Winding Road", sua primeira versão, e deu a única gravação para o assistente dos Beatles, Alistair Taylor, como presente para sua esposa Lesley, destruindo a fita master em seguida. Posteriormente, a canção foi oficialmente gravada em estúdio para inclusão no álbum "Let It Be".

Uma outra raridade foi uma breve medley que Paul gravou, cantando "Lady Madonna" e "While My Guitar Gently Weeps".

O LEGADO DO "ÁLBUM BRANCO"

Após serem concluídas as gravações, ocorridas durante 5 meses, foi realizada a mais longa sessão em estúdio da carreira dos Beatles, durante 24 horas, nas quais John, Paul e George Martin selecionaram a sequência das faixas, fizeram as transições entre elas e finalizaram a masterização do novo álbum, que apresentava 95 minutos entre 30 nova canções em dois LPs.

Na sequência estabelecida, os rocks mais pesados ficaram no lado C; as 3 faixas com títulos de animais foram posicionadas juntas no lado B (Blackbird, Piggies e Rocky Raccoon); cada canção de George foi colocada em um lado dos álbuns; cada compositor não podia ter mais do que 2 canções seguidas e cada lado do vinil deveria ter entre 20 e 25 minutos. Além disso, Primeiro álbum que foi originalmente mixado em estéreo e mono.

Segundo Richard Hamilton, que foi responsável pelo design da capa, foi o Paul que fez o pedido inicial de que a capa fosse totalmente oposta à de Sgt Pepper. Inicialmente a capa seria totalmente branca com a mancha de uma xícara de café que havia sido colocada sobre o álbum. A ideia foi descartada pois considerada irreverente demais.

Os Beatles queriam fazer algo original, então decidiram que a primeira tiragem seria numerada como obras de arte. Ringo ficou com o exemplar número 1. Os dois primeiros milhões de exemplares foram numerados.

Há muitos fatores que fazem com que esse álbum seja completamente diferente dos outros gravados pela banda. Um deles é o fato de que apenas 17 das 30 canções do álbum têm a participação dos 4 Beatles juntos. As outras faixas foram gravadas individualmente, em duplas ou trios. Para termos a noção exata de como foram gravadas as canções,

eu as dividi em quatro grupos distintos:

Gravações:

Solo (4)– Wild Honey Pie (Paul) / Blackbird (Paul) / Julia (John) / Mother Nature's Son (Paul)

Dupla (3)– Don't Pass Me By (Ringo & Paul) / Why Don´t We Do It in The Road? (Paul & Ringo) / Revolution 9 (John & George)

Trio (6) – Back in the USSR (sem Ringo) / Dear Prudence (sem Ringo) / Martha My Dear (sem John) / I Will (sem George) / Long, Long, Long (sem John) / Savoy Truffle (sem John)

Quarteto (17)– Glass Onion / Ob-la-di Ob-la-da / The Continuing Story of Bungalow Bill / While My Guitar Gently Weeps / Happiness is a Warm Gun / I'm So Tired / Piggies / Rocky Raccoon / Birthday / Yer Blues / Everybody´s Trying to Hide Except For Me and My Monkey / Sexy Sadie / Helter Skelter / Revolution 1 / Honey Pie / Cry Baby Cry / Good Night

Ao analisarmos as informações acima, podemos perceber que o Beatle menos participativo nas gravações foi John, com apenas 22 participações. Já George e Ringo empataram em segundo lugar com 23 participações cada. De longe o Beatle mais ativo foi Paul, com surpreendentes 28 participações. Ele atuou em todas as faixas, exceto "Revolution 9" e "Julia". Essa análise evidencia o predomínio de Paul na segunda fase da carreira dos Beatles, enquanto John predominou na primeira.

Além disso, ficou claro que tanto George quanto John contaram muito mais com a participação dos outros Beatles nas gravações de suas canções do que Paul e Ringo. Nas duas canções em que Ringo canta no álbum, em uma delas apenas Paul o acompanha. Na outra, apenas John. Já nas canções de Paul, três delas foram gravadas de forma solo, enquanto duas outras em dupla com Ringo e três outras em formato trio, estando John ou George ausentes.

Outro fato importante foi que o Álbum Branco pode ser considerado como o início do fim dos Beatles. Cada vez mais surgiam desentendimentos entre os membros da banda no estúdio. John queria gravar sua guitarra cada vez em volume mais alto. Ringo era geralmente o primeiro a ir embora do estúdio. Paul estava irritado que John estava dominando demais as sessões de gravação. George declarou que o Paul sempre o ajudava a gravar suas canções, depois que ele já tivesse gravado anteriormente 10 canções de sua autoria.

Paul batizou o "Álbum Branco" de "o álbum da tensão". Pela primeira vez em sua carreia os Beatles estavam trazendo seus problemas para dentro do estúdio. John achava que os Beatles haviam se separado

durante a gravação, pois todas as faixas são individuais, apenas com participação dos outros membros. Todos os integrantes ficavam mais na defensiva, sem muito ânimo para colaborarem intensamente nas canções dos outros compositores. Os únicos Beatles que pareciam estar se dando bem durante as gravações eram John e George. Todos os outros relacionamentos sofreram desgaste, em menor ou maior grau.

O produtor George Martin estava muito insatisfeito com a situação e frequentemente se recusava a se envolver com as situações problemáticas que surgiam. Os Beatles não confiavam mais no trabalho feito pela equipe de Abbey Road. Queriam gravar cada vez mais fora dali, no Trident Studios. Martin cada vez menos atuava como produtor, já que Paul, John e George queriam produzir suas próprias canções. Ele atuou mais como arranjador e instrumentista, tocando instrumentos em várias faixas do álbum. Quando o engenheiro de som Geoff Emerick deixou as gravações, Martin disse que se arrependera de não ter feito o mesmo e que só não havia deixado as sessões pois logo sairia de férias por 3 semanas.

A presença disruptiva de Yoko também não ajudava em nada a melhorar a atmosfera no estúdio. Paul, George e Ringo não gostavam que ela participasse das sessões, pois ela se tornou uma verdadeira sombra de John, o acompanhando até a porta do banheiro. Na maior parte do tempo ela não falava nada, mas quando falava causa grande desconforto com seus comentários, fazendo críticas aos arranjos e gravações realizadas pela banda, sendo tais críticas completamente descabidas. Yoko e John achavam que ela havia se tornado o quinto membro do grupo, enquanto os outros três a consideravam uma intrusa no espaço sagrado do estúdio de gravações. Invariavelmente, toda vez que ela saia do estúdio o clima melhorava, como relatado pelos que trabalhavam no local e presenciavam tais sessões.

Quando o álbum foi lançado John disse que gostou dele pois tinha um som mais rock and roll. Também declarou que: “o Álbum Branco foi o início de meu período de composições de rock direto. Eu sempre preferi o Álbum Branco a qualquer outro álbum dos Beatles, incluindo Sgt Pepper’s porque eu achava que a música era melhor. O mito de Pepper é maior, mas a música no Álbum Branco é muito superior. Eu escrevi muitas coisas boas naquele álbum. Eu gosto de tudo que eu fiz e das outras coisas também. Eu gosto do álbum inteiro. Nele eu fui eu mesmo. Não gosto muito de produções.” Paul concordou, dizendo que haviam decidido dar um passo atrás, pois era o que eles queriam fazer. Também declarou que a fase de gravação do álbum foi sombria. Foi um ótimo álbum, mas muito difícil de ser feito. George declarou que considerou um erro terem lançado um álbum duplo, pois ele é longo demais para a maioria das pessoas conseguirem assimilar. Disse que

escutava basicamente o lado 1, do qual gostava bastante. Contou também que nesse álbum eles se sentiram mais como uma banda gravando juntos, pois muitas faixas foram gravadas ao vivo no estúdio. Ringo achava que um álbum duplo seria extravagante demais. Também afirmou que sempre achou o Álbum Branco melhor que Sgt Pepper's, pois sentiu mais a sensação de fazer parte do grupo novamente. Em Pepper havia orquestras e overdubs em excesso, segundo o baterista.

Após o seu lançamento o novo trabalho foi considerado um enorme sucesso. Foi o álbum duplo mais vendido da história até a aparição "Saturday Night Fever", dos Bee Gees em 1977. O famoso produtor de cinema, Steven Spielberg, declarou que não era fã dos Beatles até ouvir o Álbum Branco. Depois disso, ele se converteu imediatamente.

Havia um forte clamor por novas apresentações ao vivo dos Beatles, cujo último show tinha sido realizado há mais de dois anos, em 1966, em São Francisco nos EUA. No entanto, o agente de imprensa dos Beatles, Tony Barrow, declarou que a banda havia reservado uma data em dezembro de 1968 para um show no Royal Albert Hall, onde se apresentariam com a abertura de Jackie Lomax e Mary Hopkin, o que causou enorme furor entre os fãs dos Beatles. Além disso, o próprio Paul anunciou três 3 apresentações no Roundhouse Theatre em Londres para dezembro de 1968, nas quais tocariam uma grande parte das canções do novo álbum ao vivo, além de uma seleção de faixas mais antigas. Infelizmente, nenhuma dessas apresentações acabou ocorrendo, pois os outros membros da banda não quiseram participar, particularmente George e Ringo.

Posteriormente foi revelado que eles gravariam um especial de uma hora para a TV com o sorteio de 50 pares de ingressos para fãs da banda assistirem as gravações ao vivo no estúdio com os Beatles. Tal projeto também acabou sendo abandonado, em favor das sessões de filmagem sem plateia, que acabou resultando no filme/álbum/projeto "Let it Be".

Atualmente, mais de cinco décadas após o seu lançamento, o Álbum Branco continua resistindo ao teste do tempo. Na realidade, quanto mais o tempo passa, mais reconhecido e valorizado é por aqueles que tiveram o privilégio de presenciar a sua chegada e por várias gerações de fãs de música, produtores, músicos e admiradores em geral, pois há algo para todos os gostos ali. É a coleção mais abrangente de estilos no mundo do rock, com obras de qualidade atemporal, tendo um repertório extremamente diversificado, com letras brilhantes, execução musical primorosa e arranjos de primeira qualidade. Desde que eu o ouvi pela primeira vez fiquei encantando e se tornou meu álbum favorito de todos os tempos. É como um grande amigo, cuja

amizade permanece e se torna cada vez mais sólida. Tenho certeza de que o “Álbum Branco” ainda me trará muitas alegrias por muitos anos e despertará o amor pela boa música nas próximas gerações que tiverem contato com essa verdadeira obra prima que os quatro rapazes de Liverpool nos deixaram.

Beatles Forever!

BIBLIOGRAFIA

The Beatles as Musicians – Revolver through the Anthology, por Walter Everett

The Beatles – Todas as músicas, todas as letras, todas as histórias, por Steve Turner

The Beatles White Album and the launch of Apple – compilado por Bruce Spizer

Guitar World Magazine – Vol.32 no.13 – The Beatles on the Record

The Beatles in India – por Paul Saltzman

The Complete Beatles Recording Sessions – por Mark Lewisohn

The Beatles – The Biography – por Bob Spitz

The Unreleased Beatles – Music and Film – por Richie Unterberger

The Complete Beatles Chronicle – por Mark Lewisohn

The Best of the Beatles Book – editado por Johnny Dean

The Beatles – 10 Years that Shook the World – Mojo

Revolution in the Head – por Ian Macdonald

The Beatles – White Album Super Deluxe Edition

Beatlesongs – por William J. Dowlding

The Beatles Through Headphones – por Ted Montgomery

The Beatles Archive – por Ray Connolly

Abbey Road to Ziggy Stardust – por Ken Scott & Bob Owsinski

Um dia na vida dos Beatles – por Don McCullin

The Beatles Lyrics – editado por Hunter Davies

Do Rio a Abbey Road – por Lizzie Bravo

Sound Pictures – The Life of Beatles Producer George Martin – The Later Years 1966 – 2016, por Kenneth Womack

Here, There and Everywhere – por Geoff Emerick e Howard Massey

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS DO YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=_JbLsYoL3ug

https://www.youtube.com/watch?v=mvbs07wwBjo

https://www.youtube.com/watch?v=A8CivPhu0fw

https://www.youtube.com/watch?v=5mJYYVM-nj4

https://www.youtube.com/watch?v=zLKxhFIhsek

https://www.youtube.com/watch?v=IMQSTpxH9yI

https://www.youtube.com/watch?v=t1gngakVRNw

https://www.youtube.com/watch?v=JGnNQM_9q-w

https://www.youtube.com/watch?v=BTVFzVp1IQI

https://www.youtube.com/watch?v=JeFwaWFTGYU

https://www.youtube.com/watch?v=F0nRNxC1QhU

https://www.youtube.com/watch?v=SB3EcEfv6Lc

https://www.youtube.com/watch?v=BGLGzRXY5Bw

https://www.youtube.com/watch?v=uLRiGX3L-kw

https://www.youtube.com/watch?v=A_MjCqQoLLA

BLACK SABBATH - PARANOID

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO - 1970

PRODUZIDO POR – RODGER BAIN

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- OZZY OSBOURNE – VOCAL
- TONY IOMMI – GUITARRA, FLAUTA EM “PLANET CARAVAN”
- GEEZER BUTLER - BAIXO
- BILL WARD – BATERIA, PERCUSSÃO EM “PLANET CARAVAN”
- TOM ALLOM – PIANO EM “PLANET CARAVAN”

TODAS AS FAIXAS DE AUTORIA DE OSBOURNE/IOMMI/BUTLER/ WARD

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**WAR PIGS**
2	**PARANOID**
3	**PLANET CARAVAN**
4	**IRON MAN**
5	**ELECTRIC FUNERAL**
6	**HAND OF DOOM**
7	**RAT SALAD**
8	**FAIRIES WEAR BOOTS**

ORIGENS DO ÁLBUM

No final de 1969 e início de 1970, o Black Sabbath era uma banda cujos músicos ainda davam seus primeiros passos artísticos, com o objetivo de se tornarem verdadeiros profissionais. Provenientes de uma classe socioeconômica muito baixa, os integrantes da banda nunca tiveram grandes perspectivas educacionais ou até mesmo de vida.

Os quatro rapazes eram nativos da cidade de Birmingham, ao norte da Inglaterra, o berço original da Revolução Industrial e, justamente por isso, um dos pontos mais atacados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. A cidade foi verdadeiramente arrasada pelos bombardeios alemães, deixando grande parte dela em escombros que, futuramente, serviriam de áreas de lazer para os membros do Black Sabbath em suas infâncias, quando brincavam em meio às ruínas da guerra.

Seguramente, todo o ambiente pesado, industrial, sombrio e sem perspectivas contribuiu enormemente para a formação do som característico do Black Sabbath, que é considerada por muitos como a criadora do “Heavy Metal”, embora a própria banda não aceite ou reconheça tal título.

Ozzy Osbourne veio de uma família muito humilde, que não dispunha de condições de lhe dar uma boa educação. O fato dele ser disléxico ainda tornou a situação mais difícil para Ozzy, que praticava pequenos furtos, tendo inclusive passado algum tempo na prisão por tal motivo. Bill Ward também tinha origens muito simples, semelhantes às de Ozzy.

Tony Iommi perdera a ponta de dois de seus dedos no último dia de trabalho de uma fábrica que cortava chapas de metal. O acidente praticamente o arrasou e lhe roubou todas as esperanças de se tornar um músico profissional. Conseguiu vislumbrar um futuro na música apenas após ter sido apresentado a obra do belga Django Reinhardt, que havia sofrido um acidente terrível que havia lhe tirado praticamente o uso de dois dedos de sua mão, mas o que não o impossibilitou de se reinventar como músico e se tornar uma das maiores lendas da guitarra no jazz. Iommi se inspirou no mestre e conseguiu superar os obstáculos que a vida o havia apresentado e prosseguiu tocando guitarra, readaptando seu estilo musical.

Geezer Butler sempre foi muito interessado por todas as religiões, Deus, ocultismo e todos os assuntos relativos à espiritualidade. Grande parte de tal curiosidade veio pelo fato de ter nascido em uma família de origem irlandesa. Pensou até em se tornar padre, pois a religião era o que mais o fascinava, até descobrir o rock and roll. No entanto, sua

atração pela religião e o ocultismo nunca o deixou, servindo futuramente de inspiração para as letras da banda que formaria e o levaria a fama e ao estrelato.

Ozzy e Bill viviam juntos no mesmo pequeno apartamento. Eram tão pobres que só possuíam um par de sapatos. Quando um deles saía o outro tinha de esperar o regresso do amigo para poder sair também, pois compartilhavam o mesmo par de sapatos. No início da carreira, Ozzy costumava se apresentar descalço por tal motivo.

A banda sempre era mal-recebida onde quer que se apresentasse. Ninguém parecia entender o estilo musical deles nem as composições sombrias do Black Sabbath. Eram expulsos de bares, salões e qualquer outro lugar que tentassem se apresentar. O visual da banda também assustava o público mais conservador, que achavam que eles não passavam de alguns hippies sujos e pobres. A situação deles era tão difícil que não era incomum eles dividirem um único quarto em um hotel pulguento nas cidades onde conseguiam fazer alguma apresentação.

O Black Sabbath não tinha muitas escolhas: ou seriam membros de gangues locais, que cometiam delitos e brigavam com seus rivais ou se tornariam músicos, que era a única salvação para eles, que queriam fugir daquele mundo sombrio e pesado do qual faziam parte.

Pelo fato de serem músicos, conheciam outros profissionais na cidade que atuavam em bandas diferentes. Dois grandes amigos do Sabbath acabaram alcançando o sucesso e a fama antes deles: O vocalista Robert Plant e o baterista John Bonham, que foram convidados por Jimmy Page, que já era famoso na época devido ao seu trabalho nos Yardbirds e em estúdio, para formar uma nova banda, que se chamaria “Led Zeppelin”. Tal amizade perdurou por toda a carreira de ambas as bandas, mesmo após as duas se tornarem famosas.

O Black Sabbath lançou seu primeiro álbum em fevereiro de 1970, com pouca receptividade, embora tenham tido alguma execução nas rádio e conseguido se apresentar para um maior número de pessoas. Fizeram uma longa temporada de shows no lendário Star Club em Hamburgo, local que se tornou famoso pelas temporadas musicais dos Beatles no local no início dos anos 1960. No entanto, as condições de trabalho para o Black Sabbath eram duríssimas. Eles precisavam de fazer sete entradas de 45 minutos cada por noite, tocando exaustivamente a cada dia.

Em tais ocasiões, pelo fato de não terem repertório suficiente para tocarem por tanto tempo, começaram a compor novas canções e a criar solos individuais para preencher o tempo necessário a fim de poderem receber seu pagamento. Havia solos de bateria, baixo e

guitarra. Apenas Ozzy era poupado. Além disso, a maior parte do repertório dos dois primeiros álbuns da banda foi composto nessas condições precárias.

Mesmo após o lançamento do primeiro álbum, chamado simplesmente "Black Sabbath", a banda ainda sofria muita rejeição por parte dos críticos, que os odiavam. Tal atitude de "Nós contra eles" fortaleceu a banda, os deixando mais unidos do que nunca. Sabiam que eram diferentes de tudo e de todos, além de terem um som muito cru e agressivo. Ninguém parecia entender o Black Sabbath.

Os quatro rapazes ficaram fascinados com o sucesso do primeiro álbum de seus amigos do Led Zeppelin, pois os consideravam sua maior influência, e tentaram compor um material ainda melhor para o segundo álbum que gravariam. Passaram algumas semanas ensaiando em uma velha fazenda no País de Gales, onde finalizaram praticamente todo o repertório que seria gravado.

Na época a banda chegou a abrir um show do Pink Floyd, embora não os considerassem rivais, por possuírem estilos completamente diferentes. A banda que era a verdadeira rival do Sabbath era o Deep Purple, liderado pelo lendário Ritchie Blackmore, que seguia uma trilha de muito sucesso com o lançamento de seu álbum extraordinário "In Rock". Haviam lançado também um single que estourou nas paradas, chamado "Black Night". O próprio Sabbath teria em breve seu single para disputar as paradas com o Purple, usando a faixa título de seu novo álbum como instrumento para tal disputa.

O segundo álbum do Black Sabbath, que viria a ser chamado "Paranoid", foi gravado em apenas 5 dias. A banda estava muito entrosada e precisou de pouco tempo para registrar as faixas que, em sua maioria, já vinham sendo executadas ao vivo por eles por algum tempo. Grande parte do álbum foi composto na Suíça e Alemanha, onde a banda havia passado seis semanas tocando e improvisando após a gravação de seu primeiro álbum.

Cada membro da banda tinha sua função específica: Inicialmente, Tony criava os riffs de guitarra, acompanhado por Bill. Ozzy compunha as melodias vocais e, por fim, Geezer escrevia as letras, de forma que se encaixassem perfeitamente nas linhas criadas por Ozzy.

O guitarrista Tony Iommi era o criador máximo dos riffs da banda, que inspirava o surgimento das novas canções. O baterista Bill Ward era o responsável por dar os climas e andamentos das canções, tornando-as mais leves ou pesadas, de acordo com a letra da canção e o instrumental. O vocalista Ozzy Osbourne era o responsável por criar as linhas melódicas dos vocais e ser também a ligação da banda com as plateias, pois sempre fora uma pessoa muito carismática. Já o

baixista Geezer Butler era o responsável pelos temas e letras da banda, sempre escrevendo sobre o outro lado da vida, aquele da violência, guerra, morte, destruição e outros assuntos pesados, sempre relegados ao ostracismo pelo movimento hippie e flower power populares na época. Geezer era o sétimo filho de um sétimo filho. Tal situação, segundo lendas e o folclore antigo, dá a tal indivíduo um poder de visualizar sonhos e ter premonições reais sobre o futuro que, em grande parte dos casos, acabam se concretizando. Seria Geezer Butler então o visionário do Black Sabbath?

Ele sentia que devia abordar temas pesados pois, Bob Dylan, que era até então o porta voz de toda uma geração, estava passando por um período de reclusão. Alguém precisava cantar e escrever sobre o mundo real e todos aqueles temas que ninguém ousava discutir ou falar a respeito. O Black Sabbath, com as letras inspiradas de Geezer Butler, foi a banda que veio preencher tal lacuna.

O tema central do álbum “Paranoid” é o de que a humanidade está fadada a destruição, criando seu próprio apocalipse através da guerra, destruição de nosso planeta, drogas pesadas ou qualquer outra forma de aniquilação. Um dia, Ozzy perguntou a Geezer Butler: “Que diabos quer dizer “Paranoid”?

Originalmente o álbum seria chamado “War Pigs”. No entanto, devido ao fato da Guerra do Vietnã estar em pleno curso no momento e ser um tema altamente polêmico, particularmente nos EUA, a gravadora decidiu alterar o título no último instante, trocando-o por “Paranoid”, que foi o single lançado do álbum e que atingiu as paradas de sucesso.

Infelizmente, a foto da capa do álbum já havia sido feita, com um homem segurando uma espada partindo para o ataque, aludindo ao tema de “War Pigs”. Como a foto não foi substituída, há uma discrepância entre o título do álbum e a foto que ilustra sua capa. No entanto, isso não foi um obstáculo, pois “Paranoid” acabou se tornando o mais famoso de toda a história da banda, os lançando ao sucesso internacional e apresentando ao mundo um repertório de faixas clássicas do Black Sabbath que foram executadas até o encerramento oficial de suas atividades em 2017.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

War Pigs

O título original da faixa era “Walpurgis”, que representa o “Natal” dos satanistas. Segundo o letrista Butler, os verdadeiros satanistas são os generais e políticos que criam guerras para que ganhem dinheiro e os pobres sejam enviados para lutar e morrer por eles. Isso seria a melhor concepção do “Mal”.

A canção é um ataque frontal às guerras em qualquer parte, particularmente à do Vietnã, que na época ceifava milhares de vidas em todos os países dos quais nela participavam. O serviço militar obrigatório havia sido extinto há pouco tempo no Reino Unido, mas, devido ao prosseguimento indefinido da guerra no Vietnã e à pressão dos americanos, existia uma grande apreensão por parte da juventude britânica de que eles pudessem ser obrigatoriamente recrutados para lutarem juntamente com os americanos na Ásia.

Butler acusa os poderosos de usarem os pobres e humildes como peões em um jogo de xadrez, não se importando se tais pessoas morram nos conflitos criados por suas mentes diabólicas. Os políticos e generais sempre ficam a salvo, distante dos conflitos, enquanto a destruição se espalha por toda parte, deixando os rastros terríveis da morte, doença e aniquilamento da vida.

Na canção, ao chegar o dia do Juízo Final, Deus chama os “Porcos da Guerra” para serem julgados, mas esses se arrastam pelo chão, implorando perdão por seus pecados, enquanto Satã os espera gargalhando. Um final muito apropriado para aqueles que tanto sofrimento causaram à humanidade.

A faixa foi usada em incontáveis ocasiões para abrir os shows do Black Sabbath, especialmente por ela ser uma espécie de marca registrada da banda e, segundo os próprios músicos, ter todos os elementos necessários para dar início ao show de forma marcante e poderosa. Um verdadeiro clássico do Sabbath.

Paranoid

Ao terminarem a gravação do álbum “Paranoid”, o produtor e o engenheiro de som da banda se deram conta de que tinham pouco material gravado, o qual não era o suficiente para poderem lançar um álbum.

A banda já havia guardado seus instrumentos para deixarem o estúdio quando receberam o pedido de criarem mais uma canção para complementar o álbum. Decidiram sair para comer e beber em um pub próximo ao estúdio. Ao retornarem, Tony Iommi imediatamente

começou a tocar o riff marcante da canção. Bill Ward o acompanhou na bateria enquanto Ozzy cantou qualquer coisa para criar uma melodia vocal. Geezer Butler ficou vendo a cena e logo começou a escrever a letra da canção em seu caderno, seguindo a melodia estabelecida por Ozzy. Todo o processo levou aproximadamente 25 minutos. Em duas horas já tinham a nova faixa composta e gravada.

É realmente surpreendente que aquela que acabou se tornando a faixa mais famosa da história do Black Sabbath tenha sido criada tão rapidamente e de forma improvisada. Mas isso não é incomum na história do rock, pois outros grandes clássicos do rock foram compostos da mesma maneira, como “Black Night” do Deep Purple e, de certa forma, também “Lucky Man”, do Emerson, Lake and Palmer.

A banda ficou muito preocupada com a semelhança da faixa com a canção “Communication Breakdown” do primeiro álbum do Led Zeppelin. Posteriormente se deram conta de que elas eram diferentes entre si, embora ambas fossem muito pesadas e curtas em duração.

O tema principal abordado foi o problema da depressão enfrentado por Geezer Butler em toda sua vida, particularmente quando era mais jovem. Ele relatou que subitamente começava a se sentir mal, ficando impossibilitado de se comunicar com outras pessoas e estabelecer qualquer tipo de vínculos. Não conseguia se inserir nem fazer parte de grupos ou ter relacionamentos com quem quer que fosse. Tal problema o levou a ter dificuldades para ter namoradas e socializar com as pessoas em geral. Ele nos conta também que não podia ser feliz e ver as coisas que alegram as pessoas.

Sua depressão era tão intensa que muita gente achava que ele era louco, pois estava sempre com uma expressão ranzinza e fechada, afastando todos que tentavam se aproximar dele. Geezer se considerava incapacitado a sentir felicidade e amor. No final da canção ele pede que o ouvinte aproveite a vida, pois para ele é tarde demais.

A faixa foi lançada como single do álbum e acabou emprestando o seu nome para o segundo trabalho do Black Sabbath. Desde então passeou a ser considerada um grande clássico, sendo muito bem recebida pelos fãs. Assumiu a posição de canção final de todos os shows da banda até o fim de sua carreira.

Planet Caravan

Uma faixa bastante incomum e extremamente bela. Para sua criação, a banda se inspirou nos Beatles, que tinham a tradição de sempre criarem faixas muito diferentes em todos os seus álbuns. Ozzy, Geezer e Bill sempre foram grandes fãs do quarteto de Liverpool, nunca

negando sua influência musical.

Na faixa, Tony Iommi toca violão e flauta, um instrumento que ele havia adquirido recentemente, mas ainda não havia encontrado um veículo apropriado para fazer sua estreia no instrumento, até a criação desta linda e melancólica canção.

O engenheiro de som Tom Allom tocou piano nela em sua parte final. Bill Ward tocou uma delicada percussão, que adicionou um elemento muito especial e misterioso à faixa. Geezer Butler tocou baixo e compôs a letra, que nos conta sobre uma viagem interplanetária com seu amor, fugindo de todo o ódio no planeta Terra em busca de um lugar melhor para se viver com aqueles que amamos. Declarou em uma entrevista que estava cansado das canções de amor tradicionais, com todos os seus clichês habituais e decidiu fazer uma versão do tema seguindo a temática e o estilo característico do Black Sabbath, no que foi extremamente bem-sucedido.

Ozzy cantou e criou a melodia do vocal, que foi processado através do efeito tremolo na caixa rotatória Leslie, gerando um som misterioso e distante, como se ele estivesse realmente cantando a canção em um outro planeta.

Uma faixa muito inventiva, poética e que nos mostra toda a versatilidade dos membros do Black Sabbath, que sempre foi muito mais do que a maior banda de Heavy Metal da história, pois seus membros eram grandes músicos, fortemente inspirados pelo jazz e outros estilos musicais distintos que sempre trouxeram cores e texturas diferentes à obra da banda.

Iron Man

Um verdadeiro hino do Sabbath. A canção foi idealizada por Geezer com uma temática relativa à preservação do planeta, por incrível que possa parecer. A letra conta a história de um homem, o “Homem de Ferro” do título, que viaja para o futuro em alguma máquina do tempo. Ao chegar lá, consegue ver que o nosso planeta será destruído pela humanidade.

Ao visualizar tais imagens o protagonista fica horrorizado e decide voltar para os tempos atuais para alertar a humanidade sobre o trágico destino que a aguarda se prosseguir no caminho atual de destruição gradativa da Terra. No entanto, ao retornar, ele fica preso em um campo magnético, deixando-o completamente imobilizado e impedido de transmitir o seu aviso para a humanidade. As pessoas zombam dele, se perguntando se ele é algum tipo de louco. Depois passam a ignorá-lo. Tais atitudes levam o protagonista à fúria e, de alguma forma, ele consegue se libertar do campo magnético e acaba ele

mesmo arrasando o planeta, de uma certa maneira, consumando a "profecia" ou visão que ele mesmo havia tido ao viajar para o futuro.

Segundo a banda, não há nenhum paralelo com o personagem das histórias de quadrinhos e cinema, o Homem de Ferro, pois a banda só teria tomado conhecimento da existência do personagem anos depois da canção ter sido composta.

Em sua autobiografia, Geezer Butler declarou: "Iron Man" foi baseada em Jesus Cristo, a noção de que ele era um herói em um minuto e perseguido no seguinte. Mas em vez de perdoar seus perseguidores, em nossa canção ele busca vingança. Já vi tantas interpretações diferentes dessa música, poucas delas precisas.

O título da faixa foi dado por Ozzy ao ouvir o refrão incrivelmente pesado composto por Iommi. Imediatamente o vocalista disse que parecia o som de um "cara de ferro" andando por aí. O "cara de ferro" acabou se tornando o "homem de ferro" da canção, uma das faixas mais importantes de toda a carreira da banda, sendo executada em todos os shows e ansiosamente aguardada pelos fãs que sempre deliravam ao ouvir Ozzy gritando "I am Iron Man"!!!

Um detalhe curioso sobre essa canção é que Frank Zappa, que sempre fora um admirador da obra do Black Sabbath, declarou que essa era uma de suas faixas favoritas da banda, juntamente com "Supernaut" do álbum "Volume 4". Zappa considerava o riff de guitarra brilhante e a canção excelente.

Electric Funeral

Sem dúvida, a faixa mais assustadora do álbum. A canção começa com um riff de guitarra lento, com o efeito de Wah Wah, acentuando o clima sombrio e de medo que reina na canção. A letra nos conta sobre uma iminente explosão nuclear e o resultado de tal catástrofe, destruindo casas, rios, árvores e fulminando os seres humanos.

A descrição dos efeitos da radioatividade é perturbadora e nos faz questionar ainda mais como podem já ter sido empregadas tais armas para matar seres humanos, como aconteceu no Japão durante a Segunda Guerra Mundial.

Devemos nos lembrar que a canção foi escrita durante o auge da Guerra Fria, quando havia uma real possibilidade de um conflito nuclear entre os EUA e a União Soviética, especialmente depois do incidente dos mísseis soviéticos em Cuba em 1963. Toda uma geração que viveu durante essa época tinha o temor constante de que o mundo poderia desaparecer repentinamente, apenas com o apertar de um botão.

É uma faixa com uma mensagem pacifista, que nos mostra os absurdos

e horrores da guerra, nesse caso, nuclear. Mais um grito de protesto da banda contra a corrida armamentista e todos os conflitos armados no mundo, um tema recorrente na obra do Black Sabbath.

Até hoje, “Electric Funeral” é considerada uma das faixas favoritas pelos membros da banda.

Hand of Doom

Durante os primeiros anos da carreira da banda, eles tiveram a oportunidade de se apresentar em várias bases militares dos EUA na Alemanha e no Reino Unido, nas quais os soldados americanos que voltavam de suas missões no Vietnã passavam uma temporada para tentarem se recuperar dos horrores da guerra e, se possível, regressarem para casa com uma aparência menos assustadora e com um comportamento menos perturbado.

Geezer Butler teve longas conversas com os soldados que voltavam do Vietnã. Eles fizeram relatos horríveis das coisas que haviam feito e visto, histórias de emboscadas na selva e de assassinatos de camponeses. Geezer nunca havia escutado tais histórias, pois elas não eram divulgadas pela mídia da época. Tais histórias o inspiraram a escrever a letra de “Hand of Doom” e “War Pigs”.

Infelizmente, a grande maioria desses soldados, dentre os que ainda tinham tido a sorte de não morrerem em combate, retornavam da guerra completamente arrasados fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. Muitos deles haviam se viciado em drogas pesadas como o ópio e ácido durante o conflito, como uma válvula de escape para tentarem manter a sanidade em meio aos horrores presenciados diariamente por eles nos campos de batalha. No entanto, a heroína era a droga mais consumida e que, inevitavelmente, acabava levando seus usuários à morte.

A letra da canção nos conta os efeitos da droga que, inicialmente parece ser uma salvação, até que o usuário percebe que é tarde demais e que nunca mais conseguirá se livrar do vício, acabando por presenciar o seu corpo se decompondo e a morte se aproximando rapidamente. Ele nos conta sobre o trágico final daqueles que sobreviveram à guerra do Vietnã e das bombas de napalm, mas não resistiram às garras das drogas que não deixam suas vítimas escaparem da morte, como uma aranha que tece sua teia e ataca suas presas sem piedade, as devorando totalmente.

Rat Salad

A única faixa instrumental do álbum surgiu como uma oportunidade de o baterista Bill Ward mostrar sua habilidade musical.

Originalmente era executada em longas versões ao vivo, quando Ward chegava a tocar por até 45 minutos o seu solo, possibilitando que seus colegas de banda descansassem por algum tempo.

O Led Zeppelin havia lançado uma faixa semelhante em seu segundo álbum, chamada "Moby Dick", na qual o baterista John Bonham faz um solo extenso. O Black Sabbath quis fazer algo semelhante, com uma pequena introdução tocada pelo baixo e guitarra acompanhados da bateria antes que Ward pudesse seguir sozinho, mostrando sua forte influência jazzística.

Fairies Wear Boots

Uma das canções mais bizarras e queridas dos fãs. Nessa faixa, temos uma longa introdução instrumental de Iommi, que repentinamente muda o andamento da canção, conduzindo à parte cantada.

A letra foi inspirada em um incidente vivenciado pela banda após um show. Ao saírem do local da apresentação, os integrantes do Black Sabbath e um técnico de som foram cercados por aproximadamente 25 skinheads. Todos eles usavam longas botas Doc Marten, que eram úteis nas brigas constantes nas quais se envolviam.

Os skinheads pensaram que dariam uma surra nos músicos do Sabbath. No entanto, ficaram surpresos quando viram que eles eram muito bons de briga, particularmente Iommi, que praticava pugilismo. Ozzy pegou um martelo de algum lugar e deu uma paulada no ombro de um dos atacantes e Geezer Butler esfaqueou um outro com uma chave de fenda, e a banda atacou todos que apareciam na sua frente, em meio a uma enorme pancadaria na qual os agressores acabaram fugindo após apanharem do Black Sabbath.

A banda decidiu relatar tal acontecimento nessa faixa, ironizando os skinheads ao dizerem que eles eram "fadinhas", daí surgindo o título da canção: "Fadas usam botas". A letra foi composta por Ozzy, que também menciona o envolvimento da banda com as drogas, chegando a consultar o médico que lhe diz que ele foi longe demais pois ele só sabe viajar e fumar. Um relato real dos riscos corriqueiros que a banda corria ao se apresentar no início de sua carreira, quando eram agredidos e perseguidos com frequência por seu visual e som incomuns.

No entanto, o sucesso do álbum "Paranoid" fez com que esses tempos se tornassem lembranças distantes, pois agora o Black Sabbath havia atingido um novo patamar de sucesso e fama, os levando à lugares cada vez mais distantes, fazendo com que eles fossem bem recebidos e reconhecidos por sua obra tão inovadora e criativa.

O LEGADO DE "PARANOID"

Logo após o lançamento do álbum, a banda ficou na estrada quase que ininterruptamente por dois anos, entre 1970 e 1972. Nesse período eles atravessaram o Atlântico por seis vezes e fizeram suas primeiras apresentações nos EUA, onde foram muito bem recebidos e, à medida que a tour avançava, plateias maiores os aguardavam nas cidades seguintes.

Deixaram para trás o período do início da carreira, em que eram uma banda tão desprovida financeiramente que não tinham outra opção, a não ser ficarem hospedados nas casas dos fãs e saírem para comer e beber com eles. Essa proximidade direta com seus fãs e plateias estabeleceu fortes vínculos com aqueles que apreciavam o som e a proposta musical da banda, se tornando defensores e aliados dos músicos do Black Sabbath em sua jornada ao topo do mundo do rock and roll. Que se tornava fã nunca mais os deixava, além de passar a ajudar na divulgação do trabalho do quarteto de Birmingham.

O sucesso do single e álbum "Paranoid" foi tão grande que os levou até mesmo a se apresentarem no maior programa musical da TV Britânica da época, o "Top of the Pops". Ozzy ficou particularmente orgulhoso pois sabia que até mesmo seus pais assistiam tal programa e que eles ficariam surpresos ao verem seu filho participando dele. Segundo a banda, foi um momento inesquecível e um grande marco na carreira do Sabbath, que passou a ter uma maior penetração entre o público do país.

Geezer Butler sempre fez questão de enfatizar que suas letras eram muito sinceras e diretas, resultantes de suas observações sobre a sociedade e o mundo que o cercava. Nunca teve a intenção de pregar ideias ou valores para ninguém, nem encontrar respostas. Ele apenas constatava o que via e pensava, compartilhando suas opiniões com os ouvintes. Pelo aumento crescente da popularidade do Black Sabbath, ficou muito claro que muita gente concordava com suas ideias e que, finalmente, tais pessoas agora tinham uma banda que compunha temas sobre o mundo real, com todas as suas tragédias, misérias, dores e desilusões. Uma das maiores marcas do Black Sabbath foi ter deixado para trás a cultura hippie e do "Flower Power", mostrando aos ouvintes uma realidade muito mais sombria e assustadora.

Um dos maiores equívocos cometidos por parte de ouvintes da banda foi pensar que eles fossem satanistas. Não havia nada mais falso e distante da realidade do que tal concepção. Em inúmeras ocasiões e entrevistas os membros da banda declararam que não praticavam nem seguiam esse caminho. Geezer Butler afirmou que desde sempre se interessara pelas religiões, todas elas, e procurava ler muito sobre o

tema, assim como sobre magia branca e negra, ocultismo, e todos os temas relacionados aos assuntos espirituais. No entanto, isso foi por mera busca por conhecimento e curiosidade, jamais por ter a intenção de praticar qualquer ato maligno.

O Black Sabbath sempre recusou todos os convites para participar de eventos promovidos por satanistas, não querendo ter qualquer tipo de contato com tais pessoas, que interpretavam a mensagem e as letras da banda de forma completamente errônea. Justamente por esse motivo, uma vez não aceitaram um convite do Grão Mestre da Igreja Satânica da Inglaterra para participar de uma cerimônia. Por tal recusa, o satanista teria os amaldiçoado, lhes rogando uma praga. Para se protegerem de tal feitiço, passaram a usar permanentemente crucifixos metálicos criados especialmente para eles. Tais artefatos foram usados pela banda até o final de sua carreira.

Um momento engraçado envolvendo os satanistas e a banda ocorreu quando em uma ocasião Ozzy acordou de manhã no hotel no qual estava hospedado e, ao abrir a porta de seu quarto, se deparou com um grupo de satanistas sentados com muitas velas acesas, entoando cânticos malignos. Como não aguentava mais ser perseguido por tais grupos, que ele considerava totalmente malucos, Ozzy simplesmente se sentou no chão junto a eles, cantou parabéns e assoprou todas as velas, deixando os satanistas completamente atônitos com a afronta e ousadia do lendário e cômico vocalista do Black Sabbath.

Uma outra curiosidade sobre a banda é que, como mencionado anteriormente, sempre houve uma grande amizade entre os membros do Black Sabbath e do Led Zeppelin. Uma vez, houve uma reunião de praticamente todos os membros das duas bandas em um estúdio, na qual apenas Jimmy Page não participou. Segundo relatos de Bill Ward e Geezer Butler, eles teriam tocados clássicos do blues. Infelizmente não há nenhum registro gravado de tal encontro que seguramente foi um dos maiores da história do rock. Imaginem só ouvir gravações do “Black Zeppelin”!

Bill Ward relatou também que havia uma grande afinidade entre Robert Plant e Geezer Butler, e que eles tinham conversado várias vezes sobre a possibilidade de criarem um projeto paralelo juntos. Infelizmente tal plano acabou não se concretizando.

Alguns anos depois, quando o Sabbath estava gravando seu famoso álbum “Sabbath Bloody Sabbath”, ocorreu mais uma reunião com o Led Zeppelin. Desta vez, todos os músicos de ambas as banda participaram. Também não há registros gravados desse incrível encontro, embora haja rumores de que exista pelo menos uma gravação da faixa “Sabra Cadabra” com o baterista John Bonham tocando com o Black Sabbath. Vamos torcer para que algum dia tal

gravação seja tornada pública, pois seguramente seria do interesse de todos os fãs do Sabbath e do Led Zeppelin.

Com o passar dos anos, o Black Sabbath provou a todos que, além de ser uma banda inovadora e pioneira, estava à frente do seu tempo, abordando temas em suas canções como o pacifismo, a urgência do desarmamento nuclear, a luta contra as drogas pesadas e a importância da preservação do nosso planeta que, somente anos depois, seriam considerados temas centrais nas canções de outras bandas e de discussões na sociedade no mundo ocidental.

Hoje em dia, a banda é considerada a criadora de um estilo único, seguido por incontáveis outras bandas e artistas que encontraram no Sabbath sua fonte de inspiração. Até hoje músicos consagrados sempre mencionam a importância que a discografia do Sabbath teve em suas formações musicais, dentro das quais, o álbum “Paranoid” é um dos pilares mais sólidos. Uma obra inesquecível que deixou registrado para sempre, em letras maiúsculas, o nome da banda na história do rock: **BLACK SABBATH.**

Com um agradecimento especial à Eder Sandoli.

BIBLIOGRAFIA

Sabbath Bloody Sabbath – The Battle for Black Sabbath – por Garry Sharpe Young

Black Sabbath – Doom Let Loose – por Martin Popoff

Eu Sou Ozzy – por Ozzy Osbourne

Into the Void – From Birth to Black Sabbath and Beyond – por Geezer Butler

Iron Man – por Tony Iommi

Sabotage! Black Sabbath in the Seventies – por Martin Popoff

Black Sabbath – Paranoid – por Chris Wade

Black Sabbath – Song by Song – Steve Pilkington

Wikipedia

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS PARA O YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=K3b6SGoN6dA

https://www.youtube.com/watch?v=0qanF-91aJo

https://www.youtube.com/watch?v=SvrOzYtnLMA

https://www.youtube.com/watch?v=5s7_WbiR79E

https://www.youtube.com/watch?v=DwONREoWjBs

https://www.youtube.com/watch?v=eI4P--OYmrA

https://www.youtube.com/watch?v=xR6DcokpPR0

https://www.youtube.com/watch?v=u0w8WzcnzfI

DEEP PURPLE – MADE IN JAPAN

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO – 1972

PRODUZIDO POR - MARTIN BIRCH

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- TODAS AS CANÇÕES DE AUTORIA DE RITCHIE BLACKMORE, IAN GILLAN, ROGER GLOVER, IAN PAICE E JON LORD, EXCETO A FAIXA 10, DE AUTORIA DE ALBERT COLLINS E RICHARD PENNIMAN
- RITCHIE BLACKMORE – GUITARRA
- IAN GILLAN – VOCAL, GAITA E PERCUSSÃO
- ROGER GLOVER – BAIXO
- IAN PAICE – BATERIA
- JON LORD - TECLADOS

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**HIGHWAY STAR**
2	**CHILD IN TIME**
3	**SMOKE ON THE WATER**
4	**THE MULE**
5	**STRANGE KIND OF WOMAN**
6	**LAZY**
7	**SPACE TRUCKIN'**
8	**BLACK NIGHT**
9	**SPEED KING**
10	**LUCILLE**

DEDICATÓRIA

Esse capítulo é um pequeno tributo de minha parte ao tecladista Jon Lord, um dos fundadores do Deep Purple, que marcou profundamente a história do rock com seus teclados e órgão Hammond, com toda sua criatividade e brilhantismo musical. Seu legado viverá para sempre.

ORIGENS DO ÁLBUM

Em 1972 o quinteto inglês Deep Purple havia lançado seu sexto álbum de estúdio, “Machine Head”, o mais bem sucedido de toda sua carreira. A banda havia conseguido criar uma coleção impecável de grandes clássicos do rock pesado, que levara a banda ao ápice do universo musical dos anos 70. A demanda por shows do grupo era enorme em todo o mundo e a banda não parava de fazer tours incessantes pela América do Norte e Europa.

O processo contínuo de gravações em estúdio e tours pelo mundo estava levando a banda a um processo rápido de desgaste físico, mental e emocional de seus integrantes, que praticamente nunca tinham férias ou tempo livre para se recuperarem de suas atividades profissionais. Vários membros da banda já haviam sido hospitalizados por problemas de saúde. Nessas ocasiões ficavam até aliviados, pois eram as únicas pausas que conseguiam ter em meio à suas vidas tão agitadas.

Um dos países em que o Deep Purple sempre foi incrivelmente popular é o Japão. Seus álbuns tinham uma enorme vendagem por lá e o fã clube deles era imenso. Havia uma grande pressão da gravadora japonesa e dos promotores de shows locais para conseguirem finalmente levar a banda para sua primeira tour no país. Depois de um longo processo de negociação, finalmente foram agendados os primeiros shows da banda em território nipônico para agosto de 1972, sendo dois em Osaka e um em Tóquio.

A alegria e excitação dos fãs japoneses foi tão grande que em pouquíssimo tempo todos os ingressos disponíveis para as três apresentações se esgotaram. Sentindo que a tour seria um evento muito especial e memorável, sabiamente a gravadora japonesa propôs ao Deep Purple que os shows fossem gravados, para que posteriormente se lançasse um álbum ao vivo comemorativo, que seria disponibilizado apenas no Japão.

A banda não gostou da ideia e a recusou, pois achava que álbuns ao vivo eram úteis apenas para bandas em final de carreira. Além disso, também afirmavam que cada apresentação do Deep Purple era única e diferente (o que era verdade), sendo impossível criar um registro fiel do que era uma apresentação deles. A gravadora insistiu por muito tempo até que a banda concordou em realizar as gravações, desde que realizadas em equipamentos da melhor qualidade disponível e que o álbum fosse produzido por seu produtor habitual, que era da confiança do Deep Purple, o talentoso Martin Birch. Pensaram que essa seria uma ótima oportunidade de combaterem os produtores de álbuns pirata do Deep Purple, que gravavam seus shows de forma

caseira e os vendiam, pois havia uma enorme demanda por gravações ao vivo da banda, devido à sua reputação serem uma banda sensacional no palco. Na época, eles estavam se tornando os artistas com mais gravações piratas de shows de todo o mundo do rock. Eles precisavam lançar um produto oficial, de alta qualidade, para revidarem o ataque que estavam sofrendo. Assim, acreditava a banda, teriam um registro definitivo ao vivo do Deep Purple.

Essa foi uma das melhores decisões que a banda tomou em toda sua carreira pois, embora não soubessem disso na época, os shows realizados no Japão se tornariam históricos, com a banda se apresentando no auge de sua forma, brilhando, inspiradíssima e muito motivada pela recepção tão calorosa por parte de seus fãs japoneses, que os receberam no aeroporto de Tóquio com flores, presentes e faixas com o nome da banda. O fruto das gravações das três noites no Japão seria aquele que atualmente é considerado o maior e melhor álbum ao vivo de rock de todos os tempos: Deep Purple – Made in Japan.

ANÁLISE DO ÁLBUM – FAIXA A FAIXA

- **OSAKA – 15 de Agosto de 1972 – SMOKE ON THE WATER**
- **OSAKA – 16 de Agosto de 1972 – HIGHWAY STAR, CHILD IN TIME, STRANGE KIND OF WOMAN, SPACE TRUCKIN' e LUCILLE**
- **TÓQUIO – 17 de Agosto de 1972 – THE MULE, LAZY, BLACK NIGHT e SPEED KING**

Highway Star

O Deep Purple era uma banda que não tinha um setlist fixo para seus shows nos anos 70. A cada noite tocavam as músicas que escolhiam na hora, na sequência que decidissem no momento. Apenas uma coisa era certa: Highway Star era a canção de abertura de todos os shows. Ao ouvi-la sendo executada ao vivo logo entendemos o motivo para tal escolha. Essa é provavelmente a faixa mais querida de todos os fãs. Um verdadeiro hino do Deep Purple.

A banda simplesmente incendeia o palco desde o primeiro segundo. A plateia enlouquece à medida que Ian Paice começa a tocar a inconfundível batida da canção e, logo em seguida Ritchie Blackmore ataca sua guitarra com o riff marcante da canção. Os fãs japoneses já estavam conquistados por seus ídolos. Havia valido a pena a espera pelos shows dessa banda extraordinária.

A canção é tocada à toda velocidade, de forma apropriada para uma letra que menciona que o personagem é uma estrela da estrada, dirigindo seu veículo na velocidade máxima. O solo de guitarra dessa canção foi o único em toda a carreira do Deep Purple que Ritchie Blackmore compôs antes de entrar em estúdio, pois todos os seus outros solos eram improvisados durante as sessões de gravação. Blackmore sabia exatamente o que queria tocar e como o solo deveria ser. Além disso, foi muito inspirado pelo seu ídolo maior: J.S. Bach.

Após a saída de Blackmore, os incríveis guitarrista Steve Morse e Simon McBride, que substituíram o lendário "homem de preto" após sua saída em 1993, continuaram executando esse solo exatamente igual à gravação original pois, segundo eles, esse é um solo icônico e lendário, que é uma parte intrínseca da canção, e eles sempre fizeram questão de homenagear Blackmore por seu solo inesquecível.

Ian Paice também tem uma atuação extraordinária nessa faixa, tocando tudo que sabe na bateria em um ritmo frenético e contagiante. Ian Gillan apresenta seu vocal incrível, com sua voz em plena potência. Simplesmente avassalador!

Child in Time

Uma das canções mais diferentes e queridas da carreira da banda. O destaque aqui é a atuação fenomenal do vocalista Ian Gillan. Nessa época, ele era o maior vocalista de rock do mundo. Não foi à toa que quando Andrew Llloyd Weber criou o musical "Jesus Christ Superstar", que inicialmente foi um álbum antes de se tornar um dos maiores espetáculos de todos os tempos, o compositor escolheu ninguém menos que Ian Gillan para interpretar o papel principal, de Jesus Cristo. Em 1970, quando foi gravado tal álbum, ninguém tinha uma voz tão poderosa e com um alcance de agudos tão incrível quando o lendário vocalista do Deep Purple. Gillan chegou a receber também um convite para participar do musical no teatro, mas foi impedido devido aos compromissos ininterruptos do Deep Purple na estrada.

Em "Child in Time", Gillan criou uma letra vagamente inspirada pela Guerra Fria, um assunto muito em voga na época. Além disso, o acorde final da canção é uma homenagem aos Beatles, mais precisamente à canção "A Day in the Life", que também termina com um grande acorde tocado ao piano.

Ritchie Blackmore declarou em uma entrevista que Gillan era a única pessoa capaz de cantar "Child in Time" e que na canção ele havia atingido a melhor interpretação de sua carreira.

Na gravação ao vivo, Gillan novamente mostra toda sua potência vocal e alcance de agudos inacreditável. A banda toca à toda velocidade, com solos brilhantes de Jon Lord e Ritchie Blackmore até o momento em que tudo para, em uma sincronia perfeita, e a canção recomeça. Realmente um dos pontos altos não só de "Made in Japan", mas de toda a carreira dessa banda extraordinária.

Smoke on the Water

Embora não seja a melhor canção da banda, seguramente é a mais famosa de todas. Na realidade, é uma das mais conhecidas de toda a história do rock. Em várias votações entre fãs, críticos e músicos de rock, "Smoke on the Water" foi eleita como tendo o riff de guitarra mais memorável do rock, criado pelo genial guitarrista Ritchie Blackmore.

A canção foi lançada originalmente no álbum "Machine Head", mas a gravação que fez com que ela explodisse nas paradas de sucesso em todo mundo foi essa, ao vivo, do álbum "Made in Japan".

Blackmore começa tocando o riff lendário sozinho, acompanhado apenas pelas palmas da entusiasmada plateia japonesa, até que cada um dos instrumentos entra para acompanhá-lo.

A história dessa canção é uma das mais famosas da história do rock, mas não custa nada contá-la novamente aqui. O Deep Purple havia decidido gravar o seu álbum novo, que se tornaria o clássico "Machine Head" em Montreux, na Suíça. O produtor de eventos musicais local, Claude Nobs, que depois também criou o renomado Montreux Jazz Festival, encontrou um lugar apropriado para a banda gravar. O local escolhido foi o Casino de Montreux, que tinha apenas mais um concerto agendado em sua programação, com Frank Zappa sua banda The Mothers of Invention. Depois disso, o espaço ficaria liberado para o Deep Purple realizar suas gravações. Infelizmente, na noite do show de Zappa, um membro da plateia lançou um sinalizador dentro do Casino de Montreux, que gerou imediatamente um enorme incêndio. Felizmente ninguém morreu, mas o espaço ficou inutilizável para os fins de gravação do novo álbum do Deep Purple. Claude Nobs conseguiu encontrar um hotel que estava fechado durante o inverno e convenceu os proprietários a o alugarem para o Deep Purple, que acabou gravando seu álbum mais famoso nos corredores e quartos do hotel.

Ao voltarem para o seu hotel, após o incêndio do Casino, Roger Glover viu a imagem da fumaça sobre o lago Genebra. Tal imagem o marcou tanto que ele sonhou com o título da canção, "Smoke on the Water". Juntamente com seu parceiro de longa data, Ian Gillan, escreveram a letra detalhando a incrível história do incêndio e de como eles acabaram gravando a canção pelos corredores e quartos do hotel. O resultado foi a canção que todos nós conhecemos e que se tornou um verdadeiro hino do Deep Purple.

Um dia, Blackmore e Paice estavam sozinhos no estúdio. O guitarrista pediu que o baterista tocasse uma batida ou ritmo que nunca tivesse sido usado anteriormente em uma canção da banda. Então Paice iniciou a batida que todos nós conhecemos e, imediatamente Blackmore começou a tocar o lendário riff de guitarra, inspirado pela forma medieval de se tocar instrumentos de corda, usando quartas paralelas. Blackmore sempre foi um grande apreciador da música medieval e da renascentista também. Ele declarou que já conhecia essas músicas de vidas passadas, de outras encarnações, pois a intensidade da emoção que elas lhe transmitem são muito grandes. Seu amor por tal estilo musical se comprovou no final da década de 90, quando decidiu encerrar definitivamente suas atividades com sua banda pós-Deep Purple, o Rainbow, para se dedicar exclusivamente a seu projeto conjunto com sua esposa, Candice Night, batizado de "Blackmore's Night", no qual compõem e tocam canções inspiradas pela época medieval e renascentista, com uma forte influência de música clássica.

The Mule

Uma canção do álbum “Fireball”, do qual apenas Ian Gillan gostou, considerando o mesmo seu álbum favorito em sua carreira no Deep Purple.

Essa é uma canção na qual o destaque é para o maravilhoso baterista Ian Paice, na qual ele executa um padrão rítmico em sua bateria inspirado em Ringo Starr, na canção “Tomorrow Never Knows” do álbum “Revolver”, dos Beatles. Sua precisão na bateria é tanta que parece que ele está executando um “loop” gravado.

Paice declarou que ele é um grande fã de Ringo Starr e que ele é um dos bateristas do rock que menos teve o devido reconhecimento, pois sua técnica era primorosa, sendo um baterista muito talentoso.

A letra composta por Gillan foi inspirada em um personagem da obra do escritor Isaac Asimov. Ao vivo, o vocalista costumava apresentar a canção como sendo sobre “Lúcifer e alguns de seus amigos”. No entanto, Ian Paice acredita que parte da letra tenha sido escrita sobre ele mesmo, pois há um trecho em que Gillan descreve o ponto de vista de Paice, sentado na bateria, como ele vê o palco e os outros membros da banda.

Na gravação ao vivo, Ian Paice dá um show na bateria, fazendo um solo magistral, mostrando todo o seu virtuosismo e porque é considerado até hoje com um dos melhores bateristas da história do rock. Uma verdadeira lenda viva.

Strange Kind of Woman

Mais uma canção muito popular da banda, sempre executada de forma brilhante pelos músicos. Um dos pontos altos de todas as apresentações, quando Blackmore e Gillan sempre faziam um “duelo” entre a guitarra e o vocal. Cada um criava uma frase musical na hora e o outro tinha de repeti-la imediatamente. O “duelo” nunca era igual, mudando de show para show. Nem os próprios músicos sabiam qual seria a duração dele nem quais seriam as frases musicais.

A letra da canção conta a história de uma prostituta, que o protagonista tentava conquistar, sem sucesso, até que um dia ele consegue, eles se casam e, logo em seguida, a mulher morre. Gillan disse que a história é real e que teria acontecido com um amigo dele, o levando a escrever a letra da canção.

Jon Lord não participou da criação da canção, mas, ainda assim, seu nome apareceu nos créditos, gerando insatisfação nos outros integrantes da banda que, efetivamente, participaram da criação dessa faixa tão famosa na carreira do Deep Purple.

Gillan declarou em uma entrevista que sempre teve a certeza de que o

Deep Purple era basicamente uma banda instrumental, liderada por três virtuosos em seus respectivos instrumentos: Blackmore na guitarra, Lord nos teclados e Paice na bateria. Ele e Glover não seriam virtuosos, mas sim letristas e compositores que complementavam o trabalho dos outros três grandes músicos.

Gostaria de fazer aqui uma breve análise da personalidade do membro mais emblemático e marcante de toda a carreira do Deep Purple: o misterioso e temperamental guitarrista Ritchie Blackmore.

Ao ser perguntado se Blackmore era assim tão difícil de trabalhar como dizem as lendas a seu respeito, Jon Lord afirmou: “Ritchie é como um pitbull. Ele pega algo e não solta mais. Ele tem uma visão sobre o que ele quer e ele luta por isso até conseguir o que quer. Raramente ele erra, mas se ele erra, é o primeiro a admitir isso com a maior graciosidade. No entanto, até que provem que ele está errado, ele não cede. Eu o adoro do jeito que ele é. Ele não toca guitarra de uma forma convencional. Ele tem uma maneira estranha de ver as coisas. Usa acordes diferentes que a maioria dos guitarristas jamais pensou em usar, pois ele é um músico tão peculiar que eu sempre tenho que estar alerta. Blackmore tem um valor inestimável. Ele sempre foi e sempre será assim. Ele é a faísca que acende o Deep Purple. É o músico que dá origem às canções e cria os riffs. Eu não consigo competir com ele nesse nível.”

Roger Glover declarou que: “A presença de Blackmore paira sobre praticamente tudo. Ele está sempre buscando por algo que desperta o seu interesse e eu acho que nem ele saiba o que é. Ele é um guitarrista extraordinário, uma daquelas pessoas que Deus apontou um dedo e disse: “Você terá um dom que ninguém mais no mundo terá”. Talvez ele não consiga lidar com o fato dele mesmo ser tão talentoso”.

Ian Paice afirmou que: “Blackmore nunca teve medo de ir até a beira do abismo. Ele sempre chegava até lá, mas nunca caía. Com ele, tudo era imprevisível, nunca sabíamos o que aconteceria. No entanto, isso era muito excitante ao vivo, pois nós nunca nos repetíamos, ficávamos sempre ansiosos para descobrir o que aconteceria naquele show.”

Até mesmo o baixista e vocalista Glenn Hughes, que substituiu Roger Glover quando este deixou o Deep Purple, fez comentários semelhantes: “O palco do Deep Purple era um lugar perigoso e excitante ao mesmo tempo. Isso se devia ao Blackmore. Essa é a forma que o rock and roll deve ter”.

Muito da fama de Blackmore não vem apenas do seu gênio musical, mas do seu comportamento excêntrico. Ele nunca permitiu que nenhum outro membro da banda “invadisse” o seu território no palco. Ele criou uma linha imaginária no palco, a ser traçada a partir do

bumbo da bateria de Ian Paice. Todo o terreno do lado esquerdo do palco seria exclusivo dele. O restante do palco seria dividido entre os outros integrantes da banda. Em várias ocasiões ele ameaçou o vocalista Gillan que, distraidamente, entrou no "território proibido", quase levando o guitarrista a quebrar seu instrumento na cabeça de seu grande rival na banda.

Um outro episódio muito interessante, ainda relacionado com a eterna rivalidade entre Blackmore e Gillan, pois ambos queriam ser os líderes da banda, sem concessões ao outro, ocorreu assim que o vocalista foi contratado pelo Deep Purple. Blackmore disse a Gillan: "Quero que você saiba que não é nada pessoal, mas é importante que você tenha conhecimento que em todos os shows eu farei de tudo para detonar você no palco". Gillan respondeu: "Então eu farei o mesmo com você". Blackmore então finalizou dizendo: "Ótimo! Então nós teremos uma grande banda!". A lógica do guitarrista e verdadeiro líder da banda era que era necessário haver conflito e tensão na banda, especialmente ao vivo, para que a criatividade dos músicos fosse aguçada e cada show fosse único. Os resultados de tal estratégia eram reais. No entanto, o preço que pagaram por isso foi alto, pois o relacionamento entre os dois só piorou com o passar dos anos, chegando ao ponto em que eles não se suportavam mais, deixando de se comunicar e se encontrar, exceto na hora do show.

Lazy

Ian Paice declarou: "O Deep Purple não deveria ter dado certo nunca. Nós éramos cinco egomaníacos, mas havia uma química mágica entre nós que nos permitia criar coisas muito boas. Nós tínhamos muita liberdade para improvisar e fazer exatamente o que queríamos. A plateia sentia a nossa química. Havia uma verdadeira telepatia entre os membros da banda. Era realmente uma banda muito excitante de se fazer parte.

Sobre os ensaios, afirmou: "Nós nunca ensaiamos muito. Nós ensaiávamos ao vivo, no palco. Nós não sabíamos o que iria acontecer quando tocávamos. Tinha que ser no momento. Nós tivemos muita sorte em termos conseguido registrar aqueles shows no Japão".

O fato se torna ainda mais surpreendente se considerarmos que todas as gravações de "Made in Japan" foram totalmente gravadas ao vivo, sem qualquer gravação corretiva posterior em estúdio. O que ouvimos no álbum foi exatamente o que aconteceu nos shows. Isso é cada vez mais raro, especialmente no mundo de hoje, em que a maioria dos álbuns ao vivo é, na realidade, gravado em estúdio, apenas com o som da plateia adicionado posteriormente na mixagem. Com o Deep Purple tudo é real, orgânico, intenso e muito vibrante.

Lazy surgiu de um ritmo de bateria criado por Ian Paice. Originalmente era uma faixa instrumental, na qual Blackmore e Lord usaram todas as suas habilidades musicais e influências de blues e jazz para criarem uma das melhores canções de toda a carreira do Deep Purple. Gillan cantou a letra de forma perfeita, com muita intensidade e seus gritos característicos, além de tocar uma gaita que acentua ainda mais o tom blueseiro da canção.

Ao vivo, Lazy sempre foi um momento para solos de teclado de Jon Lord, que exibia suas influências de música clássica, sempre improvisando solos e temas até a entrada de Blackmore com o riff marcante da canção.

Space Truckin´

Ian Gillan definiu essa faixa como sendo uma canção de viagem pelo universo. O riff de teclado de Lord é muito marcante e conduz toda a banda nessa faixa que costumava ser a última dos shows, antes do bis. Ao vivo costuma ser muito mais longa do que sua versão de estúdio. No vinil de "Made in Japan", Space Truckin' ocupa o lado 4 inteiro, com mais de 19 minutos de duração. Há um longo solo de Blackmore, que mostra sua grande habilidade no uso do botão de volume da guitarra, criando um efeito muito belo e sutil. Ele já havia usado tal recurso na gravação de estúdio da faixa "No No No", do álbum Fireball. Nessa gravação, ele estende seu improviso, sempre acompanhado pela fiel e marcante bateria de Ian Paice, a pulsação do baixo de Roger Glover e o teclado discreto de Jon Lord.

Nessa época, o Deep Purple havia sido incluído no Livro de Recordes do Guinness por ser a banda que tocava em volume mais alto. Tal título foi dado ao quinteto após um show no Rainbow Theater em Londres, em 30 de junho de 1972, quando sua apresentação atingiu inacreditáveis 117 decibéis.

Black Night

Mais um daqueles riffs incendiários e marcantes. A banda estava no estúdio gravando o álbum "In Rock", quando um produtor entrou na sala de gravação e fez a seguinte "revelação" à banda, que ainda lutava para ser amplamente reconhecida pelo público e ter um sucesso de venda. "O que vocês precisam é de um single de sucesso!". Esse foi o comentário óbvio feito, que irritou profundamente Blackmore. A banda passou o dia no estúdio tentando criar o tal sucesso. Depois de horas, foram para o pub beber algumas cervejas. Ao retornarem ao estúdio, Glover e Blackmore criaram o riff clássico da canção. Os outros se juntaram a eles e compuseram suas respectivas partes. Glover batizou a canção de Black Night e, juntamente com Gillan,

compôs a letra a ser cantada. Esse foi o primeiro grande sucesso do Deep Purple, que recebeu elogios até mesmo do vocalista do Black Sabbath na época, Ozzy Osbourne, que gostou muito da canção.

Black Night foi um marco na carreira do Purple. Segundo Glover, após o lançamento da canção, a imprensa começou a cobrir tudo que faziam, os shows começaram a aparecer, assim como as plateias, que só aumentavam a cada dia.

Ao vivo, Black Night sempre foi muito bem recebida, sendo uma das canções favoritas dos fãs, que batiam palmas e cantavam a melodia do riff. Nos show do Japão, é um dos pontos altos das apresentações, com a banda tocando com toda a energia essa que geralmente era a primeira canção do bis. Ao ouvirmos a gravação é impossível não nos sentirmos contagiados pelo entusiasmo da banda e da plateia. Sensacional!

Speed King

Essa foi a primeira canção que a banda compôs logo após a entrada de Ian Gillan e Roger Glover no Deep Purple. Eles a criaram no primeiro ensaio que fizeram, tendo sido inspirados pela canção “Fire”, de Jimi Hendrix. O incrível riff de Speed King foi criado pelo talentoso baixista e compositor, Roger Glover.

Ao vivo, a canção se tornava ainda mais agressiva e veloz do que sua versão de estúdio, sendo realmente incendiária. A plateia enlouquecia juntamente com a banda, que mostrava todo seu virtuosismo, energia e paixão, conduzindo o show à um ápice.

Blackmore e Lord fazem duelos entre si, trocando frases com forte inspiração de blues e jazz. O Deep Purple sempre foi uma banda de músicos brilhantes, com toques dos mais diferentes estilos musicais, pois cada um dos membros trazia suas próprias influências que, todas misturadas, criavam o som único da banda.

Lucille

Para encerrar o show, nada melhor do que um dos grandes clássicos dos primórdios do rock, composto pelo lendário pianista e vocalista Little Richard, uma forte influência em todos os músicos que iniciaram suas carreiras nos anos 60, como os Rolling Stones, Beatles, Led Zeppelin e tantos outros.

Ian Gillan usa toda sua potência vocal e seus incríveis agudos para interpretar esse sucesso de um dos seus ídolos, sendo acompanhado de forma impecável por seus companheiros de banda, que parecem estar se divertindo muito tocando essa música que fez parte da formação musical de todos eles.

No final do show, a plateia não consegue acreditar que acabara de presenciar um dos shows mais marcantes e memoráveis de toda a história do rock. Felizmente, “Made in Japan” havia sido registrado para a eternidade.

O LEGADO DE “MADE IN JAPAN”

A reação da banda às gravações realizadas no Japão foi variada. Ian Paice e Roger Glover se envolveram profundamente com elas, participando ativamente das sessões de mixagem do álbum ao vivo.

Ian Gillan e Ritchie Blackmore se recusaram a ouvi-lo, afirmando que álbuns ao vivo não são do interesse deles, sendo artefatos do passado.

Ian Paice e Jon Lord consideram que “Made in Japan” é o melhor álbum de toda a longa carreira do Deep Purple, conseguindo capturar toda a energia e virtuosismo da banda em seu habitat natural: o palco.

Jon Lord afirmou: “O que eu sempre achei que era a melhor coisa no Purple, e uma das razões pelas quais eu tenho tanto orgulho da banda, é que ao vivo nós somos muito melhores do que nosso material gravado em estúdio. O Purple sempre foi uma banda de tocar ao vivo e eu não acho que nós tenhamos sido particularmente ótimos em estúdio. Então, “Made in Japan” felizmente conseguiu capturar aquela energia incrível e ainda vende tanto até hoje por causa disso. É um dos álbuns ao vivo mais vendidos da história e eu acho que é também um dos que tiveram uma gravação de primeira qualidade”.

Como havia sido planejado anteriormente, o álbum inicialmente só foi lançado no Japão. No entanto, várias cópias foram exportadas para a Europa e foram recebidas com entusiasmo pelos fãs da banda, considerando as gravações excelentes. O mesmo acabou se dando nos EUA e em vários outros países do mundo, até que a gravadora finalmente decidiu lançar o álbum em todo o mundo, que acabou se tornando um grande sucesso de vendas e passou a ser considerado o maior álbum ao vivo da história do rock.

Muitas outras bandas tentaram seguir o caminho do Deep Purple, tentando lançar um álbum ao vivo de suas apresentações. No entanto, nenhuma delas conseguiu superar a qualidade desse clássico gravado no Japão. Nem mesmo o próprio Deep Purple conseguiu superar “Made in Japan”, embora tenha lançado incontáveis álbuns ao vivo ao longo de décadas, sendo a maioria deles muito boa, mas nunca chegando a igualar a magia que foi registrada nos três primeiros shows da banda no Japão em 1972.

Em 1973, a formação clássica do Deep Purple (Ritchie Blackmore, Ian Gillan, Roger Glover, Ian Paice e Jon Lord) terminou, com a saída de Gillan e Glover, que foram respectivamente substituídos por David Coverdale e Glenn Hughes. O Deep Purple prosseguiu lançando grandes álbuns, mas nada tão bem-sucedido quando o material gravado pela formação clássica da banda. Em 1984, os cinco integrantes se reuniram novamente para a gravação de um novo

álbum, chamado “Perfect Strangers”, que foi muito bem recebido pelo público, levando a banda a esgotar os ingressos em todos os lugares onde se apresentaram. A separação definitiva dos 5 cinco integrantes se deu em 1993, quando Blackmore deixou a banda pela última vez, tendo sido seguido por Lord em 2002, que veio a falecer em 2012.

MEU ENCONTRO INUSITADO COM A BANDA

Eu tive a oportunidade de assistir à formação clássica do Deep Purple uma única vez, durante a tour "The Battle Rages On" em Paris, no dia 19/10/93. Foi simplesmente fantástico ver os cinco músicos fazerem um show brilhante, todos em plena forma física e musical. Algo impressionante foi o volume ensurdecedor da apresentação. Acredito que nessa época a banda ainda fosse a que tocava com o volume mais alto ao vivo, pois eu voltei para casa com meus dois ouvidos zumbindo. Passei dois dias assim até que, finalmente, minha audição voltou ao normal. Apesar do susto, valeu muito cada segundo a apresentação inesquecível desses grandes artistas, os quais eu sempre sonhara em ver ao vivo.

No entanto, pouco mais de dois anos antes, mais precisamente no dia 24/08/91, eu tive a oportunidade de assistir o meu primeiro show do Deep Purple, em sua primeira tour no Brasil, no Ginásio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Infelizmente nessa época Ian Gillan havia sido expulso da banda e, em seu lugar, estava o vocalista Joe Lynn Turner, que havia sido companheiro de Blackmore e Glover no Rainbow. O show foi muito bom, mas a melhor parte ocorreu após a apresentação, quando encontrei a banda pessoalmente, ainda que rapidamente.

Após o show ter sido encerrado, decidi que tentaria ver os músicos do Purple de perto, ao saírem do camarim para irem para o hotel. Fiquei esperando na parte de trás do ginásio, com mais umas 10 pessoas que tinham o mesmo intuito. Com o passar do tempo, foram ficando ainda menos pessoas, provavelmente umas 3 ou 4. Me recordo que o primeiro a aparecer foi o então vocalista Joe Lynn Turner, que passou por nós rapidamente, mas uma cara não muito simpática, de forma que ninguém o abordou.

Logo em seguida, saiu Jon Lord, que foi tão veloz que, quando nos demos conta, ele já estava dentro do carro e indo para o hotel. Na sequência, saíram Ian Paice e Roger Glover, que foram muito atenciosos e pararam para autografar os ingressos dos poucos fãs que estavam ali, incluindo o meu. Conversaram rapidamente conosco, mas não fizeram fotos, pois não havia celulares na época e era difícil carregar uma máquina fotográfica para os shows, pois geralmente elas eram apreendidas pelos seguranças. Ficamos muito ansiosos, pois agora só faltava a saída do Ritchie Blackmore, quem eu mais gostaria de ver de perto. Se por um lado, estava feliz com a expectativa de vê-lo, por outro, estava com muito receio, devido às histórias que sempre ouvi e li sobre o comportamento imprevisível do lendário guitarrista. Nesse momento só havia eu e mais um outro rapaz aguardando a saída de Blackmore.

De repente ele apareceu saindo do camarim, com duas garrafas de vinho branco alemão nas mãos. Eu e o outro rapaz ficamos apenas olhando. Para a nossa completa surpresa, quando ele chegou exatamente aonde nós estávamos, deu de presente uma garrafa para o rapaz que estava comigo e, se virou e olhou nos meus olhos e me deu a outra garrafa, sem dizer nada, e entrou no carro que o aguardava e foi para o hotel. Eu e o rapaz ficamos olhando um para o outro, completamente incrédulos e pensando: “Será que isso realmente aconteceu? Será que nós realmente acabamos de ganhar uma garrafa de vinho branco alemão das mãos do próprio Ritchie Blackmore?”. Até hoje me lembro desse noite inesquecível como muita satisfação, pois o Deep Purple sempre me trouxe tanta alegria e bons momentos com a sua música que eu jamais imaginei que um dia pudesse ter uma experiência tão incrível assim com o guitarrista e fundador da banda. Algumas vezes os sonhos se realizam.

BIBLIOGRAFIA

Ian Gillan – The Autobiography of Deep Purple´s singer, por Ian Gillan

Glenn Hughes – The Autobiography – from Trapeze to Black Country Communion, por Glenn Hughes e Joel McIver

Ritchie Blackmore – Black Knight, por Jerry Bloom

Gettin' Tighter – Deep Purple 68-76, por Martin Popoff

Deep Purple – A Matter of Fact, por Jerry Bloom

Smoke on the Water – The Deep Purple Story Updated Edition, por Dave Thompson

Deep Purple – Uncensored on the Record, por Jerry Bloom

DVD/Blu Ray – The Ritchie Blackmore Story

DVD – Deep Purple – Machine Head – Classic Albums

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS PARA O YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=UAKCR7kQMTQ

https://www.youtube.com/watch?v=4wAPTsjhrjM

https://www.youtube.com/watch?v=ikGyZh0VbPQ

https://www.youtube.com/watch?v=DE_oi-mhOA8

https://www.youtube.com/watch?v=Ub73Wkbyzzw

https://www.youtube.com/watch?v=KnIgXtE4K5U

https://www.youtube.com/watch?v=9wv1ij7KxWc

https://www.youtube.com/watch?v=rZXhZ6Wejqc

https://www.youtube.com/watch?v=10zbW-mK2x4

https://www.youtube.com/watch?v=LLK_EWNx2MQ

GENESIS – A TRICK OF THE TAIL

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO - 1976

PRODUZIDO POR - DAVID HENTSCHEL

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- TONY BANKS – PIANO, SINTETIZADOR, ÓRGÃO, MELLOTRON, BACKING VOCALS, VIOLÃO DE 12 CORDAS
- STEVE HACKETT – GUITARRA, VIOLÃO DE 12 CORDAS
- MIKE RUTHERFORD – BAIXO, PEDAIS TAURUS, VIOLÃO DE 12 CORDAS
- PHIL COLLINS – BATERIA, PERCUSSÃO, VOCAL E BACKING VOCAL
- FAIXAS 4 E 7 – AUTORIA DE BANKS
- FAIXA 2 – AUTORIA DE BANKS E HACKETT
- FAIXAS 3 E 6 – AUTORIA DE BANKS E RUTHERFORD
- FAIXA 5 – AUTORIA DE BANKS E COLLINS
- FAIXAS 1 E 8 – AUTORIA DE BANKS, COLLINS, HACKETT E RUTHERFORD

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**DANCE ON A VOLCANO**
2	**ENTANGLED**
3	**SQUONK**
4	**MAD MAN MOON**
5	**ROBBERY, ASSAULT AND BATTERY**
6	**RIPPLES**
7	**A TRICK OF THE TAIL**
8	**LOS ENDOS**

ORIGENS DO ÁLBUM

Uma das coisas mais difíceis que uma banda às vezes precisa fazer é encontrar um substituto à altura de um vocalista que tenha deixado a banda. Não basta que o novo membro cante bem. É necessário carisma, presença de palco e, acima de tudo, a aceitação dos fãs da banda. Caso contrário, provavelmente a banda não terá um futuro e precisará encerrar suas atividades.

Esse era exatamente o cenário no qual se encontrava o Genesis no final de 1975, quando seu talentoso e carismático vocalista, Peter Gabriel, decidiu deixar a banda para iniciar sua carreira solo. Na mente dos fãs, críticos musicais e jornalistas, Gabriel era o líder da banda, pois ao vivo, ele realmente era o ponto focal das apresentações, com suas máscaras, fantasias, histórias bizarras que contava à plateia e, sobretudo, por sua grande presença de palco.

Quando foi divulgada a notícia de que Gabriel havia deixado o Genesis, imediatamente a banda foi considerada sem condições de prosseguir por todos, exceto por seus membros e pelo ex-vocalista, que conhecia o talento de seus ex-companheiros musicais.

Os membros do Genesis não gostaram da reação da imprensa, crítica e fãs ao presumirem que a banda estaria morta após a saída de Gabriel. Eles sabiam que ele era um membro fundamental ao vivo. No entanto, no estúdio, ele era apenas um dos cinco compositores. Todos os outros integrantes compunham e tinham grande importância no processo de criação dos álbuns da banda, particularmente Tony Banks, que sempre foi o principal compositor do Genesis.

Por tal motivo, a banda passou a incluir apenas o nome dos músicos que efetivamente haviam composto determinada canção, abandonando o acordo que haviam feito anteriormente de que todas as faixas seriam creditadas aos cinco integrantes do grupo. Assim, pensaram os membros, ficaria clara a contribuição de cada um individualmente, justamente para evitar a suposição de que Gabriel era o autor de todas as canções.

Segundo Hackett, “É muito irônico que Peter disse algumas vezes que nenhum de nós era insubstituível.”. O ex-vocalista sempre acreditou que eles se sairiam bem em qualquer combinação simplesmente porque eles eram um grupo de excelentes compositores e, no final das contas, são as canções que realmente importam, que trazem o sucesso e longevidade para qualquer artista.

O guitarrista Steve Hackett aproveitou o tempo livre disponível para gravar seu primeiro álbum solo, o qual teve a participação de Mike Rutherford e Phil Collins. Mike Rutherford trabalhou com o ex-

guitarrista do Genesis, Anthony Philips, no primeiro álbum solo deste seu antigo amigo de escola.

Phil Collins usou seu tempo disponível para gravar participações em estúdio para vários artistas e bandas diferentes, criando inclusive um projeto basicamente instrumental do qual faria parte de forma intermitente durante vários anos, a banda Brand X.

Já Tony Banks inicialmente começou a trabalhar em um álbum com versões orquestrais de canções do Genesis, além de outras novas canções para um outro álbum solo. No entanto, os projetos não avançaram e ele ofereceu o material que havia composto para o próximo álbum da banda. Tony havia composto “Mad Man Moon,” “A Trick of the Tail,” a maior parte de “Robbery, Assault and Battery” e metade de “Ripples.” Já Steve contribuiu com “Entangled”, “Los Endos” e a introdução de “Dance on a Volcano”.

Ainda sem saber como seria o futuro, a banda chegou a cogitar a seguir em frente criando música instrumental, ideia proposta por Phil Collins. Os outros acabaram achando que seria muito monótono comporem apenas canções instrumentais. Desta forma, decidiram iniciar as gravações do novo álbum, ainda sem saber quem seria o novo vocalista, que teria a quase impossível tarefa de substituir Gabriel, tão querido pelos fãs.

As sessões de gravação para o álbum se iniciaram no Trident Studios de Londres em outubro de 1975. O novo produtor escolhido foi David Hentschel. Phil explicou como ele foi selecionado: “David havia sido o engenheiro de som de “Goodbye Yellow Brick Road” de Elton John. Eu o conheci em meus flertes musicais tocando com outros músicos e acabei o recomendando para o Genesis.”

As gravações transcorreram de forma tranquila e rápida. A alta qualidade do novo material era inquestionável. Os músicos tinham estavam confiantes que a banda teria um futuro. Precisavam apenas encontrar alguém que pudesse cantar as canções novas e as antigas ao vivo.

Colocaram um anúncio no famoso “Melody Maker”, procurando um vocalista “estilo Genesis”, sem se identificarem. Receberam mais de 400 fitas de candidatos à vaga. Convidaram muitos para testes no estúdio com a banda. Nessas ocasiões, Phil Collins sempre guiava os vocalistas nas canções antigas e no novo material, pois ele sempre havia cantado junto com Peter Gabriel, tanto ao vivo quanto em várias faixas de estúdio. Dentre os vocalistas que participaram de tal processo seletivo estavam Nick Lowe, Mick Rogers, Jess Roden e Mick Stickland. O último chegou a gravar “Squonk” com a banda. No entanto, o tom da canção era completamente inadequado para sua

voz. Consequentemente, a gravação e interpretação de Stickland ficou péssima. Tony Banks não participou dessa sessão, mas, ao ouvir a gravação no dia seguinte, constatou que Collins, Hackett e Rutherford realmente tinham razão em terem dispensado o candidato a novo vocalista da banda.

Infelizmente nenhum dos vocalistas testados agradou a banda. Quase perdendo as esperanças, os músicos se viram em um momento de grande dificuldade, sem saber como deveriam prosseguir.

Steve Hackett havia recebido uma sugestão de Jon Anderson, lendário vocalista do Yes, que o novo vocalista do Genesis já estava na banda: Phil Collins. Segundo Anderson, ele era a escolha óbvia. Além disso, a namorada de Collins na época também lhe disse que ele deveria se candidatar à posição, pois seria algo muito natural para a banda. Hackett afirmou que, desde o início, havia sido favorável e um grande defensor de que Phil assumisse o vocal principal da banda. No entanto, Mike e Tony eram contra e relutaram muito para aceitar a ideia de que o baterista pudesse se tornar o novo vocalista do Genesis.

Com muita hesitação, Collins foi convencido a se oferecer para fazer um teste no estúdio, cantando as canções antigas sozinho e o material novo, particularmente “Squonk”, uma das mais pesadas do novo trabalho do Genesis. Os outros membros da banda pensavam que Collins seria o vocalista apenas nas faixas mais calmas e românticas, mas que precisariam de um outro membro para encarar as faixas mais pesadas do repertório da banda.

Surpreendentemente, Collins se saiu incrivelmente bem cantando tanto o material antigo quanto o novo, para a enorme alegria e alívio da banda. A decisão foi tomada de que ele seria o novo vocalista do Genesis, pelo menos em estúdio. Ao vivo seria uma outra questão a ser definida, pois Collins insistia em querer continuar tocando bateria no estúdio e ao vivo. Preferia tocar seu instrumento a assumir a posição de vocalista. Na visão dele, seria melhor que a banda contratasse um novo vocalista, para que ele pudesse continuar tocando bateria. Ele não conseguia se imaginar sendo o vocalista e, acima de tudo, ter um outro músico tocando suas partes de bateria ao vivo, o que ele considerava um verdadeiro sacrilégio.

Com o passar das semanas, Collins foi aceitando a ideia de que poderia tentar fazer o papel de vocalista durante a tour promocional do novo álbum, mas que o Genesis ainda deveria procurar um vocalista definitivo. Phil declarou: “Eu não gostava de cantores... eu simplesmente não os levava a sério. Para mim, a posição de um músico de verdade era atrás da bateria.”

Durante as sessões de gravação de um álbum da banda “Brand X”, um

projeto paralelo de Collins, ele se encontrou com Bill Bruford, famoso ex-baterista do Yes e King Crimson. Bruford o perguntou se já haviam encontrado um novo vocalista. Collins disse que ele seria o vocalista no álbum, mas que ainda não tinha certeza se cantaria ao vivo pois, para isso, precisaria encontrar um baterista que ele admirasse e confiasse, para que ele tivesse a certeza de que suas partes estariam sendo bem tocadas enquanto ele estivesse cantando. Bruford, que era muito amigo de Collins e muito respeitado por esse se ofereceu para tocar bateria ao vivo na tour promocional do novo álbum. Collins ficou surpreso com o oferecimento, e aceitou a proposta de seu amigo. O problema havia sido solucionado. Collins cantaria ao vivo e Bill Bruford o substituiria na bateria ao vivo, ainda que Collins pudesse tocar com ele durantes as longas passagens instrumentais do repertório do Genesis.

Mesmo após ter aceitado se tornar o novo vocalista do Genesis, Phil declarou: “Ainda levará algum tempo até que eu toque o microfone, pegue ele do pedestal e efetivamente comece a andar com ele na mão. Somente quando isso acontecer é que eu sentirei que eu me tornei oficialmente um cantor.”

Agora o Genesis estava pronto para iniciar uma nova fase em sua carreira, com um novo vocalista: Phil Collins.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

Dance on a Volcano

Essa foi a primeira faixa composta pela banda após a saída de Peter Gabriel. Desde o início podemos sentir que é uma banda que está disposta a ressurgir das cinzas, que não se deixou abater e tem energia e talento para prosseguir. Podemos ouvir músicos confiantes e que há um futuro para o Genesis pós Gabriel.

Inicialmente Steve Hackett não participou da composição da música, pois estava dando os toques finais em seu primeiro álbum solo. No segundo dia de gravações, reencontrou a banda e deu a sua contribuição à canção que abria o álbum do Genesis, o sétimo de sua carreira.

Mike escreveu a letra da canção ao se inspirar na obra de Carlos Castaneda. “Eu havia acabado de ler seu livro mais recente e me pareceu que ele se encaixava com a canção; aquela dor e aquela frustração e loucura no mundo real e então a canção tentou captar aquele sentimento de trevas e caos.”

É uma faixa majestosa, com todas as melodias clássicas da banda, bastante complexa, além de ser muito poderosa ao vivo. Realmente uma canção de primeira qualidade para abrir o trabalho mais recente do Genesis e apresentar ao mundo o novo vocalista da banda.

A letra faz um relato de um aventureiro que tenta escalar um vulcão, lutando para não cair e morrer pelo caminho como tantos outros antes dele. Por fim, o protagonista consegue chegar até a cratera onde vê a lava borbulhando dentro do vulcão.

Entangled

Desde o início das gravações a banda já havia decidido que Phil Collins cantaria duas canções no álbum: “Entangled” e “Ripples”, pois elas eram perfeitas para sua voz suave e delicada, remetendo à “For Absent Friends” e “More Fool Me”, que ele havia cantado solo em álbuns anteriores.

Essa é uma das canções mais lindas que eu já ouvi em toda a minha vida, um amor à primeira audição. O próprio Tony Banks declarou que é sua faixa favorita no álbum.

Hackett declarou que a canção foi inspirada por uma pintura de sua ex-esposa Kim Poor. “Eu estava pensando no psiquiatra na época, hipnotizando um paciente, levando-o de volta a um mundo de sonhos perturbadores... a letra é basicamente minha. O que parece ser o refrão é de autoria do Tony.” O guitarrista prosseguiu afirmando que: “A letra é sobre sonhos, eu estava pensando em termos de um mundo

de sonhos. Era sobre um homem de negócios bem-sucedido que está muito perturbado por pesadelos. Em outras palavras, ele perde o controle quando sonha e estava sendo assistido por um psiquiatra."

A faixa é conduzida basicamente por 3 violões de 12 cordas, tocados magistralmente por Hackett, Rutherford e Banks. Collins faz uma linda interpretação da letra.

O arranjo de teclado de Banks é magnífico, complementando perfeitamente as harmonias e melodias criadas por Hackett e Rutherford. Há até mesmo um som de teclado simulando uma voz soprano feminina. No final da canção, Banks usa o Mellotron para criar um som digno de um órgão de catedral medieval. Ao ouvirmos a canção, podemos nos imaginar sentados em um banco de uma antiga catedral ouvindo um coral de anjos cantando.

Realmente "Entangled" é uma daquelas faixas únicas, mágicas, que encantam o ouvinte desde a primeira audição, nos transportando imediatamente ao mundo dos sonhos. Uma obra prima.

O guitarrista Steve Hackett e o autor

Squonk

Um das principais canções do álbum. Essa foi a faixa que decidiu o futuro do Genesis. Phil Collins se ofereceu para tentar cantá-la no estúdio, pois era considerada uma das mais pesadas e difíceis. Os outros membros da banda tinham dúvidas se o baterista conseguiria

cantar uma canção que não fosse uma balada, pois não tinha uma voz compatível com canções mais pesadas ou agressivas como seu antecessor, Peter Gabriel. No entanto, para a surpresa geral, a interpretação de Collins foi bem recebida e é isso que ouvimos no álbum. Uma banda renascendo.

Tony Banks e Mike Rutherford tiveram a ideia de compor a canção após ouvirem "Kashmir", do Led Zeppelin, com a qual ficaram encantados. Decidiram que tentariam compor algo inspirado no clássico zeppeliniano, com uma batida forte e pesada na bateria. Collins sempre fora um grande admirador de John Bonham, o incrível baterista do Led Zeppelin. Tentou fazer algo inspirado no estilo do seu colega, mas mantendo sua própria personalidade.

Ao vivo sempre foi uma canção muito bem recebida. Chegou a ser usada na abertura dos shows da tour de 1977, que inclusive trouxe o Genesis para sua única visita ao Brasil, com catorze shows que ocorreram em várias cidades brasileiras: oito em São Paulo, quatro no Rio de Janeiro e dois em Porto Alegre. A bateria da canção juntamente com os pedais de baixo de Rutherford fazia qualquer arena tremer e deixar os fãs enlouquecidos.

Como a saída de Peter Gabriel do Genesis foi amigável, ele manteve amizade e contato frequente com seus ex-colegas de banda, chegando até mesmo a visitá-los no estúdio quando haviam terminado a gravação de "A Trick of the Tail". O próprio Gabriel declarou que não tinha nenhuma dúvida que a banda teria muito sucesso após sua saída e que gostara muito do trabalho que eles haviam feito sem sua participação. Afirmou que ele tinha mais confiança no talento da banda do que os seus próprios amigos que haviam permanecido no grupo. Segundo ele, o motivo para tal é que o Genesis sempre havia sido uma banda de compositores e ele tinha certeza de que grandes canções continuariam a ser compostas.

O mais curioso de tudo é que exatamente nessa faixa, quando Collins canta "You better watch out, you better watch out!". Podemos jurar que é a voz de Gabriel que ouvimos, pois ela é completamente diferente da voz de Collins. Será que Gabriel fez uma pequena participação não divulgada no trabalho do Genesis, apenas como uma brincadeira ou a convite de seus amigos? Nunca saberemos a resposta, mas eu sugiro que ouçam tal trecho com atenção e tirem suas próprias conclusões.

A letra da canção conta a lenda de um animal do folclore indígena da região norte de Pensilvânia, nos EUA, onde existiria um animal chamado "Squonk" que era incrivelmente feio e, por tal razão, vivia chorando. Como sempre deixava um rastro de lágrimas, se tornava uma presa fácil para os caçadores. No entanto, ao ser capturado, ele

começava a chorar e derretia, deixando apenas uma poça de lágrimas nas sacas de seus captores.

Mad Man Moon

Outra linda canção. Essa foi composta totalmente por Tony Banks quando estava planejando escrever seu primeiro álbum solo, que acabou não ocorrendo na época. É uma faixa melancólica, com influência de música clássica. Collins faz uma interpretação linda e tocante em cima da melodia belíssima criada por Banks.

Uma das faixas mais introspectivas da coleção e das uma das duas únicas do álbum que nunca foram executadas ao vivo pelo Genesis. Tony declarou que essa é uma de suas canções favoritas e que ele a compôs totalmente sozinho.

Na letra da canção, Banks relata um caso de amor que não foi bem-sucedido e faz também uma alusão à importância de se equilibrar os contrastes no mundo. O que é considerado bom ou desejável em um local pode ser exatamente o oposto em outro. Tony declarou que: “A canção é sobre desejo e frustração, sobre ser um humano e não alcançar aquilo que se almeja e sonhar como as coisas seriam melhores se conseguíssemos o que almejávamos”. O tecladista completou afirmando que” É isso que resulta ter sido um estudante reprimido em uma escola pública, pelo menos no meu caso. Escrever sobre coisas reais, como relacionamentos humanos, estava além da minha capacidade.”

Phil Collins declarou que essa foi a faixa mais difícil para ele cantar no álbum, pois a melodia e o tom da canção estavam vocalmente fora de sua zona de conforto. De qualquer forma, ele foi bem-sucedido em sua interpretação, com muita personalidade e delicadeza.

Robbery, Assault and Battery

Uma canção agradável composta por Tony Banks com letra de Phil Collins. Conta a história de um ladrão que arromba residências e escritórios e, e durante um arrombamento de um cofre ele é pego em flagrante. O criminoso atira na pessoa que o descobre e a mata. Após cometer mais esse crime ele tenta fugir, é perseguido pela polícia, matando um policial e conseguindo escapar da prisão.

Musicalmente não é nada especial. Se trata de uma canção mediana para os elevados padrões do Genesis, especialmente nesse álbum. Sem dúvida alguma a faixa mais fraca de todas da coleção.

Ripples

Essa é mais uma canção maravilhosa, uma das minhas favoritas. Aqui

Tony Banks e Mike Rutherford compuseram algo extraordinário. A letra é linda e a melodia mais ainda. A banda usa com grande criatividade e beleza seus instrumentos acústicos, particularmente os violões de 12 cordas. Phil Collins interpreta a canção de forma sublime, com muita emoção, diretamente de seu coração. É praticamente impossível ouvir "Ripples" e não se encantar imediatamente por ela.

Segundo Tony Banks, originalmente a canção se chamava "Nipples" (mamilos). Posteriormente, a letra foi alterada para se tornar um lindo poema escrito por Mike sobre o processo de envelhecimento.

Não há dúvida alguma que essa é uma das canções mais belas de toda a longa carreira do Genesis, que é repleta de faixas incríveis. Essa é uma das mais queridas pelos fãs e pela própria banda. O tema da letra é o processo de envelhecimento, o qual nenhum de nós consegue controlar ou parar, além da morte inevitável de todos nós. Embora sejam temas profundos e pesados, a letra os aborda de forma extremamente poética e delicada. Em uma passagem, a letra de Mike Rutherford diz "Essa é a última vez que você terá a aparência que tem hoje.", enquanto o protagonista se olha em uma poça d'água. Em outra diz: "Anjos nunca sabem que é hora de fechar o livro e graciosamente partirem". As "blue girls" que são mencionadas na canção se referem às estudantes dos colégios na Inglaterra, pois a grande maioria delas usa uniformes azuis.

Na canção há um incrível solo de Hackett que parece ser uma guitarra tocada de trás para frente. No entanto, o guitarrista usou um Synthi Hi-Fli para obter tal sonoridade. O sintetizador era fabricado pela empresa EMS, um fabricante na Inglaterra que se tornou famoso por fabricar o VCS3 que foi usado pelo Pink Floyd no álbum "Dark Side of the Moon". Segundo Steve, o Synthi Hi-Fli lhe dava a capacidade de tocar algo que parecia estar sendo tocado ao avesso, mas na realidade estava sendo executado da maneira tradicional, pois ele alterava o início de cada nota.

Hackett, Rutherford e Banks usam ao máximo suas habilidades musicais, criando melodias e harmonias incríveis, realmente contagiantes, enquanto Collins dá tudo de si na interpretação da letra e em sua atuação sutil, porém firme na bateria. Mais uma obra prima em um álbum repleto de canções especiais.

A Trick of the Tail

A penúltima faixa do álbum é fortemente inspirada pelos Beatles, particularmente pelas canções de Paul McCartney. Podemos até mesmo sermos mais precisos e dizermos que essa faixa foi claramente influenciada pelas canções "Getting Better" do lendário álbum "Sgt.

Pepper's Lonely-Hearts Club Band" e "Your Mother Should Know," do album "Magical Mystery Tour." O piano e a melodia do vocal nos rementem imediatamente ao quarteto de Liverpool.

Tony Banks provavelmente compôs esse tema como uma homenagem aos Beatles, do qual ele e os outros integrantes da banda sempre foram grandes fãs. É a canção mais leve e simples do álbum, porém, sem deixar de ser muito bela, bem composta e interpretada por todos os músicos.

A canção foi composta na época do álbum "Foxtrot", mas nunca havia sido concluída. Banks decidiu retomá-la e finalizar a canção para inclusão no novo álbum. Ele afirmou que teve a inspiração para a canção ao ler o livro "The Inheritors", de William Holding. A obra relata uma corrida na Terra antes do ser humano e é sobre o último sobrevivente de tal corrida. É sobre uma criatura que tem chifres e cauda e aparece em uma sociedade moderna, recebendo uma reação negativa das pessoas da cidade.

A letra conta a história de uma criatura mitológica que tem chifres e uma longa cauda que decide deixar sua cidade em busca de algo novo. Ao chegar ao mundo dos homens é preso e exibido como um troféu, por ser um animal bizarro que sabe falar. Um dia, o animal consegue escapar e convence algumas pessoas a irem com ele de volta ao seu lar. Ao chegar lá, o animal desaparece e deixa os humanos para trás, desorientados.

Los Endos

A canção final deste verdadeiro álbum clássico é uma das melhores faixas instrumentais de toda a carreira do Genesis. Aqui, a banda se solta e toca tudo que sabe. A atuação de Phil Collins na bateria e de Mike Rutherford no baixo são particularmente brilhantes. Ao ouvirmos "Los Endos" podemos ter a clara certeza de que todos os integrantes da banda são virtuosos, verdadeiros mestres em seus instrumentos.

Originalmente ela era parte de uma outra canção, chamada "It's Yourself", que acabou sendo lançada com um lado B do single de "Your Own Special Way" em 1977.

Hackett criou o tema principal da canção, que é acompanhado por Banks nos teclados. Enquanto isso, a cozinha de Collins e Rutherford literalmente "quebra tudo". O tema foi também composto por Collins, que queria inserir uma faixa instrumental no álbum, inspirada no seu trabalho paralelo com a banda "Brand X", que improvisava muito e tinha um estilo bastante livre de tocar.

Quando estava trabalhando com o "Brand X", Phil ouviu muito o

álbum “Borboletta”, do guitarrista mexicano Santana, particularmente uma faixa chamada “Promise of a Fisherman”, que ele considerava fantástica. Ao ouvi-la, disse a si mesmo que queria compor algo semelhante e “Los Endos” acabou sendo muito influenciada por tal canção.

Durante a faixa, são repassados temas do álbum, como “Dance on a Volcano” e “Squonk”, em outros tons e com andamentos diferentes. Serve como uma espécie de apanhado dos melhores momentos do álbum. No final da canção, Collins canta duas linhas da letra de “Supper’s Ready”, o clássico do Genesis do álbum “Foxtrot”, de autoria de Peter Gabriel, como uma homenagem dele e da banda ao querido amigo que havia deixado o grupo. As linhas cantadas por Phil são as seguintes:”: “There’s an angel standing in the sun / Free to get back home.”

Sem dúvida alguma, um final épico para um álbum extraordinário, que conseguiu provar que o Genesis poderia existir após a saída de Gabriel e que Phil Collins era um excelente vocalista, além de exímio baterista.

“A Trick of the Tail” marcou o início de uma nova fase da banda, na qual foram muito felizes e conseguiram aumentar cada vez mais o seu público e reconhecimento por sua obra.

O LEGADO DE “A TRICK OF THE TAIL”

Quando foi lançado, “A Trick of the Tail” foi recebido calorosamente pelos fãs e até mesmo pela crítica, surpresa pela banda ter criado um trabalho de ótima qualidade, mesmo após a saída de Peter Gabriel. O sucesso foi tanto que as vendagens do álbum superaram as de todos os outros anteriores, se tornando o mais vendido do Genesis até então. A repercussão tão positiva do mais recente trabalho deu um novo fôlego e esperança à banda, que teve a certeza de que poderia prosseguir em sua carreira, agora com Phil Collins nos vocais.

A grande vendagem do novo álbum permitiu que a banda finalmente quitasse todas as dívidas que tinha acumulado até tal momento em sua carreira. Além disso, até hoje “A Trick of the Tail” é considerado um dos melhores álbuns da carreira da banda, com ou sem Peter Gabriel.

Collins afirmou que não tinha preocupações quanto à questão de cantar ao vivo. O que o deixava mais angustiado era o que ele iria dizer à plateia entre as canções, já que seu antecessor era famoso por criar e contar histórias bizarras que entretiam a audiência enquanto os outros músicos afinavam e regulavam seus respectivos instrumentos. No final das contas, Collins adotou uma abordagem mais humorística e acessiva do que Gabriel, que era mais misterioso e enigmático. O sucesso e a aceitação das plateias foram imediatos, pois ele já era um membro da banda, que agora havia sido trocado de função, embora ainda continuasse tocando bateria no estúdio e ao vivo, quando não estava cantando.

Os shows do Genesis também se tornaram mais dinâmicos pois ambos Steve Hackett e Mike Rutherford passaram a tocar de pé, pois até então sempre se apresentavam sentados, o que deixava os shows um pouco mais monótonos, pois apenas Peter Gabriel se movimentava anteriormente. Agora, na frente do palco havia três músicos se movimentando e interagindo mais com as plateias.

O baterista Bill Bruford, ex Yes e King Crimson, fez um ótimo trabalho na tour promocional do álbum, fazendo jus às gravações originais nas quais Collins tocara bateria. Um grande momento do show passou a ser o dueto de bateria entre Bruford e Collins, que acabou sendo mantido mesmo após a substituição de Bruford pelo baterista Chester Thompson a partir da tour do álbum seguinte, “Wind and Wuthering”. Ainda relacionado ao Yes, Chris Squire, famoso baixista da banda, declarou que “A Trick of the Tail” era seu álbum favorito do Genesis.

Em junho de 1976, Peter Gabriel entrou discretamente no teatro Hammersmith Odeon de Londres para assistir à sua antiga banda, agora com Phil nos vocais. Segundo ele “Foi uma experiência muito

estranha e tive emoções contraditórias", admitiu.

Uma curiosidade interessante é que Mick Jagger assistiu a um dos shows da tour em Londres e ficou positivamente impressionado, declarando que em dois anos o Genesis seria uma das maiores bandas do mundo, o que acabou se concretizando, com o lançamento do álbum "And Then There Were Three" em 1978, após a saída do guitarrista Steve Hackett. Esse álbum incluía o primeiro megassucesso internacional do Genesis, "Follow You Follow Me", que definitivamente colocou o Genesis merecidamente no panteão das maiores bandas de rock da história.

O futuro seria muito próspero para o Genesis e para seus membros, pois vários deles também desenvolveram uma excelente carreira solo, como Peter Gabriel, Phil Collins, Steve Hackett e Mike Rutherford. Isso só evidencia ainda mais a quantidade de grandes talentos que o Genesis sempre abrigou.

Se você não conhece essa obra prima desta lendária banda, não deixe de conferi-la, pois descobrirá um trabalho inesquecível e que lhe acompanhará pelo resto de sua vida.

BIBLIOGRAFIA

Genesis – Chapter & Verse, por Tony Banks, Phil Collins, Peter Gabriel, Steve Hackett e Mike Rutherford

A Genesis in My Bed, por Steve Hackett

Not Dead Yet – The Memoir, por Phil Collins

The Living Years, por Mike Rutherford

The Songs of Genesis – A Complete Guide to the Studio Recordings, por Steve Aldous

Genesis – I Know What I Like, por Armando Gallo

My Book of Genesis – Richard MacPhail

Without Frontiers – The Life and Music of Peter Gabriel, por Daryl Easlea

Wikipedia

https://www.genesis-news.com/c-Genesis-A-Trick-Of-The-Tail-CD-review-s350.html

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS PARA O YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=eqCJ955DCg0

https://www.youtube.com/watch?v=eMNO3gjOVHM

https://www.youtube.com/watch?v=_Ou_Q2k9sp4

https://www.youtube.com/watch?v=IQ_U4XkAarE

https://www.youtube.com/watch?v=07fOCNiml6o

https://www.youtube.com/watch?v=ModOTE5ma2M

https://www.youtube.com/watch?v=MWxaidVIjXk

https://www.youtube.com/watch?v=UNiAA355IeU

https://www.youtube.com/watch?v=RtgIbmyIvyA

MARILLION – CLUTCHING AT STRAWS

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO – 1987

PRODUZIDO POR - CHRIS KIMSEY

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- TODAS AS CANÇÕES DE AUTORIA DE FISH, STEVE ROTHERY, PETE TREWAVAS, MARK KELLY E IAN MOSLEY
- FISH – VOCAL
- STEVE ROTHERY – GUITARRA
- PETE TREWAVAS – BAIXO
- IAN MOSLEY – BATERIA
- MARK KELLY – TECLADOS
- TESSA NILES – BACKING VOCALS NAS FAIXAS 3 E 11

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**HOTEL HOBBIES**
2	**WARM WET CIRCLES**
3	**THAT TIME OF THE NIGHT**
4	**GOING UNDER**
5	**JUST FOR THE RECORD**
6	**WHITE RUSSIAN**
7	**INCOMMUNICADO**
8	**TORCH SONG**
9	**SLAINTE MHATH**
10	**SUGAR MICE**
11	**THE LAST STRAW /HAPPY ENDING**

ORIGENS DO ÁLBUM

"Se uma pessoa tentasse tirar os trajes dos atores enquanto eles encenam uma cena no palco, mostrando ao público sua aparência real e os rostos com os qual nasceram, ela não estragaria toda a peça? E os espectadores não pensariam que ele mereceria ser expulso do teatro à tijoladas, como um bêbado inconveniente? Agora, o que mais é toda a vida dos mortais, além de uma espécie de comédia, em que os vários atores, disfarçados por vários figurinos e máscaras, caminham e cada um faz o seu papel, até que o diretor os acena para saírem do palco? Além disso, este mesmo diretor frequentemente ordena ao mesmo ator que volte à cena em uma fantasia diferente, de modo que ele que interpretou o rei vestido em escarlate agora atua como um lacaio vestido em roupas remendadas. Assim, todas as coisas são apresentadas por sombras."

- Erasmo de Roterdã em sua obra "O Elogio da Loucura", de 1509

Essa é a citação que aparece na contracapa do quarto álbum da banda inglesa/escocesa Marillion, em sua maior obra prima, intitulada "Clutching at Straws", e que dá o tom sombrio que permeia todas as canções desse que foi o último álbum deles com o vocalista Fish.

O título do álbum em inglês significa aproximadamente "Agarrando Palhas" em português. Essa expressão foi criada originalmente por Thomas More em sua obra "Diálogo do Conforto Contra a Atribulação", de 1534. O sentido da expressão é a de que um homem que está desesperado, se afogando, agarra qualquer coisa que ver pela frente, ainda que sejam pedaços de palha, com o intuito de salvar sua vida antes de morrer afogado.

Em 1985 a banda lançou seu álbum de maior sucesso comercial de toda sua carreira, intitulado "Misplaced Childhood". O obra teve uma enorme repercussão em todo mundo, principalmente por duas de suas grandes canções: "Kayleigh" e "Lavender".

Fizeram uma extensa tour pela América do Norte e Europa, lotando os locais onde se apresentavam. Aparentemente estavam no auge da carreira, alcançando a fama e o reconhecimento que tanto haviam almejado. No entanto, o preço que pagaram por isso foi muito alto. Tão alto que acabou gerando uma ruptura entre os membros da banda.

Uma pressão imensa por parte da gravadora para que retornassem logo ao estúdio para gravarem um novo álbum que fosse tão bem-sucedido quanto seu antecessor, as contínuas demandas por mais apresentações ao vivo, entrevistas, programas de TV e atividades

promocionais incessantes fizeram que os membros da banda se sentissem exauridos. Além disso, todos esses elementos contribuíram para que surgissem vários problemas de relacionamento entre os membros do grupo, particularmente entre o vocalista Fish e os outros músicos da banda. Na época, Fish era o único que ainda era solteiro, enquanto todos os outros já eram casados e tinham suas famílias consolidadas. Para piorar a situação, pelo fato de ser o vocalista, naturalmente ele atraía mais a atenção da imprensa e dos fãs, que o viam como líder da banda, o que não era verdade. Era sempre o mais solicitado para entrevistas, fotos e toda e qualquer atividade relativa ao Marillion. Era o rosto da banda.

Todos os integrantes da banda concordam em um ponto: a causa central de seus problemas foi a agenda incessante de tours imposta a eles pelo antigo empresário do Marillion, que fez com que a banda desse todo seu sangue e suor na estrada, levando os músicos a se sentirem como se fossem animais em um circo itinerante, os deixando fisicamente e mentalmente exaustos.

Pete Trewavas declarou que provavelmente Fish sentiu a pressão mais do que todos os outros, pois era a cara da banda, com quem todo mundo queria conversar e entrevistar, sendo constantemente demandado e tendo seu tempo consumido.

A banda precisava de férias, mas a pausa que necessitavam nunca ocorreu e os relacionamentos foram se deteriorando. A gravadora os mandou de volta para o estúdio gravar um novo álbum de sucesso. Ian Mosley afirmou que as tours acabaram com eles. Quando entraram no estúdio eles tinham em sua frente uma tela em branco enquanto a gravadora os pressionava perguntando “O novo álbum já está pronto?”. Tentaram arduamente fazer um álbum de sucesso. O problema é que eles não estavam mais conseguindo se relacionar entre si.

Fish acabou mergulhando em um estilo de vida que lhe trouxe danos a sua saúde física e mental. Envolveu-se seriamente com o álcool e a cocaína. Trocava a noite pelo dia e vivia em festas que pareciam se emendar uma com a outra seguinte.

Ele queria que os seus colegas de banda participassem, mas ninguém conseguia acompanhar o seu ritmo nem seu consumo desenfreado de álcool e cocaína. Além disso, precisavam voltar para casa para suas esposas e filhos. O tecladista Mark Kelly declarou que tentou acompanhar Fish em algumas ocasiões, mas mesmo quando ele voltava para casa às 3h da madrugada Fish o fazia se sentir muito mal, como se ele fosse um estraga-prazeres que não quisesse aproveitar a vida.

Cada vez mais Fish foi se isolando do restante da banda, passando a fazer tudo sozinho e somente os encontrando no estúdio de gravação e nos palcos. Se sentia solitário, deslocado e frustrado. A fama não era aquilo que ele imaginava que fosse nem havia trazido a felicidade e realização tão esperadas por ele. Cada membro da banda lidou com a fama de uma forma diferente. Fish admitiu que seu ego fugiu do controle na época e que ele de fato se tornara um idiota.

Como uma válvula de escape, Fish decidiu começar a trabalhar nas letras daquele que seria sua última participação com o Marillion. Criou um personagem fictício (mas nem tanto) chamado Torch, de 29 anos (a mesma idade de Fish na época) o qual era um escritor bem-sucedido passando uma crise existencial e que queria mudar seu estilo de vida. Estava com um bloqueio e não conseguia escrever. Para buscar inspiração usava o álcool e cocaína, vivendo uma existência solitária e sem sentido. À medida que ele vai ficando bêbado, começa a escrever sobre o que vê a sua volta e sobre seus arrependimentos. Não precisamos ser muito perspicazes para notarmos que, na realidade, Fish estava escrevendo sobre ele mesmo, apenas usando um pseudônimo, fato que foi confirmado por ele anos depois, que declarou que Torch era seu alter-ego, tentando disfarçar alguns dos excessos que ele cometia e são descritos nas letras das canções, pois se sentia culpado. Na época não teve coragem de assumir publicamente que, na realidade, Torch era ele mesmo.

Inicialmente, a banda tentou gravar uma sequência que fosse compatível com o álbum anterior, “Misplaced Childhood”. Chegaram até mesmo a gravar quatro faixas interligadas que serviriam de base para o novo trabalho. No entanto, ao apresentarem tais gravações para o produtor Chris Kimsey, ele não ficou satisfeito com a qualidade das canções, o que levou a banda a abandonar a ideia inicial e passarem a criar canções individuais, ainda que tematicamente interligadas devido às letras de Fish.

Uma peculiaridade do álbum é que cada uma das canções é dedicada à uma cidade em particular, na qual a letra daquela canção foi escrita, enquanto o Marillion estava na tour do álbum anterior.

Todas as letras e canções são interligadas entre si, formando um álbum conceitual, um estilo de obra clássica dos anos 70, popularizado pelas maiores bandas de rock progressivo, das quais os integrantes do Marillion sempre foram grandes fãs e admiradores, como Genesis, Yes, Pink Floyd, Emerson, Lake and Palmer e tantos outros.

Nesse álbum extraordinário, o Marillion e Fish em particular nos levam por uma viagem pela mente e sentimentos de Torch. O brilhantismo da obra se dá pelo fato de os 5 integrantes terem

conseguido fazer um trabalho absolutamente coeso, inspiradíssimo e, embora bastante triste e sombrio, repleto de uma beleza profunda. As letras são entoadas como por um ator Shakespeariano com uma alma de poeta.

O tecladista Mark Kelly é um grande mestre na criação de texturas e climas atmosféricos perfeitos para cada uma das canções. O baixista Pete Trewavas e o baterista Ian Mosley formam uma cozinha incrível, totalmente sincronizada, tocando exatamente aquilo que a canção pede. O guitarrista Steve Rothery, que é fortemente influenciado por dois dos maiores guitarristas do rock progressivo, David Gilmour (Pink Floyd) e Steve Hackett (Genesis), faz solos maravilhosos, alguns dos melhores de toda a sua carreira, enquanto o vocalista Fish abre o seu coração e alma para o ouvinte, fazendo um relato visceral e pungente sobre seus medos, ansiedades, sonhos e frustrações. Poucas vezes no rock se viu um artista se expor tanto, com tamanha sinceridade, quanto o grande vocalista (em todos os sentidos, pois a altura dele é de 1,95m!) fez em sua derradeira obra com o Marillion. Suas letras falam sobre traumas emocionais, isolamento (um tema muito atual), baixa autoestima e a busca por uma saída. Sua franqueza é brutal e os temas abordados são mais relevantes do que nunca. O álbum é cru e repleto de confissões sinceras.

O que resultou de tudo isso foi um trabalho inesquecível e muito marcante, que o próprio Fish reconhece, embora seja um álbum estranho e sombrio, é o melhor de toda sua carreira com o Marillion. Mark Kelly disse que gosta menos desse álbum do que seu antecessor “Misplaced Childhood”, embora reconheça que algumas pessoas realmente gostem dele. Steve Rothery declarou que é um álbum estranho. É muito poderoso, pois ele tem algumas de dos melhores trabalhos da banda, mas você pode ver as linhas de fratura nele. Alguns dos músicos ainda têm más lembranças do período e das dificuldades que passaram na época, que acabaram levando à saída do vocalista da banda, que disse que o álbum foi o seu obituário escrito por ele mesmo. Steve Rothery afirmou que é um álbum bem menos otimista, pois simboliza a desilusão de Fish. Ele queria ter sucesso e ele conseguiu, mas isso não trouxe a felicidade pessoal que ele esperava ter. O próprio vocalista afirmou que esse “é um álbum de um poeta bêbado”.

As letras das canções desse álbum são fantásticas. Poderiam facilmente ser incluídas em um livro de poesia, pois Fish é, sem sombra de dúvida, um dos maiores poetas e letristas de toda a história do rock. Quem puder, não deixe de conferir cada uma delas detalhadamente.

A capa do álbum é um trabalho brilhante do artista Mark Wilkinson, que complementa perfeitamente a obra musical que se encontra

dentro dela. Na parte frontal podemos ver uma foto escura da banda dentro do pub Baker's Arms, em Colchester, no fundo do salão, juntamente com colagens de vários personagens que tiveram sérios problemas com o álcool, drogas ou ambos. Muitos deles citaram que usavam tais substâncias para estimular sua criatividade ou como proteção da fama surreal que tinham. Na parte frontal temos, da esquerda para a direita, Robert Burns (poeta nacional da Escócia que morreu aos 37 anos devido ao álcool), Dylan Thomas (poeta galês que morreu aos 39 anos também vítima do álcool), Truman Capote (escritor, que morreu aos 59 anos devido à uma mistura de álcool, drogas e pílulas, provavelmente se suicidando) e Lenny Bruce (comediante e comentarista social, que morreu aos 40 anos devido a uma overdose de heroína). Na contracapa, outra foto, agora no salão de bilhar do pub, com os membros da banda jogando em meio a colagens de mais outros personagens: Da esquerda para a direita, John Lennon (assassinado aos 40 anos, mas que teve sérios problemas com o álcool e drogas pesadas), James Dean (morto em um acidente de carro, provavelmente por estar embriagado e drogado) e Jack Kerouac (o famoso poeta, criado do movimento beat, que morreu de cirrose aos 47 anos).

Esse é um dos meus álbuns favoritos. Eu o descobri quando ele foi lançado, em 1987, pois já acompanhava a carreira da banda desde 1984. Fiquei fascinado desde a primeira vez que o escutei e nunca mais o deixei. Realmente é uma obra pesada, triste e um pouco deprimente. No entanto, esse álbum foi meu companheiro em alguns dos momentos mais difíceis de minha vida, no qual eu o procurei como apoio emocional. Ele sempre me mostrou que, mesmo em meio as dificuldades, tristeza e solidão, ainda há muita beleza no mundo e na vida.

Eu os convido a fazerem essa viagem comigo e a mergulharem no universo fantástico dessa banda de primeira linha que, embora seja famosa, deveria ter um maior reconhecimento e sucesso de público.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

Hotel Hobbies

O álbum começa com uma atmosfera sombria criada pelos músicos da banda até que o vocalista começa a nos contar a história de Torch. A letra descreve o hotel de baixa categoria no qual o personagem parece viver. Os rapazes da recepção estão de olho nas prostitutas no salão de entrada do hotel enquanto personagens da noite circulam pelos corredores. Torch está sentado no seu quarto, tentando escrever sua próxima obra sem conseguir superar seu bloqueio. A fumaça de seus últimos cigarros está se dissipando, assim como as horas que passam.

A cocaína não parece lhe trazer nenhuma inspiração, nem o suor do copo de whisky em suas mãos. Torch começa a escrever freneticamente, rabiscando as páginas, tentando apresentar personagens em sua nova obra, como se através deles estivesse confessando seus crimes, tudo em meio à “happy hour” eterna na qual leva sua existência. O dia raia sem que Torch tenha conseguido iniciar sua obra

Fish declarou que essa canção “É sobre estar em tour e é realmente tarde e você está aborrecido e ouve todas essas garotas perambulando pelos corredores e você tentar ver algo através do buraco da fechadura de seu quarto e entender o que está acontecendo.”

O baterista Ian Mosley e o baixista Pete Trewavas fazem um trabalho brilhante nessa canção, criando o ritmo sobre o qual toda a ação se desenrola. Steve Rothery faz alguns solos incríveis, tudo complementado pelos climas criados pelo talentoso tecladista Mark Kelly.

Warm Wet Circles

Amanhece e os bêbados tentam voltar para suas casas, parando no caminho para fazer propostas para as manequins solitárias nas vitrines, até que desistem e caminham em silêncio para seus lares.

Vários personagens da noite estão se preparando para regressarem para suas residências, aguardando ansiosamente a chegada da noite. Os jogadores de bilhar em suas últimas rodadas, acompanhadas da última dose com os amigos, o barman cansado, sonhando em despachar os últimos bêbados para que possa ir para sua casa, garotas flertando sob a luz tênue das cabines de telefone, todos são personagens da história que Torch tenta colocar no papel, de forma hesitante. Lembranças de amores e corações partidos, casamentos que foram planejados e nunca aconteceram, até que o último ônibus parte e dá adeus à adolescência.

O vocalista declarou que essa canção é “sobre os perigos de se ficar preso na rotina de trabalho de 9 às 17h e depois ir para o pub beber e falar sobre todas as coisas que sonharia em fazer, mas que, na realidade, nunca se concretizarão. Torch regressa aos lugares que costumava frequentar e vê como ele era antigamente. Isso o assusta, especialmente os bêbados desenhando círculos com seus dedos em torno de seus copos. Alcoólatras sempre fazem isso”.

A letra diz:

“Era um anel de casamento

Destinado a ser encontrado em um hotel barato

Perdido na pia da cozinha

Ou jogado em um poço dos desejos”

Essa é uma das melhores faixas do álbum, sendo uma das favoritas dos fãs. Até hoje é executada ao vivo em shows da banda.

Steve Rothery faz um trabalho delicado e belíssimo com seus dedilhados e arpejos na guitarra, com solos maravilhosos, sempre acompanhado pelo teclado sutil e por vezes dramático de Mark Kelly. Sem dúvida, músicos de alta categoria.

That Time of the Night

“Quando estávamos fazendo aquele álbum eu simplesmente me sentia alienado. No estúdio eu era deixado sozinho para gravar meus vocais. Você quer minha carta de renúncia? Está naquele álbum. Leia a letra de “That Time of the Night”. Ela relata exatamente como eu estava me sentindo na época. É uma canção sobre paranoia. Torch está tentando se livrar de todos os seus vícios e se sentindo paranoico e desesperado para tentar conseguir se aproximar de alguém”, declarou Fish.

Torch está deitado na cama. As luzes da rua traçam cruzes nas paredes de seu quarto. Se alguém o pergunta como ele se sente, ele diz que falaria honestamente que vem viajando incessantemente e que, se seus donos lhe dessem algum tempo livre, provavelmente ele fugiria.

A letra da canção diz:

“Se eu tivesse dinheiro suficiente, pagaria uma rodada para aquele menino ali.

Meu companheiro em minha loucura, no espelho, aquele com o cabelo grisalho

Se alguma alma caridosa puder pagar a minha conta

Enquanto o fazem, poderiam também catar os cacos do meu coração partido”.

Poesia pura, complementada de maneira magistral pela cozinha

impecável de Mosley e Trewavas.

O autor com o baixista Pete Trewavas

Going Under

Essa é uma faixa peculiar em vários aspectos. É a mais curta do álbum, não tem participação do baterista Ian Mosley, além de ser a mais triste e, provavelmente, a mais bela da coleção.

Aqui Torch chegou ao fundo do poço. Ele não tem mais nada a dizer nem desculpas para dar. Acha que está enlouquecendo e afundando em seus hábitos e vícios dos quais não consegue se livrar.

Fish interpreta de forma muito emotiva a letra acompanhado por um lindo e marcante arpejo criado pelo genial guitarrista Steve Rothery e um fundo climático criado, de muito bom gosto, pelo tecladista Mark Kelly. Realmente a beleza dessa canção é muito tocante.

Just For the Record

Provavelmente a faixa menos especial do álbum. É uma das poucas que nunca foi executada ao vivo pelo Marillion. Apenas para constar, Torch diz a todos que quiserem ouvi-lo que ele tem total controle sobre seu envolvimento com o álcool e que consegue parar na hora que quiser, uma velha mentira que todo alcóolatra conta para os outros e para si mesmo.

Essa é uma canção mais alegre, pois o protagonista está no bar com seus amigos bebendo animadamente, dizendo que poderá largar a bebida amanhã, não hoje, pois ele não precisa fazer isso. Na realidade ele nunca irá parar de beber.

No entanto, Torch admite que não tem disciplina nem autocontrole. Sua desculpa para beber é que o álcool lhe traz inspiração. Por fim, afirma que é apenas uma fase passageira.

Musicalmente a faixa nos remete muito às canções do Genesis nos anos 70, na fase em que Peter Gabriel fazia parte da banda. Os teclado de Mark Kelly aqui tem uma forte influência de Tony Banks, tecladista do Genesis.

White Russian

Tematicamente e musicalmente a faixa mais pesada do álbum. É a canção mais política de todas. Aqui Torch está observando com muita preocupação o surgimento do movimento Neonazista na Áustria. Ele se dá conta de que precisa fazer algo e encarar a realidade. Ele se sente dividido entre seu lado realista e o escapista. Torch está muito perturbado com o que vê e não consegue mais dormir à noite. Ele não é capaz de fingir que está tudo bem ao ver as sinagogas serem queimadas. Segundo ele, há seis milhões de razões para ele se levantar e lutar, aproximadamente o mesmo número de judeus mortos durante a Segunda Guerra Mundial.

Torch está chocado como o mundo ocidental esqueceu tão rapidamente seus votos e promessas de não permitir que o nazismo ressurgisse. Você pode fechar os olhos, tentando esconder o que vê, mas tudo voltará no dia seguinte.

Essa canção foi escrita na época que Kurt Waldheim foi eleito presidente da Áustria, apesar de haver um amplo reconhecimento por parte da sociedade austríaca que, provavelmente, ele havia cometido crimes durante a Segunda Guerra Mundial, durante o governo nazista. Sua eleição coincidiu com um aumento na atividade neonazista em toda a Europa que, infelizmente, permanece até hoje.

Em vários momentos da canção Torch se pergunta “Para onde iremos daqui em diante?” Seria realmente Torch se perguntando sobre o futuro destino da Europa ou seria o próprio Fish se perguntando qual seria o seu futuro no Marillion? Provavelmente ambos.

O título da canção é também o nome de um cocktail à base de vodca, licor de café e creme

Incommunicado

Depois de toda a tristeza e angústia refletidas na canção anterior,

temos a canção mais “animada” do álbum. O título da canção é uma gíria para “bêbado”.

Aqui, Torch quer realmente ser reconhecido, com todos os benefícios que a fama traz, mas sem ter de assumir as responsabilidades inerentes ao fato de ser famoso.

Podemos notar que há uma grande influência da banda The Who aqui. Fish sempre declarou ser um fã da banda e queria fazer algo inspirado neles. Os outros integrantes não se entusiasmaram muito pela ideia. No entanto, parece que aqui a vontade de Fish prevaleceu.

A banda toca de forma energética e contagiante nesse que foi o primeiro single do álbum. Ao vivo, sempre foi uma canção que levantou a plateia, fazendo com que todos cantassem junto e batessem palmas. Realmente um dos pontos altos do álbum.

Na letra, Fish mostra o cinismo de Torch, que adoraria encontrar pessoas desde que ele conseguisse se lembrar do nome delas pois, desde que alcançou a fama, tem tido problemas com a memória.

Alguns dos melhores versos de sua carreira estão aqui, nessa canção. Torch afirma ser alérgico à água mineral Perrier, à luz do sol e à responsabilidade. Ele quer fazer anúncios para o cartão American Express, talk shows na TV, ter uma mansão na França e seu próprio bar, onde ele poderá ser encontrado.

Os delírios com a fama parecem tomado conta da mente de Torch. Ele quer alcançá-la a qualquer custo, mesmo para isso tenha que renunciar a sua sanidade física e mental.

Mark Kelly faz um ótimo solo de teclado que conduz magistralmente a banda ao refrão da canção. Além disso, Pete Trewavas e Ian Mosley mostram todo seu virtuosismo levando a canção em um ritmo contagiante.

Torch Song

Essa é uma canção fortemente influenciada pelos escritos de Jack Kerouac, o líder do movimento beatnik no final dos anos 50. Kerouac foi o autor do lendário livro “On The Road”, que foi considerada a bíblia do movimento.

Torch aqui mostra todo seu perfil de poeta romântico, alcoólatra e autodestrutivo, que busca ter todas as experiências possíveis no mundo antes de alcançar uma morte prematura. No início da canção podemos ouvir Torch sacando a rolha de uma garrafa e servindo a bebida em seu copo.

Um dos melhores momentos é a “consulta” que Torch faz na canção com o seu médico, Dr Finlay. O conselho que recebe de seu médico é o

de que se ele mantiver o estilo de vida atual não chegará aos 30 anos. O detalhe é que o personagem Torch tinha 29 anos na época, exatamente a mesma idade de Fish ao escrever as letras do álbum. Coincidência? Claro que não.

Torch admite que está tarde demais no jogo para demonstrar qualquer orgulho ou vergonha. Ele se considera um caso perdido. Mais uma letra sensacional, acompanhada da guitarra extraordinária de Steve Rothery. Um dos pontos altos da canção é quando Torch acende um fósforo e Rothery simula um grito com sua guitarra. Brilhante.

Slainte Mhath

Essa canção tem seu título escrito em celta, pois terra natal do vocalista Fish é a Escócia, tendo sido ele nascido em Edimburgo. A pronúncia da expressão é "Slanj navá", que quer dizer "saúde", dita sempre quando se faz um brinde a alguém.

É uma canção com forte influência escocesa, sobre sonhos partidos e amigos se encontrando no pub e fazendo brindes, dizendo "slainte mhath"!

Fish contou que escreveu essa canção dentro de um pub, quando estava bebendo e lendo um livro quando um bêbado chegou até ele e lhe perguntou se ele era um escritor e, antes que recebesse uma resposta, passou a lhe relatar toda a história de sua vida, culpando o destino por todos os seus fracassos e desilusões. Após ouvir atentamente tal relato, a única coisa que o vocalista conseguiu dizer foi "slainte mhath" e fez um brinde com seu recém conhecido companheiro de pub.

Fish faz um paralelo entre seus ancestrais, que lutaram na Primeira Guerra Mundial e foram massacrados na linha de fogo inimigo com seus compatriotas que viviam a situação de desemprego devido ao fechamento das minas de carvão e fábricas na Escócia. Ambas as gerações estariam na "linha de fogo inimigo", uma literalmente e a outra economicamente e financeiramente. Quando Fish mostrou essa canção ao seu pai, ele chorou de emoção, pois entendeu a mensagem que seu filho quis transmitir em sua letra.

Uma das mais imponentes e poderosas canções do álbum, foi a escolhida para abrir todos os shows da tour promocional do álbum "Clutching at Straws". Mark Kelly tem uma participação decisiva na faixa, pois seu piano e teclados conduzem toda a melodia da canção até que Steve Rothery entre com sua guitarra inconfundível tocando um belo arpejo com o efeito de digital delay, que leva a canção juntamente com os teclados. Musicalmente excelente, com uma letra incrível. Mais uma faixa sensacional nesse álbum repleto de grandes

momentos musicais e poéticos.

Sugar Mice

Uma das mais belas canções de toda a carreira do Marillion, além de ser uma das favoritas dos fãs, executada até hoje pela banda e por Fish em seus respectivos shows. Foi o segundo single lançado do álbum.

Sobre a canção, Fish declarou: “Eu estava deitado na cama do hotel Holiday Inn olhando para o teto e vendo corações que alguns namorados haviam talhado no teto. Eu estava me sentindo realmente deprimido. Então eu liguei para a minha namorada, mas foi uma conversa ruim, vários silêncios longos. Eu fiquei ainda mais triste. Torch decidiu fugir de tudo e todos e foi buscar um sonho que não existe.”

“Eu adoro a letra dessa canção. Eu a escrevi em Milwaukee quando estávamos em tour pelos EUA. Eu fiquei hospedado em um hotel muito ruim, imaginando como seria se alguém tivesse deixado sua esposa e filhos na Escócia ou em algum outro lugar, e tivesse atravessado metade do mundo para ficar hospedado em um hotel horrível com um bar incrivelmente triste no térreo. Nós chegamos no domingo e tudo o que eu podia ver pela janela eram os vendedores de droga na esquina. A canção é sobre isso.”

Torch não tem mais ninguém para culpar, a não ser a si mesmo. Desta forma, assume a culpa de todos os problemas com os quais se envolveu.

Sem dúvida, uma das melhores letras de toda a carreira do grande poeta. Aqui, várias estrofes são realmente magníficas. A inspiração veio forte nesse domingo de solidão no hotel. Alguns exemplos:

“Eu ouvi Sinatra me chamando pelo piso de madeira

Onde você paga com uma moeda para uma parceria em rima

Para a jukebox chorando no canto

Enquanto a garçonete está contando o tempo”

Mais uma estrofe:

“Bem, a coisa mais difícil que eu já fiz foi falar com as crianças ao telefone

Quando eu as ouvi fazendo perguntas eu soube que vocês estavam totalmente sozinhos

Será que você não pode entender que o governo me deixou sem emprego

Eu simplesmente não pude suportar o olhar deles dizendo: “Que idiota”

Então se você quer meu endereço é o número 1 no fundo do bar

Onde eu me sento com os anjos com asas partidas, agarrando as palhas e cuidando das cicatrizes

Ponha a culpa em mim, ponha a culpa em mim."

Se não bastasse a letra maravilhosa da canção, Steve Rothery ainda faz um solo de guitarra simplesmente antológico, talvez o melhor de toda a sua carreira. O solo é tão lindo que podemos até mesmo cantá-lo, pois faz parte integral da faixa. Um momento de arrepiar o ouvinte com tanta emoção. Sensacional.

O autor com o guitarrista Steve Rothery

The Last Straw

Na faixa final do álbum Torch volta a escrever compulsivamente em sua máquina de escrever (lembrem-se que estamos em 1987), colocando no papel todos os seus pesadelos e lembranças, tentando limpar a sua consciência e abrir a mente para ter novos sonhos

Faz uma crítica ao isolamento em que vivemos, cada um fechado em seu pequeno mundo, nos enganando achando que há alguém que se realmente se importa conosco e irá atender nossas orações. Chega ao ponto de dizer que todos nós somos pacientes terminais que, ainda assim, continuamos tomando nossas medicações, fingindo que o fim não está próximo.

“Nós fazemos gestos fúteis, posamos para as câmeras

Com nosso rosto maquiado e sorrisos de relações públicas

E quando o anjo desce para nos buscar

Nós descobriremos que, no final das contas, nós somos apenas homens de palha

Mas tudo continua igual

Passando o tempo, jogando a culpa

Nós seguimos em frente da mesma maneira

Nós descobriremos um dia que deixamos para tarde demais o que queríamos ter dito”

Torch não quer que ninguém se solidarize com ele. Na realidade, se nós olharmos para ele, no reflexo de seus olhos reconheceremos então que nós todos somos um só e somos iguais. Há um pouco de Torch em cada um de nós. Todos estamos tentando nos agarrar em algo para nos salvar.

Musicalmente é uma canção forte, mais pesada, cantada com agressividade e com uma instrumentação idem. O destaque aqui vai para a bateria de Ian Mosley.

O título da canção é “The Last Straw / Happy Ending”, pois a gravadora insistiu muito com a banda que o álbum tivesse um final feliz. Apenas para se vingarem tal atitude patética, exercendo uma pressão sobre a obra que estava sendo criada, a banda decidiu adicionar “Final Feliz” no título. Na realidade, após o término da faixa só ouvimos Fish dizer “No!” e dar uma gargalhada pois, na realidade, não há nenhum final feliz.

O LEGADO DE "CLUTCHING AT STRAWS"

"Clutching at Straws" é o álbum mais maduro e completo da banda, no qual conseguiram estabelecer um equilíbrio entre a introspeção e a grandiosidade do sucesso. Um álbum estranhamente romântico, embora tenha toda uma atmosfera sombria, triste e um pouco depressiva. É um daqueles álbuns que merecem ser ouvidos atentamente, em silêncio, a sós, de preferência acompanhado apenas de uma bebida e deixar que a banda o leve nessa incrível viagem que, provavelmente, você ficará tentado a repetir.

Considero que o ponto alto dessa obra sejam as letras, ou poemas, escritos por Fish. São simplesmente geniais, nas quais ele faz pinturas detalhadas em nossas mentes ao nos contar a história de Torch. Além disso, a parte musical é também toda brilhante, com um destaque especial para a atuação do guitarrista Steve Rothery que toca com todo o seu coração, criando solos lindos e linhas melódicas que também são altamente poéticas. Uma combinação única.

Embora tenha sido marcado por tantas polêmicas, tanto Fish quanto Steve Rothery consideram que "Clutching at Straws" é o melhor álbum do Marillion na fase com Fish como vocalista.

A tour promocional do álbum foi a mais bem sucedida de toda a carreira da banda até então. Se apresentaram para plateias cada vez maiores, chegando ao maior show da carreira deles em Berlim, onde tocaram para 95.000 pessoas.

No entanto, nos bastidores a atmosfera não refletia tal entusiasmo. A banda apelidou a tour de "Tour dos Infernos", por ter sido a mais infeliz que fizeram. Na realidade, os músicos estavam cada vez mais distantes entre si, particularmente de Fish, que passava praticamente o tempo todo isolado dos outros, que não queriam ter nenhum tipo de contato com ele.

Steve Rothery declarou que "parecia que a coisa que Fish mais amava fazer agora ele havia passado a odiar. Ele estava procurando pessoas para culpar".

Fish afirmou "Nós não estávamos nos dando bem e, quando saímos para a tour se tornou intolerável. O ônibus da tour não era um lugar bom de se estar. Cada um de nós se sentava em uma posição diferente, ninguém falava nada. O espírito de grupo havia sido perdido."

Pete Trewavas disse "Nós vivíamos em uma bolha. Não podíamos ir a lugar nenhum sem segurança, tínhamos que usar pseudônimos nos hotéis, não podíamos sair sozinhos."

Mark Kelly sentia que "Eu ia para o palco a cada noite achando que eu estava tocando sozinho".

Ian Mosley disse que “Após nossa maior apresentação em Berlim nós descemos do palco e a banda estava dizendo que não havia curtido o show. Foi aí que o alarme soou para mim. Se você não aprecia tocar para uma plateia assim é sinal de que há algo muito errado.”

O problema poderia ter sido muito amenizado se eles tivessem podido tirar umas férias das tours incessantes e uns dos outros. Mas o empresário deles estava determinado a mantê-los na estrada, em detrimento da própria banda. Mark Kelly afirmou que eles precisavam de seis meses de descanso. Se isso tivesse acontecido, provavelmente Fish não teria saído da banda e eles não teriam se separado.

Ao final da tour, as coisas começaram a piorar ainda mais. Havia uma relutância em trabalharem juntos novamente. Foi feita uma última tentativa de trabalharem em um novo álbum, mas ela foi fracassada. A banda não queria mais ficar junta, na mesma rotina de sempre. Ficou nítido que havia um distanciamento entre o que o vocalista e o restante da banda queria, cada parte querendo seguir em uma direção diferente. Algum material chegou a ser produzido e gravado, sendo reaproveitado posteriormente nos dois primeiros álbuns solo de Fish e do Marillion com o sucessor do grande escocês, o novo vocalista Steve Hogarth.

Fish escreveu uma longa carta para a banda listando os pontos que deveriam ser mudados para que ele pudesse permanecer na banda. Ele não estava satisfeito pelo fato de ser o responsável em ter de lidar com a imprensa, cuidar das capas dos álbuns, lidar com a gravadora, empresários e tudo mais. A banda não concordou e disse que aceitava a renúncia dele como vocalista da banda. Uma fase muito importante do Marillion havia se encerrado.

Os membros da banda ficaram sem ter contato com Fish durante mais de uma década. Depois desse período, se reaproximaram gradativamente e foram recuperando sua amizade. Isso pôde ser comprovado quando todos os músicos fizeram uma participação especial na última música de um show de Fish em Aylesbury, cidade onde o Marillion foi formado. Depois disso, o próprio Fish se encontrou em várias ocasiões com o seu sucessor, Steve Hogarth, afirmando que eles têm um bom relacionamento. Mais recentemente, os cinco membros da formação clássica da banda se reuniram em um pub para gravarem entrevistas sobre os quatro álbuns que gravaram juntos, tudo em um clima de alegria e descontração.

Embora o álbum tenha um final triste, ao menos na vida real os cinco músicos conseguiram resgatar a amizade que os levou inicialmente a formar o Marillion.

Finais felizes também acontecem.

BIBLIOGRAFIA

Marillion – Separated Out – por Jon Collins

Marillion – Clutching at Straws – Deluxe Edition

The Inside Story Behind Marillion's Clutching at Straws – Prog Magazine, por Dave Everley

Shadow play – por Mark Wilkinson

Masque – The Graphic World of Mark Wilkinson, Fish and Marillion, por Mark Wilkinson e Fish

Marillion – Explanation of Song Elements - http://marillionations.blogspot.com/

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS NO YOUTUBE

http://www.metalstorm.net/bands/lyrics.php?album_id=19075&band_id=2373&bandname=

https://www.youtube.com/watch?v=x-wlNQll1mc

https://www.youtube.com/watch?v=ppgQPhtMib8

https://www.youtube.com/watch?v=9Sh9YyEvIIg

https://www.youtube.com/watch?v=ck9vIB8F9_8

https://www.youtube.com/watch?v=Q79xkgIXhmU

https://www.youtube.com/watch?v=PSkj8rQ-5Vs

https://www.youtube.com/watch?v=TWrOSwx_ss0

https://www.youtube.com/watch?v=MHBQMewehFQ

https://www.youtube.com/watch?v=_hZnf-_XNiU

https://www.youtube.com/watch?v=6COmtBk6lYo

https://www.youtube.com/watch?v=iyb0X6W00RU

THE POLICE – SYNCHRONICITY

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO – 1983

PRODUZIDO POR - HUGH PADGHAM

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- TODAS AS LETRAS E CANÇÕES DE STING, EXCETO:STEWART COPELAND – FAIXA 5

ANDY SUMMERS – FAIXA 4, STING & ANDY SUMMERS – FAIXAS 11 E 12

- STING – VOCAL, BAIXO, TECLADOS, BATERIA ELETRÔNICA, SEQUENCER, SAXOFONE, OBOÉ E FLAUTA
- ANDY SUMMERS – GUITARRAS, BAIXO, BACKING VOCALS, TECLADOS, VOCAIS EM “MOTHER”
- STEWART COPELAND – BATERIA, MARIMBA, PERCUSSÃO, CO-VOCAL EM “MISS GRADENKO”
- MÚSICO CONVIDADO: TESSA NILES – BACKING VOCALS

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**SYNCHRONICITY 1**
2	**WALKING IN YOUR FOOTSTEPS**
3	**O MY GOD**
4	**MOTHER**
5	**MISS GRADENKO**
6	**SYNCHRONICITY 2**
7	**EVERY BREATH YOU TAKE**
8	**KING OF PAIN**
9	**WRAPPED AROUND YOUR FINGER**
10	**TEA IN THE SAHARA**
11	**MURDER BY NUMBERS**
12	**ONCE UPON A DAYDREAM**

ORIGENS DO ÁLBUM

Em 1981 o The Police lançou o excelente álbum “Ghost in the Machine”, no qual havia grandes clássicos da banda como “Spirits in the Material World”, “Invisible Sun” e “Every Little Thing She Does is Magic”. Fizeram uma longa tour internacional de grande repercussão, que inclusive passou pelo Brasil. Por todos esses fatores, a banda se tornou uma das maiores do planeta.

O grande sucesso e reconhecimento que o The Police obteve nessa fase veio com um grande custo emocional para seus integrantes. Ambos Sting e Andy Summers tiveram seus casamentos arruinados pela pressão constante do processo ininterrupto de tours, gravações e viagens pelo mundo. Seus relacionamentos conjugais foram profundamente abalados e destruídos por seus constantes e prologados períodos de ausência, até atingirem uma situação irreversível. Além disso, ambos sofreram muito por não terem podido acompanhar o crescimento de seus filhos, já que ambos se tornaram pais antes do reconhecimento internacional do The Police.

Além dos problemas familiares, havia uma tensão constante entre os membros da banda, com muitos conflitos e brigas, particularmente entre Sting (baixista, vocalista, compositor principal e líder de fato da banda) e Stewart Copeland (baterista), o fundador do The Police. Ambos queriam liderar o grupo e discordavam em praticamente tudo, desde o nível pessoal até o musical. Essa constante fricção entre ambos gerava um contínuo desconforto e a certeza de que a parceria musical entre os três talentosos músicos não duraria muito tempo. A atuação de Andy Summers (guitarrista) foi a de um pacificador, tentando acalmar os ânimos das outras duas partes. Ele conseguiu alcançar algum sucesso com seus esforços diplomáticos, embora sempre soubesse que, mais cedo ou mais tarde, a banda iria se desfazer e Sting partiria para sua sonhada carreiro solo. Ele já havia declarado abertamente à Summers e Copeland que no momento que o grupo não fosse mais útil para ele, que os deixaria imediatamente.

Ao ser questionado sobre a importância do grupo em sua vida, respondeu: “O grupo é apenas uma parte de nossas vidas. Não é tudo o que somos ou que queremos da vida. Se fosse, seria horrível. Eu não conseguiria suportar. Necessito de uma vida privada e de modos individuais de expressão”.

Quanto à predominância de suas canções em todos os álbuns, afirmou: “Eu queria que apenas as minhas canções fossem gravadas. Eu achava que era a melhor coisa que a banda poderia fazer. Tive de lutar a cada minuto. Era desgastante e difícil”.

Sting nunca escondeu sua enorme ambição em alcançar o topo do

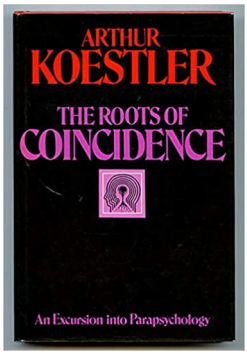
sucesso e da fama, continuamente trabalhando duro para fazer com que sua banda se tornasse a maior do mundo. Ele sempre foi um grande fã declarado dos Beatles, particularmente de Paul McCartney, e queria seguir os passos da maior banda da história, em cada uma de suas conquistas.

Em uma entrevista declarou o seguinte: “Os Beatles foram a banda mais popular de todos os tempos e nosso objetivo é superá-los.” Prosseguindo, afirmou: “Eu sempre quis ser o melhor. Eu sou um egoísta. Eu não subiria em cima do palco e faria o que eu faço se eu não fosse extremamente confiante em tudo que eu faço. Eu acho que seria falso da minha parte ser modesto. Eu acredito que eu sou um grande compositor e cantor”.

Seu sentimento antes da gravação de “Synchronicity foi o de que eles tinham que mudar o som pelo qual eram reconhecidos e haviam se tornado famosos, pois existia muitos outros grupos que tentavam clonar o som deles, como o “Men at Work”. Se por um lado se sentia lisonjeado, por outro, sentia que chegara o momento de experimentar algo diferente.

Para isso, ele precisava compor um novo álbum, com canções e letras extraordinárias, que marcassem profundamente os ouvintes e fãs da banda. Algo que levasse o The Police ao topo das paradas de todo o mundo e, definitivamente, fizesse de sua banda a número 1. No entanto havia uma questão a ser resolvida. Sting declarou: “O problema é que eu sou um compositor rico e bem-sucedido. Sobre o qual assunto eu irei escrever agora?”

Para solucionar essa questão, decidiu se isolar de tudo e de todos, alugando uma casa na Jamaica por alguns meses, chamada “Golden Eye”, a qual havia pertencido a ninguém menos que Ian Fleming, o célebre autor inglês, criador do lendário personagem “James Bond”. Sting usou a mesma escrivaninha que Fleming usara anteriormente para compor suas novas canções e letras, que foram profundamente inspiradas pelas obras dos escritores Arthur Koestler, autor de “Roots of Coincidence” e do grande mestre austríaco da psicanálise, Carl Gustav Jung, e sua obra “Synchronicity”. Andy Summers já havia feito terapia junguiana antes que Sting e era um admirador da obra do grande mestre austríaco. No entanto, só revelou isso ao seu colega baixista ao vê-lo lendo a autobiografia de Jung, intitulada “Memórias, Sonhos e Reflexões”.

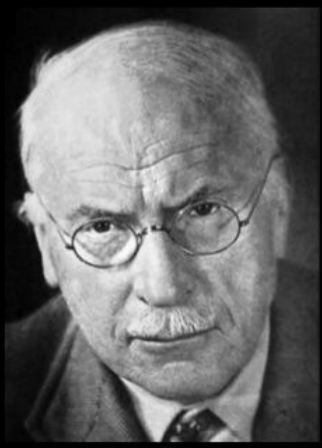


Sting sentiu-se tão inspirado que teve a certeza de que suas novas canções, juntamente com o novo álbum, levariam o The Police ao topo, ainda que isso significasse o fim da banda. Para ele, valeria a pena o sacrifício. A coleção de canções compostas por Sting foi lançada no quinto e último álbum da curta, mas profundamente rica, carreira de sua banda

Na hora de escolherem a sequência das faixas do álbum, ninguém consegui chegar à um acordo até que Andy Summers sugeriu: “Por que não colocamos as faixas mais rápidas e agitadas no lado A e as mais lentas no lado B?” Pareceu uma ideia absurda, mas ela foi aceita pela banda.

O novo álbum foi batizado de “Synchronicity”, em homenagem à Carl Jung, e Sting conseguiu atingir seu objetivo: O The Police se tornou a maior banda do mundo.

The Synchronicity Principle



Synchronicity is an **acausal** principle and can be defined by **a meaningful coincidence** which appears between a mental state and an event occurring in the external world.

(Carl G. Jung, 1951)

ANÁLISE DO ÁLBUM – FAIXA A FAIXA

Synchronicity 1

A canção título e que abre o álbum aborda o conceito desenvolvido por Carl Jung, relativo às coincidências e como as coisas se conectam, sem que haja aparentemente uma relação lógica entre os eventos. Algumas vezes há acontecimentos que não são ligados de uma maneira lógica, mas simbolicamente e emocionalmente eles o são.

Andy Summers declarou em uma entrevista que essa canção foi tão difícil de gravar que em uma determinada noite ele e Stewart Copeland ficaram exauridos com a gravação e deixaram o estúdio para irem dormir. Ao voltarem no dia seguinte ficaram sabendo que Sting havia passado a noite em claro, trabalhando sozinho na canção até que ela estivesse totalmente pronta, pois era uma canção pessoalmente muito importante para ele, que havia passado por um período de terapia junguiana para tentar superar o trauma de seu recente divórcio.

Musicalmente, é uma faixa muito energética, rápida, dinâmica, repleta de referências à Jung e a sua obra. Sem dúvida, uma grande faixa de abertura para esse álbum inesquecível.

Walking in Your Footsteps

Inspirada em uma fotografia de Sting tirada no Museu de História Natural de Nova York, na qual ele se encontra dentro das costelas de um dinossauro, essa é uma das canções mais diferentes e exóticas de toda a carreira do The Police. Não há nada semelhante em nenhum outro álbum deles. São usados instrumentos primitivos, como flautas e tambores, todos eles com a finalidade de remeter o ouvinte à pré-história e à época em que os dinossauros viviam na terra.

Há 15 milhões de anos atrás nosso planeta foi habitado por tais criaturas enormes, donos do planeta, reinando sobre o mundo todo. No entanto, não poderiam esperar que acabariam se tornando extintos, nos deixando apenas suas ossadas e pegadas no solo como vestígios. Sting nos mostra que os seres humanos meramente seguem as pegadas dos dinossauros.

Será que nós não estaríamos seguindo o mesmo caminho? Será que a humanidade não poderia aprender uma lição com a extinção dos dinossauros? Esses são alguns dos questionamentos feitos por Sting nessa faixa ao mesmo tempo bela e incomum.

O My God

Embora a palavra religião venha do latim “ligare”, que significa conectar, Sting analisa que, ao contrário disso, em toda a história da

humanidade, poucas instituições separaram tanto as pessoas quanto as diferentes religiões existentes no planeta.

O personagem da canção se mostra irritado, zangado com Deus, pois todas as pessoas que ele conhece são solitárias, sem amor em suas vidas e vivem distantes umas das outras. Pede para Deus preencher o espaço entre as pessoas de alguma maneira.

Avisa à Deus que não espere que ele lhe dê a outra face, em uma clara citação bíblica em Mateus 5:39, pois ele está machucado, frustrado e revoltado com o tratamento que vem recebendo da divindade suprema desde o dia que nasceu.

Sting chega ao ponto de chamar a atenção de Deus, pedindo que ele acorde, pois não é possível que não esteja vendo tanta desigualdade no mundo entre os seres humanos, especialmente entre os ricos e os pobres.

Além disso, essa canção iniciou uma tradição na obra de Sting, na qual ele faz uma autocitação, sempre mencionando uma faixa do álbum anterior que, nesse caso, foi "Every Little Thing She Does is Magic". O seu intuito foi o de mostrar que, na realidade, todas as canções do mundo são uma só, formando um todo indivisível.

Mother

Andy Summers parece não ter sido muito feliz com sua composição totalmente solo selecionada para o álbum, que é um relato paranoico no qual o personagem tem um relacionamento totalmente doentio e perturbado com sua mãe, que nunca lhe dá sossego, dominando totalmente sua vida e inviabilizando o seu relacionamento com qualquer outra mulher. Ele deixou muito claro que não compôs a canção pensando em sua mãe, com a qual tinha um ótimo relacionamento.

Sting não quis a cantar nessa faixa, e apenas tocou seu baixo. Isso levou Andy Summers a cantá-la, além de gravar as guitarras. Stewart Copeland aceitou participar normalmente, tocando sua bateria.

Andy Summers tem outras composições muito melhores do que essa em sua carreira, como "Omegaman", do álbum anterior. É uma pena que não tenha lançado uma outra tão boa nesse álbum. As duas faixas finais do álbum, compostas por ele em parceria com Sting, são bem melhores.

Andy Summers e o autor

Miss Gradenko

Uma composição agradável de Stewart Copeland, na qual ele e Sting dividem os vocais. Embora não seja memorável, musicalmente não destoa do álbum como a faixa anterior. Copeland também teve momentos melhores em suas composições nos álbuns anteriores do The Police, como "Does Everyone Stare", "The Other Way of Stopping" e "Darkness".

Um acontecimento muito curioso ocorreu durante as gravações do álbum, quando a tensão no estúdio chegou à níveis insuportáveis. Eles estavam gravando na ilha de Montserrat, no Caribe, no famoso "Air Studios" de propriedade do lendário George Martin, produtor dos álbuns dos Beatles. Eles decidiram pedir ajuda a Martin. Quem sabe ele pudesse socorrê-los e ajudá-los a terminar o álbum? O escolhido para procurar o maestro foi Andy Summers, que foi a pé até sua casa. Tocou a campainha e foi atendido pela empregada da casa, que chamou George Martin, que veio recebê-lo e o convidou para entrar, pois estava ciente da presença do The Police gravando em seu estúdio.

Martin ouviu atentamente o relato de Summers, lhe contando todos os problemas que estavam enfrentando. A resposta do maior produtor musical de todos os tempos foi a seguinte: "Lamento saber que vocês estejam tendo problemas. No entanto, tenho certeza de que vocês

conseguirão superá-los juntos. Eu já vi tudo isso antes. Nós somos ingleses. Aceita mais uma xícara de chá?”.

O autor e Stewart Copeland

Synchronicity 2

Depois de uma pausa para as composições de seus parceiros musicais, provavelmente muito a contragosto, Sting volta com força total, com uma das canções mais energéticas e contagiantes de toda a carreira do The Police. Um verdadeiro clássico instantâneo no qual o vocalista solta seu grito de guerra, destinado a conquistar o mundo da música internacional.

A letra, mais uma das que foi inspirada na obra de Carl Jung, estabelece um paralelo entre o surgimento de um monstro nas profundezas de um lago na Escócia e a vida monótona de um operário, à beira de um colapso mental, que trabalha em uma fábrica e cuja vida está preenchida apenas pelo aborrecimento, frustrações e infelicidade. O monstro representa sua ansiedade, tudo que ele nega e esconde de si mesmo em seu inconsciente, até que uma hora isso se torna impossível. A cada estrofe da canção, enquanto Sting relata a monotonia e humilhações pela qual o protagonista passa em sua carreira, o monstro do lago na Escócia vai se aproximando, primeiramente rastejando no fundo do lago, depois subindo para a superfície, até que, ao fim da canção, a sombra do monstro já está

porta da casa do operário. Sting nos deixa imaginar qual final trágico foi reservado ao protagonista da canção.

Uma canção fantástica, muito pesada em todos os sentidos.

Every Breath You Take

Em uma entrevista realizada na época, Sting afirmou: “Eu acho mais fácil escrever canções infelizes. “Every Breath You Take” é uma canção muito triste, que me deixa triste, mas é uma tristeza maravilhosa. Ela foi escrita em um período de uma horrível angústia pessoal e foi algo catártico eu ter escrito aquela canção”. “Essa canção tem algum tipo de poder, acho que talvez seja devido à sua ambiguidade, pois ela é ao mesmo tempo sedutora e sinistra”. “Meu objetivo original era escrever uma canção sedutora de amor. No entanto, o que eu obtive no final foi algo muito mais sombrio. A minha vida particular invadiu a canção. Tudo à minha volta parecia estar se desintegrando: meu casamento, minha banda, minha sanidade, e tudo isso em uma época que, visto de fora, eu aparentava ser um dos músicos mais bem-sucedidos do mundo.”

Através de seu sincero relato podemos ter alguma noção das dificuldades enfrentadas pelo líder da banda. No entanto, temos que concordar com ele. A canção é realmente maravilhosa, e acabou se tornando a mais famosa de toda sua carreira, tanto no The Police quanto em seus álbuns solo.

Se há alguma canção perfeita no mundo, provavelmente essa é uma delas. Tudo funciona magistralmente, desde a letra profundamente tocante, a bateria impecável de Stewart Copeland, a guitarra precisa e melódica de Andy Summers, além do vocal sofrido e o baixo pulsante de Sting.

A letra da canção conta a história de um relacionamento doentio, no qual o protagonista controla, vigia e observa cada passo e movimento de sua companheira. A situação é tão grave que ele pergunta: “Será que você não percebe que você me pertence?” O protagonista sofre com qualquer movimento de liberdade de sua amada que, no final das contas, o abandona. É um caso clássico de amor possessivo e controlador.

Após ter concluído a canção, Sting teve sentimentos dúbios em relação a ela. Se por um lado ficou satisfeito com sua beleza e perfeição estética, a mensagem e a letra o assustaram. Será que o caso de amor descrito na canção era o amor real? Claro que não. Para tentar remediar a situação, ele compôs uma canção “antídoto”, que foi lançada no álbum seguinte, o primeiro de sua bem-sucedida carreira solo. O título dela é “If You Love Somebody, Set Them Free.” Agora

sim ficara satisfeito: se você ama alguém, deixe o livre.

Sting declarou que muitas vezes que encontra seus fãs, especialmente casais, eles lhe dizem que escolheram “Every Breath You Take” como a música do casal, ou a canção que foi tocada em suas cerimônias de casamento. A reação dele sempre é a mesma, de espanto e horror. Ele se pergunta se as pessoas realmente prestaram atenção à letra que ele canta. Sua resposta aos que fazem tal comentário também é sempre a mesma: deseja boa sorte ao casal e vai embora imediatamente.

King of Pain

A inspiração para essa maravilhosa canção, uma das melhores de toda a carreira do grupo, surgiu em uma tarde, quando Sting estava sentado embaixo de uma árvore em seu jardim, vendo o pôr do sol. Ao prestar atenção no belo espetáculo, notou que havia uma mancha preta na superfície solar. Ficou espantado com sua descoberta e se virou para sua namorada da época, Trudie Styler, que posteriormente se tornou sua segunda esposa, e lhe disse que havia uma pequena mancha preta no sol. Além disso, falou: “Acho que é a minha alma lá em cima”. Sua namorada fez pouco caso de seu comentário e respondeu: “Lá vai ele novamente, o rei da dor!”, que acabou se tornando o título da canção.

Também declarou: “Parece que sou duas pessoas. Por um lado, uma personalidade soturna, voltada para a destruição e, por outro, um louco despreocupado.”

“King of Pain” foi uma daqueles canções que fez sucesso imediato em todas as rádios e com os fãs do The Police. Além da incrível letra, a melodia da canção e o seu refrão são extremamente contagiantes. Sempre foi uma faixa que levantou o público em todas as apresentações em que foi executada e, até hoje, é a favorita de muitos fãs.

A letra da canção lida com temas abordados na teoria da sincronicidade de Jung, mesclada com sentimentos pessoais do autor, sempre mencionando a sensação de alienação, isolamento, na esperança de que alguém consiga salvá-lo de todo o seu sofrimento. No final, lamenta profundamente toda a situação e admite que ele sempre será o rei da dor.

Uma obra prima do grande compositor e baixista.

Wrapped Around Your Finger

Essa é a terceira de uma sequência de quatro canções épicas do álbum “Synchronicity”. Um dos arranjos musicais mais belos e delicados da carreira do The Police, executado magistralmente pelos fabulosos

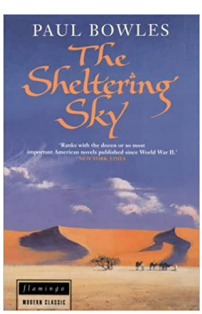
músicos Andy Summers, com sua guitarra discreta e com enorme bom gosto, juntamente com um trabalho percussivo sutil, porém poderoso do incrível Stewart Copeland. Tudo isso em cima de uma letra brilhante, cantada com a voz inconfundível e marcante de Sting. Mais uma obra perfeita.

A inspiração para a canção veio de várias fontes diferentes. Por um lado, há um elemento de alquimia, assunto de interesse do compositor. Por outro, há influências do tarô e da história lendária do folclore alemão do Dr. Fausto, que vende sua alma ao diabo em uma encruzilhada em troca de sucesso, conhecimento ilimitado e prazeres terrenos, com o qual Sting se identificava.

A letra, bastante complexa e obscura, dá espaço a inúmeras interpretações diferentes. Em uma passagem, Sting afirma que "Mefistófeles (o demônio com o qual o Dr Fausto negocia sua alma) não é o seu nome, mesmo assim eu sei o que você almeja". Há uma clara relação entre mestre e aprendiz, no qual inicialmente o aprendiz se encontra preso em torno do dedo de seu mestre. Ele veio apenas buscar conhecimento, coisas que não são ensinadas na escola. No final da canção, os papéis se invertem.

Tea in the Sahara

O livro "The Sheltering Sky", de Paul Bowles. Trata-se da história de três irmãs, cuja única ambição é a de tomar chá no deserto do Saara. Elas dançam em troca de dinheiro em cafés na Argélia, mas vivem frustradas pois os homens argelinos para quem elas dançam são feios e as pagam mal. A situação persiste até que um dia conhecem um homem bonito e charmoso que pedem que elas dancem para ele, lhes dizendo que tem uma casa no meio do deserto e, em seguida, vai embora. Elas haviam se apaixonado.



As irmãs economizam dinheiro, compram um bule de chá e algumas xícaras e partem para o deserto, a fim de encontrá-lo e realizarem seu sonho. Infelizmente, a história termina de maneira trágica.

Essa é uma canção sobre promessas não cumpridas e sobre sonhos não realizados.

Sting canta suavemente a letra da canção, provavelmente a mais atmosférica da carreira da banda, com uma instrumentação magistral, esparsa. Andy Summers usa seus pedais de efeito delay de forma brilhante, assim como Stewart Copeland com sua percussão inspirada e delicada. Realmente é uma das melhores canções da banda, uma das mais "vazias" que já ouvi, com muito espaço entre as notas musicais.

Sting declarou que essa é uma de suas canções favoritas.

Murder by Numbers

Essa canção foi criada inicialmente por Andy Summers, que trouxe para Sting uma sequência de acordes jazzísticos altamente sofisticados, exóticos e incrivelmente belos.

O vocalista ficou interessado pela canção e perguntou à Summers se poderia escrever uma letra para ele. Andy concordou com a proposta. Sting então fez uma gravação da sequência musical e saiu para uma caminhada ouvindo a fita. Durante o passeio lhe veio a ideia de escrever uma ácida paródia, crítica aos livros de autoajuda, nos ensinando a fazer de tudo e a resolver todos os nossos problemas.

Na canção, o protagonista nos ensina a cometer um assassinato e como fazer isso com classe, de maneira profissional, sem derramamento de sangue. Conta que você poderá transformar isso em uma forma de arte. Assassinar alguém é tão fácil como aprender o ABC.

No final das contas, se você assassinar um grande número de pessoas, poderá se juntar aos maiores líderes, fazendo parte do "Hall da Fama Sombrio", podendo até mesmo chegar a ser eleito para algum cargo importante, quando então poderá mandar matar pessoas livremente, sem ter que mexer um dedo de sua mão.

A canção é ao mesmo tempo brilhante e bizarra. Tão incomum que até Frank Zappa convidou Sting para cantá-la em um dos seus shows. Um encontro único.

Once Upon a Daydream

Embora não seja oficialmente uma faixa de “Synchonicity”, essa canção foi lançada na mesma época como lado B do single “Synchronicity 2”, pois foi gravada nas mesmas sessões do álbum. Além disso, o próprio Sting a considera uma canção do álbum em seu livro de letras intitulado “Lyrics by Sting”. Como o próprio autor a incluiu no álbum, me vi no dever de fazer o mesmo, pois ela se encaixa perfeitamente com o restante das canções.

Mais uma canção originalmente composta por Andy Summers, a qual foi apresentada à Sting, que criou sua letra trágica e assustadora.

O protagonista da canção se apaixonou por uma moça, a engravidando, e ambos se casaram. O pai da moça descobriu que ela estava grávida, a espancou e acabou matando o bebê que ainda estava em seu ventre. Como vingança, o protagonista comprou uma arma e matou o pai da moça, sendo preso logo em seguida.

A canção conta do sofrimento e tristeza sentida pelo rapaz, que passará o resto de seus dias na cadeia, imaginando uma vida a qual nunca terá com sua esposa e filho. Ele passa seus dias sonhando e chorando.

Sting interpreta a canção com uma voz apática, como se o mundo estivesse desmoronando ao seu redor e ele em estado de choque, sem conseguir esboçar qualquer reação. Sem dúvida alguma, um final muito impactante para a obra máxima dessa que foi uma das maiores bandas de todos os tempos, com a breve colaboração entre três músicos geniais: The Police.

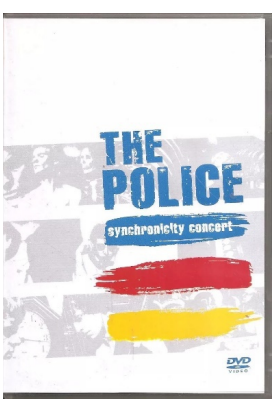
O LEGADO DE "SYNCHRONICITY"

Quando o álbum foi lançado atingiu o primeiro lugar das paradas nos EUA e Reino Unido, ficando 17 semanas no topo, chegando a tomar o lugar ocupado pelo mega álbum de Michael Jackson, "Thriller". "Synchronicity" vendeu mais de 11 milhões de cópias no seu lançamento.

Sobre o enorme sucesso do álbum, Sting declarou: "As pessoas gostam de canções tristes. Eu tenho o tipo de voz que combina com canções tristes. No passado, várias vezes eu tive a sensação de que criava a infelicidade deliberadamente. Dessa vez eu não tive esse problema".

O líder do The Police considerou que "Synchronicity" foi o álbum mais refinado que fizeram em sua carreira. No entanto ficou surpreso com o sucesso e vendagem do álbum, pois ele considerava que esse fora o seu trabalho mais esotérico até então. Ele também declarou ter ficado muito orgulhoso com a alta qualidade do álbum, que levou muito tempo para ser composto e concluído, além de ter sido o mais difícil que a banda gravou.

A "Synchronicity Tour" foi uma das mais bem sucedidas da história, pois a banda esgotava todos os ingressos dos shows agendados, sendo recebidos pelos seus fãs como a maior banda do mundo deveria ser tratada. Há um registro sensacional em DVD dessa tour, chamado "The Synchronicity Concert". É seguramente um dos melhores shows que eu já assisti, com a banda executando todos os seus clássicos ao vivo em plena forma, particularmente as novas canções. É um show contagiante, que deixa qualquer um eletrizado.



DVD "The Synchronicity Concert"

O ápice da tour aconteceu em Nova York, quando se apresentaram no famoso Shea Stadium, local do maior show da carreira dos Beatles, que se apresentaram para 50.000 fãs 19 anos antes do The Police. Sting se sentiu glorioso, pois sua banda conseguiu vender 70.000

ingressos, uma plateia maior do que a de seus ídolos. Durante a apresentação, Sting agradeceu aos Beatles por "emprestarem a eles o seu estádio". Nessa noite, o vocalista decidiu que o fim da banda havia chegado. Não havia mais nada ser feito. Eram a maior banda do mundo, haviam batido o recorde de plateia dos Beatles, eram famosos pelo mundo inteiro. Eles estavam no ápice da carreira. O que restava a ser feito? Para Sting chegara o tão aguardado momento de partir para uma carreira solo, livre de seus ex-colegas de banda e ávido para criar obras com outros músicos diferentes.

Ingresso do show no Shea Stadium

"A coisa mais importante para mim é tocar e desenvolver o lado artístico de minha natureza. Infelizmente, isso tende a arruinar o lado pessoal da minha vida. Isso destrói relacionamentos e você se torna para sempre um escravo de uma outra amante: a música", declarou Sting em uma entrevista realizada na época do lançamento do álbum.

Andy Summers foi o único que lamentou o fim do grupo, pois achava que foi algo prematuro, eles ainda eram muito queridos e vendiam uma enorme quantidade de álbuns.

O The Police chegou a começar a gravar um álbum depois de "Synchronicity", mas abandonou o projeto, pois o relacionamento entre Sting e Stewart Copeland havia chegado à uma ruptura.

Em 1986 a banda fez uma participação em três show da tour "Conspiracy of Hope", na qual Sting havia sido convidado a se apresentar. Ele estendeu o convite a seus dois ex-colegas de banda, em uma tentativa de reaproximação com eles. Embora tenham sido muito bem acolhidos pelo público e tocado como se nunca tivessem se separado, ficou claro para Sting que não havia mais a possibilidade de prosseguir com a banda. O mundo havia mudado e uma jovem banda irlandesa estava lutando para alcançar o topo. O nome dela era U2. Sting viu neles os sucessores naturais do The Police.

Em 2007, para a surpresa de todos, o grupo se reuniu, aceitando o convite feito por Sting a seus dois ex-colegas de banda. A tour de reunião deles foi um sucesso total, passando rapidamente pelo Brasil, para um show no Rio de Janeiro, tocando sempre em estádios lotados por todo o mundo. Isso provou que o poder da música do trio ainda

estava intacto e que seus fãs não haviam se esquecido deles, além de muitos outros que haviam descoberto a banda mais tarde, quando ela não existia mais. Para Andy Summers, foi a tour de despedida que eles nunca haviam feito e que o deixara amargurado por tantos anos. Ele dizia que a história da banda nunca havia tido um fechamento digno, que eles não tiveram a oportunidade de se despedir de seus fãs e lhes agradecerem por todos os anos de apoio que receberam. Agora, encerrada a tour, os três poderiam novamente seguir os seus caminhos individuais, com sua amizade renovada, pois todos eles já tinham amadurecido e compreendido que a obra que criaram juntas era algo muito especial, um legado que ficará marcado para sempre na história do rock mundial.

BIBLIOGRAFIA:

Lyrics by Sting - Sting

One Train Later – Andy Summers

Strange Things Happen – Stewart Copeland

The Police – A Visual Documentary by Miles

The Police – James Milton

Sting – Uma Biografia – Wensley Clarkson

The Words and Music of Sting – Christopher Gable

The Complete Guide to the Music of The Police and Sting – Chris Welch

Wikipedia

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS PARA O YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=OMOGaugKpzs

https://www.youtube.com/watch?v=svWINSRhQU0

https://www.youtube.com/watch?v=o5FPPoLqkCk

https://www.youtube.com/watch?v=tFN5DveQH0o

https://www.youtube.com/watch?v=ug-qQ6fXevo

https://www.youtube.com/watch?v=FMmCJ6-uu3M

https://www.youtube.com/watch?v=QZAPm1NKgKE

https://www.youtube.com/watch?v=FTYl1yq334Y

https://www.youtube.com/watch?v=Xf0jbsCn4Nk

https://www.youtube.com/watch?v=yYIF9YiUZyg

RUSH – PERMANENT WAVES

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO – 1980

PRODUZIDO POR - TERRY BROWN

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- LETRAS DE NEIL PEART
- MÚSICAS DE GEDDY LEE E ALEX LIFESON, EXCETO A FAIXA 5, APENAS DE GEDDY LEE
- GEDDY LEE – VOCAL, BAIXO, TECLADOS, PEDAIS TALRUS
- ALEX LIFESON – GUITARRAS, VIOLÕES, PEDAIS TALRUS
- NEIL PEART – BATERIA E PERCUSSÃO
- HUGH SYME – PIANO NA FAIXA 5

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**THE SPIRIT OF RADIO**
2	**FREEWILL**
3	**JACOB´S LADDER**
4	**ENTRE NOUS**
5	**DIFFERENT STRINGS**
6	**NATURAL SCIENCE**

DEDICATÓRIA

Toda vez que penso em Rush me lembro com saudades dos meus antigos amigos de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, onde eu conheci a imensa obra do Rush. Me emprestaram alguns LPs da banda, como 2112, Hemispheres, Caress of Steel e, é claro, Permanent Waves, que eu ouvi incontáveis vezes.

Inicialmente eu fiquei fascinado pelo instrumental da banda, mas não conseguia apreciar o vocal do Geddy Lee. Com o passar do tempo, fui me habituando e até mesmo comecei a gostar da voz dele. Depois de alguns anos me tornei um fã, passando a acompanhar os lançamentos do Rush a partir do álbum “Grace Under Pressure”.

Tive o privilégio de assisti-los ao vivo nas duas vezes em que estiveram no Brasil, tocando no Estádio do Morumbi em São Paulo. Ambas as apresentações foram memoráveis, muito diferentes entre si, e recebidas por uma plateia enlouquecida e calorosa.

Dedico este capítulo à memória do genial músico e letrista Neil Peart, como um modesto tributo de minha parte, por todo o legado musical e literário que nos deixou, o qual jamais será esquecido.

ORIGENS DO ÁLBUM

Em 1978, o trio canadense Rush lançou o álbum “Hemispheres”, que continha apenas 4 canções, sendo que a primeira delas ocupava sozinha todo o lado A do vinil. No lado B, apenas 3 canções, sendo que duas bastante extensas.

O vocalista e baixista, Geddy Lee, teve muitos problemas na gravação de seus vocais, pois a banda havia composto as canções de “Hemispheres” sem levar em consideração o tom da voz dele. Só quando todas as gravações estavam concluídas é ele se deu conta que teria que cantar em um tom muito acima do seu alcance normal, fazendo com que ele tivesse que forçar muito a voz, gerando grande desconforto especialmente nas apresentações ao vivo.

Além das dificuldades técnicas de gravação, as canções eram muito longas, complexas, difíceis de serem executadas e não menos complicadas para serem assimiladas pelo grande público, já que nessa época o Rush ainda era considerada uma banda “cult”, com um fã clube já considerável, mas ainda sem o grande apelo comercial e de vendas de outras bandas da época. Eles já haviam tentado fazer algo mais “acessível” no álbum “A Farewell to Kings”, com a canção “Closer to the Heart”, que foi muito bem recebida pelos fãs e tocada nas rádios.

Pela primeira vez a banda teve um intervalo entre uma tour e a gravação de um novo álbum, devido ao grande esforço despendido por eles na gravação de “Hemispheres” e sua respectiva tour.

Por todas essas razões, a banda (e particularmente o vocalista Geddy Lee) decidiu que o álbum seguinte seria completamente diferente, mais fácil de ser gravado, com canções mais curtas e acessíveis ao público. O trabalho anterior fechou um ciclo da história da banda. Com o trabalho que seria gravado na sequência, o Rush iniciaria uma nova fase em sua longa trajetória musical.

O grande dilema da banda era como conseguir compor canções mais curtas e acessíveis ao público, especialmente os ouvintes das rádios, mas ao mesmo tempo manter o virtuosismo e habilidade que sempre caracterizou os trabalhos anteriores do Rush. Eles queriam reduzir as canções habituais deles, que duravam entre 8 e 11 minutos, para outras mais condensadas, entre 4 e 5 minutos.

Além de todos esses fatores, a banda vinha acompanhando de perto a então nova onda musical, intitulada “New Wave”, da qual todos eram fãs, em particular da melhor banda do movimento: “The Police”, com suas fortes influências do reggae e que, assim como o Rush, também era um trio.

Decidiram que tentariam alcançar um equilíbrio perfeito, com canções épicas, progressivas, com muito virtuosismo musical, porém mais enxutas e "fáceis" de serem ouvidas e assimiladas.

Seria possível alcançarem tal objetivo? O álbum seguinte, que acabou sendo batizado de "Permanent Waves", provou que sim.

ANÁLISE DO ÁLBUM – FAIXA A FAIXA

The Spirit of Radio

Segundo Geddy Lee, todo o processo de gravação de "Permanent Waves" foi fácil e agradável. Foi uma alegria para a banda fazer esse álbum, pois tudo fluiu com muita rapidez e espontaneidade. Todo esse sentimento de satisfação e leveza foi incorporado às novas composições.

O baterista Neil Peart disse que a hora do Rush havia finalmente chegado e que as pessoas ligavam para as rádios pedindo para elas tocarem canções deles. Para muitas bandas, a execução nas rádios trouxe a popularidade. Para eles o caminho foi o inverso.

A faixa que abre o álbum, "The Spirit of Radio" é definitivamente uma das melhores que a banda compôs em sua carreira. Ela se inicia com um arpejo do virtuoso guitarrista Alex Lifeson em altíssima velocidade, simulando as ondas do rádio circulando pelo ar, como se o ouvinte estivesse tentando sintonizar seu rádio.

A letra da canção, como todas as outras do álbum (e quase todas da carreira da banda) foi escrita pelo brilhante letrista e baterista, Neil Peart. Nela, ele celebra a alegria de se acordar pela manhã com o som do rádio tocando sua canção favorita, todo o prazer que isso nos traz ao longo do dia, indo para o trabalho e conduzindo nossas vidas.

Peart descreve de maneira profundamente poética a energia e magia da música, o poder que ela tem de nos fazer felizes, ainda que estejamos sozinhos. Em outra parte da letra, nos alerta que, apesar de acreditarmos na liberdade da música, infelizmente ela é comprometida através do fascínio com prêmios, paradas de sucesso e fama que, por vezes, acabam abalando a integridade da obra musical, mostrando que isso pode ser uma grande ilusão.

O título da canção faz alusão ao slogan de uma rádio popular de Toronto a época, chamada "CFNY", cuja história difícil serviu de inspiração para Peart.

Ele também faz uma menção à célebre canção de Paul Simon, "The Sounds of Silence", cuja letra original diz que as palavras dos profetas estão escritas nas paredes das estações do metrô. Aqui, Peart diz que as palavras do lucro estão escritas nas paredes dos estúdios, criticando a incessante busca do sucesso financeiro por parte das gravadoras. Nesse mesmo trecho da canção, fazem uma pequena homenagem à banda favorita deles na época, "The Police", tocando uma passagem no estilo reggae típico do trio liderado por Sting.

"The Spirit of Radio" foi um clássico imediato, uma daquelas canções que se torna inesquecível desde a primeira vez que a ouvimos. Passou

instantaneamente a ser uma das mais queridas pelos fãs da banda e nunca mais saiu do setlist em seus shows, até o fim de seus 40 anos de carreira.

Freewill

Essa é uma rara canção complexa mais, ainda assim, acessível. Com uma letra brilhante, Peart fala sobre o livre arbítrio e nos alerta sobre os perigos de seguirmos cegamente alguma ideologia ou religião. Nos mostra também a importância de criarmos nossos próprios destinos, usando para tal o mencionado livre arbítrio.

O grande letrista rejeita aqui qualquer tipo de fatalismo, encorajando o ouvinte a acreditar na construção de seu próprio caminho e futuro. Afirma que alguns pensam que somos espíritos em meio de uma dança sem qualquer propósito, sendo dominados por poderes os quais não conseguimos ver. Mostra o perigo de seguirmos um guru qualquer com uma voz celestial, acreditando que ele ou ela nos levará ao caminho da salvação. Provavelmente a melhor letra de todo o álbum e uma das melhores da carreira do inspirado baterista e letrista do Rush.

No quesito musical, o arranjo é bastante difícil, mas possui um refrão muito forte. No meio da canção há uma passagem no qual o baixista Geddy Lee faz um incrível solo de baixo, logo seguido por um brilhante solo alucinado do guitarrista Alex Lifeson. Realmente um dos pontos altos de “Permanent Waves”.

Jacob´s Ladder

Neil Peart sempre foi um estudioso dos fenômenos climáticos, conhecendo profundamente o assunto. A letra da canção descreve um raro evento, que ocorre quando as nuvens ficam escuras, bloqueando toda a luz do sol e, de repente, se abre um espaço no meio delas pelo qual passa um feixo de raios brilhantes do sol, como se fosse uma escadaria para os céus.

Eu tive o privilégio de presenciar um evento desses em dezembro de 2013, quando visitei o Santuário Nossa Senhora da Piedade, em Minas Gerais. Fiquei encantado e impressionado com a beleza do fenômeno nos céus, com sua magnitude e imponência. Veja abaixo uma das fotos que fiz na ocasião:

Provavelmente essa é a canção mais no estilo tradicional dos trabalhos anteriores da banda, inclusive por ser uma das mais longas do álbum, com mais de 7 minutos de duração.

O letrista descreve o acontecimento como se as nuvens estivessem se preparando para uma batalha nos céus. O clima instrumental ameaçador acentua sua descrição e nos envolve em uma incrível paisagem cinematográfica sonora, na qual o ouvinte consegue imaginar o grande espetáculo no céu.

Essa canção inicialmente foi criada como uma faixa instrumental, com o arranjo dos instrumentos criando uma rica paisagem sonora descrevendo o fenômeno único. Somente após a criação de toda a parte instrumental é que a letra foi composta, complementando o que já havia sido descrito em forma de música.

Seguramente a faixa mais densa e grandiosa do álbum “Permanent Waves”.

Entre Nous

Uma faixa bastante singular, pois é uma das poucas da carreira do Rush que não possui um solo de guitarra. É uma canção bastante curta, fácil de ser assimilada e muito agradável.

Ao contrário das três primeiras canções do álbum, essa faixa não foi executada ao vivo durante a tour do lançamento de “Permanent Waves”. Somente em 2007, 27 anos depois, foi tocada ao vivo durante

a tour promocional do álbum “Snakes and Arrows”, realizando o sonho de muitos fãs, que sempre sonharam em ouvi-la em um show do Rush.

Uma outra peculiaridade da canção é que se trata da única de toda a carreira da banda que possui um título em francês, significando “Entre Nós”. No entanto, na letra em si, tudo está escrito em inglês.

Essa expressão que deu título à faixa foi amplamente usada por Ayn Rand em sua grande obra “The Fountainhead”, um dos livros favoritos de Peart, que sempre foi um grande admirador da grande escritora e que serviu de inspiração para vários outros trabalhos do Rush, particularmente no álbum “2112”.

A letra da canção ressalta a importância do indivíduo, até mesmo nos relacionamentos mais íntimos, nos quais nossas diferenças podem permanecer escondidas das pessoas com quem nos envolvemos. No entanto, o autor ressalta que isso pode ser algo positivo, pois cada um de nós seria “um romance que jamais foi lido”, repleto de descobertas a serem feitas pela outra parte. Celebra a individualidade e a necessidade de crescermos como pessoas, com todas as nossas particularidades que nos tornam únicos.

Na canção, Peart afirma que cada um de nós é um planeta em sua própria órbita, que ocasionalmente atinge um eclipse. Também diz que as diferenças que existem entre nós, as quais muitas vezes temos medo de mostrar, na realidade dão espaço para que ambas as partes possam crescer como pessoas. Mais uma letra inspiradíssima do grande mestre das baquetas e palavras.

Different Strings

Uma das minhas canções favoritas em toda a carreira do Rush. É uma canção única em vários aspectos. Foi a única do álbum que nunca foi executada ao vivo, embora sempre tenha sido muito querida pelos fãs. Além disso, possui um arranjo instrumental bastante esparso, muito incomum na obra do Rush, onde todos os instrumentos sempre têm uma atuação constante e intensa.

O amigo da banda, Hugh Syme, fez uma participação especial, tocando piano na faixa composta apenas por Geddy Lee e com letra de Neil Peart. Embora não tenha participado da composição da faixa, o guitarrista Alex Lifeson deu uma contribuição brilhante, tocando com muito bom gosto e refinamento, além de ter criado um solo blueseiro extraordinário no final da canção.

O guitarrista afirmou em uma entrevista que em todo álbum do Rush eles faziam um canção experimental, que nunca seria tocada ao vivo, na qual fariam coisas incomuns no estilo da banda. Tal tradição se

iniciou com a belíssima faixa “Tears”, do álbum “2112”, e foi seguida por “Madrigal”, do álbum “A Farewell to Kings”. Em “Permanent Waves”, foi a vez de “Different Strings”.

Na letra da canção, Peart se aprofunda no tema abordado na faixa anterior, contando que, apesar de todas as nossas diferenças e individualidade, nós fazemos parte de algo maior, compartilhando características em comum. Ele também lamenta a perda de nossa inocência e ingenuidade. Seria quase que uma canção de amor, algo muito raro na carreira do Rush. No final das contas “não há nada para explicar, isso é uma parte de nós a ser encontrada dentro de uma canção.”. Pura poesia.

Natural Science

Foi a última faixa a ser composta para o álbum. Ela foi intencionalmente criada para ser a mais longa, com mais de 9 minutos de duração, além de apresentar um estilo mais progressivo, próximo aos trabalhos anteriores da banda.

Teve um nascimento difícil mais, posteriormente, acabou se tornando uma das favoritas da banda, pois sempre consideraram um grande desafio tocá-la ao vivo.

Aqui o tema é a beleza da ciência e das tentativas em vão por parte da humanidade em tentar controlar a natureza. Peart afirma que nosso destino será a aniquilação total a menos que prevaleça o esclarecimento das mentes de cada indivíduo.

“Natural Science” é uma peça ambiciosa e complexa, que acabou sendo muito apreciada pelos fãs, sendo sempre muito bem recebida em todos os shows do Rush.

O grande letrista descreve uma infinidade de microuniversos que desconhecem completamente a existência de seus vizinhos mais próximos. No entanto, todos nós fazemos parte da natureza, sendo parte de um grande todo.

Felizmente, a conclusão da canção é positiva, pois o autor afirma que as “ondas permanentes”, que deram o título ao álbum, representam a natureza cíclica e infinita de todas as coisas, um ensinamento fortemente presente no Budismo.

Desta forma, o Rush encerra sua obra prima de forma magistral.

O LEGADO DE “PERMANENT WAVES”

“Permanent Waves” foi um marco na carreira banda, pois conseguiu abrir as rádios para o Rush, que começou a ser reconhecido como uma das maiores bandas do mundo, passando a lotar arenas por todos os lugares onde se apresentavam.

Fizeram uma tour longa por todos os EUA e Canadá, além de uma visita à Inglaterra, onde são muito queridos e tem um grande fã clube.

Neil Peart acabou estabelecendo uma forte amizade com Stewart Copeland, baterista do “The Police”, pois um era fã e admirador do trabalho do outro. Permaneceram sendo grandes amigos até o final da vida de Peart.

O álbum marcou o início de uma fase muito feliz e de grande sucesso comercial e artístico para o Rush. Conseguiram alcançar um público mais abrangente, que reconheceu a alta qualidade do trabalho da maior banda canadense de todos os tempos.

Até hoje “Permanent Waves” é considerado um dos maiores clássicos do Rush, que abriu o caminho para a obra seguinte, que lhes traria ainda mais sucesso e fama, o álbum “Moving Pictures”. Mas essa é uma outra história...

BIBLIOGRAFIA:

Rush – The Illustrated History – Martin Popoff

Rush – Album by Album – Martin Popoff

Contents Under Pressure – 30 Years of Rush at Home and Away – Martin Popoff

Rush – Chemistry – Jon Collins

Rush – Song by Song – Alex E. Body

Wikipedia

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS NO YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=3IKcgJ58iHI

https://www.youtube.com/watch?v=KVVCBwDJ5rI

https://www.youtube.com/watch?v=etfkCDsqI8k

https://www.youtube.com/watch?v=yE2WjSmUcRA

https://www.youtube.com/watch?v=77_vPkwnAKs

https://www.youtube.com/watch?v=SFBSvie8ASY

TEARS FOR FEARS – THE SEEDS OF LOVE

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO – 1989

PRODUZIDO POR - TEARS FOR FEARS & DAVID BASCOMBE

MÚSICOS PRINCIPAIS -

- ROLAND ORZABAL – VOCAL (EXCETO FAIXA 4), BACKING VOCALS, GUITARRA, TECLADOS, PROGRAMAÇÃO FAIRLIGHT
- CURT SMITH – BAIXO, BACKING VOCALS, VOCAL (FAIXA 4)
- IAN STANLEY – TECLADOS E HAMMOND (FAIXA 3)
- PHIL COLLINS – BATERIA (FAIXA 1)
- MANU KATCHÉ – BATERIA (FAIXAS 1, 2 E 5)
- CHRIS HUGUES – BATERIA (FAIXA 3)
- SIMON PHILIPS – BATERIA (FAIXAS 4, 6, 7 E 8)
- LUÍS JARDIM – PERCUSSÃO (FAIXAS 1,3,4,6,7 E 8)
- CAROLE STEELE – PERCUSSÃO (FAIXAS 2 E 5)
- PINO PALLADINO – BAIXO (FAIXAS 1, 2 E 5)
- NEIL TAYLOR – GUITARRA (FAIXAS 1 E 7)
- ROBBIE McKINTOSH – GUITARRA (FAIXAS 2 E 7)
- RANDY JACOBS – GUITARRA (FAIXAS 3,4,5,6 E 8)
- SIMON CLARK – TECLADOS, HAMMOND (FAIXAS 2,4,5 E 7)
- NICKY HOLLAND – TECLADOS, PIANO, BACKING VOCALS (FAIXAS 2,4,6,7 E 8)
- RICHARD NILES – ARRANJO ORQUESTRAL (FAIXA 3)
- JON HASSEL – TRUMPETE (FAIXAS 5 E 8)
- PETER HOPE EVANS – GAITA (FAIXA 5)
- KATE SAINT JONES – SAXOFONE E OBOÉ (FAIXA 6)
- TESSA NILES, CAROL KENYON, MAGGIE RYDER, DOLETTE MCDONALD E ANDY CAINE – BACKING VOCALS
- TODAS DAS FAIXAS DE AUTORIA DE ROLAND ORZABAL E NICKY HOLLAND, EXCETO FAIXAS 1 E 5, DE AUTORIA DE ROLAND ORZABAL E FAIXA 3 DE ROLAND ORZABAL E CURT SMITH

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**WOMAN IN CHAINS**
2	**BADMAN'S SONG**
3	**SOWING THE SEEDS OF LOVE**
4	**ADVICE FOR THE YOUNG AT HEART**
5	**STANDING ON THE CORNER OF THE THIRD WORLD**
6	**SWORDS AND KNIVES**
7	**YEAR OF THE KNIFE**
8	**FAMOUS LAST WORDS**

ORIGENS DO ÁLBUM

No ano de 1985, o duo de pop/rock “Tears for Fears”, formado por Roland Orzabal e Curt Smith, estava no topo das paradas do mundo inteiro devido a enorme repercussão de seu segundo álbum, “Songs from the Big Chair”. Duas de suas faixas, “Shout” e “Everybody Wants to Rule the World” haviam se tornado sucessos mundiais, sendo que a última acabou informalmente se tornando o hino do gigantesco festival “Live Aid”, organizado por Bob Geldof no mesmo ano.

A vasta popularidade da dupla os levou a fazerem uma longa tour mundial, na qual passaram muito tempo na estrada, viajando de cidade para cidade, país a país, sempre tocando um repertório fixo, com os mesmos músicos. Havia uma forte procura por shows, entrevistas, sessões de foto e todas as outras demandas comuns aos artistas em grande evidência do momento.

Embora financeiramente e profissionalmente estivessem aproveitando o sucesso que haviam alcançado, artisticamente, Orzabal e Smith se encontravam insatisfeitos, como prisioneiros de uma fórmula musical muito rígida, baseada em instrumentos eletrônicos, baterias programadas, sequencers, backing vocals e vários outros elementos que não davam nenhuma margem para o improviso ou criatividade da dupla. Ambos se sentiam dentro de uma “camisa de força musical”. Pelo fato de terem iniciado seus trabalhos no início dos anos 1980, quando a música eletrônica e programada possuía um forte apelo popular, esse naturalmente havia sido o caminho trilhado pelo duo em seus dois primeiros álbuns, “The Hurting” e “Songs from the Big Chair”. Faltava alma, coração e sentimento na música do “Tears for Fears”, segundo Orzabal e Smith.

A semente do terceiro álbum da dupla foi lançada quando, em meio à tour promocional de seu segundo álbum, eles se apresentaram em Kansas City, nos EUA. Ao voltarem para o hotel no qual estavam hospedados, o Hyatt Regency Hotel, Orzabal e Smith decidiram ir ao bar do hotel para beberem algo juntos e relaxarem após a apresentação daquela noite. Chegando lá presenciaram um show que mudaria suas vidas. Viram uma cantora e pianista negra americana, chamada Oleta Adams, se apresentar juntamente com apenas um baixista e um baterista. Segundo Orzabal, a música e a voz de Oleta Adams tinham muito mais energia do que qualquer composição já escrita por eles. Smith afirmou que a música deles na época não possuía alma, enquanto a de Oleta foi capaz de fazer Orzabal chorar de emoção. Smith e Orzabal ficaram extremamente tocados pelo talento e carisma da cantora e pianista. Não quiseram abordá-la na ocasião, mas nunca mais esqueceram seu nome.

Descobriram ali, naquele exato momento, que aquele seria o novo caminho que deveriam trilhar: deixar de lado os instrumentos eletrônicos, programações, baterias eletrônicas, e tentarem capturar a essência espiritual da música, com muito sentimento, interação entre os músicos, improvisos e uma maior participação de instrumentos acústicos. Estava lançada a "Semente do Amor" (The Seeds of Love, em inglês, título daquele que seria o terceiro álbum da dupla).

Ao iniciarem as sessões de gravação do terceiro álbum, a dupla rompeu totalmente com o padrão anterior que haviam usado em seus dois primeiros álbuns. Como tinham obtido um enorme sucesso com o trabalho anterior, a gravadora deles havia lhes dado carta branca para fazerem o que quisessem no próximo trabalho. Literalmente foram informados que poderiam levar todo o tempo necessário para gravá-lo, gastar todo o dinheiro que precisassem e que, no final das contas, lhes entregassem o "álbum perfeito". Uma tarefa nem um pouco fácil e que gerou uma enorme pressão sobre os artistas, a fim de se superarem comercialmente e artisticamente.

As sessões de gravação de "The Seeds of Love" se iniciaram em 1986 com os produtores Clive Langer e Alan Winstanley. No entanto, Orzabal e Smith não ficaram satisfeitos com os resultados obtidos e descartaram as gravações feitas até então. Chamaram Chris Hughes e Ian Stanley, que haviam respectivamente produzido e tocado teclados nos dois álbuns anteriores da banda para ajudá-los. Infelizmente, mais uma vez os problemas surgiram, pois Hughes e Stanley estavam habituados a um sistema de trabalho mais rígido, baseado em instrumentos eletrônicos. Orzabal havia cansado de compor e tocar música usando instrumentos eletrônicos e estava buscando um direcionamento musical mais orgânico, com músicos de verdade gravando juntos ao vivo no estúdio, improvisando, errando, descobrindo novos sons baseados na interação musical de vários talentos reunidos.

As obras que haviam criado até então eram um pouco estéreis em termos musicais. Agora, Smith e Orzabal queriam algo mais colorido, que fosse grandioso e com muito calor humano, algo que não se pode obter através de aparatos eletrônicos.

Um outro problema que surgiu durante as gravações foi que Stanley pediu a Orzabal e Smith que fosse formalmente considerado o terceiro membro do "Tears for Fears". Nenhum dos dois aceitou a proposta, o que levou Stanley a abandonar o projeto.

A dupla acabou dispensando Hughes e Stanley, embora suas contribuições tenham permanecido no álbum que seria lançado futuramente, e decidiram que eles mesmos produziriam o novo trabalho, sendo auxiliados pelo engenheiro de som David Bascombe,

que já havia trabalhado com eles anteriormente. Em seguida, Orzabal e Smith entraram em contato com Oleta Adams nos EUA e lhe convidaram a fazer parte das gravações do novo álbum com eles. Para mostrar que eles não estavam brincando com ela, ambos voaram da Inglaterra para os EUA para encontrá-la pessoalmente, passando quatro dias com a cantora, cantando, tocando e trocando ideias musicais. Oleta acabou aceitando o convite e partiu para a Inglaterra, passando um mês no estúdio gravando com o "Tears for Fears". Orzabal afirmou que Oleta foi o elemento chave que desencadeou todo o andamento do novo trabalho, tendo sido a figura central inspiradora. Embora tenha sido originalmente convidada apenas para cantar na faixa "Woman in Chains", Oleta acabou participando de duas outras faixas também, "Badman's Song" e "Standing on the Corner of the Third World". No final das gravações, lhe foi oferecido um contrato na mesma gravadora do "Tears for Fears" e foi feito um convite para fazer parte da banda ao vivo na tour promocional do novo álbum.

As novas sessões de gravação se iniciaram no início de 1988 e duraram até 1989. Para cada canção foram selecionados músicos específicos que poderiam ajudar a banda a capturar a essência desejada para cada tema. Foi reunido um grande time de músicos de estúdio, entre eles, os renomados bateristas Simon Philips e Manu Katché, a percussionista Carole Steele, os guitarristas Robbie McIntosh e Neil Taylor, o baixista Pino Palladino e até mesmo o lendário Phil Collins para tocar bateria em uma faixa do álbum. A maior parte do álbum foi registrada como longas jam sessions entre os músicos, as quais posteriormente foram editadas e tiveram outros instrumentos acrescentados. O que o duo buscava nas gravações não era a excelência técnica ou perfeição, e sim, uma interpretação com alma e emoção. Os melhores momentos foram selecionados e meticulosamente editados em estúdio. Orzabal declarou que essas sessões foram quando o álbum realmente começou a tomar forma, tendo sido mágicas.

As sessões para o álbum somente foram encerradas em 1989, após quase 4 anos de trabalho e mais de 1 milhão de libras gastos em 9 estúdios diferentes, produção e no pagamento de músicos de estúdio. O novo trabalho tinha uma sonoridade completamente distinta da dos anteriores, com vários elementos de soul, jazz, Beatles, além de uma paleta musical muito mais rica e colorida, verdadeiramente cinematográfica, levando os ouvintes a uma genuína e inesquecível viagem musical.

A consciência é o tema central do álbum. Foram abandonados os temas relativos à terapia do Grito Primal, do psicólogo Arthur Janov,

tão presentes nos dois primeiros álbuns da banda, que haviam se tornado mais populares após John Lennon ter seguido tal modalidade de terapia com o próprio Janov, o que resultou no seu brilhante álbum solo, simplesmente intitulado “John Lennon – Plastic Ono Band”. Desta vez, Orzabal e Smith tiveram uma enorme influência de Carl Jung e sua teoria do inconsciente coletivo, inserindo também em suas letras várias referências aos arquétipos planetários e simbologia astrológica, especificamente o Sol e a Lua que, respectivamente, representam a natureza masculina e feminina. Os vários aspectos da consciência que são abordados no álbum variam desde a dualidade entre vida e morte, o sono, os sonhos e o despertar. O objetivo principal das canções e letras do álbum é fazer com que o ouvinte desperte como indivíduo, a fim de poder participar ativamente de sua própria vida

A gravadora pediu e a banda atendeu, lhes entregando um álbum simplesmente perfeito. A obra prima da carreira do “Tears for Fears”.

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

Woman in Chains

O álbum já se inicia com uma das mais belas canções da carreira da banda, além de uma das mais tocantes e emotivas. O dueto entre Roland Orzabal e Oleta Adams aqui é algo que consegue trazer lágrimas aos olhos de quase todos que ouvem atentamente tal faixa. Podemos sentir nitidamente a emoção expressa por ambos os cantores brilhantes, acompanhados por um time de músicos de primeira qualidade.

Essa faixa é considerada uma tipo de hino pró-mulheres, contra a opressão sofrida por elas em todo o mundo, e foi inspirada por um livro que Orzabal estava lendo na época sobre as sociedades matriarcais. Ele quis expressar como as mulheres são reprimidas em suas vidas, tendo seus desejo esmagados e acorrentados, muitas vezes pelos homens de sua vida e pela sociedade. Também são insinuados os temas da violência doméstica e relacionamentos possessivos na letra da canção.

Oleta Adams gostou de ter gravado essa canção, que explorou uma parte do alcance vocal dela que não costumava usar, mais agudo, pois ela sempre havia cantado usando a parte mais grave de sua voz. Segundo ela, foi uma ótima experiência, pois ela apreciou bastante ter cantado em dueto com Roland, pois ela pensa que a voz dele é linda, o considerando um grande cantor. Ela também afirmou ter ficado impressionada com o perfeccionismo de Orzabal, que fazia questão de que cada sílaba fosse pronunciada de forma correta e clara.

No entanto, em uma entrevista Orzabal afirmou que um outro aspecto da canção é a negação do lado feminino dos homens, que é sempre fortemente reprimido pela sociedade e pelos outros homens, tais como pais, irmãos e parentes mais velhos. Disse que quando ele canta “Então a liberte”, na realidade, ele também está cantando “Então me liberte”, pois dentro dos homens há também um elemento feminino quase sempre escondido ou aprisionado. No final das contas, tanto os homens quanto as mulheres sofrem por isso. Ele afirmou que se inspirou em sua mãe inglesa para compor a canção, pois ela havia passado por um relacionamento abusivo com o seu pai, de origem espanhola. A menção das qualidades femininas e masculinas é enfatizada na letra quando Orzabal menciona “o Sol e a Lua”, no final da canção.

Curt Smith convidou Phil Collins a participar da gravação dessa faixa. Collins aceitou o convite. Ao ser perguntado quantos dias deveriam reservar no estúdio para sua gravação, Collins reagiu de forma surpreendente, dizendo que apareceria no estúdio no horário do

almoço e que pretendia já estar de volta em casa para o chá da tarde. Foi exatamente isso que aconteceu.

Musicalmente, a guitarra arpegiada de Neil Taylor embeleza a canção, com muita delicadeza e precisão. Já o baterista Manu Katché dá o seu habitual toque percussivo na parte inicial da canção até a entrada de Phil Collins, que toca bateria na parte mais pesada dela, a levando para um outro patamar, mais impactante. Collins declarou que havia conhecido Curt Smith no show em homenagem à Nelson Mandela, em Londres, e que posteriormente foi convidado para gravar a canção em estúdio com eles. Segundo ele, foi um trabalho bastante difícil, pois eles tinham em mente um tipo de som específico que queriam obter da bateria dele. Foi o segundo single a ser lançado do álbum.

Badman's Song

A primeira canção composta para o novo álbum, originalmente era muito diferente do que acabou se tornando posteriormente até quando foi finalmente registrada em estúdio. Escrita em 1985 quando Orzabal ouviu dois membros da equipe do "Tears for Fears" falando mal dele, na tour promocional do álbum "Songs from the Big Chair", em Denver nos EUA. Após a apresentação da banda, eles costumavam alugar um espaço no hotel onde estavam hospedados para sua equipe poder fazer uma pequena festa, descansar e relaxar um pouco. O quarto no qual isso aconteceu foi o 628, que é mencionado na letra da canção e era exatamente ao lado daquele no qual Orzabal estava hospedado. Como até as 3 horas da manhã ele ainda não havia conseguido dormir, devido ao barulho proveniente da festa, decidiu fazer uma reclamação e pedir para todos ficarem quietos, pois já era muito tarde. No entanto, para não reclamar indevidamente, resolveu colocar o ouvido na parede de onde vinha o barulho para se certificar que aquele quarto era realmente a origem do problema. Ao fazer isso, se deu conta que o quarto era o que havia sido alugado para os membros da equipe celebrarem o sucesso do show. Para sua surpresa, 2 membros ficaram o tempo todo o xingando para o empresário da banda.

Roland compôs o refrão da canção na mesma noite e o apresentou à banda no dia seguinte. Nicky Holland teve um papel fundamental na criação desta canção e em várias outras do álbum, se tornando a principal parceira musical de Orzabal durante o período de composição das faixas que seriam incluídas futuramente no álbum "The Seeds of Love". Por ser uma brilhante pianista, ela trouxe muito conhecimento musical para as composições da dupla, e muita confiança para Orzabal.

A faixa foi gravada em vários estilos diferentes, com versões inspiradas em Barry White, Little Feat e Steely Dan até que fosse

decidido que a versão final seria a no estilo jazz/gospel, que acabou sendo incluída, devido à decisiva participação de Oleta Adams no piano e vocal, fazendo mais um incrível dueto com Orzabal, o segundo no álbum.

Tematicamente, a canção muda o foco da consciência para a reflexão, notadamente nos versos em que o cantor diz que "em minha cabeça há um espelho". Tal objeto simboliza o processo através do qual uma pessoa se vê através no reflexo de outros. Além disso, se trata de um símbolo significativo na temática da cura. Há também a questão da linha tênue entre a amizade e inimizade, além de como as pessoas que nos criticam pelas nossas costas, ao serem confrontadas não admitem que mentiram. São abordados também temas como culpa e remorso. Há várias imagens bíblicas, sobre como a fé é capaz de mover montanhas e o fogo consegue saciar a alma. A ideia é a de que a punição eventualmente levará à redenção. Sem dúvida, uma das letras e melodias mais trabalhadas no álbum.

Smith e Orzabal foram extremamente meticulosos na edição e processo de mixagem do álbum, consumindo 18 meses para aperfeiçoar as faixas gravadas. Apenas nessa faixa, levaram 15 dias para editar a bateria, magistralmente executada pelo baterista francês Manu Katché, famoso por seu trabalho com Peter Gabriel e Sting. Além disso, há a participação marcante do guitarrista Robbie McIntosh, que posteriormente, passou a fazer parte da banda de Paul McCartney em sua primeira tour mundial após praticamente 10 anos sem se apresentar ao vivo.

Sowing the Seeds of Love

A inspiração para a canção surgiu quando Roland estava dirigindo de Bath para Londres ouvindo o rádio um programa sobre Cecil Sharp, um historiador que havia feito uma pesquisa sobre todas as canções tradicionais que estavam sendo esquecidas com o passar do tempo. À medida que ele as ia descobrindo, anotava suas letras. Uma delas se chamava "The Seeds of Love", que ele descobrira através de um jardineiro chamado "Mr. John England". Ele achou isso incrível e anotou a ideia, que acabou sendo usada como título da canção que estava compondo. Além disso, em um mural próximo à casa de Roland em Londres existia um grafitti que dizia "I love a sunflower". Ele gostou do que viu e decidiu anotar a ideia também. Por coincidência, o girassol (sunflower) era o símbolo do partido Ecológico, que tinha tido bons resultados na mais recente eleição. Roland afirmou que não sabia disso, mas que tudo parecia se encaixar, com uma perfeita sincronicidade.

Na época, Roland estava se tornando cada vez mais insatisfeito com o

governo de Margaret Thatcher e decidiu escrever uma canção de protesto, mas que não fosse negativa nem cheia de ressentimento. Foi assim que acabou surgindo a faixa título do novo álbum do "Tears for Fears". A canção foi escrita em junho de 1987, na mesma semana em que o partido Conservador Britânico e sua líder Margaret Thatcher venceram as eleições e conseguiram obter um terceiro mandato.

Essa foi a única canção do álbum composta por Orzabal e Smith. A letra é um chamado para agirmos e lutarmos contra o status quo. Chegou a hora de fazermos valer nossas opiniões e mostrarmos nossa insatisfação. A canção também faz uma referência explícita aos anos 1960, especialmente ao movimento "Flower Power" e ao psicodelismo da época. A influência dos Beatles é enorme aqui, desde a capa final do álbum, claramente inspirado em "Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band", até a cadência da canção e a melodia do vocal, fortemente influenciados por "I Am the Walrus", do álbum "Magical Mystery Tour". Nitidamente, Smith e Orzabal estavam passando por uma fase influenciada pelo período psicodélico dos Beatles, entre 1966 e 1967. Os compositores não tentaram esconder suas influências, pelo contrário, as deixavam mais do que evidentes para qualquer ouvinte as notar.

Uma curiosidade sobre essa faixa é que Orzabal pediu que seu vocal fosse distorcido "à la Lennon". Outra conexão com os Beatles foi o fato de que o tempo da canção "I Am the Walrus" foi usado como referência para essa canção. Smith declarou que foi a faixa mais fácil a ser gravada e é a melhor do álbum.

Em termos musicais e de letra, se trata de uma canção complexa, com várias partes distintas, instrumentos que surgem e depois desaparecem, vocais distorcidos (que em alguns momentos lembram Lennon, e em outros, lembram Dylan ou Bowie), harmonias, contraponto e muitos outros elementos que fizeram dessa uma das faixas mais elaboradas e ricas de todo o álbum. Além disso, ela foi o primeiro single lançado, alcançando um grande sucesso mundial.

Advice for The Young at Heart

A canção mais "otimista" do álbum aborda basicamente a questão dos medos, esperanças e incertezas dos recém-casados. Foi o terceiro single lançado do álbum, tendo sido extremamente bem recebida. A única canção cantada pelo baixista e vocalista Curt Smith em todo o álbum, embora a composição seja de Orzabal e Holland, que fizeram os backing vocals na faixa, que foi a última a ser gravada. A escolha de Smith para cantá-la se deu pelo fato da voz dele conseguir transmitir a ingenuidade e jovialidade que são abordadas na canção, o que foi uma decisão acertada, pois originalmente a canção era cantada

por Orzabal, que a interpretou de forma mais austera.

Orzabal disse que “a canção expressa um desejo de crescer, fazendo as coisas de uma forma melhor e que elas dêem certo, abandonando o passado. Há uma consciência de que o tempo está passando e estamos envelhecendo, embora possamos ainda ter um espírito jovial, e que não está envelhecendo." Aqui é abordado o passar dos anos e a aceitação da mortalidade. Muitas pessoas não resolvem seus dilemas interiores e passam a vida se autoiludindo, em um faz de conta por toda a vida.

Musicalmente, Nicky Holland é responsável pelos lindos acordes usados na canção, enquanto Orzabal gravou um belo solo de guitarra, comedido, mas de muito bom gosto.

Há uma citação à canção “The Working Hour”, do álbum anterior da banda, quando a letra da canção afirma “Working hour is over”. O cantor afirma que a longa estrada de recuperação terminou e ficou no passado. Agora, devemos focar nossa atenção no presente, para nos relacionarmos e interagirmos com o mundo, pois temos “todo o mundo nas palmas de nossas mãos”.

Há também menções à Teoria das Sombras, de Carl Jung, pois em várias passagens da letra, elas são mencionadas, notadamente no trecho “somos apenas a minha sombra e eu, felizes em nosso faz-de-conta”. É abordada a questão da ingenuidade feliz das pessoas que interpretam papéis diferentes ao longo de suas vidas, não sendo elas mesmas. Muitas vezes os papéis escolhidos são os de membros da família, o que reforça ainda mais a importância de tal instituição na vida de qualquer indivíduo.

Standing on the Corner of the Third World

Essa é uma das três faixas na qual o grande baixista Pino Palladino toca seu inconfundível baixo fretless. As outras são “Woman in Chains” e “Badman’s Song”. O som que ele tira de seu baixo complementa perfeitamente a sofisticação e delicadeza da faixa. Segundo Orzabal, Curt Smith, que é o baixista oficial do “Tears for Fears” não se importou em ceder seu lugar para Palladino em tais canções, pois considerava que o estilo dele se encaixaria nas faixas nas quais tocou, sendo provavelmente capaz de interpretá-las de forma melhor do que o próprio Smith. Desde a morte de John Entwistle, baixista original do The Who, Pino Palladino tocou na maior parte das apresentações ao vivo de tal banda, mostrando ainda mais a qualidade do seu trabalho e virtuosismo musical. Além de Palladino, Oleta Adams também participou desse tema, tocando piano na canção.

Orzabal afirmou que a letra menciona como tentamos nos livrar de

todo o entulho que emperra as nossas vidas, o empurrando para baixo do tapete, para ao menos não o vermos. No entanto, uma hora precisaremos levantar o tapete e lidarmos com tudo aquilo que relegamos por tanto tempo, o que sempre é uma experiência dolorosa. O autor compôs essa canção sobre como deixamos problemas não resolvidos para trás, além de outros assuntos que gostaríamos que desaparecessem.

Ele usou o terceiro mundo como uma metáfora, justamente por serem lugares de exploração para quais os países de primeiro mundo enviam grande parte de seus problemas domésticos, como lixo nuclear, produtos poluentes e toda sorte de coisas indesejáveis, que querem ter bem longe deles. Também disse que o dito "mundo civilizado" tenta resolver os problemas do terceiro mundo com soluções de primeiro mundo

Também é abordado o tema do imperialismo, que podemos notar quando é mencionado na letra que "iremos encher os sonhos deles com grandes carros velozes e pintaremos a cidade deles de branco, a cor da nossa bandeira".

Por outro lado, a canção também aborda o conflito e os contrastes entre a sensação de segurança e os riscos inerentes ao mundo e ameaças da vida. A canção começa com uma sensação de segurança, após uma noite de sono muito bem dormida. Os pesadelos e problemas parecem estar muito distantes, assim como o terceiro mundo. Desta forma, o que não se vê, aparentemente não existe. No entanto, cedo ou tarde teremos que lidar com tais problemas que relegamos ao esquecimento.

Essa canção surgiu das sessões de terapia que Orzabal estava fazendo nessa época. Infelizmente, Smith não gosta da faixa.

Podemos sentir uma forte influência da obra do duo americano Steely Dan nessa canção. A parte na qual as backing vocals cantam repetidamente "Of the Third World" é puro Steely Dan. Além disso, a banda americana também tem uma canção com uma temática semelhante à abordada pelo "Tears for Fears", como podemos conferir na faixa "Third World Man", do álbum Gaucho.

É provável que essa seja a faixa mais sofisticada do álbum.

Swords and Knives

Foi a primeira demo que Roland Orzabal e Nicky Holland compuseram para o novo álbum. Inicialmente, a canção começou como uma peça para piano com um motivo musical inspirado pelos estilos de Eric Satie e Claude Debussy. Desde o início, Orzabal pensava que deveria ser tema de um filme. Quando o "Tears for Fears" gravou a canção em

estúdio, ela tomou uma outra proporção, pois o produtor Chris Hughes sugeriu que fosse inserida uma passagem instrumental de 64 compassos. Tal inserção permitiu que seus compositores, Orzabal e Holland criassem uma incrível paisagem sonora, literalmente uma viagem auditiva. Há passagens que lembram Pink Floyd, enquanto outras remetem até mesmo a pulsação de um coração, simulada pelo baixo de Curt Smith. Musicalmente, essa é uma das faixas mais ricas e interessantes de todo o álbum, particularmente o trecho instrumental sugerido por Hughes.

Essa canção foi originalmente composta para o filme “Sid e Nancy”, após Nicky Holland e Roland Orzabal terem lido o livro “And I Don´t Want to Live This Life” de Debora Spungen, mãe de Nancy Spungen, sobre o relacionamento entre o vocalista e baixista do Sex Pistols, Sid Vicious e sua namorada Nancy Spungen, filha da autora. Ambos tiveram mortes trágicas. Primeiro Nancy morreu esfaqueada, tendo Sid sido preso por suspeita de assassinato. Depois, ao ser libertado da prisão e saído em liberdade condicional, ele morreu de overdose de heroína. A faixa acabou não sendo aceita pelos realizadores do filme, pois não era suficientemente “punk”, o que é verdade. Na realidade, apenas o tema e inspiração é que são referentes ao membro do Sex Pistols.

O tema principal da canção é que algumas pessoas, infelizmente, nunca conseguem atingir o nível máximo de consciência e, também como o uso de drogas pode levar à violência. A vida de Nancy Spungen começou com agulhas e terminou com facas, como descrito na letra da canção. O cantor nos alerta que o tempo e o amor não são suficientes para curarmos nossas feridas interiores e alcançarmos a plena consciência.

Year of the Knife

Sem dúvida alguma, a faixa mais agressiva e energética do álbum. Orzabal queria que a canção refletisse exatamente como ele se sentia, mostrando algo real. Holland contou que a Orzabal lhe apresentou um esboço da canção em sua residência, quando ela foi encontrá-lo e, juntos, começaram a tocar a nova composição com o guitarrista Neil Taylor, que criou uma importante base rítmica que acabou se tornando parte da canção.

Mais uma vez, a Teoria das Sombras de Carl Jung é abordada. Aqui, o personagem principal tem sua personalidade dividida entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde, citando o clássico da literatura. A temática do Sol e Lua, espelhos, sonhos e vários outros elementos abordados nas outras canções do álbum também são encontradas aqui nessa faixa intensa e marcante.

A letra da canção começa celebrando a morte do rei, ou seja, o ego. No entanto e, talvez por esse motivo, antes de morrer, o rei conseguiu atingir o nível mais elevado de consciência ao término de sua vida. Suas palavras finais vieram diretamente de seu coração.

A guitarra de Robbie McIntosh mais uma vez marca sua presença, com uma atuação brilhante, assim como a bateria de Simon Philips, que fez parte durante muito tempo da formação ao vivo do "The Who". Ambos trouxeram muito peso à canção.

Essa foi a canção na qual a banda passou mais tempo gravando em estúdio, chegando a usar mais de 100 canais de gravação na mesa de mixagem. Inicialmente, seria a faixa de abertura do álbum. No entanto, isso não aconteceu, pois Smith não gosta dela.

Famous Last Words

O tema canção final do álbum é um cenário da última noite de um casal, pois sabem que o mundo está prestes a acabar devido à queda iminente de uma bomba nuclear. Ela foi composta em 1986 e inspirada pelo livro "The Fate of the Earth", de Jonathan Schell. O casal da canção decidiu passar a sua derradeira noite juntos, à luz de velas, ouvido as músicas da banda que os fazia chorar, ao invés de entrarem em pânico e tentarem encontrar um abrigo nuclear. É uma canção sobre a aceitação de nossa mortalidade e da impermanência da existência humana.

O arranjo criado por Orzabal e Holland é belíssimo, com muitos instrumentos de cordas executados com bom gosto e refinação. A melodia introdutória do piano é de autoria de Holland Musicalmente, a canção tenta refletir aspectos da existência humana. Inicialmente os autores pensaram em convidar o bluesman Tom Waits para cantar uma estrofe da música. O contato chegou a ser feito, mas, ao saber que era para um álbum do "Tears for Fears", Waits se recusou a participar. Mais uma vez são usadas as imagens do Sol e da Lua, para representar o universo masculino e o feminino.

A letra aborda como seria essa última noite, na qual o casal literalmente derreteria nos braços um do outro, mas partiriam felizes, rindo e cantando, quando a "luz lá do alto" chegasse. Todo o amor e a dor acabariam. Contraditoriamente, com a explosão da bomba, haveria o fim de todas as guerras. É uma canção muito poderosa, especialmente no meio dela, quando a bomba parece cair e a bateria e o baixo entram em cena.

Embora seja uma canção triste e melancólica, ela é uma das mais belas e poéticas do álbum. Perfeita para concluir aquele que, segundo Orzabal, talvez fosse o último da banda. Chegou a ser considerado que

deveriam nomear o álbum com o nome dessa canção, mas acabou sendo escolhido o título final, “The Seeds of Love”, mais otimista e positivo.

Assim se encerrou o maior trabalho do “Tears for Fears”.

Várias outras faixas foram gravadas nas sessões para “The Seeds of Love”, tendo sido várias delas disponibilizadas em lados B dos singles lançados e outras compilações. No entanto, apenas uma das canções adicionais mereceria realmente ter sido incluída no álbum. Trata-se da faixa “The Rhythm of Life”, que foi gravada em uma demo por Orzabal e, posteriormente, novamente registrada nas jam sessions no Townhouse Studios, parcialmente disponibilizadas na edição Super Deluxe de “The Seeds of Love”, lançada em 2020. Na versão original, Orzabal faz o vocal principal. Como a faixa não foi incluída no lançamento original, ele a ofereceu para Oleta Adams gravá-la em seu primeiro álbum solo, “Circle of One”, produzido por Orzabal e o engenheiro de som David Bascombe. Nesta nova gravação, Orzabal fez backing vocals e tocou guitarra. Sem dúvida, uma ótima faixa que poderia ter feito parte do terceiro álbum do “Tears for Fears”.

O LEGADO DE “THE SEEDS OF LOVE”

O álbum foi um grande passo no amadurecimento musical para o “Tears for Fears”. A dupla foi extremamente bem-sucedida na qualidade musical, poética e temática em todas as canções criadas, ainda que elas lidem com temas profundos, difíceis e, em alguns momentos, tristes, musicalmente é sempre uma experiência muito agradável ouvir toda a coleção, da primeira à última. São todas obras belas, muito bem executadas e produzidas por uma equipe de músicos e produtores de primeira linha. É um trabalho bastante instigador, que leva o ouvinte a uma reflexão sobre a vida e sua existência. “The Seeds of Love” é o álbum favorito de Roland Orzabal em sua carreira no “Tears for Fears”.

Após o seu lançamento, o novo trabalho chegou aos primeiros lugares das paradas do mundo inteiro. Embora tenha sido tão bem recebido, foi o último álbum que Roland Orzabal e Curt Smith trabalharam juntos por um período de 15 anos. Smith havia avisado a Orzabal que sairia do grupo após a tour promocional do álbum, o que foi o suficiente para que o relacionamento entre eles rapidamente se deteriorasse. Além disso, Smith estava insatisfeito pelo perfeccionismo exagerado de Orzabal, enquanto esse estava infeliz com o estilo de vida de celebridade adotado por Smith após o seu divórcio, que ocorreu durante a gravação de “The Seeds of Love”, fazendo com que Smith ficasse ausente por grande parte do tempo das gravações, deixando Orzabal como o condutor principal e compositor do novo trabalho. Para piorar ainda mais a situação, o primeiro empresário da banda faliu, e o segundo também (logo em seguida), gerando ainda mais tensão entre eles. O segundo empresário roubou o lucro da tour promocional sul-americana em 1990, que inclusive havia os trazido ao Brasil pela primeira vez, para shows em São Paulo e no Rio de Janeiro, no extinto “Hollywood Rock Festival”.

Foi montada uma banda de primeira categoria, entre eles: o guitarrista Neil Taylor, que já havia tocado em uma banda previamente com Curt Smith, além de ter gravado com Peter Gabriel, Tina Turner e Morrissey; a percussionista Carole Steele, que introduziu elementos afro-cubanos no álbum e na tour; as backing vocals Biti Strauchin, que já havia cantado com Debbie Harry e Adele Bertei, que também já havia se apresentado com Debbie Harry, Thomas Dolby e Brian Eno; o baterista Jim Copley, que havia gravado com Jeff Beck, Black Sabbath e Ian Gillan & Roger Glover; por fim, o tecladista Andy Davis, que havia participado das gravações do álbum “Imagine” de John Lennon tocando violão e fazendo backing vocals.

Oleta Adams fez todas as apresentações da abertura da tour e, em

seguida, tocava como membro do “Tears for Fears”.

Uma das noites foi filmada e gravada em Santa Bárbara, nos EUA. Posteriormente foi lançado um DVD com tal registro, intitulado “Going to California”. Nele, podemos presenciar o quão majestoso foi o espetáculo criado pela banda para promover o novo álbum. Realmente um dos mais emocionantes registros que eu já tive oportunidade de assistir. Simplesmente imperdível.

O “Tears for Fears” fez sua última aparição no festival “Silver Clef Awards”, no qual abriram um dia com outros nomes de peso do rock, como Genesis, Paul McCartney e Pink Floyd. Após esse show, Smith deixou a banda. Na ocasião, Orzabal sequer se despediu de Smith após o show final que realizaram juntos.

Smith gravou um álbum solo, chamado “Soul on Board” e depois formou outra dupla chamada “Mayfield”. Nenhum dos projetos foi bem-sucedido. Já Orzabal prosseguiu com o nome “Tears for Fears”, lançando dois álbuns, o primeiro chamado “Elemental”, e o segundo “Raoul and the Kings of Spain”. Embora ambos tenham sido ótimos trabalhos, tiveram um impacto e repercussão moderados.

Apenas em 2000 os antigos parceiros voltaram a se falar. Finalmente conseguiram abandonar as desavenças e decidiram se reunir novamente, lançando um novo trabalho em 2004, intitulado “Everybody Love a Happy Ending”. Desde então, vem excursionando pelo mundo todo, fazendo apresentações com sucessos dos primeiros álbuns e do mais recente, que é também de alta qualidade. Já estiveram várias vezes no Brasil, onde sempre são muito bem recebidos, de forma muito carinhosa por seus fãs.

Definitivamente, como diz o título do mais recente álbum da banda, todo mundo gosta de um final feliz.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS:

Peter Myers

Luander Barros

Publio Marcos

Mathew Alborn

Danny Cricks

BIBLIOGRAFIA

Tears for Fears – The Seeds of Love, por Adrian Thrills

Wikipedia

Songfacts.com

In Their Own Words: Tears for Fears on the story of The Seeds of Love, por Paul Sinclair – superdeluxeedition.com

The Working Hour: A rhetorical analysis of the lyrics of Tears for Fears, por Jennifer Anne Gross-Mejía - California State University, San Bernardino

Tears for Fears – The Seeds of Love – Super Deluxe Edition

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS DO YOUTUBE

https://01www.youtube.com/watch?v=O5-c79LQ3aM

https://www.youtube.com/watch?v=JvgXF_8-gds

https://www.youtube.com/watch?v=VAtGOESO7W8

https://www.youtube.com/watch?v=vBtzFOgKcv8

https://www.youtube.com/watch?v=TkeMhimUANw

https://www.youtube.com/watch?v=DQQpCrGaknM

https://www.youtube.com/watch?v=1UcE36uNvoA

https://www.youtube.com/watch?v=sgmlKt5Q0fs

https://www.youtube.com/watch?v=2-Eefg2N9hI&list=PLYJTFe-Yff_JTX4V70ftXSNt-cBgZNw7K

https://www.youtube.com/watch?v=1wueLCk9Skc

U2 – THE JOSHUA TREE

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO – 1987

PRODUZIDO POR - BRIAN ENO & DANIEL LANOIS

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- LETRAS DE BONO
- MÚSICAS DE U2
- BONO – VOZ, GAITA E GUITARRA
- THE EDGE – GUITARRA, BACKING VOCALS E PIANO
- ADAM CLAYTON – BAIXO
- LARRY MULLEN JR. – BATERIA E PERCUSSÃO
- BRIAN ENO – TECLADOS E BACKING VOCALS
- DANIEL LANOIS – TAMBORIM, BACKING VOCALS, OMNICHORD E GUITARRA BASE
- THE ARMIN FAMILY – CORDAS (FAIXA 9)
- THE ARKLOW SILVER BAND – METAIS (FAIXA 6)

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	WHERE THE STREETS HAVE NO NAME
2	I STILL HAVEN´T FOUND WHAT I´M LOOKING FOR
3	WITH OR WITHOUT YOU
4	BULLET THE BLUE SKY
5	RUNNING TO STAND STILL
6	RED HILL MINING TOWN
7	IN GOD´S COUNTRY
8	TRIP THROUGH YOUR WIRES
9	ONE TREE HILL
10	EXIT
11	MOTHERS OF THE DISAPPEARED
12	LUMINOUS TIMES (HOLD ON TO LOVE)
13	WALK TO THE WATER
14	SPANISH EYES
15	DEEP IN THE HEART
16	SILVER AND GOLD
17	SWEETEST THING
18	RACE AGAINST TIME

DEDICATÓRIA

Esse livreto é dedicado com saudades aos meus antigos amigos Julio Cesar, Humberto e Luke, com os quais eu tive uma banda amadora do U2 em Brasília, chamada U2-DF, na qual eu fui o guitarrista. Nós fizemos apenas uma apresentação na Universidade de Brasília em 1990, da qual eu nunca me esquecerei devido à calorosa recepção que tivemos da plateia. Lindas lembranças para o resto de minha vida.

ORIGENS DO ÁLBUM

Em 1985, durante a tour do quarto álbum do quarteto irlandês, “The Unforgettable Fire”, o U2 já era considerado pela crítica e fãs como a banda mais promissora dos anos 80, atraindo uma grande quantidade de pessoas para suas apresentações em todos os países que visitavam. Ao vivo, o U2 era eletrizante, contagiando as plateias com suas canções vibrantes como “Sunday Bloody Sunday”, “New Year’s Day” e “Pride”. O carisma de Bono, a criatividade e inovações de The Edge, além da competência e solidez de Adam Clayton e Larry Mullen Jr realmente mostrava que eles estavam seguindo o caminho para se tornarem a maior banda de rock do mundo.

O momento que fez com que todo o planeta conhecesse o U2 foi o Live Aid, em 1985, organizado por Bob Geldof, também irlandês e amigo pessoal da banda. Assim como todos os outros artistas, eles tinham 20 minutos para fazerem sua apresentação para todo o mundo. Inicialmente haviam programado tocar três canções: “Sunday Bloody Sunday”, “Bad” e “Pride”. No entanto, Bono se entusiasmou tanto durante a execução de “Bad”, tendo incluído nela vários trechos de músicas dos Rolling Stones (Ruby Tuesday) e Lou Reed (Satellite of Love e Walk on the Wild Side) que acabou perdendo a noção do tempo. Além disso, Bono pulou do palco e foi até a plateia convidar algumas moças para subirem ao palco com ele. Como a canção se estendeu muito, tiveram de finalizar a apresentação com apenas duas canções. O abraço de Bono nas fãs, o pulo do palco até a multidão, a interpretação incendiária da banda e as sensacionais canções escolhidas fizeram com que todo mundo quisesse saber mais sobre aquela banda, que foi considerada a revelação do Live Aid.

Em janeiro de 1986, o U2 começou a trabalhar em seu quinto álbum, que viria a se tornar “The Joshua Tree”. Bono estava fascinado pelos EUA, pois a banda estava habituada a passar de 4 a 5 meses por ano se apresentando por lá. Queria escrever sobre a “América”, não a real, mas a idealizada, do imaginário dos imigrantes, a descrita no sonho de Martin Luther King, que sempre foi um ídolo para a banda, que já havia composto duas canções em sua homenagem: “MLK” e “Pride”.

Foi decidido que a inspiração para o novo álbum seriam os EUA, mas os experimentos sonoros iniciados no trabalho anterior não seriam abandonados, especialmente porque o novo trabalho seria produzido novamente pela dupla Brian Eno e Daniel Lanois, que havia estabelecido uma perfeita sintonia com o U2 e seus anseios musicais no álbum anterior.

Antes mesmo das gravações começarem, a banda decidiu que cada nova canção deveria transportar o ouvinte a um lugar, real ou

imaginário, e que o som deles deveria ter uma qualidade cinematográfica, representando desertos, imagens, paisagens sonoras e viagens musicais.

Para o novo álbum, Bono afirmou que havia chegado o momento de escrever palavras que tivessem algum significado proveniente de sua experiência. Já The Edge declarou que a banda abordou o arranjo e a produção de cada canção de forma única e individualizada, pois queriam fazer o que era certo para cada faixa.

The Edge afirmou que o novo álbum foi uma reação a "The Unforgettable Fire", pois a banda decidiu trabalhar dentro das limitações das canções como um ponto de partida. Optaram nessa vez por comporem canções, pois queriam deixar o álbum menos vago, aberto, atmosférico e impressionista, como o trabalho anterior. O objetivo era fazer um novo álbum mais focado e conciso.

Dois elementos que influenciaram enormemente o novo trabalho foram a visita que Bono fez à El Salvador, em meio à terrível crise política que viviam com os EUA, e a Nicarágua, onde o movimento sandinista se tornava cada vez mais forte e influente, chegando a ser considerado como uma ameaça para o governo americano. Bono viu tudo isso de perto e conheceu um outro lado da "América" que desconhecia até então, o do intervencionismo, do fornecimento de armamentos, da guerra, morte e destruição. Essa relação contrastante de amor e raiva pelos EUA foi fundamental para estabelecer a narrativa que seria usada nas novas canções.

Outro acontecimento que trouxe grande inspiração e motivação para o U2 foi a participação deles na tour "Conspiracy of Hope", em 1986, na qual se apresentaram em 6 cidades dos EUA juntamente com outros artistas consagrados, como Peter Gabriel e Sting. Em algumas ocasiões, o U2 fazia a apresentação final, em outras, Sting se reuniu com Andy Summers e Stewart Copeland, de seu extinto grupo "The Police", para apresentações especiais, nas quais foram a atração final da noite.

Nessa tour, foram discutidos vários temas relativos aos direitos humanos, prisioneiros políticos, guerras, religião e muitos outros tópicos que acabaram surgindo posteriormente nas letras do álbum que estava sendo preparado. Um momento particularmente marcante para o U2 foi quando, na última apresentação, de última hora, Sting pediu que o U2 tocasse depois do The Police, e fechasse a noite, pois ele já sabia que sua banda havia acabado e o U2 seria o sucessor natural deles. Assim, no final da última música do show do The Police, cada um dos integrantes entregou pessoalmente seus próprios instrumentos aos músicos do U2, que fizeram seu show usando os instrumentos do The Police, como se houvesse ocorrido um ritual de

passagem entre o passado e o futuro do rock. Esse gesto causou uma forte comoção em todos que estavam na plateia, e entre as duas grandes bandas.

Segundo Adam Clayton, a interrupção da gravação do álbum para participar da “Conspiracy of Hope Tour” poderia ter levado a banda a perder o ritmo de trabalho em que estavam. Porém, considerou que a tour foi um catalisador para a composição das faixas que ainda não haviam sido compostas para o novo trabalho, mostrando aos integrantes do U2 que eles estavam no caminho certo em tentarem mostrar o lado obscuro da “América” de Ronald Reagan.

O U2 estava pronto para “The Joshua Tree”. Agora chegara a hora da banda provar que eles mereciam o título de “maior banda do mundo” e entregarem uma obra clássica, que pudesse encantar seus fãs, crítica e todos os que ouvissem o novo álbum.

ANÁLISE DO ÁLBUM – FAIXA A FAIXA

Where the Streets Have no Name

O álbum começa com um som de teclado hipnótico, crescente, envolvente, que desde a primeira audição cria no ouvinte a expectativa que algo grande e majestoso está se aproximando. Depois vem as guitarras de The Edge com um riff clássico, repleto de efeitos de digital delays, uma de suas marcas registradas. Quando toda a banda começa a tocar junta percebemos que estamos ouvindo realmente uma canção grandiosa, o que só se confirma com a entrada de Bono, cantando uma letra na qual diz que ele quer correr, se libertar do que o prende. É uma canção sobre conseguir se libertar das amarras que nos prendem internamente. É o som de uma banda inovando e criando seu próprio espaço no mundo do rock.

A gravação oficial da canção consumiu praticamente 40% do tempo usado para o registro de todo o álbum, pois eles nunca ficavam satisfeitos com o resultado que estavam obtendo. Em um determinado momento, o produtor Brian Eno quase apagou as fitas originais, para que a banda começasse tudo de novo, do zero, pois achava que havia problemas demais na gravação original, que eram insanáveis. Felizmente, um dos engenheiros de som no estúdio impediu que isso acontecesse.

A canção foi composta originalmente por The Edge, que gravou sozinho em seu estúdio caseiro uma fita demo com os teclados, guitarras e bateria, criando um guia para a o resto da banda sobre como ela soaria com todos os instrumentos. Ele imaginou qual seria uma canção que ele gostaria de ouvir ao vivo, que eletrizasse a plateia, que fosse a melhor que o U2 já havia composto até então. Ao concluir sua gravação, teve a certeza de que havia composto a melhor canção de sua vida, com as melhores guitarras e que, posteriormente, se tornou épica ao vivo, quando abriu os shows da tour de “The Joshua Tree”. Até hoje é executada em praticamente todas as apresentações da banda e é sempre um dos pontos altos e mais aguardados em todos os shows.

I Still Haven´t Found What I´m Looking For

É uma canção espiritual, com raízes na música gospel, na qual Bono interpreta a letra da canção com muita emoção e intensidade. O tema é o da dúvida espiritual, da busca incessante por algo, mas nunca conseguindo encontrar o que se procura, criando uma angústia incessante.

The Edge criou o título e Bono o tema da canção, que poderia ser definido como um hino de fé e dúvida em sua capacidade em

encontrar o seu próprio caminho. De uma certa forma, ela nos remete à canção de George Harrison “My Sweet Lord”, que também mostra uma busca espiritual por Deus, tentando uma aproximação com a divindade suprema.

Bono gosta da letra dessa canção, pois considera que ela foi inspirada nos Salmos de Davi, sendo uma canção de dúvida que reforça a fé.

Em 1988, o U2 gravou uma versão com um coral negro de música gospel, denotando ainda mais suas raízes religiosas nesse novo registro. As cenas da gravação em uma igreja no Harlem em Nova York posteriormente foram usadas no documentário “Rattle and Hum”, além de uma gravação ao vivo realizada no show da banda, que foi incluída no álbum do mesmo nome.

With or Without You

Um dos maiores clássicos da banda. Musicalmente, a canção nasceu através dos experimentos de The Edge com um equipamento musical inventado pelo músico canadense Michael Brook, chamado “Infinite Guitar” que, como já está explicado no próprio nome do instrumento, produz sons infinitos de guitarra, que foram amplamente usados na gravação.

Bono se sentia dividido entre ser leal e dedicado à banda ou à sua esposa e família. Se por um lado ele queria passar mais tempo com ela e seus familiares, por outro ele tinha a necessidade de se exprimir artisticamente e investir sua energia e tempo no U2. No entanto, isso lhe gerava uma constante frustração, pois ele nunca estava satisfeito, sempre sentindo que estava deixando algo ou alguém importante para trás. Na letra da canção ele conta que não consegue viver com ou sem você, seja quem for. Talvez sua esposa, ou até mesmo a banda.

Essa dicotomia e tensão são constantes nessa que, no fundo, é uma canção de amor muito emotiva, que gera uma enorme empatia no ouvinte que já esteve envolvido em um caso de amor intenso, repleto de tensão e ansiedades, comuns em relacionamentos sérios e longos. No final, Bono desiste e se entrega, nos presenteando com uma das mais lindas obras de toda a carreira do U2.

Bullet the Blue Sky

Uma das canções mais intensas do álbum. Muito pesada, com uma bateria dominante de Larry Mullen Jr. e um baixo hipnótico de Adam Clayton. É impossível que o ouvinte fique indiferente à essa faixa essencial de “The Joshua Tree”.

Surgiu das lembranças de Bono em suas viagens pela Nicarágua e El Salvador em 1985, na qual viu aviões do governo bombardeando

vilarejos, pessoas morrendo, explosões, medo, raiva, tudo isso misturado com um ódio pela política externa dos EUA durante o governo de Ronald Reagan.

O vocalista afirmou que a letra dessa canção tem um certo toque gótico e bíblico. A passagem em que menciona "This guy comes up to me, His face red like a rose in a thorn bush" ele se referia a Ronald Reagan, então presidente dos EUA. No entanto, ele nunca mencionou isso para ninguém na época. Brian Eno sugeriu que ele não mencionasse esse ponto ao público, pois arruinaria a imagem que eles haviam criado em suas próprias mentes.

A letra coloca lado a lado o que há de pior na "América", como a Ku Klux Kan, com o que há de melhor, como o som do saxofone de John Coltrane. Os EUA são um país de enormes contrastes e, particularmente durante a década de 1980, seus vizinhos da América Central sofreram enormemente com sua política intervencionista.

Revoltado com tudo que presenciou, ao encontrar a banda para a gravação desta canção, Bono pediu ao The Edge: "Coloque El Salvador e a Nicarágua através de seu amplificador". O guitarrista conseguiu captar a essência do que o vocalista queria e fez um solo magistral, no qual, se fecharmos os olhos, podemos ver os aviões passando por nossas cabeças, as bombas caindo, explosões, sirenes de ambulância passando, enfim, uma verdadeira overdose de imagens de guerra e violência, todas exibidas ao mesmo tempo, deixando um rastro de medo até o final. "Lá fora é a América", sussurra Bono. Mas não é aquela dos sonhos, e sim, a real. Excepcional.

Running to Stand Still

Depois da faixa anterior, avassaladora, as coisas parecem se acalmar na faixa seguinte. No entanto, essa primeira impressão é enganadora. O medo e a tensão persistem. Só que agora o tema é o vício em drogas, particularmente em heroína.

Sem dúvida, a melhor letra do álbum. Bono estava inspiradíssimo quando compôs esse trágico relato de uma mulher viciada em heroína. O título da canção surgiu quando ele foi visitar seu irmão em Dublin, que possuía uma pequena loja comercial. Ao indagar o irmão como estavam indo os negócios, a resposta que teve foi: "Estou correndo para permanecer parado". Essa frase tocou Bono, que a anotou imediatamente para não a esquecer. Ao retornar ao estúdio, começou a escrever uma letra com a frase dita pelo irmão. Em um momento de pura poesia, conseguiu contar o sofrimento dos viciados em drogas que habitavam as "Sete Torres de Ballymun", mencionadas na letra da canção. Esse era um local de tráfico de drogas na cidade de Dublin, bem próximo de onde Bono nasceu e foi criado. Ele se lembrou dos

junkies injetando heroína nos corredores das torres e de um casal que mensalmente fazia viagens relâmpago para Amsterdã a fim de transportar drogas, ganhando algum dinheiro com isso, para poderem bancar seu vício.

Musicalmente, a melodia surgiu de um improviso que The Edge fez ao piano enquanto a banda estava ocupada com outras atividades. Quando eles chegaram ao estúdio, ficaram encantados com a canção e adicionaram o baixo e a discreta percussão que completa o tema.

Bono tentou na letra dessa canção criar uma espécie de roteiro narrativo dentro de seu relato da popularização da heroína nas sete torres no norte de Dublin.

Na letra de Bono, só há uma saída das torres de Ballymun: a heroína, que também destruiu seu amigo Phil Lynott, baixista e vocalista da banda Thin Lizzy. A letra da canção não é um ataque frontal às drogas, mas sim, uma mensagem de compaixão e carinho aos que sucumbiram ao poder da mais perigosa das drogas, relatando o sofrimento pelo qual passam a fim de tentar manterem seu vício, tentando encontrar uma saída, seja ela através do abandono da droga ou da agulha diretamente na veia. Bono se recusa a julgar, oferecendo apenas compaixão e solidariedade à personagem da canção. Certamente, uma das faixas mais poéticas, marcantes e importantes de "The Joshua Tree".

Red Hill Mining Town

O tema aqui é a decisão de Margaret Thatcher, que então ocupava o cargo de Primeiro-Ministro do Reino Unido, em fechar as minas que não eram economicamente rentáveis em seu país. Tal decisão gerou uma enorme greve dos mineiros, na qual lutaram arduamente contra a decisão governamental.

Bono escreveu sobre o sofrimento daqueles que perderam seus empregos e, por tal razão, não teriam mais como manter suas famílias, com muitos filhos ainda pequenos. Relata como os relacionamentos se deterioraram sob a pressão da greve dos mineiros e das dificuldades financeiras causadas pelo fechamento das minas e o grande número de desempregados por tal decisão. As garrafas ficam vazias e nosso amor esfria, relata Bono na canção.

Red Hill Mining Town havia sido escolhida para ser um dos singles do álbum. No entanto, durante os ensaios para a tour, o vocalista teve grande dificuldade em cantar a canção, que atinge notas muito altas e demanda muito de sua voz. Por esse motivo, o plano de lançamento do single foi abortado e a canção nunca foi executada ao vivo pelo U2 por décadas. Somente na tour comemorativa dos 30 anos do

lançamento do álbum, em 2017, é que o U2 tocou a canção ao vivo pela primeira vez, com um arranjo completamente diferente, em outro tom, no qual Bono conseguiu cantar a canção de maneira que não exigisse demais dele.

In God´s Country

Sem dúvida, na letra os EUA são "o país de Deus". Bono estava tentando expressar seu desconforto com a "América", como já havia relatado em "Bullet the Blue Sky". Aqui, ele está mais resignado, aceitando a dificuldade em mudar todo o lado negativo do país que acolheu o U2 de braços abertos. Há claramente uma relação de amor e ódio, na qual ele pinta os EUA como "a rosa do deserto", que encanta e o atrai como se fosse uma sereia. Há também a figura do deserto, presente na capa do álbum, que foi um tema que trouxe muita inspiração à banda, como uma imagem mental, uma tela em branco, na qual poderiam expressar seus sentimentos e preocupações, usando seus instrumentos para pintarem uma paisagem no deserto.

Musicalmente, The Edge contou que a banda procurava músicas mais rápidas e agitadas, para contrastar um pouco com o clima mais sombrio e lento da maioria das canções do álbum. Assim surgiu uma das faixas mais "fáceis" de ser ouvida do álbum, porém, não menos importante ou inspirada.

Trip Through Your Wires

Uma das canções mais "simples" do álbum. Surgiu de um improviso no estúdio, quando a banda começou a tocar junta e os produtores gravaram o que eles estavam criando espontaneamente no momento.

Adam Clayton revelou que o título original dessa canção era "Woman Fish" e que ela foi concebida para ser uma faixa que soasse totalmente diferente do tipo de som habitual da banda.

Em relação à letra, Bono explicou que foi baseada em várias conversas de telefone que teve com uma mulher, que teria lhe ajudado em momentos de dificuldade e baixa autoestima. No entanto, com o passar do tempo, ele acabou percebendo que toda aquela imagem que a dita pessoa transmitia não era real e ela o havia enganado durante todo o tempo. Há um sentimento de decepção, uma desilusão com algo que parecia ser muito promissor.

Bono questiona se ela é um anjo ou o demônio, pois ele tinha sede e ela simplesmente molhou os seus lábios. Seria a canção um discreto relato de alguma aventura extraconjugal do vocalista do U2? Nunca saberemos a resposta.

O vocalista afirmou que Larry Mullen Jr é o integrante da banda mais

interessado em canções e estruturas simples. Por tal motivo, ele gostou da objetividade de “Trip Through Your Wires”.

Em uma das apresentações da tour, Bono revelou a plateia que essa canção quase não foi incluída no álbum. No entanto, ele ficou feliz que no final das contas ela acabou sendo mantida entre as faixas selecionadas.

One Tree Hill

Quando o U2 estava em tour em 1985 pela Nova Zelândia eles conheceram um rapaz chamado Greg Carroll. A banda e seu empresário nunca haviam visto um assistente de palco com tanta energia e desenvoltura. Decidiram chamá-lo para ajudar a banda nos shows que ocorreriam na Austrália.

Na primeira noite em que o U2 passou na Nova Zelândia, Greg levou Bono para conhecer One Tree Hill, que é a mais alta das cinco ilhas vulcânicas que formam a cidade de Auckland.

Encerrada a tour, Greg havia se dado tão bem com a banda, particularmente com Bono e Larry, que eles o convidaram para se mudar para a Irlanda para trabalhar com eles.

Em pouco tempo, o rapaz se tornou praticamente um irmão para Bono e fez uma profunda amizade com todos da banda e da equipe do U2. Passou a trabalhar como assistente do vocalista, tratando de todos os afazeres do cotidiano da banda.

Em uma noite chuvosa, Bono pediu que Greg levasse sua moto para casa, pois ele e a banda provavelmente passariam a noite inteira gravando no estúdio. Durante o trajeto, infelizmente Greg sofreu um trágico acidente, morrendo instantaneamente.

Ao receber a notícia, a banda e a equipe do U2 ficaram completamente arrasada, pois Greg era muito querido por todos. O mais afetado foi Bono, que havia perdido sua mãe muito cedo e, agora, alguém que havia se tornado seu melhor amigo. Para piorar a situação, o rapaz morrera fazendo um favor para o vocalista.

A banda decidiu compor uma canção em sua homenagem, que se transformou em “One Tree Hill”, um lugar que é um símbolo da Nova Zelândia, no qual Bono passou momentos de muita alegria com seu amigo Maori (nativo indígena do país).

Bono, Larry e suas respectivas esposas viajaram para a Nova Zelândia para o enterro de Greg Carroll, seguindo as tradições Maori, em sua tribo de origem.

Na letra, Bono faz uma sincera homenagem ao falecido, celebrando sua vida, dizendo que eles se verão novamente “quando as estrelas

caírem do céu", e que todos nós" corremos com um rio, em direção ao mar". Todas as almas se encaminham para Deus.

Essa canção é tão forte e emocionante que Bono evitava ao máximo cantá-la ao vivo nos shows do U2, pois era muito difícil para ele segurar as lágrimas e conseguir dar prosseguimento ao show após cantá-la. Por essa razão, ela foi executada pouquíssimas vezes durante a tour de lançamento do álbum "The Joshua Tree", só passando a ser incluída regularmente no setlist da banda na tour seguinte, "Lovetown", em 1989 e 1990, quando foi executada durante todos os shows realizados na Oceania e Ásia, além de alguns shows na Europa também.

Para The Edge, a precisão da execução das canções no estúdio não é o mais importante. Frequentemente a banda considera que os melhores takes não são os mais tecnicamente precisos. Segundo ele, "One Tree Hill" é um exemplo de uma canção que tem várias falhas de andamento e tempo, mas as pessoas não os notam, a menos que prestem muita atenção.

A banda passou muito tempo sem executar a canção ao vivo, justamente por seu forte conteúdo emotivo para todos da banda. Só retornou ao setlist dos shows da banda em 2006, além de ter sido executada em todos os shows da tour comemorativa de 30 anos de lançamento de "The Joshua Tree", em 2017 e em 2019.

Exit

Surgiu de uma jam session da banda. Adam Clayton e Larry Mullen Jr. começaram a improvisar a base da canção. Logo foram acompanhados por The Edge, que entrou no clima sombrio da canção. Foi gravada no último dia das sessões para o álbum.

É uma faixa assustadora, tensa, na qual Bono descreve um homem que está prestes a cometer um ato violento. Não fica claro se é contra ele mesmo (um suicídio) ou contra outra pessoa (um assassinato). A pulsação constante do baixo e bateria simulam o batimento cardíaco do indivíduo, profundamente perturbado.

Bono chegou a declarar que não sabe exatamente qual o ato ocorre na canção. Alguns pensam ser um suicídio, enquanto outros pensam ser um assassinato. Ele não se importa quanto a essa ambiguidade. Para ele, o ritmo das palavras é quase tão importante ao transmitir o estado mental do protagonista.

Provavelmente é uma pessoa para qual o "sonho americano" acabou se transformando em um pesadelo. O U2 nunca havia composto nada parecido. A maioria de suas canções são otimistas, com mensagens positivas. Aqui não há mais esperança, apenas desespero. Há um clima

muito pesado, pronto para explodir a qualquer instante, o que acaba acontecendo durante a canção, quando o ato violento é acontece.

A sensação que temos ao ouvi-la é que a banda talvez estivesse exorcizando seus demônios, deixando que as trevas dominassem essa faixa ameaçadora, no entanto, magnética. Uma das melhores e mais impactantes toda vez que foi executada ao vivo. A plateia sempre ficava hipnotizada e eletrizada quando ela surgia nas apresentações da tour.

Mothers of the Disappeared

A última faixa do álbum é um tributo ao sofrimento das mães dos desaparecidos em El Salvador, no Chile e na Argentina, durante as ditaduras enfrentadas pelo povo desse países nos anos 1970 e 1980.

Inspirada pela tour "Conspiracy of Hope" em 1986, da qual o U2 participou, apoiando a ONG "Anistia Internacional". Durante o período da tour, tiveram contato com mães que haviam tido seus filhos tomados por esquadrões da morte em vários países da América Latina. Esses homens e mulheres nunca mais foram vistos, havendo desaparecido para sempre.

Bono ficou chocado ao ouvir tais relatos diretamente das mães que encontrou e decidiu que escreveria uma canção sobre o tema, dando voz ao lamento e choro materno daquelas que nunca mais puderam abraçar seus filhos, levados delas no meio da escuridão da noite. Na letra, ele testemunha a dor sentida pelas mães, colocando todo a tristeza e desespero delas em sua voz.

O vocalista se recorda que, durante a mixagem da canção, Daniel Lanois parecia estar executando uma peça de Mozart ao piano enquanto mixava a faixa.

Assim se encerra esse magnífico trabalho do U2.

No entanto, durante a finalização do álbum, a banda estava se sentindo muito criativa e compôs algumas novas canções, sendo que algumas chegaram a ser totalmente finalizadas, enquanto outras estavam ainda em formato inacabado. Após encerrarem as gravações das faixas que seriam incluídas no álbum, a banda voltou ao estúdio para finalizar sete canções que seriam usadas como lado B dos singles que seriam lançados. Para tal tarefa, foram convocados os engenheiros de som Dave Meegan e Pat McCarthy, que analisaram o material que havia de sobra e auxiliaram os músicos a finalizarem as canções.

Devo ressaltar que todas as sete faixas são excelentes e, sem qualquer dúvida, poderiam ter sido incluídas no álbum. Na realidade, "The Joshua Tree" poderia perfeitamente ter sido um álbum duplo, incluindo as onze canções lançadas no álbum oficial juntamente com

as outras sete que apareceram no single. Provavelmente teria sido um álbum duplo épico, que seguramente teria sido tão bem recebido quanto a versão que nós conhecemos.

Como a qualidade das canções lançadas nos singles é tão elevada, decidi incluir uma análise de cada uma delas individualmente, já que são todas da mesma época que as canções do álbum oficial. Até mesmo o próprio The Edge considera que esse grupo de canções são o melhor trabalho que o U2 já fez que não foi incluído em um álbum.

Luminous Times (Hold on to Love)

Uma canção sobre paixão e amor. Na faixa, Bono interpreta a letra com muita intensidade e sentimento, denotando sinceridade em suas palavras.

O tema da letra é uma mulher pela qual o vocalista está completamente apaixonado e de quem precisa para viver e é grato por Deus lhe ter dado sua mão. Presume-se que seja uma canção sobre sua esposa Ali, com quem Bono se casou antes de se tornar famoso.

Devo destacar a brilhante atuação do baterista Larry Mullen Jr, que consegue expressar todo o drama e paixão da canção em sua atuação marcante na faixa.

Walk to the Water

Uma canção com uma atmosfera realmente mágica especial que é uma das melhores que foi lançada nos singles do álbum.

Bono praticamente recita quase toda a letra da canção, realmente vindo a cantar somente na parte final da canção. A letra é bastante poética e conta a história de uma mulher que o protagonista encontrou, descrevendo detalhes de sua vestimenta, comportamento e até mesmo história familiar.

The Edge, Larry Mullen Jr e Adam Clayton criaram uma linda paisagem sonora em qual Bono pode mostrar toda a poesia de sua letra, com muita emoção e sentimento, apresentando uma interpretação impecável que nos lembra mais uma vez o motivo por ele ser considerado um dos maiores vocalistas da história do rock.

Uma faixa hipnótica e de rara beleza, que agrada ao ouvinte desde a primeira audição. Sem dúvida poderia ter feito parte do álbum, pois não ficaria nem um pouco deslocada em meio às outras que foram selecionadas.

Spanish Eyes

Mais uma canção brilhante que poderia ter trazido ainda mais brilho para o álbum, já que a maioria das canções selecionadas são lentas ou

introspectivas, enquanto “Spanish Eyes” é uma canção animada, agitada e excelente. Sua inclusão no álbum poderia ter deixado o álbum um pouco mais alegre, pois essa canção de amor é realmente irresistível.

A letra da canção é mais uma vez uma declaração de amor que Bono provavelmente dedicou à sua esposa Ali. Como ela é morena e tem olhos escuros, os “olhos espanhóis” aos quais o vocalista se refere provavelmente são os olhos de sua companheira.

A banda apresenta uma atuação maravilhosa, com The Edge trazendo sua sonoridade característica na guitarra enquanto Larry Muller Jr e Adam Clayton fazem um trabalho de primeira qualidade na parte rítmica da canção.

Mais uma vez Bono tem uma atuação excelente, cantando com grande paixão e sinceridade a letra da canção, dando tudo de si na interpretação do tema.

A canção é tão contagiante que chegou a ser executada ao vivo em treze shows da tour promocional de “The Joshua Tree”, uma de apenas duas canções lançadas nos singles que foi escolhida para receber tal honraria.

Deep in the Heart

Essa canção tem uma sonoridade que nos remete ao excelente único álbum solo de The Edge, a trilha sonora do filme “Captive”. A propósito, para aqueles que nunca ouviram falar sobre a existência desse incrível trabalho do guitarrista do U2, gravado em 1986, antes da gravação de “The Joshua Tree”, eu sugiro que não deixem de conferi-lo, pois é incrível, além de contar com a participação da grande Sinead O’Connor e Larry Mullen na única faixa cantada do álbum, a maravilhosa “Heroine”.

Bono escreveu uma letra bastante sensual e intensa, sobre um encontro nitidamente sexual com uma mulher pela qual se sente muito atraído e quer passar um tempo com ela trancado em um quarto. Talvez a fonte de inspiração para a letra dessa faixa tenha sido a mesma que o inspirou a escrever a letra de “Trip Through Your Wires”.

Larry Mullen Jr e Adam Clayton tocam em perfeita sintonia, mostrando mais uma vez a qualidade e bom gosto da sessão rítmica do U2, sem dúvida alguma, uma das mais simbióticas e originais no mundo do rock.

The Edge é sempre um show à parte, mostrando aqui toda a sua criatividade, efeitos e sonoridade inconfundíveis, deixando a faixa ainda mais interessante.

Silver and Gold

Em termos de popularidade, essa foi a faixa dos singles que se tornou mais conhecida, particularmente pelo fato de ter sido incluída no álbum seguinte do U2, “Rattle and Hum” em uma versão gravada ao vivo.

Juntamente com “Spanish Eyes”, foi a outra das duas faixas não oficiais do álbum que foram executadas ao vivo pelo U2 em dez apresentações, uma delas foi a que acabou sendo filmada para o documentário “Rattle and Hum”.

A temática da letra é nitidamente política e aborda a questão do racismo na África do Sul, que estava tão em voga na época, antes que Nelson Mandela chegasse ao poder. Na letra, o protagonista é um prisioneiro que é espancado por seus algozes em uma prisão da África.

A letra também mostra a corrupção existente no sistema prisional da África do Sul, pois o carcereiro informa ao protagonista da canção que, caso ele queira uma saída da prisão, deve entregá-lo prata e ouro (silver and gold).

Em outra parte da letra o protagonista está desesperado, com uma corda no pescoço e prestes a ser enforcado quando pede para Jesus dizer algo e impedir que ele seja covardemente assassinado na prisão. Em outras passagens o protagonista mostra estar com muita febre e doente enquanto seus algozes continuam lhe pedindo prata e ouro.

A inspirada letra da canção também aborda a questão dos piratas e corsários, que atacavam povoados atrás de prata e ouro para seus cofres. Aparentemente, no final da canção o protagonista está morto, pois ele está livre e as corrente não prendem mais seus pés. A morte finalmente o libertou de todo seu sofrimento.

Na versão ao vivo do álbum “Rattle and Hum” Bono conta à plateia um pouco da origem da canção, que foi composta em um quarto de hotel em Nova York quando Little Steven (guitarrista da E-Street Band de Bruce Springsteen) estava criando um álbum de artistas contra o apartheid.

Existem duas versões dessa canção. A primeira foi gravada pelo U2 e tem uma interpretação poderosa de toda a banda, particularmente de The Edge, que faz solos sofridos e angustiados, como o protagonista da canção. A segunda versão foi gravada por Bono juntamente com Keith Richards e Ronnie Wood, guitarristas dos Rolling Stones, além do baterista Steve Jordan. Essa segunda versão é a que foi incluída no álbum organizado por Little Steven, “Sun City - Artists United Against Apartheid” (Sun City - Artistas unidos contra o Apartheid).

Sweetest Thing

No dia 23 de Março de 1986 Bono estava com U2 no estúdio trabalhando nas gravações do álbum “The Joshua Tree”. Ele se esqueceu completamente que aquela era a data do aniversário de 25 anos de sua esposa Ali.

Ao perceber que ela havia deixado de falar com ele, finalmente Bono se deu conta do que havia ocorrido e se sentiu extremamente envergonhado e culpado por ter se esquecido de uma data tão importante para ele e sua esposa.

Como uma forma de tentar se desculpar ele criou essa canção, como um pedido de desculpas explícito a Ali por sua imperdoável falha de memória. Quando Bono ofereceu a canção como presente a Ali, ela perguntou se o presente incluía os royalties da canção. Ele afirmou que sim. Desta forma, todos os royalties obtidos com essa faixa foram destinados a instituição de caridade favorita de Ali, a “Chernobyl Children International”, que cuida de crianças que foram afetadas pela radiação emitida após a explosão da usina atômica de Chernobyl, na Ucrânia.

Ao ouvirem o resultado final da mixagem da canção, a banda considerou que tanto a temática quanto sonoridade da faixa não se encaixavam no restante do álbum. Desta forma, decidiram deixá-la de fora e lançá-la apenas como um lado B de um single.

Embora tivesse sido relegada a um mero lado B de um single, os fãs do U2 sempre gostaram muito dessa canção, levando a banda a gravar uma nova versão dela, levemente modificada, para inclusão na compilação “U2 The Best Of 1980-1990”. Na “Elevation Tour” de 2001 a canção foi apresentada ao vivo pela primeira vez e passou a fazer parte do setlist do restante dos shows. Depois disso, só voltou a ser executada ao vivo novamente em 2015, na “Innocence + Experience Tour”.

Race Against Time

Essa é a faixa mais experimental e misteriosa de todas da coleção. É também a única praticamente toda instrumental, já que Bono aparece apenas em dois momentos da canção apenas recitando o título da canção.

A faixa é conduzida pelo baixo pulsante e marcante de Adam Clayton, juntamente com uma atuação inicialmente discreta do baterista Larry Mullen Jr, que incrementalmente aparece mais à medida que a canção avança.

A sonoridade atmosférica e sombria da canção é complementada com efeitos de guitarra de The Edge, que mais uma vez usa timbres e ideias que foram inicialmente desenvolvidas em seu álbum solo “Captive”.

Mais uma faixa de excelente qualidade, realmente especial para aqueles fãs do U2 que apreciam o lado mais experimental e menos comercial da banda.

LEGADO DE "THE JOSHUA TREE"

Após o lançamento do álbum, o U2 iniciou uma longa tour pelos EUA e Canadá, seguida da Europa e, novamente, pelos EUA. Instantaneamente o lançamento do novo trabalho do U2 foi reconhecido, se tornando líder de vendas rapidamente em vários países do mundo.

Os três primeiros singles lançados do álbum ("With or Without You", "I Still Haven´t Found What I´m Looking For" e "Where the Streets Have no Name") foram todos massivamente executados nas rádios e se tornaram novos chamarizes para as multidões que compraram ingressos para verem ao vivo aquela que acabara de se tornar a maior banda do mundo.

Pela quarta vez na história, uma banda apareceu na capa da revista Time. Anteriormente, apenas os Beatles, The Band e o The Who haviam recebido tal tratamento especial. Agora chegara a vez do U2.

A crítica musical especializada, de uma maneira geral, elogiou muito o novo trabalho deles, pois eles conseguiram mesclar os experimentos sonoros e texturas atmosféricas do álbum anterior, "The Unforgettable Fire", com músicas mais agressivas, no estilo do terceiro álbum do U2, o também clássico "War".

Inicialmente, o álbum se chamaria "The Two Americas" ou "The Desert Songs". No entanto, na véspera da sessão de fotos para o novo trabalho, o fotógrafo holandês Anton Corbijn sugeriu que a árvore conhecida como "Joshua Trees" fosse usada na capa. Ao notar a simbologia da árvore, que nasce no deserto e busca água nas profundezas do solo para sobreviver e florescer, Bono sugeriu que o álbum fosse chamado "The Joshua Tree". No dia seguinte, ao encontrarem uma árvore totalmente sozinha e isolada (o que é raro, pois geralmente elas são encontradas em grupos), tiveram a certeza de que haviam encontrado a protagonista da capa do álbum e que também lhe emprestaria o seu nome.

As árvores conhecidas como "Joshua Trees" supostamente são os organismos vivos mais antigo do deserto. Os biólogo não conseguem datá-las, pois quando são cortadas não apresentam anéis que possibilitem a identificação da idade delas.

Adam afirmou que o deserto foi intensamente inspirador para a banda como uma imagem mental para o álbum. Além disso, ele também considera que é uma imagem muito positiva, pois você consegue fazer algo com uma tela em branco que, na realidade é o que o deserto é. Por outro lado, Larry ficou embaraçado ao contar para sua namorada o nome do novo álbum do U2.

Durante a sessão de fotos no meio do deserto, em Zabriskie Point, no Vale da Morte, a banda adotou um visual definido por eles como "imigrantes europeus deslocados chegando ao deserto". Mantiveram tal visual durante todos os vídeos, shows e aparições públicas na época. Assim como as tours anteriores do U2, a que promoveu o lançamento do novo trabalho da banda foi uma produção minimalista e austera, usando apenas um cenário com a silhueta da "Joshua Tree", que serviu de fundo do palco em todos os shows da tour original.

Em 1988 o U2 ganhou dois prêmios Grammy. Um pelo álbum do ano de 1987 e o outro por ter sido eleito pela melhor Performance de Rock por um grupo com vocal.

Um fato curioso ocorreu quando a banda oficialmente se tornou a número 1 da parada dos EUA. Eles estavam em Las Vegas e foram convidados para assistirem à um show de Frank Sinatra.

O veteraníssimo cantor, durante sua apresentação, disse à plateia que queria os apresentar aos artistas que estavam no topo da parada do país naquele momento. Chamou o U2, que se levantou de sua mesa, e pediu que todos lhes dessem uma salva de palmas. A banda agradeceu, constrangida pela atenção inesperada, e ficou ainda mais embaraçada quando Sinatra disse a eles: "Vocês podem ser o número 1 das paradas, mas não gastaram sequer um centavo em suas roupas!", o que fez com que todos os presentes caíssem em gargalhadas, incluindo a própria banda. Após o show, Frank Sinatra os recebeu no camarim, no qual ficaram conversando sobre música por horas. O veterano cantor adorou os irlandeses e estabeleceu uma grande amizade com eles, tanto que pouco tempo depois convidou Bono para gravar com ele em seu álbum de duetos, no qual Bono interpretou "I´ve Got You Under My Skin" com seu ídolo, conhecido como "Velhos Olhos Azuis".

O sucesso total gerado pelo álbum "The Joshua Tree" fez com que o U2 passasse a fazer parte das maiores bandas da história, como os Beatles, Rolling Stones, Led Zeppelin, Queen, Pink Floyd e algumas outras.

Os shows ficavam sempre lotados e as vendas apenas deste álbum totalizaram 25 milhões de cópias, tornando-o um dos mais vendidos da história da música.

Ao analisar o álbum, depois de mais de 30 anos de seu lançamento, o produtor Daniel Lanois afirmou que grande parte da força de "The Joshua Tree" se deve à ingenuidade da banda na época. Já Adam Clayton considera que o álbum em questão e o anterior (The Unforgettable Fire" foram uma fase em que a banda estava se reinventando. Além disso, afirma que tal processo não teria sido

possível sem Brian Eno e Daniel Lanois. O baixista chega até mesmo a considerar que parece que o U2 só passou realmente a existir a partir de “The Unforgettable Fire”, mencionando que os três primeiros álbuns da banda (Boy, October e War) soam mais como uma convulsão de adolescentes. Somente a partir do quarto álbum é que a banda conseguiu entender quem eram e finalmente conseguiram colocar tudo isso em foco em “The Joshua Tree”. Bono concorda com o baixista, afirmando que “The Unforgettable Fire” foi onde a banda se encontrou e começou a andar. Talvez até mesmo a correr...

Um outro elemento que mostra a força musical do álbum é que, até os dias de hoje, as cinco primeiras canções do álbum (o antigo lado A do vinil) aparecem regularmente nas apresentações da banda, sempre sendo muito bem recebidas pelos fãs de várias gerações que acompanham o trabalho do U2 desde que “The Joshua Tree” foi lançado.

Em 2014, “The Joshua Tree” foi escolhido para o Hall da Fama do Grammy dos EUA por ter se tornado “parte de nossa história cultural, social e musical”. Além disso, no mesmo ano o álbum também foi selecionado para ser preservado na Biblioteca do Congresso dos EUA por ter sido considerado “culturalmente, historicamente e esteticamente significativo”. É a única obra irlandesa que recebeu tal honra.

“The Joshua Tree” é muito mais do que um álbum, é um monumento à obra dos grandes músicos irlandeses que conseguiram conquistar o mundo com seu talento, carisma e criatividade. O U2 conseguiu fazer muitos outros álbuns de sucesso depois desse, mas nenhum deles foi capaz de superar o legado daquele é verdadeiramente um clássico eterno.

Ao longo das mais de três décadas que se passaram desde o lançamento do álbum, praticamente todos os diversos caminhos seguidos pela banda, de uma certa forma, tem sido uma reação ao sucesso e legado do “The Joshua Tree”.

Em 2017, o U2 decidiu fazer uma tour comemorativa aos 30 anos de lançamento do álbum. Desta vez, além dos países que haviam visitado na tour original em 1987, incluíram uma festejada passagem pela América Latina, que não tivera a oportunidade de vê-los ao vivo 30 anos antes. Visitaram o México, Colômbia, Argentina, Chile e Brasil, onde fizeram pela primeira vez em sua carreira, 4 apresentações em uma mesma cidade, em São Paulo.

Eu tive o privilégio de assisti-los na noite final em São Paulo em 2017, que também foi a última da tour naquele ano, pois ela foi retomada

apenas em novembro de 2019, quando a concluíram fazendo apresentações na Oceania e Ásia. O clima na plateia em São Paulo foi de total celebração e alegria, contagiando os músicos, que fizeram uma apresentação inesquecível, com direito a uma participação especial de Daniel Lanois, um dos produtores do álbum, na faixa “Mothers of the Disappeared”.

Até hoje “The Joshua Tree” é um marco na carreira do U2, uma espécie de farol guia, iluminando as novas aventuras e experiências musicais da banda, os encaminhando para descobrirem novas paisagens sonoras em lugares inexplorados.

Bono, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen Jr. sabem que sempre poderão olhar para trás e se orgulharem de terem concebido uma obra prima imortal.

Você gostou do e-book? Então entre em contato com o autor através do e-mail:

marcoandrebriones@gmail.com

Quer ajudar o autor a preparar novos títulos? Que tal então comprar os produtos relacionados ao U2 diretamente no site da Amazon do Brasil? Usando o link fornecido abaixo para suas compras você estará dando sua contribuição diretamente. Muito obrigado por seu apoio!

LINK PARA A AMAZON

BIBLIOGRAFIA

U2 by U2 – Bono, The Edge, Adam Clayton, Larry Mullen Jr.
U2 – The stories behind the songs – Niall Stokes
U2 – A Diary – Matt McGee
DVD – Classic Albums – U2 – The Joshua Tree
The Joshua Tree Super Deluxe Edition
Surrender – 40 Songs, One Story – Bono
U2 – Touch the Flame – Geoff Parkyn
U2 – Three Chords and the Truth – Niall Stokes
U2 Live – A Concert Documentary – Pimm Jal de la Parra

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS DO YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=ei_eUQ7YYfA&list=PL_T4BMiCVGyG6szxtzdtkpqNfAPEj84px&index=91

https://www.youtube.com/watch?v=kmTTHdPYMEY&list=PL_T4BMiCVGyG6szxtzdtkpqNfAPEj84px&index=

https://www.youtube.com/watch?v=e3-5YC_oHjE

https://www.youtube.com/watch?v=GzZWSrr5wFI

https://www.youtube.com/watch?v=ujNeHIo7oTE

https://www.youtube.com/watch?v=qrXTQ5JFJCc

https://www.youtube.com/watch?v=yLvpZwN9Oko

https://www.youtube.com/watch?v=x6ifY1UV3CM

https://www.youtube.com/watch?v=0eCv0bXFppc

https://www.youtube.com/watch?v=ldvTYPhvhTM

https://www.youtube.com/watch?v=QGAQ4uXeH1c

https://www.youtube.com/watch?v=WfKhVV-7lxI

https://www.youtube.com/watch?v=TxGckWETzdE

https://www.youtube.com/watch?v=Ghw1iyc4K9Q

https://www.youtube.com/watch?v=b7jPiAYFUgU

Copyright © **2021** de **Marco André Briones**
Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.
Segunda edição, 2024

VAN HALEN – 1984

FICHA TÉCNICA

ANO DE LANÇAMENTO – 1984

PRODUZIDO POR - TED TEMPLEMAN

MÚSICOS PRINCIPAIS –

- EDWARD VAN HALEN – GUITARRA, TECLADOS E BACKING VOCALS
- ALEX VAN HALEN – BATERIA
- DAVID LEE ROTH – VOCAL
- MICHAEL ANTHONY – BAIXO, SINTETIZADOR DE BAIXO, BACKING VOCALS
- TODAS AS FAIXAS DE AUTORIA DE EDWARD VAN HALEN / ALEX VAN HALEN/ DAVID LEE ROTH & MICHAEL ANTHONY, EXCETO A FAIXA 7, DOS MESMOS AUTORES ALÉM DE MICHAEL MCDONALD

LISTA DE CANÇÕES DO ÁLBUM

1	**1984**
2	**JUMP**
3	**PANAMA**
4	**TOP JIMMY**
5	**DROP DEAD LEGS**
6	**HOT FOR TEACHER**
7	**I'LL WAIT**
8	**GIRL GONE BAD**
9	**HOUSE OF PAIN**

DEDICATÓRIA

Esse capítulo é minha pequena homenagem a um gigante da música, um mestre incomparável que sempre me inspirou e estimulou a estudar e aprender a tocar guitarra. Um inovador em todos os sentidos, com suas guitarras feitas em casa, seus pedais, seu amplificadores, efeitos e técnicas virtuosas em seu instrumento. Deixo registrado aqui meu agradecimento e gratidão ao fenomenal Edward Van Halen. Descanse em paz, mestre.

ORIGENS DO ÁLBUM

No início dos anos 1980 o Van Halen já era uma banda consagrada e querida por multidões de fãs em todo o mundo. Eddie Van Halen era considerado o novo gênio da guitarra, o músico mais inovador no instrumento desde Jimi Hendrix pois, assim como seu antecessor, Eddie havia revolucionado a maneira de se tocar o instrumento, seu som, seus pedais de efeitos, amplificadores e aberto um novo horizonte musical para guitarristas em toda parte.

Em 1983 a banda já havia lançado 5 álbuns, todos recebidos entusiasticamente pelos fãs e grande parte da crítica especializada. No entanto, o líder de fato da banda e compositor de todas as canções, Eddie Van Halen, ainda não estava satisfeito com o trabalho que haviam feito. Primeiramente, ele queria gravar mais canções tocando teclado, pois havia estudado anos de piano e era fluente no instrumento. Eddie havia composto novas canções com uma abordagem musical diferente, que necessitava dos teclados. Além disso, discordava das decisões tomadas anteriormente pela banda e seu produtor de incluírem uma grande quantidade de covers de outros artistas. Segundo o guitarrista, ele preferia fracassar executando suas próprias canções do que fazer sucesso com músicas de outros compositores. No próximo álbum, que se tornaria “1984”, Eddie havia decidido que usaria seus teclados e só entrariam canções músicas de sua autoria, sem concessões.

A primeira semente do novo álbum foi semeada quando o lendário Frank Zappa convidou Eddie Van Halen para fazer uma jam session em sua casa, pois ele possuía um estúdio em sua residência. Eddie compareceu, tocou com Zappa, seu guitarrista Steve Vai e seu filho de 12 anos, Dweezil, que estava iniciando no mundo musical. Zappa pediu que Eddie produzisse um single para seu filho, e esse concordou. No entanto, a ideia de construir um estúdio doméstico no qual ele pudesse gravar a qualquer hora, ter absoluto controle sobre o processo criativo e direcionar os rumos da banda foram que motivaram Eddie a construir seu próprio estúdio em casa. Ele chamou o engenheiro de som Donn Landee, que havia trabalhado em todos os álbuns do Van Halen até então para lhe ajudar a criar seu próprio estúdio, que acabou sendo batizado de “5150”, nome sugerido pelo próprio Landee, pois era um código usado pela polícia de Los Angeles para se referirem a uma pessoa mentalmente perturbada à solta. Landee disse que ele e Eddie se encaixavam perfeitamente em tal descrição, pois todos diziam que eles eram loucos ao quererem construir um estúdio profissional na casa de Eddie Van Halen. Desta forma, o estúdio doméstico de Eddie Van Halen foi batizado de “5150 Studios”. O álbum seguinte (1984), assim como todos os outros da carreira da

banda foram gravados ali.

Um dia Eddie estava em sua residência quando recebeu uma ligação do produtor Quincy Jones, que estava produzindo o novo álbum de Michael Jackson, que ser chamaria "Thriller". Jones contou a Eddie que haviam gravado uma faixa de rock no álbum, chamada "Beat It", na qual o guitarrista Steve Lukather, da banda Toto e amigo pessoal de Eddie, havia gravado a guitarra base. No entanto, Jones queria um toque especial na canção e tinha a certeza de que Eddie era a pessoa que ele procurava para fazer a faixa brilhar com um solo espetacular.

Eddie aceitou o convite e foi imediatamente para o estúdio, no qual reestruturou totalmente a canção, dando a ela o formato que conhecemos e, além disso, gravou seu solo inacreditável, que se tornou lendário, além de ser um dos mais famosos de toda sua carreira, tendo sido copiado por incontáveis guitarristas. A contribuição de Eddie ajudou a tornar o álbum de Michael Jackson o mais vendido de todos os tempos, tendo permanecido na primeira posição das paradas por um longo tempo. Eddie não aceitou ser pago pelo seu trabalho. Considerou que estava apenas fazendo um favor para um amigo. Disse que um dia, se precisasse aprender a dançar, pediria que Michael Jackson lhe desse uma aula de dança como retribuição.

Um outro convite foi recebido por Eddie. Mais uma vez, ele não quis recusá-lo. O guitarrista do Queen, Brian May, o chamou para tocar durante dois dias com um grupo de amigos, pois pretendia gravar 3 canções para um Extended Play (um LP de curta duração). Eddie participou, executando vários solos incríveis com May e seus amigos. O projeto acabou sendo lançado com o título de "Star Fleet – Brian May + Friends". Star Fleet era um programa de TV britânico, do qual May era fã e havia sido convidado para gravar um novo tema.

Em meio às gravações do novo álbum, a banda recebeu mais um convite irrecusável: a quantia de 1 milhão e meio de dólares para fazerem uma única apresentação no US Festival, promovido pelo cofundador da Apple, Steve Wozniak. O vocalista David Lee Roth interrompeu suas férias na Amazônia para voltar aos EUA para participar dos ensaios para o grande festival. Segundo Eddie Van Halen, não valeu a pena ter feito parte do festival, pois eles tiveram de parar temporariamente a gravação do novo álbum e, além disso, praticamente todo o cachê que ganharam foi usado para cobrir os gastos com ensaios, que duraram um mês, além da produção do show, luzes e telões para a única apresentação.

Depois de tantas interrupções, havia chegado a hora da banda toda se concentrar na composição e gravação daquele que se tornaria o álbum mais famoso de sua carreira: 1984

ANÁLISE DO ÁLBUM - FAIXA A FAIXA

1984

A faixa instrumental foi uma das primeiras a ser gravada para a nova coleção de canções. Originalmente era uma composição de 30 minutos, a qual o engenheiro Donn Landee editou para pouco mais de um minuto de duração, com Eddie mostrando seu virtuosismo e criatividade nos teclados, abrindo o álbum que levaria o Van Halen ao topo do sucesso e por novos caminhos musicais. A composição tem um atmosfera um pouco futurista, deixando os ouvintes instigados sobre a nova abordagem musical de Eddie Van Halen nos álbuns de sua banda.

Jump

Eddie havia apresentado essa canção ao produtor Ted Templeman e ao vocalista David Lee Roth dois anos antes. Nenhum dos dois tinha gostado do que ouvira. Roth chegou a dizer para Eddie que ninguém queria ouvi-lo tocando teclados pois, afinal, ele era considerado um herói da guitarra, não dos teclados.

Eddie adorava “Jump” e estava seguro de que ela era especial, merecendo uma chance. Desta vez, ele insistiu que ela faria parte do álbum e não renunciaria à inclusão dela. Nenhum outro integrante da banda gostara da canção e não queriam gravá-la. No entanto, devido à insistência de Eddie, Roth escreveu uma letra e Alex Van Halen e Michael Anthony acabaram aceitando gravá-la. Roth teve a ideia para a letra para “Jump” ao ver na TV um homem que estava ameaçando se suicidar ao pular de cima de um prédio. No entanto, sua abordagem foi muito mais positiva, no sentido de que devemos “pular” para cima de nossos objetivos, não deixando que nada nos impeça e lutarmos pelo que acreditamos. Jump foi a primeira canção que Eddie gravou em seu estúdio caseiro, o “5150”.

A canção possui um incrível solo de teclado além do solo de guitarra favorito de Eddie Van Halen. Seus riffs de teclado e tema musical contagiante fizeram com que ela fosse um sucesso estrondoso, levando o novo álbum ao topo das paradas em vários países do mundo. Além disso, essa foi a única canção em toda a carreira da banda que atingiu o primeiro lugar das paradas dos EUA, ficando até mesmo na frente de Michael Jackson que, na época, estava com seu álbum “Thriller” em primeiro lugar das paradas, com a participação de Eddie Van Halen no inesquecível solo de guitarra em “Beat It”. Eddie mostrou aos seus colegas de banda e ao produtor Ted Templeman que ele tinha razão quando insistira na inclusão da faixa e potencial que ela tinha.

Panama

Quando estavam no processo de gravação do álbum, a banda pediu que Eddie compusesse uma faixa que soasse como o grupo AC/DC. O resultado final não tem nenhuma semelhança com a banda australiana, como o próprio Eddie admitiu. No entanto, foi sua interpretação do som dele que o levou a criar esse que se tornou um dos grandes clássicos da banda, sendo executado praticamente em todos os shows da banda desde então, até mesmo quando outros vocalistas foram membros da banda, como Sammy Hagar e Gary Cherone.

No meio da canção podemos ouvir o som do motor de um carro acelerando. A própria Lamborghini de Eddie foi gravada para ser incluída na faixa, como um efeito sonoro especial.

Roth afirmou que escreveu a letra de "Panama" ao assistir uma corrida de carros na TV, na qual havia um carro chamado "Panama Express". No entanto, muitos fãs acreditam que na realidade a letra da canção é ambígua, podendo também ser interpretada com um uma alusão a uma mulher atraente.

Nessa faixa, o destaque é para o brilhante riff de guitarra de Eddie, assim como seus harmônicos e fraseados velozes, tudo completado incrivelmente pela bateria feroz de seu irmão Alex Van Halen.

Outro ponto interessante sobre essa faixa e a maioria das outras do álbum é que, durante a gravação de "1984", Eddie Van Halen já havia formalmente aposentado sua lendária guitarra "Frankenstrat", pintada de vermelho, preto e branco. Ele havia começado a usar um novo modelo criado especialmente para ele pelo fabricante Kramer, que criou o modelo 5150 em homenagem à Eddie, reproduzindo a famosa pintura vermelha com suas listras. Havia chegado o momento da "Frankenstrat" descansar, após tantos anos de serviços prestados ao Van Halen.

Top Jimmy

Para essa faixa, Eddie usou um protótipo de uma guitarra dada a ele pelo fabricante de guitarras Steve Ripley. Essa era uma guitarra muito especial, com uma infinidade de recursos, botões e regulagens. Entre eles, havia a possibilidade de se encaminhar o som de cada uma das cordas para o canal esquerdo ou direito do estéreo. Aproveitando tal possibilidade, Eddie criou a introdução baseada em harmônicos, que podem perfeitamente serem ouvidos fazendo um ping pong no estéreo se ouvirmos a canção com bons fones de ouvido.

Quanto à letra, Roth escreveu sobre Top Jimmy & the Rhythm Pigs, uma banda de rock e rhythm and blues que tocava toda segunda feira

à noite no Cathay de Grande, em Hollywood, dos quais Roth era fã e sempre ir assistir ao vivo. O vocalista decidiu fazer uma homenagem ao vocalista da banda, do qual gostava muito e admirava, dizendo que "ele era o rei".

Drop Dead Legs

Mais uma vez e no mesmo álbum, Eddie se inspirou no AC/DC para criar uma canção. Dessa vez, a fonte foi o clássico "Back In Black". Realmente há alguma semelhança entre o andamento de ambas as faixas, com um ritmo muito sincopado e dançante. Usou uma guitarra Gibson Flying V.

A inspiração para a letra da canção, escrita por Roth, foi Marilyn Monroe, que era uma das estrelas de cinema favoritas do vocalista, que apreciava especialmente aquela cena do filme quando o vento sopra por baixo de sua saia, a levantando enquanto Marilyn tenta segurá-la. Sem dúvida, uma imagem icônica.

Hot For Teacher

Sem dúvida a canção mais divertida do álbum. Aqui, David Lee Roth faz referência à um sonho muito comum entre os jovens adolescentes do sexo masculino, de terem um professora na escola que seja linda e atraente como as modelos de revista. Os comentários feitos por Roth são hilariantes e mostram claramente o grande senso de humor do vocalista do Van Halen, além de seu grande carisma. O vídeo clipe feito para a canção levou a história contada às últimas consequências, mostrando um aluno "nerd" que vai para a escola e encontra meninos que representam os integrantes da banda e fazem uma enorme baderna na escola. Além disso, a professora é uma linda modelo que, ao chegar à sala de aula no primeiro dia letivo sobe em cima das carteiras e faz um strip tease para os alunos, que pulam enlouquecidos. Esse vídeo representa perfeitamente a banda durante essa fase de sua carreira, quando eram muito engraçados e não se levavam muito à sério. Na gravação, Eddie usou uma guitarra Gibson Flying V que permitiu que ele trocasse de captadores entre as partes mais agitadas e as mais tranquilas, nas quais Roth faz seus comentários engraçados. Destaque especial para a bateria incrível de Alex Van Halen, que faz um poderoso solo de bumbos na introdução da canção, parecendo os motores de um carro de corridas. Um dos melhores momentos desse grande álbum.

I'll Wait

Mais uma faixa dominada pelos teclados de Eddie. Essa foi outra canção que nem o vocalista David Lee Roth nem o produtor Ted

Templeman queriam incluir no álbum, pois achavam que não soava suficientemente como o Van Halen, devido a participação relativamente discreta da guitarra na faixa, apenas durante o solo.

Por outra vez, Eddie teve de insistir muito para que a faixa fosse trabalhada pela banda e incluída no álbum. Foi uma das últimas faixas a ser gravada. Mais uma vez ele acertou, pois se tornou uma das mais populares, tendo sido inclusive lançada como segundo single do álbum.

Roth afirmou que escreveu a letra da canção ao ver um anúncio da Calvin Klein na TV, com uma linda modelo. Decidiu contar como ele se sentia ao ver tal foto. De uma forma mais ampla, a letra aborda a fascinação das pessoas comuns ao verem fotos de seus ídolos ou modelos em revistas e como isso atiça a imaginação delas. Muitas vezes as pessoas se apaixonam apenas por uma imagem, que nada tem a ver com a realidade. Tudo é apenas um sonho, construído na mente quem as vê.

Além dos teclados, outro destaque na canção é a bateria inconfundível de Alex Van Halen. Outro diferencial é a participação do baixista Michael Anthony que, nessa exclusivamente nessa canção, não toca seu baixo elétrico, o substituindo por um sintetizador de baixo.

Girl Gone Bad

Uma versão instrumental dessa faixa foi apresentada pela banda no US Festival. Provavelmente eles já estavam a gravando no estúdio antes que o vocalista David Lee Roth tivesse tido a oportunidade de ouvi-la e escrever sua letra.

A letra aqui não é um destaque. Nela, Roth relata a história de uma prostituta vinda do interior para trabalhar na cidade. O ponto alto da canção é a interação musical entre os irmãos Van Halen e o baixista Michael Anthony. Em alguns momentos ela nos lembra um pouco um tema que poderia ter sido composta pela banda canadense Rush, por sua estrutura musical semelhante. Não é de se surpreender que ela predominantemente instrumental, pois inicialmente essa era o formato original dela, sem letra ou vocais de Roth.

House of Pain

Uma das canções mais pesadas do álbum, também umas mais antigas da banda, já existindo na época da gravação do primeiro álbum em 1978. Também havia sido gravada em forma embrionária na fita demo que o baixista do Kiss, Gene Simmons havia produzido ao tentar conseguir um contrato com a gravadora Warner Bros para o Van Halen.

No entanto, a única parte que permaneceu da canção original foi o riff principal, pois a introdução e as estrofes são diferentes, pois a banda não havia ficado satisfeita com o formato original que a canção tinha. Alex Van Halen sugeriu que a banda trabalhasse novamente na faixa para inclusão no novo álbum.

A letra trata da história de um casal, cuja esposa está muito infeliz no relacionamento e decide sair de casa. Seu marido tenta convencê-la a ficar com ele, afirmando que ele mudará a situação para que ela não tenha de partir.

O LEGADO DE “1984”

Quando o álbum foi lançado, atingiu a posição de número 2 nas paradas americanas, ficando atrás apenas de “Thriller”, de Michael Jackson, no qual Eddie Van Halen havia tocado o inesquecível solo da canção “Beat It”. Michael Jackson teve o álbum de número 1, mas o Van Halen teve o single de número 1, o seu maior sucesso: “Jump”.

De uma certa forma, Eddie conseguira estar ao mesmo tempo no primeiro e segundo lugares da parada americana. 1984, juntamente com o primeiro álbum da banda, intitulado “Van Halen I”, foram os únicos da discografia da banda a alcançarem a cifra impressionante de mais de 10 milhões de unidades vendidas apenas nos Estados Unidos, fora todo o restante do mundo. Além disso, foi o único álbum na história da música dos Estados Unidos a receber o disco de diamante por suas vendas (10 milhões de unidades) e ter sido totalmente gravado em um estúdio caseiro, o já lendário “5150”, onde Eddie Van Halen passava a maior parte de seu tempo, praticamente morando no estúdio.

A tour promocional do álbum foi a maior já feita pela banda até então, lotando arenas e estádios em todos os locais onde se apresentavam. A banda estava em seu auge, absolutamente no pico de sua popularidade e sucesso.

Eddie afirmou que foi o primeiro álbum que o deixou totalmente satisfeito, pois ele conseguiu reproduzir nele exatamente as canções que gostava, da maneira que queria gravá-las em seu estúdio residencial, com uma enorme contribuição do seu grande amigo pessoal e engenheiro de som, Donn Landee. Embora oficialmente o álbum “1984” tenha sido creditado ao famoso produtor Ted Templeman, quem realmente o produziu foram Eddie Van Halen e Donn Landee. Outro motivo que fez com que o guitarrista ficasse muito feliz com o resultado das gravações do álbum foi o fato de ele ser muito diversificado, com canções muito diferentes umas das outras, até mesmo um pouco incomuns permitindo que o ouvinte seja levado em uma viagem musical ao ouvir o álbum inteiro.

Na tour promocional a banda praticamente não ganhou nenhum dinheiro, pois a produção era descomunal, usando 18 caminhões para transportar o palco e equipamentos. Enquanto na época a quantidade comum de luzes para shows era entre 500 e 700, o do Van Halen tinha mais de 2000 luzes. A potência sonora também era incrivelmente poderosa e de alta fidelidade, permitindo que os fãs mais distantes do palco pudessem ouvir perfeitamente cada nota que a banda tocava, além de cada piada ou brincadeira que David Lee Roth fazia com a plateia.

Foram realizados mais de 100 shows durante 9 meses. No dia 14 de julho de 1984, os caminhos de Eddie Van Halen e Michael Jackson se cruzaram novamente. Nessa noite haveria uma apresentação do Van Halen em Dallas, enquanto Michael Jackson e seus irmãos se apresentariam na mesma noite em Irving, próximo à Dallas. Eddie foi convidado por Jackson a fazer uma participação e tocar ao vivo o seu solo em "Beat It". Eddie aceitou e fez um aparição surpresa no show dos Jacksons, a única que fizeram juntos ao vivo, incendiando a plateia com sua guitarra enlouquecida. Um encontro de duas lendas da música ao vivo para os sortudos que estavam nessa noite única e histórica.

Infelizmente, durante a tour, o relacionamento entre o vocalista David Lee Roth e o restante na banda, que já não estava bom há algum tempo, piorou drasticamente, levando o carismático cantor a deixar o grupo após ter lançado um Extended Play (EP) solo, cantando algumas canções de sua adolescência. Roth queria ser um ator de cinema, produzir filmes e vídeo clips, enquanto o resto do Van Halen estava esgotado após a tour, querendo mais focar os próximos trabalhos mais no estúdio e menos em show ao vivo.

Após a separação, Roth seguiu uma bem-sucedida carreira solo, pelo menos durante os primeiros anos. O resto da banda convidou o vocalista Sammy Hagar, que já vinha de uma longa carreira solo, para se juntar ao Van Halen. A nova formação durou 10 anos e gravou 4 álbuns, os quais todos eles chegaram ao primeiro lugar das paradas nos EUA. Eu tive a oportunidade e sorte de ver um show do Van Halen, com Sammy Hagar nos vocais em Paris, em 1993, no tour promocional do álbum ao vivo "Right Here, Right Now".

Roth retornou em 1996 e gravou duas novas canções com o Van Halen, que foram incluídas na coletânea "Van Halen Best of Volume 1". Apesar de serem faixas boas e sólidas, a reunião da banda foi um fracasso total devido à péssima aparição na cerimônia do MTV Awards, quando Roth e Eddie se desentenderam. Infelizmente, não era para ser. A banda escolheu Gary Cherone, ex-Extreme, para os vocais no álbum e tour seguintes, promovendo "Van Halen III". Tanto a tour quanto o álbum foram mal-recebidos pelos antigos fãs da banda.

Sammy Hagar retornou em 2004 para uma tour com o Van Halen, depois do lançamento de mais uma compilação, desta vez, chamada "Best of Both Worlds", que incluiu 3 novas faixas gravadas com o vocal de Hagar. Infelizmente, esse foi mais uma reunião malsucedida, já que Eddie Van Halen estava em péssima forma física, alegadamente consumindo enormes quantidades de drogas e álcool o tempo todo. Suas atuações ao vivo foram consideradas algumas das piores de toda a sua carreira, deixando as plateias desapontadas com a tão esperada

reunião com Hagar.

Somente em 2007 David Lee Roth voltou a fazer parte do Van Halen. No entanto, não foi uma reunião completa da formação clássica da banda, pois o baixista Michael Anthony havia sido demitido e fora substituído por Wolfgang Van Halen, filho de Eddie Van Halen. Tal formação gravou um álbum de estúdio, lançado em 2012, chamado “A Different Kind of Truth”.

A última tour que a banda fez foi em 2015, quando tocaram para enormes plateias, nas quais muitos fãs nunca haviam visto o Van Halen ao vivo antes e finalmente puderam ver seus ídolos de perto. O sucesso das apresentações foi enorme, tendo gerado um álbum ao vivo.

Em 2017, surgiram rumores que o Van Halen estaria planejando uma tour despedida, na qual tocariam em grandes estádios e que, pela primeira vez, reuniria os dois maiores vocalistas da banda: David Lee Roth e Sammy Hagar, além do baixista Michael Anthony. Infelizmente, a tour foi cancelada pois Eddie Van Halen foi diagnosticado com vários tipos de câncer pelo seu corpo. Ele ficou em tratamento durante quase 3 anos, tragicamente vindo a falecer no dia 06 de outubro de 2020, deixando para trás um legado musical revolucionário e extremamente inovador, além de milhões de fãs por todo o mundo. Se foi o homem, mas sua música viverá eternamente nos ouvidos e corações de todos que reconheceram o seu enorme talento.

BIBLIOGRAFIA

Guitar World - Eddie Van Halen revisits Van Halen's landmark '1984' album

por Chris Gill

Van Halen – Behind the Classic Album 1984 – por J. Benton

Everybody Wants Some – The Van Halen Saga – por Ian Christie

Edward Van Halen – A Definitive Biography – por Kevin Dodds

Red – My Uncensored Life in Rock – por Sammy Hagar

PLAYLIST NO SPOTIFY

LINKS DO YOUTUBE

https://www.youtube.com/watch?v=SwYN7mTi6HM

https://www.youtube.com/watch?v=fuKDBPw8wQA

https://www.youtube.com/watch?v=pDRtWntv3FY

https://www.youtube.com/watch?v=em0388ryAaQ

https://www.youtube.com/watch?v=6M4_Ommfvv0

https://www.youtube.com/watch?v=9h1ifXiS66I

https://www.youtube.com/watch?v=dXIyfJVdqC0

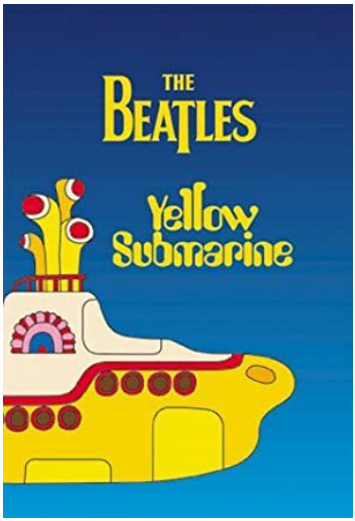
https://www.youtube.com/watch?v=jSx4AFNuq_I

https://www.youtube.com/watch?v=0T7FshbrVik

DVDs RECOMENDADOS

Banda	**DVD**
The Beatles	Yellow Submarine
Black Sabbath	Paris 1970
Deep Purple	Live 1972/1973
Genesis	Genesis 1976
Marillion	Live from Loreley
Rush	Exit... Stage Left
Tears for Fears	Going to California
The Police	Synchronicity Concert
U2	Rattle and Hum
Van Halen	Video Hits Volume 1

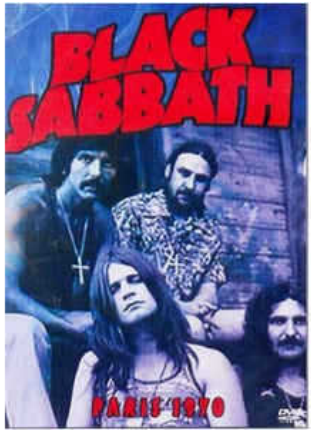
The Beatles – Yellow Submarine



Uma animação psicodélica, repleta de cenas incríveis, cores intensas, personagens bizarros e as canções maravilhosas dos Beatles. Foi através desse filme que eu conheci a maior banda de todos os tempos, me apaixonei pela música deles e me tornei um fã por toda a minha vida.

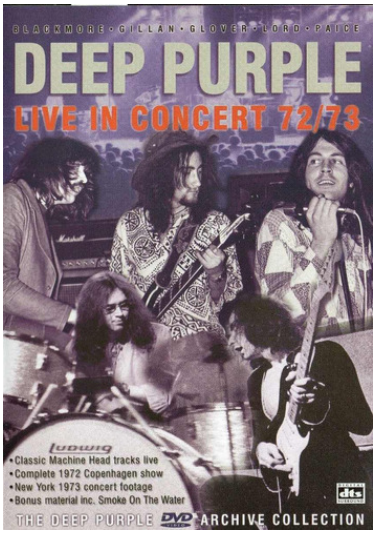
Infelizmente não há um vídeo dos Beatles gravado na mesma época do Álbum Branco. Esse título, lançado em 1968 é o mais próximo que temos de um registro contemporâneo pois, na cena final, os próprios Beatles aparecem, com o visual que tinham na época, a mesma do lançamento do Álbum Branco.

Black Sabbath – Paris 1970



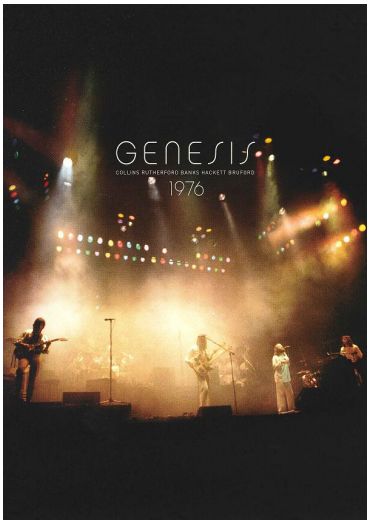
Um dos primeiros registros da banda ao vivo, gravado na capital francesa logo após o lançamento do álbum Paranoid. Podemos ter uma perfeita noção de como a banda se apresentava ao vivo nessa época, qual repertório tocavam e como foram os primórdios do Black Sabbath. Embora não seja um show inteiro, há uma quantidade considerável de canções que nos permitem apreciarmos esse registro tão especial.

Deep Purple – Live 72/73


BLACKMORE • GILLAN • GLOVER • LORD • PAICE
DEEP PURPLE
LIVE IN CONCERT 72/73
ludwig
• Classic Machine Head tracks live
• Complete 1972 Copenhagen show
• New York 1973 concert footage
• Bonus material inc. Smoke On The Water
dts
THE DEEP PURPLE DVD ARCHIVE COLLECTION

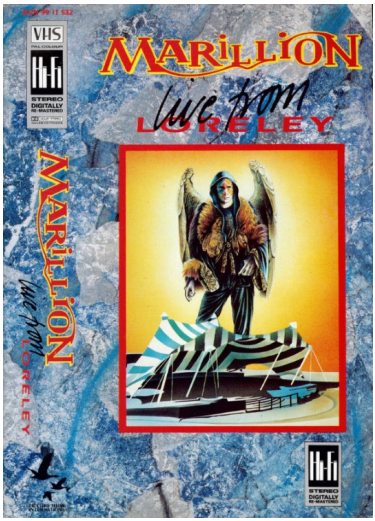
Uma apresentação realizada na Dinamarca, com um repertório muito próximo ao do álbum “Made in Japan”, que mostra como a banda atuava na época, sendo um maravilhoso registro do Deep Purple em seu apogeu, com os músicos em plena forma, com uma energia inacreditável, presenteando a plateia com uma apresentação arrebatadora e inesquecível.

Genesis – 1976



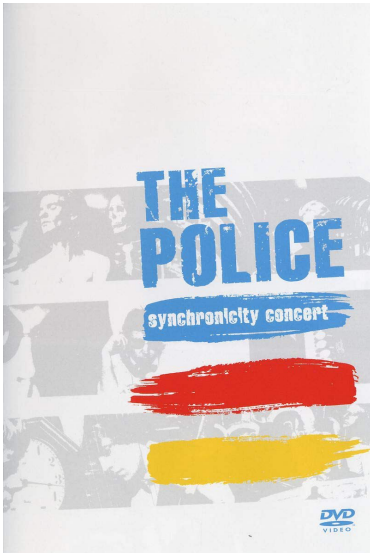
O DVD inclui trechos de uma apresentação do Genesis no mesmo ano na tour promocional do álbum “A Trick of the Tail”. Infelizmente não é uma apresentação completa e até mesmo algumas das faixas incluídas não estão presentes de forma integral. De qualquer forma, é o melhor registro disponível dessa fase do Genesis, com uma alta qualidade de imagem e som. Vale a pena conferir para podermos imaginar como era um show do Genesis nessa época, em sua primeira tour com Phil Collins como vocalista da banda.

Marillion – Live from Loreley



Uma das últimos shows do Marillion ainda com Fish nos vocais. Embora a situação entre os membros da banda estivesse muito tensa, isso não é notado nesse vídeo, no qual a banda faz uma excelente apresentação, com um repertório fortemente baseado no recém-lançado álbum “Clutching at Straws”. Altamente recomendável para todos que quiserem ter uma noção de como a banda era em sua primeira fase, com Fish mostrando toda sua presença de palco e carisma, enquanto o restante da banda faz interpretações brilhantes de faixas de todos os álbuns da banda até então. Um grande espetáculo para fãs do verdadeiro rock progressivo.

The Police – Synchronicity Concert



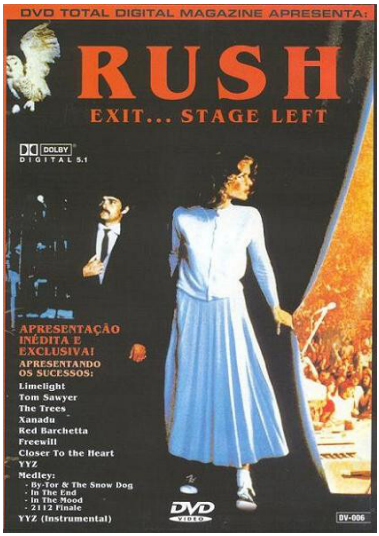
Uma apresentação explosiva da banda logo após o lançamento de último álbum, “Sychronicity”. Filmado em Atlanta, captura os músicos tocando com uma enorme dose de adrenalina, que arrebata os espectadores desde a primeira canção.

Uma seleção das melhores faixas do novo álbum, além de muitos outros clássico da banda, interpretados de forma ainda mais brilhante do que suas respectivas versões em estúdio.

É impossível assistir esse show e ficar parado, pois ele é realmente contagiante, extremamente poderoso, transmitindo uma enorme energia e entusiasmo para quem o assistir.

Um dos melhores shows que já vi em DVD, também já assistido incontáveis vezes. Em todas as ocasiões que o assisto, sinto a mesma emoção que senti na primeira vez. Simplesmente imperdível.

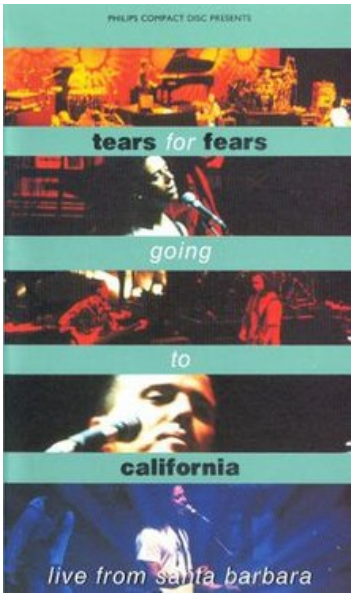
Rush – Exit...Stage Left



Embora tenha o mesmo título do segundo álbum ao vivo do Rush, o repertório apresentado aqui não é o mesmo do álbum. Algumas faixas presentes no DVD não estão presentes no álbum e vice-versa.

A banda faz um excelente show, gravado na época do álbum “Moving Pictures”, que foi o posterior ao “Permanent Waves”. Vários clássicos do Rush são apresentados, entre elas, a incrível faixa “Freewill” e “Tom Sawyer”. Um grande registro ao vivo da banda quando eles estavam se tornando mais populares e suas plateias se tornavam cada vez maiores. Uma aula de virtuosismo musical e talento.

Tears for Fears – Going to California



Uma das mais belas apresentações que já assisti em vídeo. Tanto o aspecto visual quanto o som são de uma qualidade excepcional. A banda estava em sua fase áurea, fazendo a tour promocional do álbum “The Seeds of Love”.

Entre os músicos da banda, temos a participação especial da cantora e pianista Oleta Adams, que abre o show fazendo uma maravilhosa releitura de “I Believe”, seguida por inúmeros clássicos da banda e a maior parte do novo álbum executada ao vivo com grande precisão e emoção. Roland Orzabal é um espetáculo à parte, por sua maravilhosa voz e interpretação emotiva dos clássicos da banda.

Um DVD que está entre os meus favoritos e também do qual eu já perdi a conta de quantas vezes eu o assisti.

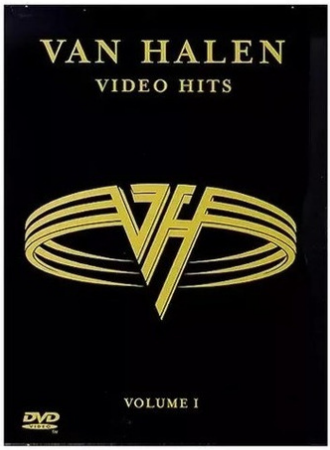
U2 – Rattle and Hum

Esse vídeo faz um registro da tour promocional do álbum “The Joshua Tree”, que levou a banda ao topo das paradas e os transformou na maior atração musical do planeta. Várias faixas do álbum são executadas ao vivo, muitas vezes com resultados ainda melhores do que os obtidos em estúdio. Destaques especiais para as brilhantes execuções de “Exit”, “Bad” e “Sunday Bloody Sunday”.

Fica muito claro para o espectador que estamos assistindo uma banda em seu ápice, com Bono cantando de forma apaixonada e intensa, acompanhado pela atuação incrível dos músicos da banda, com um destaque particular para o genial guitarrista The Edge, com sua sonoridade inconfundível.

A maior parte do vídeo foi originalmente gravada em preto e branco. No entanto, na segunda metade do show há um trecho de 5 canções que foram filmadas em cores, dando um impacto ainda maior na apresentação ao vivo dessa extraordinária banda irlandesa.

Van Halen – Video Hits Volume 1



Infelizmente não se trata de um registro ao vivo da banda na tour do álbum “1984”, e sim, de uma compilação de vídeos gravados em estúdio durante todas as fases da banda.

Como não há nenhum lançamento oficial ao vivo da época em que David Lee Roth era o vocalista do Van Halen, o mais próximo do que podemos chegar de um vídeo ao vivo da época é esse DVD, que inclui grandes sucessos da banda.

Um destaque especial é o vídeo de “Hot for Teacher”, que é hilariante e um dos pontos altos da coleção, mostrando exatamente como a banda era muito divertida e nunca se levava a sério, em sua fase inicial. Uma verdadeira compilação de grandes clássicos do rock and roll.

FAIXAS (LADO B) RECOMENDADAS

Uma seleção de faixas pouco conhecidas, porém muito especiais de cada uma das bandas abordadas nesse volume. Vale muito a pena ouvi-las atentamente, pois fogem bastante do padrão habitual das outras canções do repertório desses grandes artistas.

BANDA	ÁLBUM	FAIXA
The Beatles	Revolver	For No One
Black Sabbath	Technical Ecstasy	It's Alright
Deep Purple	Perfect Strangers	Wasted Sunsets
Genesis	The Lamb Lies Down on Broadway	Counting Out Time
Marillion	Holidays in Eden	A Collection
The Police	Ghost in the Machine	Secret Journey
Rush	Grace Under Pressure	Afterimage
Tears for Fears	Raoul and the Kings of Spain	Sketches of Pain
U2	Pop	Mofo
Van Halen	Diver Down	Secrets

The Beatles – Álbum Revolver – For No One

Essa canção é uma verdadeira obra prima dos Beatles, de autoria de Paul McCartney. O tema dela é um relacionamento amoroso que terminou, deixando consigo apenas a tristeza e a lembrança de tempos felizes que não voltarão mais. O protagonista sofre muito com o término do relacionamento, admitindo que não vê mais amor nos olhos de sua antiga amada.

O arranjo musical é extremamente austero, até mesmo sombrio, denotando o sofrimento pelo qual vem passando o protagonista. Há um lindo e triste solo de trompa francesa executado magistralmente pelo músico francês Alan Civil que, na época, liderava a seção de sopros da Royal Philarmonic Orchestra.

Uma das raras canções tristes e pessimistas de toda a carreira de Paul McCartney. No entanto, mais uma peça que nos mostra que ele sempre foi um compositor genial.

Black Sabbath – Álbum Technical Ecstasy – It's Alright

Uma faixa bastante incomum na carreira da banda por vários motivos. Primeiramente pelo fato de não ser cantada por Ozzy Osbourne, e sim,

pelo baterista Bill Ward que nos apresenta uma bela e tocante interpretação.

Há também a participação de instrumentos diferentes dos habituais da banda, como piano, violão clássico e orquestra. O arranjo musical é muito belo e dramático, acentuando ainda mais a bela voz de Ward. A letra é um certo tipo de reflexão filosófica sobre aquilo que buscamos em nossas vidas, mas nunca encontramos, além de um aconselhamento a darmos tudo de nós aos outros sem pedirmos nada em troca. Realmente um tema profundo, com uma conotação talvez até um pouco religiosa.

A canção nunca foi executada ao vivo, mas sempre foi muito querida pelos fãs da banda que conhecem profundamente a obra do Black Sabbath.

A banda americana Guns and Roses costumava tocar ao vivo essa canção no final dos anos 80 e início dos anos 90, mostrando que conheciam e apreciavam essa pérola semiesquecida em meio ao vasto repertório do Black Sabbath.

Deep Purple – Álbum Perfect Strangers – Wasted Sunsets

Uma faixa pouquíssimo conhecida do álbum de "reunião" do Deep Purple em 1984. O tema da canção pode ser interpretado de várias formas. Na minha leitura, a faixa conta a história de uma prostituta que vê sua vida passando em muitos "pôr-do-sol perdidos". Podemos visualizá-la com seus sapatos de salto alto no canto do quarto, a fumaça do seu cigarro e as marcas do copo de bebida em cima da mesa. Ela passa sua vida atrás de uma porta destrancada, à espera de mais um cliente que porventura possa aparecer.

A letra retrata toda a situação de tristeza e solidão da prostituta de uma maneira altamente poética e sutil. Sem dúvida, um grande trabalho de composição dos letristas Ian Gillan e Roger Glover.

Os destaques musicais da faixa são a interpretação emotiva e sofrida do vocalista Ian Gillan, que nos conta um pouco sobre a triste existência da protagonista. Além disso, devo destacar a atuação brilhante do guitarrista Ritchie Blackmore, que faz uma belíssima introdução e, posteriormente, faz dois solos de guitarra simplesmente espetaculares, com uma carga imensa de emoção e lirismo, capaz de tocar o coração de qualquer ouvinte. Uma daquelas faixas que nos arrepia quando a ouvimos.

Genesis – Álbum The Lamb Lies Down on Broadway – Counting Out Time

Uma das faixas mais divertidas e bem-humoradas da carreira da banda, sempre mostrando o incrível talento do letrista e vocalista Peter Gabriel.

Nessa canção, o protagonista está prestes a ter seu primeiro "encontro amoroso". Pelo fato de ser virgem, ele não sabe o que fazer e procura ajuda em um livro que adquire para lhe ensinar tudo sobre as zonas erógenas. Ele estuda cada linha e página com máxima atenção para poder ter um encontro "bem-sucedido".

O clima da canção é muito engraçado, pois até mesmo o guitarrista Steve Hackett faz um solo de guitarra com efeitos que são até um pouco cômicos.

Infelizmente, embora o protagonista siga todos os gráficos e tabelas indicadas pelo especialista autor do livro, seu encontro é um fracasso, o levando a ficar revoltado e levar o livro para ser devolvido, pois não atendeu suas expectativas.

Uma faixa leve, irônica e única na longa carreira da banda, conhecida por geralmente abordar temas mais sérios e profundos em suas canções.

Marillion – Álbum Holidays in Eden – A Collection

Uma faixa maravilhosa, pouquíssimo conhecida e raramente executada ao vivo pela banda. Essa balada nos conta a história de um homem que tem um comportamento obsessivo, possessivo e, no mínimo, estranho com suas namoradas e companheiras.

Ele é uma pessoa que "asfixia" suas companheiras com sua possessividade, admitindo abertamente na canção que todas elas "pertencem a ele". Podemos até mesmo especular que se trata da história de um pervertido sexual ou assassino em série, pois não fica claro qual o fim de cada uma das mulheres com as quais ele se envolve.

A letra se presta à várias interpretações diferentes. Podemos entender que ele aprisiona cada uma das suas "amadas", as trancando em um lugar onde elas não podem fugir. Todas elas juntas formam a "coleção" mencionada no título da canção.

O protagonista admite guardar o cabelo, unhas e algumas roupas de cada uma das "integrantes" de sua coleção.

Ele convida cada uma das mulheres para ser fotografada sempre em frente à mesma vista. As mulheres mudam, mas o cenário é sempre o mesmo. Uma letra muito inspirada do vocalista Steve Hogarth, com o acompanhamento delicado do violão de Steve Rothery.

Embora o tema seja realmente assustador e sombrio, a melodia do vocal e o instrumental da faixa são de enorme beleza. Talvez a banda tenha tentado simular a sedução e atração exercidas pelo protagonista sobre cada uma de suas vítimas, as atraindo como uma aranha que tece lentamente sua teia até que suas vítimas fiquem presas nela e acabem sendo devoradas.

The Police – Álbum Ghost in the Machine – Secret Journey

Uma faixa bastante incomum na carreira do Police. A canção começa com vários efeitos de sintetizador de guitarra, tocados por Andy Summers. A introdução dá um clima sombrio ao tema, mas ele se dissipa com a entrada da bateria, do baixo e vocais de Sting.

A letra é sobre um indivíduo que busca a sabedoria e encontra uma espécie de mestre ou guru, que é cego, e se torna discípulo dele, seguindo suas palavras e ensinamentos.

Uma letra muito rica, característica da obra do genial Sting, um dos maiores letristas de toda a história do rock.

É impressionante como um tema tão profundo é apresentado de uma forma acessível, até mesmo um pouco dançante. Essa sempre foi uma das marcas do The Police: abordar temas filosóficos e existenciais de uma maneira que qualquer pessoa possa entendê-los e apreciá-los. É necessário ter muito talento para simplificar e tornar acessível assuntos assim, bastante incomuns em canções populares. Uma faixa que merece ser descoberta pelos ouvintes mais atentos e apreciadores de grandes canções “esquecidas”.

Rush – Álbum Grace Under Pressure – Afterimage

Uma canção muito ponderosa, carregada de emoção em sua letra e parte musical. Foi escrita em homenagem a um amigo do baterista Neil Peart que morreu jovem e de forma trágica. Na letra, Peart lembra de todos os bons momentos ao lado do amigo, de seu amor pela vida e de tudo que aprendeu com sua companhia.

Peart tenta entender e aceitar a partida inesperada do amigo, mas não consegue, dizendo ser incapaz de compreender tal acontecimento tão triste.

A banda toda toca seus instrumentos de forma muito intensa, mostrando a dor que estão sentindo pela morte ocorrida. O vocalista e baixista Geddy Lee consegue passar a emoção da letra de Peart aos ouvintes, até mesmo com um toque de desespero em sua voz. Já o guitarrista Alex Lifeson faz um solo intenso, complementado pelos

teclados dramáticos de Geddy Lee, denotando o quanto sentem falta do falecido.

Um tributo sincero, proveniente do coração dos músicos do Rush, nos lembrando da importância das amizades verdadeiras em nossas vidas.

Tears for Fears – Álbum Raoul and the Kings of Spain – Sketches of Pain

Inspirada no álbum "Sketches of Spain" de Miles Davis, essa belíssima canção nos mostra toda a delicadeza da voz do vocalista Roland Orzabal.

Uma canção praticamente toda conduzida na guitarra, com participações discretas de outros instrumentos, como o baixo, percussão, teclados e efeitos sonoros.

A letra nos fala de um artista que tem grandes telas de pintura a sua frente e as preenche com cores brilhantes da loucura, que apenas um tolo colocaria em uma moldura. Trata também da dor e do sofrimento do artista, a luta de um talento contra toda a escuridão do mundo, sob os olhos de Deus. O protagonista faz então seus "esboços de dor", título da canção.

No meio da faixa, há uma passagem tocada em estilo flamenco, deixando absolutamente clara a inspiração da canção, até que ela retorna à cadência inicial, com a instrumentação contida, cheia de sofrimento e dor transmitida na interpretação impecável do grande Orzabal. Uma preciosidade escondida nesse excelente álbum do Tears for Fears.

U2 – Álbum Pop – Mofo

Um grande álbum do U2 que nunca teve o devido reconhecimento. Há várias canções de excelente qualidade nele. No entanto, uma das que se destaca, e que serviu de abertura para todos os shows da tour Popmart, que trouxe o U2 pela primeira vez ao Brasil, é a faixa "Mofo".

O título é a abreviatura da expressão "mother fucker" em inglês, que quer dizer "filho da puta". Nessa faixa, Bono descreve toda sua insegurança por ter perdido sua mãe muito cedo e não ter a certeza de que é um bom pai para seus filhos. Ele está buscando sua salvação, tentando "preencher aquele buraco no formato de Deus" (ele próprio). Diz estar buscando pelo bebê Jesus no meio do lixo, uma clara metáfora à vida caótica e incessante de um cantor de rock dando

voltas pelo mundo com suas tours sem fim.

Bono está totalmente desorientado, procurando respostas e gritando por sua mãe durante toda a canção. Ele pergunta se ela ainda o considera seu filho, e diz que tem esperado por tanto tempo por ouvir ela lhe responder afirmativamente. Afirma ainda ser uma criança, mas ninguém diz não para ele (devido à sua fama e influência).

A letra da canção é quase uma sessão de terapia alucinada, com muita confusão e ruídos eletrônicos. Há uma enorme massa sonora durante toda a faixa. A guitarra de The Edge soa como um avião. A bateria está totalmente distorcida. O baixo não se distingue da massa de teclados e sequências na faixa. Uma overdose musical que mostra ao ouvinte a desorientação na qual o vocalista se encontra.

Uma faixa com um conteúdo profundo, mas que tem uma aparência superficial, tecno-eletrônica. Uma roupagem usada apenas para disfarçar o forte apelo emocional da canção. “Mofo” poderia ter sido uma faixa de “The Joshua Tree”, se tivesse recebido um arranjo mais tradicional do U2, pois a temática se encaixaria perfeitamente em tal coleção.

Van Halen – Álbum Diver Down – Secrets

Uma rara balada do Van Halen, especialmente na fase “David Lee Roth”. Eddie Van Halen toca sua guitarra de maneira muito delicada e sutil, assim como o restante da banda em seus respectivos instrumentos.

Roth canta de maneira suave, quase sussurrando. O arranjo musical é um dos mais leves de toda a carreira da banda. Aqui eles tentam transmitir um pouco sobre o mistério do amor. Roth diz que a pergunta a ser feita não é se o amor existe, e sim, para onde ele vai quando parte.

Uma composição incomum, mas muito especial em meio a todo o repertório dessa grande banda, caracterizado por seu som habitualmente pesado.

FRASES CÉLEBRES DOS MÚSICOS

Uma das recompensas do sucesso é a liberdade. A habilidade de fazer o que você quiser.

Sting – baixista e vocalista do The Police

Eddie Van Halen? Eu estou muito atento ao trabalho dele e tiro meu chapéu para sua técnica. Tenho de dizer que ela é incrível. Eu não conseguiria fazer o que ele faz nem sorrir como ele sorri.

Jimmy Page – guitarrista do Led Zeppelin

Não tentamos construir nenhum tipo de imagem. Não somos essa gente animada e excitante que as pessoas imaginam.

Geddy Lee – vocalista e baixista do Rush

O que me faz mais feliz na vida? Eu vendo sorrisos para viver. Aqui está, pegue um de graça. Ele fica bem em você. É isso que me faz feliz.

David Lee Roth – vocalista do Van Halen

Aposentadoria? Só quando eu morrer.

Ozzy Osbourne – vocalista do Black Sabbath

Não devemos ser responsáveis, devemos ser irresponsáveis (artisticamente falando). O rock and roll tem que ser irresponsável.

Bono – vocalista do U2

O que é importante é que se você falhar uma vez, ou se a sua sorte não for boa desta vez, o sonho ainda estará lá. O sonho só acaba quando você desiste dele ou quando ele se realiza.

Neil Peart – baterista do Rush

Não vivo na fossa, portanto, não toco blues. Até que eu sou um cara feliz.

Eddie Van Halen – guitarrista e tecladista do Van Halen

Paul era um dos baixistas mais inovadores e metade das coisas que se faz hoje em dia é cópia direta do seu período nos Beatles.

John Lennon – vocalista e guitarrista dos Beatles

O Sabbath foi uma reação conta toda aquela merda de paz, amor e felicidade. Era só olhar em volta e ver a bosta de mundo em que a gente vivia.

Ozzy Osbourne – vocalista do Black Sabbath

O Black Sabbath sempre foi a maior banda de Heavy Metal. Ninguém chegou perto deles em termos musicais.

Steve Harris – baixista do Iron Maiden

Escrevo minhas canções como forma de me acordar. É como espetar uma agulha em minha perna quando ela fica dormente.

Bono – vocalista do U2

Tudo o que compomos pode ser encontrado em nossos álbuns. Se por acaso alguma canção não é tão boa que não possa ser gravada, não a concluímos. Provavelmente somos a única banda com mais de 20 anos de estrada que não possui material inédito. Se morrermos em um acidente de carro ou algo parecido, nossa gravadora vai ficar desapontada.

Geddy Lee – baixista e vocalista do Rush

Deus é o conceito pelo qual medimos nossa dor.

John Lennon – vocalista e guitarrista dos Beatles

O cara que disse que dinheiro não compra a felicidade não sabia onde fazer compras.

David Lee Roth – vocalista do Van Halen

Eu e Bill não podíamos sair ao mesmo tempo. A gente dividia um único par de sapatos.

Ozzy Osbourne – vocalista do Black Sabbath

Quando se está compondo canções há dois temas que não se deve abordar: política e religião. A gente acaba escrevendo sobre ambos.

Bono – vocalista do U2

Foi realmente chocante descobrir quantas pessoas não gostam de mim.

Phil Collins – vocalista e baterista do Genesis

Nós éramos pobres. Literalmente pobres. Se não fosse pela mãe de Tony, acho que não teríamos conseguido chegar lá. Ela costumava fazer sanduíches e nos dava cigarros.

Ozzy Osbourne – vocalista do Black Sabbath

Vim de uma família de perdedores e rejeitei todos eles porque eram

algo que eu não queria ser.

Sting – baixista e vocalista do The Police

O Van Halen clássico fazia você ter vontade de beber, dançar e transar. O Van Halen atual (da fase Sammy Hagar) nos dá vontade de beber leite, dirigir um Nissan e ter uma relação.

David Lee Roth – vocalista do Van Halen

O medo do desconhecido é o que impele todo o mundo para os sonhos, as ilusões, as guerras, a paz, o amor, o ódio... É isso o desconhecido. Aceite o desconhecido e será uma viagem tranquila. Tudo é desconhecido. Aí você estará à frente do jogo.

John Lennon – vocalista e guitarrista dos Beatles

A música é que é especial, não os músicos. Temos que deixar isso claro para nós mesmos e para o nosso público.

Bono – vocalista do U2

Muitas pessoas pensam que música sem vocal não é música. Se você dissesse isso à Beethoven ele chutaria a sua bunda.

Eddie Van Halen – guitarrista do Van Halen

Não é fácil fazer parte de uma banda. É como um casamento sem sexo. O único fator excitante que nós temos é a nossa música.

Sting – baixista e vocalista do The Police

Havia mais coisas boas do que ruins em ser um dos Beatles. Mas era terrível estar sempre em evidência na vida de todas as pessoas, todos os dias.

George Harrison – vocalista e guitarrista dos Beatles

Eu gosto de uma mulher que saiba o que está fazendo pois, depois de meia garrafa de tequila, eu não sei.

David Lee Roth – vocalista do Van Halen

A vida é o que acontece quando você está ocupado fazendo outros planos.

John Lennon – vocalista e guitarrista dos Beatles

Depois de um certo ponto a música não é mais minha. Ela é sua.

Phil Collins – vocalista e baterista do Genesis

A Yoga é quase como a música de uma certa maneira. Não há um fim para ela.

Sting – baixista e vocalista do The Police

Se você tiver um problema, desconte ele em uma bateria.

Neil Peart – baterista do Rush

As estrelas de rock vêm e vão. Os músicos tocam até morrerem.

Eddie Van Halen – guitarrista do Van Halen

Se você tocar música com paixão, amor e honestidade, então ela alimentará a sua alma, curará as suas feridas e fará a valer a pena viver a sua vida. A música é a sua própria recompensa.

Sting – baixista e vocalista do The Police

SOBRE O AUTOR

Escritor, professor de idiomas (inglês e francês), tradutor, intérprete, fotógrafo, colunista, pesquisador histórico. Sem dúvida, Marco André Briones é uma pessoa com muitas habilidades e interesses variados. É também um amante dos animais, particularmente de cães e gatos, é guitarrista amador em seu tempo livre e um apaixonado pelas viagens, procurando sempre descobrir o que há de mais peculiar em cada local, registrando suas descobertas em fotos e textos.

Marco é um grande estudioso de história, idiomas e música. Desde pequeno se interessa pelo rock, quando descobriu os Beatles. Depois foi descobrindo outras bandas, artistas e estilos musicais que também são de seu interesse e agrado, como o jazz, blues, música clássica, MPB e música instrumental.

Criador da série "Desvendando Álbuns Clássicos do Rock", inovou ao realizar pesquisas inéditas no Brasil sobre os maiores álbuns de suas bandas e artistas favoritos, disponibilizando livros específicos sobre cada um deles, que são os mais completos disponíveis em língua portuguesa no mundo.

Atualmente está trabalhando no aumento de títulos disponíveis na série, assim como em outros títulos diferentes, abrangendo temas variados como o turismo nacional e internacional, história do Brasil, poesia e contos.

Email:

marcoandrebriones@gmail.com

Instagram:

@mbriones68

@marcobrionesphotography

Design gráfico da capa: jorge.uesu@gmail.com

Copyright © 2021 **de Marco André Briones**
Todos os direitos reservados. Este ebook ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do ebook.
Primeira edição, 2021

ISBN: 9798730322486